

# INTRODUÇÃO

## INTRODUÇÃO

A presente investigação centra-se, essencialmente, na temática dos banquetes privados do Império Novo e, de uma forma associada e mais específica, aos cinco sentidos (a audição, o tacto, o olfacto, o paladar e a visão), como veículos condutores de uma mensagem erótica num contexto social e temporal particular.

Quando nos debruçamos sobre a temática dos banquetes privados patente na iconografia funerária de alguns túmulos das elites egípcias do Império Novo, deparamo-nos com diferentes pontos de vista acerca da verdadeira intenção e funcionalidade destas imagens. Certos autores defendem tratar-se da representação artística do banquete funerário do defunto, ou seja, da celebração do importante momento de passagem de um mundo para o outro, protagonizada pelos familiares e amigos de quem partiu (sendo que este acontecimento poderia ser repetidamente celebrado através da “Festa do Vale”). Outros investigadores consideram os banquetes representados como acontecimentos sociais meramente terrenos, de tal forma valorizados pelos egípcios que seria impensável a sua não representação em contexto funerário, uma vez que só assim seriam transpostos para uma dimensão paralela, ou seja, o Além. Por fim, há quem afirme que estes banquetes se revestem de elevado cariz erótico e sensual e representam um preliminar sexual para um acto da maior relevância: o renascimento da alma do defunto.

---

Embora distintas, estas teorias são, todas elas, complementares e muito verdadeiras, no sentido em que desvelam a mentalidade do homem egípcio e toda a concepção social e religiosa de uma civilização extremamente complexa que conseguiu justificar cada acto da vida humana, dando-lhe um sentido e um propósito surpreendentemente lógico, mas simples, muitas vezes intrigante para nós.

Cada componente da vida egípcia no tempo dos Faraós só é compreensível ao comum dos mortais se devidamente encarnada a mentalidade da época e entendida a verdadeira essência deste povo que, não só fez jus ao que os deuses lhe proporcionaram, valorizando os factores favoráveis ao desenvolvimento da sua civilização, adaptando-se às condições adversas, mas dando também a estas componentes destabilizadoras uma função de relevo e de mediação que, no fim de contas, permitia a existência de um equilíbrio necessário ao bom funcionamento do Cosmos. Talvez daqui advenha a característica dualidade egípcia, uma componente visível em todos os domínios desta Civilização: para cada benefício divino, um contratempo perfeitamente enquadrado e justificado.

A estrutura formal da presente Dissertação assenta em três capítulos, sendo que a abordagem dos dois primeiros se prende com uma componente contextualizadora e, em termos concretos, introdutória à problemática que nos propomos estudar.

Assim, o **primeiro capítulo** começa por fazer uma apresentação da bibliografia utilizada nesta investigação e do estado actual dos conhecimentos, passando, em seguida, para uma contextualização das fontes existentes para o estudo desta temática: as fontes arqueológicas, iconográficas e escritas. Seguidamente é apresentada uma visão geral da temática da “festa”, permitindo inserir os denominados “banquetes privados” num grupo festivo específico, as denominadas “festas privadas”, traçando-se aqui um paralelo com a outra face da mesma moeda: as denominadas “festas públicas”. Sinteticamente este capítulo constitui, de uma forma geral, uma breve abordagem aos acontecimentos de carácter festivo na sociedade egípcia do Império Novo, dando-se um maior destaque aos eventos mais generalistas e acessíveis à maioria da população.

O **segundo capítulo** apresenta uma componente expositiva mais específica, traçando uma contextualização dos “banquetes privados” dentro do vasto leque de vertentes associadas à sua realização. Aqui, evidenciaremos maioritariamente o “antes”, ou seja, todos os passos que antecediam estes momentos lúdico-recreativos, nomeadamente as questões logísticas (recursos afectos à preparação do banquete, entre os quais destacamos a faiança utilizada e o mobiliário), passando, igualmente, pelo contexto físico em que se desenrolam, a casa, e a estrutura social interveniente em todo este processo.

O **terceiro e último capítulo**, o cerne da nossa investigação, remete para uma análise aprofundada dos banquetes privados, permitindo-nos traçar um paralelo entre estes contextos festivos particulares e as suas componentes erotizantes. Desta forma, iremos aprofundar a característica ambiguidade do erotismo, unicamente abordado na sua vertente heterossexual, assente no carnal e no físico mais do que no amor e no espiritual, traçando uma ligação aos excessos cometidos aquando de grandes celebrações festivas. Na formulação de Octavio Paz “(...) el erotismo es sexualidad socializada, sometida a las necesidades del grupo, fuerza vital expropiada por la sociedad. Inclusive en sus manifestaciones destructoras – la orgía, los sacrificios humanos, las mutilaciones rituales, la castidad obligatoria – el erotismo se inserta en la sociedad y afirma sus fines y principios. Su complejidad – rito, ceremonia – procede de ser función social; lo que distingue a un acto sexual de un acto erótico es que en el primero la naturaleza se sirve de la especie mientras que en el segundo la especie, la sociedad humana, se sirve de la naturaleza. De ahí la doble faz del erotismo. Por una parte se presenta como un conjunto de prohibiciones – mágicas,

morales, legales, económicas y otras – destinado a impedir que la marea sexual sumerja el edificio social, nivele las jerarquías y divisiones y anegue a la sociedad. (...) Freno y espuela de la sexualidad, su finalidad es doble: irrigar el cuerpo social sin exponerlo a los riesgos destructores de la inundación. El erotismo es una función social”<sup>1</sup>.

Considerando como fonte por excelência a iconografia de cinco túmulos tebanos, nomeadamente o TT n° 38 de Djoserkareseneb, TT n° 45 de Dehuti, TT n° 52 de Nakht, TT n° 90 de Nebamun e TT n° 100 de Rekhmire, propomo-nos traçar, numa primeira observação, uma análise comparativa dos elementos existentes nestes complexos e criar, assim, uma relação de componentes comuns e transversais a este tipo de representações iconográficas. Numa segunda observação, iremos abordar as cinco vertentes sensitivas, associando cada elemento que caracteriza estas representações a uma mensagem primordialmente sexual e erótica. Pretendemos, desta forma, mostrar que, se, por um lado, não existe unanimidade quanto ao verdadeiro significado destas representações, estas imagens possuem, no entanto, traços comuns e característicos que permitem contextualizá-las sob uma perspectiva diferente: a erótica.

O grosso desta investigação centrar-se-á, portanto, na análise aprofundada dos seguintes elementos e problematizações:

- ◆ O **paladar**, cuja abordagem pretende invocar, de uma forma geral, os alimentos utilizados na gastronomia egípcia, a sua confecção e a utilização neste contexto festivo de elementos afrodisíacos na sua confecção (plantas, especiarias, etc...). Da mesma forma iremos salientar a importância da bebida nestas ocasiões como forma de transgressão socialmente permitida;
- ◆ A **audição**, que nos remete para a música e para a análise dos instrumentos musicais, o canto, a voz e, por arrastamento, a lírica amorosa, sendo estes últimos elementos considerados de atracção e de entendimento ou de harmonia;
- ◆ A **visão**, canal condutor por excelência da sensualidade e do erotismo, através do estudo da indumentária sensual, nomeadamente as túnicas de linho transparentes ou, até, a ausência de roupa, os adornos utilizados por ambos os sexos e, por fim, a cosmética, considerados objectos de sedução que tornavam o contacto visual aprazível e provocariam desejo;
- ◆ O **olfacto**, associado às flores, ao perfume e aos aromas que emanavam dos corpos das dançarinas e das damas da alta sociedade, nomeadamente através dos óleos,

---

<sup>1</sup> O. Paz, *Los Signos en Rotación y Otros Ensayos*, Madrid, Alianza Editorial, 1983, p. 185.

bálsamos, unguentos e dos cones de gordura perfumada, muito utilizados no topo da cabeça das mulheres em ambientes festivos;

◆ O **toque**, que, no caso dos banquetes, se associa maioritariamente à dança, prendendo-se com gestos nos quais todo o corpo funcionava como instrumento transportador de energia de um ser para o outro, associando-se a questão do “toque”, da mesma forma, ao propiciar de beleza, visível através das imagens em que as servas estão a tocar nas damas da sociedade, arranjando os seus cabelos ou entregando-lhes flores de lótus e espelhos.

Tendo em conta as limitações de que dispomos em termos gráficos e de espaço, não deixa de ser importante referir que nos deparámos com uma certa dificuldade em expressar teorias e defender ideias em apenas 150 páginas, uma vez que nos propusémos trabalhar uma temática deveras abrangente. Foi, assim, imperativo para nós cingirmo-nos apenas ao estudo do Império Novo e focar a nossa atenção, somente, para a temática específica dos banquetes privados egípcios, tendo-se optado, desta forma, por eliminar a perspectiva comparativa a outros contextos civilizacionais. Da mesma forma, não houve um desenvolvimento teórico exaustivo de todas as componentes abordadas, uma vez que para tornar possível a abordagem de todas estas vertentes culturais tivemos de nos remeter a uma abordagem breve e sucinta dos mesmos, focando, somente, as questões directamente associadas com o tema de fundo proposto: o erotismo nos banquetes privados do Império Novo.

# 1º CAPÍTULO

*Enquadramento do estudo dos Banquetes no Império Novo*

# 1. ENQUADRAMENTO DO ESTUDO DOS BANQUETES NO IMPÉRIO NOVO

## 1.1 As fontes para o seu estudo

Após pesquisa em Londres (nomeadamente na Biblioteca do Institute of Archaeology da University College London, no SOAS da University of London e, igualmente, na British Library) e nas instituições portuguesas, constatámos existir pouca bibliografia específica sobre a temática dos Banquetes no Império Novo. Estão disponíveis obras e artigos específicos sobre componentes concretas desta matéria, nomeadamente sobre as jóias, os perfumes, os cosméticos, a música, a dança, a alimentação, a faiança, o mobiliário e o vestuário, prendendo-se, maioritariamente, essas investigações com a contextualização deste tema dentro da análise da vida quotidiana e dos tempos livres dos antigos egípcios. Embora alguma destas temáticas já investigadas possa ter uma associação ao erotismo e à sexualidade, não existe, actualmente, uma obra que se cinja, apenas e exclusivamente, a esta componente humana, analisando-a em todas as vertentes do contexto festivo aqui tratado.

A bibliografia utilizada e apresentada na presente Tese de Dissertação divide-se em quatro partes distintas: as **Fontes**, a **Bibliografia Geral**, a **Bibliografia Específica** e, por último, os **Sites** de interesse relevante para a investigação. Assim, para começar, apresentamos as **Fontes** utilizadas que servem de base para a nossa investigação. Em seguida, segue-se uma listagem de livros de carácter geral (**Bibliografia Geral**) que contextualizam o tema de fundo do ponto de vista político-económico, passando pelo social ou cultural e acabando no artístico. De uma forma geral, pretende-se abordar todas as vertentes relacionadas com a temática da “festa” para que se possa, posteriormente, passar a uma análise mais particular dos denominados “banquetes privados”. A **Bibliografia Específica** é constituída por obras e artigos de relevo científico sobre as diversas temáticas aqui exploradas. Por fim, efectuámos uma pequena listagem de **Sites** consultados e considerados relevantes, não só pela recolha de artigos científicos ou informações pertinentes no contexto da investigação, mas também ao nível de imagens que atestam e validam as informações apresentadas.

Para o estudo dos banquetes privados do Império Novo, em geral, e de todas as componentes que os caracterizam, em particular, temos de nos basear em três tipos distintos de fontes – as arqueológicas, as iconográficas e as escritas – que, de forma mais

superficial ou mais aprofundada, nos permitem problematizar e chegar a conclusões concretas no que toca a esta temática tão abrangente. Especificaremos, de seguida, as fontes consideradas neste estudo, ficando a sua análise aprofundada e contextualização devida reservadas ao capítulo respectivo.

### 1.1.1 Os espólios arqueológicos

No decorrer da presente exposição, iremos referir e analisar com algum pormenor e de uma forma contextualizada os espólios arqueológicos encontrados nos túmulos reais do Vale dos Reis (nomeadamente no famoso túmulo de Tutankhamon) e nos túmulos privados (além dos espaços adjacentes), das várias dinastias do Império Novo – XVIII à XX Dinastia (*vide* Cronologia 1) – que, fazendo prova concreta das imagens tumulares, nos revelam toda a “logística” utilizada nestes eventos sociais, destacando-se os seguintes elementos:

- ◆ algumas peças de vestuário, umas em melhor estado que outras, que nos permitem verificar a indumentária utilizada por homens e mulheres e os materiais utilizados no seu fabrico;
- ◆ jóias fabricadas em materiais preciosos ou semi-preciosos, utilizadas tanto por homens como por mulheres das classes mais abastadas ou mais baixas da sociedade;
- ◆ sandálias, símbolo de estatuto social, só utilizadas por alguns elementos das camadas mais altas da população ou pelos sacerdotes, que podiam ser feitas em papiro, couro ou forradas a metais preciosos, nomeadamente o ouro;
- ◆ caixas de cosméticos e os vários tipos de recipientes utilizados para acondicionamento destes materiais (líquidos ou de consistência sólida), nomeadamente vários tipos de frascos encontrados com as formas mais diversificadas (em forma do deus Bes, de macaco ou redondos) ou, também, as colheres de cosméticos, recipientes estes produzidos nos mais variados materiais, desde a pedra ao alabastro, passando pelo vidro (com base na técnica do sopro ainda hoje amplamente utilizada) e pela faiança;
- ◆ perucas, feitas à base de cabelo humano, lã entrançada e fibras vegetais;
- ◆ instrumentos musicais, que nos permitem ter uma ideia do tipo de sonoridade musical existente neste período;
- ◆ mobiliário, cestaria e peças de faiança e barro que, não muito diferentes daquilo que utilizamos actualmente, nos dão uma visão da “logística” utilizada nos ambientes habitacionais e nas refeições do homem egípcio;

◆ flores, colares de flores e restos de oferendas alimentares encontrados no interior de alguns túmulos que se conservaram graças ao clima e ao ambiente seco dos túmulos, além de substâncias remanescentes encontradas no interior de alguns receptáculos de cosméticos (perfumes e produtos de maquilhagem), que sujeitos a análises químicas permitem determinar a diversidade de ingredientes utilizados na confecção não só dos perfumes, mas também dos alimentos utilizados na altura.

Salientaremos, da mesma forma, como importantes fontes arqueológicas de referência neste estudo, não só as escavações arqueológicas realizadas no palácio real de Amenhotep III<sup>2</sup> (1390 – 1352 a. C.), em Malkata, mas também no Palácio de Ramsés III em Medinet Habu, em Tell el-Amarna e no bairro operário de Deir-el Medineh (aqui destacam-se não só as descobertas efectuadas ao nível das habitações, mas também no contexto tumular, nomeadamente no túmulo do arquitecto Kha e de sua mulher), que fornecem elementos importantíssimos não só da arquitectura da época ao nível das grandes construções (nomeadamente dos palácios e da disposição física das próprias cidades), mas também do quotidiano das classes mais baixas da população que, embora se dedicassem na maior parte do tempo às suas actividades profissionais, davam grande importância ao tempo livre e de festa passado junto das suas famílias e amigos.

Destacamos, igualmente, alguns modelos e pequena estatuária relacionada com diversas actividades económicas que nos oferecem uma visão fiel da execução de algumas tarefas domésticas (*vide* Figs. 130 e 131).

### 1.1.2 Iconografia

A presente investigação tem como fonte primordial a iconografia tumular, nomeadamente a que está presente nos túmulos<sup>3</sup> tebanos privados do Império Novo, no denominado “Vale dos Nobres” em Tebas Ocidental<sup>4</sup>, mais precisamente em Qurna. Estes complexos, os denominados hipogeus, eram túmulos escavados na rocha, caracterizados, neste período, por um interior em forma de T (*vide* Fig. 1) que incluía uma primeira câmara ampla de tecto baixo e um longo corredor que conduzia ao local das oferendas e à estátua de culto, colocada num nicho ou numa capela, além de uma área (que, originalmente, se pretendia inacessível) onde estava colocada a cripta funerária<sup>5</sup>.

---

2 Amenhotep III ou Amenófis III, pai de Amenhotep IV ou Amenófis IV, o famoso Akhenaton.

3 Os túmulos eram vistos como “casas de eternidade” ou *per-djet*, cf. L. M. Araújo, “Túmulos” in L. Araújo (Dir.), *DAE*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, p. 839.

4 Cf. *Ibidem*, p. 840. A cidade de Tebas (a actual Luxor) era, no Império Novo, o centro religioso do Egipto.

Entre outras imagens, sobressaem nestes contextos funerários algumas representações de cenas do quotidiano, cuja grande novidade artística é uma maior criatividade e liberdade na representação das figuras, apresentadas aqui de uma forma mais inventiva, com base numa livre e, até, divertida observação da vida<sup>6</sup>, o que lhes confere um maior realismo. Principalmente a partir de Tutmósis III, verifica-se nas representações artísticas uma maior atenção conferida ao detalhe na representação do vestuário, das perucas, das jóias e de outros adornos. A representação canónica a duas dimensões passa agora a ser feita com base numa maior elegância, graça, refinamento e delicadeza de execução, o que conferia grande leveza e variedade de posturas às figuras representadas<sup>7</sup>. Ao contrário do que se verifica nas restantes representações canónicas, muito mais rígidas e formais em termos artísticos (nomeadamente nas cenas de representação do defunto e de sua esposa ou dos mesmos ofertando a divindade), nas “cenas do dia a dia” os artistas da altura esforçaram-se por criar movimento e perspectiva através do escorço<sup>8</sup>, mostrando, desta forma, um lado da vida mais animado e descontraído. É nesta tipologia de representações que se inserem as cenas de banquetes que iremos estudar na presente Tese.

Não aprofundando já o significado (ou os possíveis significados) subentendido nestas imagens, podemos afirmar que a relevância deste tipo de fontes no âmbito da presente investigação se prende com o facto destas reproduzirem o banquete egípcio até ao mais ínfimo pormenor, atingindo-se aqui um dos maiores níveis de realismo da arte egípcia. A iconografia permite-nos identificar os artefactos encontrados nas escavações arqueológicas, sendo possível não só contextualizá-los nas suas funções respectivas, mas também passar-se do abstracto e imaginário, para o concreto e palpável.

Ao analisarmos a iconografia tumular do Império Novo referente aos banquetes privados, deparámo-nos com a necessidade de estabelecer alguns critérios para seleccionar as imagens mais significativas, que englobassem o maior número de elementos que nos propusemos analisar. Assim, e nunca desvalorizando a relevância e beleza artística das

---

5 De salientar que este tipo de túmulos foram construídos desde a IV Dinastia, sendo uma alternativa mais acessível e segura às dispendiosas mastabas, cf. L. M. Araújo, “Hipogeu” in L. Araújo (Dir.), *ob. cit.*, p. 425.

6 Cf. S. Peccatori; S. Zuffi (Ed.), *Ancient Egypt. Art, Architecture and History*, London, The British Museum Press, 2002, pp. 68 e 70.

7 Cf. L. Donovan; K. Mccorquodale (Ed.), *Egyptian Art. Principles and Themes in Wall Scenes*, Prism Archaeological Series 6, Egypt, Prism Publications, 2000, p. 13.

8 Ou seja, através da redução das dimensão das figuras representadas. Cf. S. Peccatori; S. Zuffi (Ed.), *ob. cit.*, p. 68.

restantes, estabelecemos como fontes iconográficas primordiais deste trabalho, as imagens provenientes dos seguintes túmulos tebanos:

1. **TT 38 de Djoserkareseneb** – datado da segunda metade da XVIII Dinastia. Embora inacabado na segunda câmara, proporciona-nos, mesmo assim, imagens provenientes da primeira câmara repletas de naturalismo nos movimentos<sup>9</sup>, onde observamos uma cena de banquete presidida pelo casal (cujas respectivas imagens se encontram apagadas (*vide* Fig. 9) que se encontra sentado a ser servido de colares e alimentos por duas servas (*vide* Figs. 4, 5 e 9); seguidamente, verificamos uma cena de música e dança (*vide* Figs. 3, 5, 6 e 9) e uma imagem, menos harmoniosa mas extremamente realista, em que uma das convidadas, que se terá excedido na bebida, se encontra amparada por uma segunda personagem a vomitar<sup>10</sup> (*vide* Figs. 6 e 7), embora também seja visível em outra imagem, um convidado a vomitar (*vide* Fig. 9). Continuando no contexto festivo dos banquetes, encontramos no topo direito da parede da primeira câmara a representação de uma dama a ser “ajudada” na sua toilette por duas servas nuas (*vide* Fig. 2), estando uma delas a ajeitar-lhe a peruca e a outra, atrás, pronta para embelezar a sua senhora com um colar em forma de grinalda e uma flor de lótus<sup>11</sup>. Para além da representação do banquete, existem outras imagens neste túmulo que oferecem informações complementares e relevantes, nomeadamente no âmbito da alimentação, sendo visíveis cenas de extensas oferendas aos deuses por parte da família do defunto; uma parede inteira destinada a cenas de trabalho nos campos e imagens de açougue, em que uma das personagens está a cortar a cabeça de uma vaca, enquanto o seu assistente segura a perna do animal que será, seguidamente, cortada para ser, supostamente, ofertada aos deuses<sup>12</sup> (*vide* Fig. 113);
2. **TT 45 de Dehuti** – intendente do Sumo Sacerdote de Amon<sup>13</sup>, proprietário de um túmulo onde se denotam nas paredes uma certa evolução artística (*vide* Fig. 10);
3. **TT 52 de Nakht** – Escriba cujo túmulo, datado do reinado de Tutmósis IV, se insere num período em que as pinturas tebanas atingiram a sua “maturidade” artística e consolidaram um repertório de cenas tradicionais (*vide* Figs. 11 a 18);
4. **TT 90 de Nebamun** – trata-se de um pequeno túmulo que se encontra inacabado e em mau estado de conservação em algumas zonas<sup>14</sup>, mas que proporciona

9 A. Mekhitarian, *Egyptian Painting*, London, Macmillan London Ltd, 1978, p. 65.

10 Cf. *Ibidem*, p. 65.

11 Cf. *Ibidem*, p. 66.

12 Cf. *Ibidem*, p. 65.

13 Cf. *Ibidem*, p. 62.

14 Cf. *Ibidem*, p. 108.

imagens de banquetes bastante pormenorizadas (*vide* Figs. 19 a 27);

5. **TT 100 de Rekhmire**<sup>15</sup> – “O que conhece como Ré”<sup>16</sup>, Vizir do Faraó Tutmósis III e de Amenhotep II, que viveu entre 1504 – 1450 a.C., cujo túmulo foi construído em Cheikh Abd el-Gurna<sup>17</sup> (*vide* Figs. 28 a 31);

Para além da iconografia tumular, iremos, igualmente, recorrer a outro tipo de imagens, como as que se encontram em alguns óstracos (como o famoso óstraco da bailarina proveniente de Deir el-Medineh<sup>18</sup> – *vide* Fig. 169) e algumas pinturas singulares em papiro, couro, barro, pedra e faiança. Estas representações permitem não só analisar os banquetes privados do Império Novo nas suas vertentes associadas aos cinco sentidos e ao erotismo neles implícito, mas, igualmente, estudar o simbolismo dos elementos que aí estão evidenciados sob algumas componentes artísticas, nomeadamente nas formas, nas cores e nos materiais utilizados pelos artistas da altura.

Por último, na análise dos festivais religiosos, iremos, igualmente, recorrer a representações artísticas existentes nos templos e nas capelas religiosas (*vide* Figs. 32).

### 1.1.3 Fontes escritas

No contexto das fontes escritas, e tendo em conta o leque abrangente de temáticas abordadas nesta investigação, iremos recorrer às seguintes fontes:

- alguns **textos literários**, nomeadamente a *Literatura Sapiencial*, verdadeiros tratados de “bem servir”, ou seja, textos que louvam os méritos de uma mesa e que se referem ao cerimonial ou à correcta disposição dos alimentos<sup>19</sup>, além de fornecerem indicações sobre as regras de comportamento que deveriam ser seguidas pelos anfitriões e convidados<sup>20</sup>. Embora descontextualizadas em termos cronológicos no âmbito da nossa investigação, iremos referir as *Instruções de Ptahhotep*, Vizir do Faraó Issi, datadas cerca de 2400 a. C., de tal forma populares que continuaram a ser copiadas, lidas e seguidas no decorrer do Império Novo<sup>21</sup>

<sup>15</sup> Rekhmire é apresentado no seu túmulo como “nobre, príncipe, superintendente, o mestre dos segredos, que penetra nos santuários, não existindo porta entre o deus e ele. Ele não desconhece nada do que está no céu, sobre a terra e nos lugares escondidos da Duat... Ele é único e benéfico”, cf. L. M. Araújo, “Rekhmiré” in L. Araújo (Dir.), *ob. cit.*, p. 743.

<sup>16</sup> Cf. *Ibidem*, p. 743.

<sup>17</sup> Cf. *Ibidem*, p. 743.

<sup>18</sup> O óstraco da bailarina é proveniente de Tebas, XIX Dinastia, e actualmente encontra-se no Museu Egípcio de Turim.

<sup>19</sup> Cf. D. Valbelle, *A vida no Antigo Egípto*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1990, p. 111.

<sup>20</sup> Cf. S. Ikram, “Banquets” in D. B. Redford (Dir.), *OEAE*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, p. 162.

<sup>21</sup> Cf. L. Casson, *Everyday Life in Ancient Egypt*, Baltimore and London, The Johns Hopkins University Press, 2001, p.45.

(vide Texto B);

- **hinos da época**, que exortam o ambiente festivo experienciado pelo homem da altura, nomeadamente as designadas *Canções do Harpista*<sup>22</sup> que, segundo Lise Manniche<sup>23</sup>, correspondem a um género literário egípcio que foca dois temas principais: em primeiro lugar contrapõem a vida na terra à vida no Além, descrevendo as futilidades da primeira e os esforços vãos de se tentar assegurar a eternidade, pois, efectivamente, a vida no Além era uma incerteza. Este primeiro tipo de canções convida o homem a aproveitar o dia da melhor forma possível com tudo o que a vida tem de melhor, numa associação actual ao *carpe diem* pois a morte era, apesar de tudo, uma incógnita<sup>24</sup> e de lá ninguém voltava. O segundo tipo de canções aprofunda a temática do primeiro e descreve o proprietário do túmulo, a sua situação perante os deuses e a sua existência eterna na companhia daqueles<sup>25</sup>. De uma forma geral, as *Canções do Harpista* (das quais seleccionamos alguns excertos, nomeadamente os Textos C, D e E) revelam uma nova concepção do Além, pois demonstram uma dúvida razoável perante o destino dos mortos e a eficácia dos cuidados fúnebres com os mesmos, tornando-se estas composições num “meio de expressão, sob uma forma poética, de reflexões sobre importantes assuntos como a vida e a morte”<sup>26</sup>. Esta quase “lírica de intervenção” presente em contexto claramente funerário, era recitada e evidenciada nos banquetes, sendo acompanhada por música instrumental levada a cabo por harpistas cegos (ou que se faziam passar por cegos) e dançada por belas bailarinas, o que, segundo François Daumas, não deixa de ser curioso para um povo “(...) si religieux et qui prit tant de soin de ses morts”<sup>27</sup>. Na síntese de Mircea Eliade “La débâcle de toutes les institutions traditionnelles se traduit à la fois par l’agnosticisme et le pessimisme, et par une exaltation de la jouissance qui n’arrive pas à cacher le profond désespoir”<sup>28</sup> ;
- **obras de alguns autores clássicos**, destacando-se nesta extensa lista Heródoto, o pai da História<sup>29</sup>, com o *II Livro* da sua obra *Histórias* (vide Texto A), onde é traçado

22 Também denominadas de *Cantos de Harpista*, cf. J. N. Carreira, “Cantos de Harpista” in L. Araújo (Dir.), *ob. cit.*, pp. 176 – 177. Para esta temática refira-se, igualmente, S. Sauneron, “Chant du Harpiste” in G. Posener (Dir.), *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Fernand Hazan, 1959, pp. 126 – 127 e, J. Yoyotte, “Chant” in G. Posener (Dir.), *ob. cit.*, p. 47.

23 Cf. L. Manniche, *Music and Musicians in Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1991, pp. 97.

24 “Afasta os pensamentos negativos, anima-te e aproveita a tua curta vida até a morte aparecer”, tradução de um excerto cirado em L. Manniche, *ibidem*, pp. 97.

25 Cf. *Ibidem*, p. 97.

26 *Ibidem*, p. 104.

27 F. Daumas, *La Vie dans l’Égypte Ancienne*, Paris, Presses Universitaires de France, 1980, p. 99.

28 M. Eliade, *Histoire des Croyances et des Idées Religieuses. Vol I – De l’Âge de la Pierre aux Mystères d’Eleusis*, Paris, Payot, 1983, p. 115.

um relato de extrema relevância sobre a Civilização Egípcia e os seus costumes<sup>30</sup>. Existem, no entanto, outros autores que propiciam informações extremamente importantes, nomeadamente ao nível da gastronomia, tais como Apícius, Dioscórides (*Sobre a Matéria Médica II*), Plínio, o Velho (*História Natural XIX, XX, XXII*), Teofrasto (*História das Plantas IV*), Diodoro (*Biblioteca Histórica I*), descrevendo, na maior parte das vezes de uma forma bastante pormenorizada, como eram confeccionados, o aspecto e, principalmente, o sabor que atribuíam a alguns alimentos egípcios<sup>31</sup>. No que toca aos perfumes, salientamos em particular, para além dos já referidos, Galeno e Plutarco, que nos apresentam com algum rigor científico as mais diversas receitas para a obtenção de múltiplas essências e óleos perfumados, sobressaindo nas suas obras a minúcia com que apresentam as dosagens das várias substâncias utilizadas em cada preparação;

- a **lírica amorosa**<sup>32</sup>, nomeadamente alguns *Poemas de Amor* que enalteciam o amor em geral, particularizando questões como os encontros, o sofrimento amoroso, a saudade e, particularmente interessante neste contexto, os aromas dos enamorados através de singelas descrições de flores, de alguns frutos e de árvores de frutos existentes no Antigo Egipto. Embora não sejam as fontes que mais elementos forneçam no âmbito da nossa investigação, apresentam, contudo, informações relevantes no que toca à importância social dos perfumes e de alguns produtos utilizados na gastronomia, nos rituais de “corte” e de sedução. Conseguimos, igualmente, recolher algumas “amostras” de versos de amor no denominado vaso fragmentário do Museu do Cairo 1266 + 25218 (*vide* Texto L), no Papiro *Chester Beatty I* (*vide* Textos F, G e H), no Papiro *Harris 500* (*vide* Textos I, J e K) e no *Papiro de Turim* (*vide* Texto M);
- no que concerne à temática do erotismo e da sexualidade, destacam-se, novamente, o *Papiro Chester Beatty I*, o Papiro *Harris 500*, o *Papiro de Turim*<sup>33</sup> (*vide* Figs. 77 a 80),

29 De salientar que, muitas vezes, os viajantes greco-romanos da Antiguidade davam uma visão tendenciosa de algumas regiões do Oriente Antigo, nomeadamente do Egipto, visto como “(...) a terra do luxo, das perversões e da prática abusiva dos prazeres sexuais”, L. M. Araújo, *Estudos Sobre Erotismo no Antigo Egipto*, Lisboa, Edições Colibri, 2000, p. 102.

30 Para imagens do Egipto por parte dos autores gregos, refira-se a obra de J. R. Ferreira, *Hélade e Helenos. Vol. I - Gênese e Evolução de um Conceito*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1992, pp. 209 e seguintes.

31 Para o estudo da alimentação, salientamos o estudo de D. e P. Brothwell, *A Alimentação na Antiguidade*, Lisboa, Editorial Verbo, 1971.

32 Cf. L. Manniche, “Erotica” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 1, pp. 479-480. Segundo esta autora, o Império Novo é o período por excelência de elaboração da poesia lírica que, acompanhada dos mais variados instrumentos musicais, nomeadamente as harpas e os alaúdes, se transformava em música que, actualmente, se pode considerar “romântica”.

33 Segundo Lynn Meskell este papiro revela uma série de encontros sexuais entre homens de uma certa idade, fisicamente pouco atraentes, pelos padrões de beleza correntes à época, e mulheres que aparentam estar no

considerados **papiros eróticos**, e certas fórmulas mágicas, contos, sonhos, costumes locais e alguns óstracos<sup>34</sup>;

- outros **papiros** particularmente importantes são o *Papiro Anastasy IV*, o *Papiro Turin B*, o *Papiro de Westcar*, o *Papiro Harris* e o *Papiro Ebers* (6, 10, 12, 13, 14, 20) que fornecem dados acerca da gastronomia e culinária egípcias, além de algumas listagens de alimentos ou medições;
- o denominado **“Edital” de oferendas** presente em estelas funerárias (*vide* Fig. 90) que, basicamente, consistia numa listagem de alimentos e de vestuário a serem entregues para oferendas aos deuses e ao defunto, para que nada lhe faltasse no Além. Estes editais são, também, um complemento importante para o estudo da gastronomia, do vestuário e dos cosméticos;
- alguns **papiros médicos, tratados e livros de Medicina ou receituários médicos** presentes em templos, importantes complementos ao estudo da alimentação, do erotismo e da sexualidade<sup>35</sup>;
- os **rótulos gravados nos recipientes** que armazenavam os alimentos, que nos permitem, também, efectuar um levantamento de alimentos consumidos pela população da altura;
- os denominados **“calendários de festivais”**<sup>36</sup>, ou seja, as inscrições existentes, maioritariamente<sup>37</sup>, nas paredes ou portas dos templos que incluem listas com descrições relacionadas com as actividades religiosas do deus ou deuses titulares, que nos permitem, de acordo com Anthony Spallinger<sup>38</sup>, ter uma ideia não só das festas religiosas que se desenrolavam no decorrer do ano civil egípcio, mas também dos deveres sacerdotais e das listas de oferendas que deviam ser feitas nessas celebrações<sup>39</sup>. Estas listas de acontecimentos religiosos cobriam a maioria das celebrações, desde os “festivais do céu”<sup>40</sup>, baseados no calendário lunar, aos “festivais sazonais”<sup>41</sup>, realizados uma vez por ano.

---

seu auge físico e sexual, cf. L. Meskell, *Private Life in New Kingdom Egypt*, Oxfordshire, Princeton University Press, 2005, p. 136.

34 Cf. L. M. Araújo, *ob. cit.*, p. 114.

35 Para a questão da medicina e dos cuidados com o corpo, salientamos o capítulo “Body and Soul” inserido na obra de E. Hornung, *Idea into Image. Essays on Ancient Egyptian Thought*, New York, Timken Publishers, 1992, pp. 167 – 184 e L. M. Araújo, “Vislumbrando o Corpo Humano” in *ob. cit.*, pp. 145 - 196.

36 A. Spalinger, “Festival Calendars” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 1, pp. 519 - 520.

37 Para além das inscrições presentes nas paredes e portas dos templos, os “calendários de festivais” também se encontram representados em estelas, estátuas, túmulos, papiros e em inscrições de alguns monumentos, cf. C. J. Bleeker, *Egyptian Festivals. Enactments of Religious Renewal*, Leiden, E. J. Brill, 1967, p. 27.

38 Cf. A. Spalinger, *ob. cit.*, pp. 519 - 520.

39 Cf. *ibidem*, p. 519.

40 *Ibidem*, p. 519.

41 *Ibidem*, p. 519.

Dentro deste tipo de calendários, e datados do Império Novo, destacamos o calendário de Tutmósis III colocado no seu templo do festival, em Karnak<sup>42</sup>; o de Tutmósis IV, também em Karnak; o de Akhenaton, em Tebas; o de Ramsés II, em Abidos; o de Ramsés IV e, o mais relevante, o extenso calendário de Ramsés III de Medinet Habu, considerado uma cópia do calendário de Ramsés II com alguns acrescentos, nomeadamente no que toca às oferendas diárias.

De salientar que o que distingue os calendários do Império Novo dos demais, datados do Império Antigo, é um sistema, quase matemático, de grelhas onde as colunas da esquerda contêm apenas datas e as colunas da direita números, associados a produtos alimentares / oferendas. Do período Ptolemaico destacam-se alguns calendários (com textos e representações a eles associados) que nos fornecem informações importantes referentes às festividades realizadas, principalmente, em honra de Hórus e Hathor, nomeadamente os existentes nos templos de Dendera, Edfu, Philae e Esna;

- No que toca ao estudo das festas religiosas ou festivais, salientaremos, igualmente, os Textos das Pirâmides<sup>43</sup>; a Pedra de Palermo, cujas inscrições enumeram os principais eventos religiosos realizados durante as primeiras cinco dinastias, apresentando-nos festas que tiveram uma continuidade no tempo e outras que, a certa altura, deixaram de existir<sup>44</sup>; o papiro do *Ramesseum*<sup>45</sup>, com uma descrição dos rituais de entronização de Sesóstris I; o decreto de *Kanopus*, datado da época de Ptolemeu III Evérgeta I, que contém um interessante calendário de festivais e que mostra como se instituía um novo festival<sup>46</sup>; os documentos de Hepzefi, escritos durante o reinado de Sesóstris I, que determinam as regras para o culto funerário deste Faraó<sup>47</sup> e os textos presentes nas paredes do palácio real de Bubastis relativos à celebração do *hb sd*<sup>48</sup> de Osorkon II<sup>49</sup>. Consideramos importante fazer aqui uma breve referência à questão da natureza fragmentária das fontes utilizadas para o estudo das denominadas festas religiosas ou festivais, uma vez que existe alguma discrepância cronológica entre fontes referentes a esta temática que são

42 Do reinado deste Faraó distinguem-se mais cinco calendários dignos de referência: em Buto (gravado numa estela em vez das paredes do templo); Karnak, a sul do santuário de granito; Karnak, no VI pilone da ala norte; Karnak, na parede sul do templo de Akhmenu e em Elefantina, cf. *ibidem*, p. 519.

43 C. J. Bleeker, *ob. cit.*, p. 33.

44 Neste âmbito salientam-se os seguintes festivais: os “festivais do céu”, o festival da “origem do rio”, “o dia da abertura da janela da capela” ou o “dia do festival da deusa”, cf. *ibidem*, p. 32.

45 Cf. *ibidem*, p. 28.

46 Cf. *ibidem*, p. 31.

47 Cf. *ibidem*, p. 28.

48 Cf. *ibidem*, p. 28.

49 Cf. *ibidem*, p. 28.

provenientes de épocas muito distintas e separadas entre si. Contudo, aparentemente durante toda a história desta Civilização, os egípcios mantiveram-se fiéis aos padrões religiosos que adoptaram no início da sua história e daí justificar-se a utilização de fontes provenientes de épocas distintas para caracterizar determinados festivais<sup>50</sup>. Seguindo as considerações de Henri Frankfort, “Tampoco podemos seguir la cronología (...) ya que si así actuásemos nos encontraríamos ocupándonos de modificaciones insignificantes de una idea básica que seguiría siendo enigmática. (...) Nuestro tratamiento, pues, será ahistórico, pero será así sólo en cuanto a que pase por alto – no porque viole – algunas verdades históricas; será fenomenológico en cuanto que es un «estudio sistemático de lo que aparece». Pero no seguirá una única línea de razonamiento, sino que más bien convergerá en el problema central desde distintas direcciones. Este método no deja de tener ciertas desventajas; nos encontraremos con que la coherencia del pensamiento de los antiguos se dejará sentir de un modo inquietante. En cada enfoque, nos veremos obligados a dar con fenómenos que requieren otra vía para que los podamos entender plenamente (...). Sin embargo, creemos que sólo este método nos permitirá hacer justicia a los muchos aspectos de las concepciones antiguas, rasgo que con demasiada frecuencia se malinterpreta como fruto de la «confusión» o del «sincretismo»<sup>51</sup>.

## 1.2 Definição do conceito de “festa” no Antigo Egipto e contextualização sócio-cultural

Terminada a apresentação das fontes, recuemos, então, ao Egipto do Império Novo, entre 1550 – 1069 a. C.<sup>52</sup> e comecemos a nossa viagem pelos sentidos. Com a expulsão dos Hicsos por Ahmés e a consequente reunificação do País, entramos num período revigorante e de esplendor artístico e cultural que revela o contexto de paz e estabilidade política. Neste período, o Egipto torna-se uma potência mundial<sup>53</sup>, alargando as suas fronteiras à Síria-Palestina, Núbia e Ásia Ocidental, passando a existir um “frutuoso intercâmbio comercial e cultural (...) entre o Egipto e os seus vizinhos”<sup>54</sup>, sendo a paz “mantida por uma activa diplomacia, onde a guerra também entra para um melhor ajuste das posições”<sup>55</sup>.

50 Cf. *ibidem*, p. 29.

51 H. Frankfort, *Reyes y Dioses. Estudio de la Religión del Oriente Próximo en la Antigüedad en Tanto que Integración de la Sociedad y la Naturaleza*, Madrid, Alianza Universidad, 1981, pp. 9 - 10.

52 De acordo com a cronologia estabelecida por Ian Shaw e Paul Nicholson, *BMDAE*, Cairo, The American University in Cairo Press, 2002.

53 Cf. L. M. Araújo, “Império Novo” in L. Araújo (Dir.), *ob. cit.*, p. 443.

54 *Ibidem*, p. 445.

Ao enveredarmos pela análise de componentes da área social e cultural desta civilização, como é o caso das festas públicas e privadas, é extremamente importante tentar entrar na mente do homem da altura e contextualizar formas de estar e conceitos que permitam uma análise aprofundada à temática aqui tratada. No seguimento desta ideia, há uma questão pertinente a colocar: como se colocava o homem egípcio perante a vida e a morte num contexto temporal como o Império Novo? Mantém os antigos cânones mentais e culturais? Ou é alvo de uma reciclagem e mudança de comportamentos e ideais?

De acordo com as fontes analisadas, não é de todo despropositado afirmar que estamos, nesta altura, perante um homem diferente, que se encontra, mais do que em qualquer outro período da história do Egipto, perfeitamente inserido na sua função social e consciente da relatividade da vida e da incerteza da morte. A inquestionável certeza da continuidade da vida no Além começa a ser posta em causa neste período e a vida passa agora a ser “vivida” e saboreada de uma forma mais intensa, aproveitando-se todos os bons momentos que esta pode proporcionar.

Maria Helena Trindade Lopes<sup>56</sup> considera que “no intervalo entre o princípio e o fim reside a vida. E mesmo quando este princípio e este fim se tocam (...) os homens perseveraram em fruir o tempo, assegurando a realização e o deleite do seu corpo e do seu espírito”. O tempo deixa agora de ser considerado eterno, passando a ser, realmente, curto demais para que o homem se permita a não o aproveitar ao máximo.

*“Desfruta o teu dia e não te canses,  
porque ninguém levou consigo as suas coisas.*

*Vê, nunca ninguém regressou depois de ter partido<sup>57</sup>” (vide Texto C)*

Com base neste excerto de um texto presente no túmulo de Antef<sup>58</sup>, em particular, e nas Canções dos Harpistas, em geral (vide Textos C, D e E), podemos confirmar o que acima foi dito e retirar a essência do pensamento egípcio a respeito das festas e do usufruto dos bons momentos da vida. Segundo Erik Hornung, “(...) the individual’s life on earth seemed nothing more than a passing dream. But while the Egyptians recognized life’s

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 445.

<sup>56</sup> Cf. M. H. T. Lopes, “Os Prazeres no Egipto antigo” in M. H. T., Lopes (Dir.), *Estudos Orientais. Os Prazeres no Médio Oriente Antigo*, Vol. IX, Lisboa, Instituto Oriental, 2006, p. 13.

<sup>57</sup> Tradução da *Canção de Antef*, datada da XIX Dinastia, retirada da obra de R. Ferreira de Sousa, *O Coração e o Homem no Antigo Egipto. Contributos para a Compreensão de Uma “Psicologia” Antiga*, Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1998, a partir de H. Brunner, “Das Herz im ägyptischen Glauben”, *Das hörende Herz. Kleine Schriften zur religions und Geistesgeschichte Ägyptens*, Friburgo, 1988, pp. 28 – 32. A *Canção de Antef* encontra-se no *Papiro Harris 500* que, actualmente, está no British Museum (10060).

<sup>58</sup> *Canção do Harpista* presente no túmulo de Antef, cf. M. K. Acúrcio, “Festas” in L. Araújo (Dir.), *ob. cit.*, p. 376.

brevity, they also knew that in the final analysis what mattered was not the quantity but the quality of a person's lifetime; meaningfully filled time was ultimately of far greater importance than empty duration”<sup>59</sup>. Convém, contudo, deixar vincada a ideia de que, à excepção do período amarniano, não se verifica no Império Novo uma descrença nos deuses e na morte, ao ponto de se questionarem e reequacionarem os rituais funerários (e até religiosos) que consistiam na preparação do corpo e da alma com vista ao “alcançar o Além” pelo defunto.

Mas centremo-nos concretamente na nossa investigação e na temática da “festa”. No Antigo Egipto, o termo “festa” (*hb*)<sup>60</sup> era usado para designar diversas actividades festivas de carácter nacional, regional e local com base em acontecimentos astronómicos, agrários, mitológicos / religiosos e políticos<sup>61</sup>, cujo objectivo primordial seria a renovação e o triunfo do divino, nos diversos níveis da vida do homem egípcio. De acordo com Acúrcio<sup>62</sup>, também se realizavam festas de carácter privado e familiar para celebrar acontecimentos tais como nascimentos, casamentos, aniversários e funerais. Passemos agora a analisar cada uma destas componentes.

### 1.2.1. Tipos de “festa” existentes

A clara distinção entre festividades de carácter nacional, regional e local e as festas de carácter privado e familiar, permite-nos estabelecer dois tipos distintos de festas, **as públicas** e **as privadas**, sendo que dentro de cada categoria se enquadram outras que iremos destacar, de uma forma muito sucinta, em seguida.

### 1.2.2 A “festa pública”

#### 1.2.2.1 Conceito de “festa pública”

As “festas públicas” eram celebrações que, embora contendo rituais privados reservados ao Faraó e à sua família, aos Sacerdotes e a alguns elementos da Corte, eram destinadas à maioria dos habitantes do país, sendo seguidas, a maior parte delas, por grandes banquetes públicos e pela distribuição de alimentos, vestuário e jóias de faiança pela população. Abrangiam comemorações religiosas ou políticas que, por uma razão ou outra, eram socialmente consideradas relevantes, abrangendo, assim, todas as classes e todo o país.

---

<sup>59</sup> E. Hornung, *ob. cit.*, p. 70.

<sup>60</sup> Cf. C. J. Bleeker, *ob. cit.*, p. 27.

<sup>61</sup> Cf. M. K. Acúrcio, *ob. cit.*, p. 375.

<sup>62</sup> Cf. *ibidem*, p. 375.

### 1.2.2.2 Tipologia de “festa pública”

Podemos considerar três tipos de festas públicas no Antigo Egito, festividades estas que eram acompanhadas de rituais e de oferendas apropriadas<sup>63</sup>:

- as **relacionadas com os ciclos da terra**;
- as **festas reais**;
- as **festas religiosas**, ou os denominados **“festivais”**.

#### 1.2.2.2.1 As festas relacionadas com os ciclos da terra

Numa sociedade agrária como a egípcia, a vida social estava claramente associada a uma sazonalidade marcada pelas inundações do Nilo (*vide* Figs. 84 e 85), grande acontecimento agrário que marcava todo o ano egípcio. Assim, e dentro da categoria associada às festas relacionadas com os ciclos da terra, destacam-se as associadas ao ritmo natural da vida, à agricultura e à terra, tais como:

- a **“Festa de Ano Novo”** (*uepet renpet*) que coincidia com o aparecimento da estrela Sírius, a Estrela Cão (*peret sepedet*)<sup>64</sup>, e que marcava o começo das cheias do Nilo e da estação de Akhet (de meados de Julho a meados de Novembro), no final do qual se celebrava a festa de Hebes-tá, ou o ritual de “cavar a terra”, associado ao mito de Sokar<sup>65</sup>. Segundo Barbara Watterson na sua obra *The House of Horus at Edfu. Ritual in an Ancient Egyptian Temple*<sup>66</sup>, no Antigo Egito, o ano civil começava no dia em que se dava a subida anual do Nilo em Mênfis, ou seja, no primeiro dia da Época das Inundações, que ocorria no 19º dia de Julho. No Período Ptolemaico, a Festa do Ano Novo era a ocasião onde se celebrava a união das estátuas de Hórus e de Hathor ao Disco Solar em Edfu e Dendera. Através da “absorção” dos raios solares por parte das estátuas, esta festa era, assim, associada à renovação da vida e da fertilidade da população egípcia, das terras, dos seus deuses e, acima de tudo, do faraó, de quem dependia o bem-estar de todos os seres<sup>67</sup>. Da mesma forma, neste período foi instituído neste dia um festival em honra dos Ptolemeus e de Berenice<sup>68</sup>;
- a **celebração da lavoura e das sementeiras**, durante a estação de Peret<sup>69</sup>;

63 Cf. *ibidem*, p. 375.

64 Cf. *ibidem*, p. 375.

65 Cf. *ibidem*, p. 375.

66 Cf. B. Watterson, *The House of Horus at Edfu. Ritual in an Ancient Egyptian Temple*, Gloucestershire, Tempus, 1998, p. 93.

67 Cf. *ibidem*, p. 94.

68 Cf. C. J. Bleeker, *ob. cit.*, p. 31.

69 Cf. M. K. Acúrcio, *ob. cit.*, p. 375.

- as **festas ligadas às divindades das colheitas** (Renenutet e Nepri) aquando da estação de Chemu<sup>70</sup>;
- o **aparecimento da lua nova**;
- a **celebração do último dia do ano** (*'rḫ rnp.t*)<sup>71</sup>;

#### 1.2.2.2.2 As festas reais

As denominadas festas reais eram celebrações relacionadas com a instituição real ou com acontecimentos políticos de importância, durante as quais o Faraó tinha um papel preponderante, destacando-se as seguintes:

- o **divino nascimento** e os **aniversários de vida do Faraó**<sup>72</sup>;
- a **entronização**<sup>73</sup>, constituída por um conjunto de rituais que tradicionalmente se realizavam em Mênfis, tinha, segundo José das Candeias Sales, uma dupla dimensão: o Faraó, escolhido pelas divindades, “assumia perante os seus súbditos humanos a responsabilidade de governar as Duas Terras”<sup>74</sup>. Havia dois episódios relevantes no que toca à cerimónia de entronização do Faraó: em primeiro lugar a subida ao trono, ou seja, a tomada de poder efectivo pelo novo Faraó logo após a morte do seu precedente e, em segundo lugar, a coroação, ou seja, as cerimónias festivas que decorriam setenta dias após o funeral do Faraó anterior, celebração esta que se tentava conjugar com um acontecimento cósmico relevante. Após a cerimónia de coroação o Faraó estava sacralizado e aclamado como duplo em si mesmo, ou seja, “perceível como ser humano, eterno como deus”<sup>75</sup>. No Período Ptolemaico, a cerimónia mais marcante deste acontecimento é o **Empossamento do Falcão Sagrado**<sup>76</sup> em Edfu, durante a qual um falcão, representando Hórus, era coroado como rei. Este festival era realizado aquando da coroação do rei e, depois, anualmente nos primeiros cinco dias do primeiro mês do Inverno (o 5º mês do ano egípcio), sendo este dia considerado, em termos mitológicos, o dia em que Hórus assumiu a coroa do país, abrindo, desta forma, um precedente para os seus sucessores como Reis do Egipto, considerados Hórus vivos, tornando-se este dia na data convencional da entronização<sup>77</sup>. Trata-se de um festival que, mais do que a coroação de uma ave sagrada, tinha como função primordial

70 Cf. *ibidem*, p. 375.

71 Cf. C. J. Bleeker, *ob. cit.*, p. 33.

72 Cf. M. K. Acúrcio, *ob. cit.*, p. 375.

73 Para a temática de entronização, destacamos o capítulo “La Coronación” da obra de H. Frankfort, *ob. cit.*, pp. 129 - 133.

74 J. C. Sales, “Coroação” in L. Araújo (Dir.), *ob. cit.*, p. 240.

75 *Ibidem*, p. 240.

76 “The Installation of the Sacred Falcon”, cf. B. Watterson, *op. cit.*, p. 97.

77 Cf. *ibidem*, p. 97.

permitir ao Faraó renovar os poderes que lhe foram conferidos aquando da sua coroação original<sup>78</sup>, reafirmando, assim, aquilo que Watterson chama de “princípio da realeza”<sup>79</sup>. No fim do primeiro dia de festival, realizavam-se grandes banquetes públicos, espalhando-se, dessa forma, a alegria e o entusiasmo pelo país inteiro;

- os **aniversários de reinado** do mesmo<sup>80</sup>, o denominado **Jubileu Real**, ou **hb sd**<sup>81</sup>, celebrado pela primeira vez 30 anos após o início do reinado do Faraó, celebração que estava relacionada com o rejuvenescimento, vitalidade e virilidade do Faraó. Esta celebração era constituída por diversas festividades, variando o espaço e o público-alvo, entre as quais se destaca a corrida de Ápis e o levantamento do pilar **djed**<sup>82</sup>, realizando-se, igualmente, nestas ocasiões os já referidos gigantescos banquetes públicos<sup>83</sup> que contavam com a participação do Faraó, e que eram servidos a nobres, oficiais, funcionários reais e a todo o povo que se juntava por baixo da “janela das aparições”, de que falaremos em seguida;
- a **morte e funeral do Faraó**, considerados a união do monarca com o seu pai Ré e motivo de celebração, além de ser o momento oficial que antecedia a entronização do Faraó seguinte<sup>84</sup>.

Existiam outras festividades públicas de carácter político e, por isso mesmo, associadas ao rei, destacando-se, neste grupo, as festas relacionadas com os **rituais de fundação dos templos** (cerimónias de “estender a corda”), com o início de importantes **projectos de construção** e com a **celebração de vitórias sobre inimigos** do Egípto<sup>85</sup>.

### 1.2.2.2.3 As festas religiosas

As festas religiosas, ou festivais<sup>86</sup>, eram, basicamente, actualizações de um conceito mítico<sup>87</sup>, aquilo que Mircea Eliade denomina de “(...) utilização indefinida de um tempo mítico *tornado presente*”<sup>88</sup>, e constituíam o grosso das festividades egípcias, abarcando o **culto dos mortos**, os **aniversários de nascimento das divindades** (que se podiam realizar nos dias epagómenos, ou seja, nos cinco dias adicionais do calendário considerados

78 Cf. *ibidem*, p. 97.

79 *Ibidem*, p. 97.

80 Para a temática do Jubileu Real, destacamos o capítulo denominado de “El Ceremonial del Rey: el Festival de Sed” incluído na obra de H. Frankfort, *ob. cit.*, pp. 103 - 112.

81 Referido igualmente por diversos autores como festival-*sed*.

82 Cf. M. K. Acúrcio, *ob. cit.*, p. 375.

83 Cf. S. Ikram, *ob. cit.*, p. 163.

84 Cf. M. K. Acúrcio, *ob. cit.*, p. 375.

85 Cf. *ibidem*, p. 375.

86 Tal como teremos oportunidade de aprofundar no segundo capítulo desta investigação, a maioria dos festivais e banquetes públicos realizava-se, ou pelo menos começava, de dia, cf. S. Ikram, *ob. cit.*, p. 163.

87 Cf. C. J. Bleeker, *ob. cit.*, p. 39.

88 M. Eliade, *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edição Cosmos, 1977, p. 464. Salientamos as páginas seguintes onde aborda a questão do tempo mítico e sua repetição cultural.

como nefastos) e os **demais acontecimentos ligados à mitologia egípcia**, cujas referências chegaram até nós, maioritariamente, através das inscrições dos já referidos “calendários de festivais” que, originalmente, serviam para indicar os momentos sagrados em que a divindade se revelava e mostrava a sua vontade ao povo, momentos estes considerados pelo homem como ocasiões dignas de celebração<sup>89</sup>.

Ao entrarmos numa análise, mesmo que breve e não muito aprofundada, da religião e do culto nesta civilização, convém termos presente a complexa concepção mental da época no que toca a estas duas vertentes. Assim, e de acordo com Bleeker na sua obra *Egyptian Festivals. Enactments of Religious Renewal*, devemos assumir como propósito religioso primordial desta civilização, a renovação, o renascimento e o rejuvenescimento da vida divina, do cosmos, da comunidade e do indivíduo, só alcançadas através de rituais cultuais<sup>90</sup> que tinham conotações mágicas, dentro dos quais se inserem os festivais egípcios e cuja função, segundo este autor, seriam de “enactments of religious renewal”<sup>91</sup>. De uma forma geral, os festivais religiosos permitem, para além de uma função prática de fuga à “monotonia” do dia a dia, um sentimento de alegria, de êxtase e de liberdade ao homem, tornando-se este num participante activo de um ou vários momentos de curta ou longa duração, em que o Sagrado se mostra e permite ao comum dos mortais retroceder à verdade primordial da sua fé<sup>92</sup>.

Através da bibliografia referente aos festivais religiosos e aos seus cultos, verificamos que, com o tempo, os rituais festivos foram adquirindo um novo valor religioso e um diferente significado, deixando de ter a sua função original, embora, simbolicamente, fossem realizados com a função de repetirem o acto mítico de uma forma mágica, salvaguardando-se, desta forma, a ordem cósmica primordial<sup>93</sup>.

Observámos, da mesma forma, a existência da ideia entre alguns autores<sup>94</sup> de que certos cerimoniais, executados aquando das festividades religiosas, apresentavam indícios característicos do “drama”, através de indicações cénicas, estando, neste campo, o mito e o ritual profundamente associados<sup>95</sup>.

Todo o deus do panteão egípcio, até o menos importante, era ocasionalmente honrado com um festival<sup>96</sup>, destacamos, dentro da grande diversidade de festas associadas

89 Cf. C. J. Bleeker, *ob. cit.*, p. 23.

90 Cf. *ibidem*, p. 22.

91 “Enactments of religious renewal”, cujo significado aqui se prende com a caracterização dos festivais egípcios como uma forma através da qual se alcançava a renovação religiosa, cf. *ibidem*, p. 22.

92 Cf. *ibidem*, p. 23.

93 Cf. *ibidem*, p. 25.

94 No que concerne ao carácter dramático dos festivais egípcios, saliente-se as obras de C. J. Bleeker, *ibidem*, pp. 40 - 43 e de L. B. Mikhail, *Dramatic Aspects of the Osirian Khoiak Festival*, Uppsala, s. e., 1983.

95 Cf. C. J. Bleeker, *ob. cit.*, pp. 40 - 41.

aos vários deuses e cultos egípcios, as seguintes celebrações de carácter religioso que considerámos mais importantes<sup>97</sup>:

- a **“Festa Opet”**, durante a qual o deus Amon deixava o seu templo em Karnak e viajava para sul, até Luxor, ou o “Harém do Sul” (*Ipet-resit* ou *Opet*)<sup>98</sup>;
- a **“Festa do Vale”**, durante a qual o deus Amon visitava a parte ocidental de Tebas, ou seja, a terra destinada aos mortos<sup>99</sup>. Abordaremos mais à frente esta fetividade;
- O **“Festival de Sokaris”**<sup>100</sup> que, de acordo com a pedra de Palermo<sup>101</sup>, ocorria desde os tempos primordiais da História do Antigo Egipto, continuando até ao período Ptolemaico. No Império Novo, este festival realizava-se, provavelmente, em dois festivais distintos, nomeadamente a 27 Mechir (o segundo mês da segunda estação, *pr.t*) e a 26 Khoiak (o quarto mês da primeira estação, *3ht*)<sup>102</sup>, sendo este último o mais importante, decorrendo num ciclo de dez dias, desde 21 a 30 de Khoiak. O festival era constituído pelos seguintes momentos: no 21º dia de Khoiak realizava-se a “abertura da janela do santuário de sokaris”<sup>103</sup>; no 22º dia, o festival de “breaking open the earth”<sup>104</sup>; no 23º dia, uma procissão no santuário de Sokaris<sup>105</sup>; no 24º dia realizava-se a celebração da “colocação de Sokaris entre os mortos”<sup>106</sup>; no 25º dia, o “festival *ntj.t*”<sup>107</sup> e no 26º dia o “festival de Sokaris”<sup>108</sup>, propriamente dito, altura em que a barca deste deus era arrastada pelo Faraó<sup>109</sup> num circuito à volta dos muros do templo de Medinet Habu, como se pode verificar nos relevos presentes nas paredes deste templo. Nos dias seguintes e, também, nos anteriores, realizavam-se oferendas a Ptah-Sokaris-Osiris<sup>110</sup> e, por último, no 30º dia erguia-se o pilar *djed*<sup>111</sup>.

Em Medinet Habu encontramos as mais detalhadas descrições iconográficas deste festival, além de textos referindo as personagens intervenientes nesta celebração e as palavras rituais que deveriam ser invocadas pelos deuses, Faraó e sacerdotes, embora

96 Cf. *ibidem*, p. 29.

97 Cf. S. Sauneron, “Fêtes” in G. Posener (Dir.), *ob. cit.*, pp. 116 – 117.

98 Cf. M. K. Acúrcio, *ob. cit.*, p. 375.

99 Cf. *Ibidem*, pp. 375 - 376.

100 Cf. H. Frankfort, *ob. cit.*, p. 128.

101 A pedra de Palermo referencia este festival cinco vezes, duas das quais o associa à fundação de um edifício importante, um templo ou um palácio, e em três refere-se ao “aparecimento” do rei, cf. C. J. Bleeker, *ob. cit.*, p. 68.

102 Cf. *ibidem*, p. 70.

103 Cf. *ibidem*, p. 83.

104 Ou “breaking open the ground”, *ibidem*, pp. 70 e 83.

105 Cf. *ibidem*, p. 83.

106 Cf. *ibidem*, p. 83.

107 Cf. *ibidem*, p. 83.

108 Cf. *ibidem*, p. 83.

109 Cf. *ibidem*, p. 86.

110 Cf. *ibidem*, p. 83.

111 Cf. *ibidem*, p. 83.

não existam descrições dos rituais efectuados no decorrer das cerimónias<sup>112</sup>, o que, segundo Bleeker, revela a elevada importância deste festival na vida dos antigos egípcios que, “(...) did not bother to leave a clear description of it for prosperity”<sup>113</sup>. Embora não seja fácil enquadrar e definir a função deste festival podemos, muito sinteticamente, caracterizá-lo como uma celebração associada ao trabalho nos campos, que começavam na estação de Sokaris, podendo ligar-se esta celebração, assim, aos conceitos de renovação e de purificação<sup>114</sup> não só do próprio deus, mas também do defunto, aqui relacionado com a viagem efectuada pela barca de Sokaris<sup>115</sup>;

- a **“Festa da União Feliz”**<sup>116</sup> ou **“Boa Reunião”** que celebrava o casamento da deusa Hathor de Dendera com o deus Hórus de Edfu que, segundo Barbara Watterson<sup>117</sup>, seria uma das poucas festas populares celebrada fora do recinto dos templos, aos olhos de toda a população do Alto Egipto, que louvava este momento de paz e festa<sup>118</sup>. Esta festa era celebrada em Edfu no terceiro mês de Verão (o 11º mês do ano Egípcio), começando no dia de Lua Nova e acabando quinze dias depois, no dia de Lua Cheia, embora as datas variassem consoante o ciclo lunar.

As cerimónias preliminares iniciavam-se em Dendera catorze dias antes da Lua Nova, quando a estátua de Hathor saía do templo para começar a sua jornada em direcção a Edfu, passando por várias cerimónias, tais como a oferta simbólica dos primeiros frutos dos campos, até ser colocada na barca sagrada rumo ao seu destino, na companhia de sacerdotes, sacerdotisas e altos dignitários da cidade de Dendera. Durante a viagem, a deusa visitava templos de outras divindades<sup>119</sup>, só chegando a Edfu na tarde do dia de Lua Nova. Após a sua chegada, ambas as estátuas eram levadas para um santuário onde eram realizados vários rituais, entre os quais se destaca a cerimónia de “Abertura da Boca”.

Acabados os ritos e oferendas, as estátuas eram colocadas nas suas respectivas barcas e seguiam por um canal até um palco situado nas proximidades do templo de Hórus, havendo antes disso uma paragem no “Túmulo de Geb” onde a cerimónia da “Abertura da Boca” era repetida e outros rituais apropriados eram efectuados. Ao chegarem, por fim, ao palco, os noivos entravam no templo pela porta principal, à medida que eram entoados hinos que davam as boas vindas a ambos.

112 Cf. *ibidem*, pp. 81 - 82.

113 *Ibidem*, p. 86.

114 Cf. *ibidem*, p. 87.

115 Cf. *ibidem*, p. 88.

116 “The joyous union”, cf. B. Watterson, *op. cit.*, p. 105.

117 Cf. *ibidem*, p. 105.

118 Segundo a autora, nesta altura nem os crocodilos do Nilo se atreviam a atacar, cf. *ibidem*, p. 106.

119 O que fazia com que o percurso de 180 km demorasse 14 dias, cf. *ibidem*, p. 106.

O resto do ritual permanece um mistério, pressupondo-se que não haveria uma cerimónia de casamento, propriamente dita, e que os noivos passariam a noite de núpcias no *Mammisi*. Por essa ocasião a população tinha uma noite de festa, com bebida e comida oferecida pelo templo, exteriorizando, desta forma, as qualidades da própria deusa Hathor, considerada a deusa da alegria, da dança, do álcool, da embriaguez e do êxtase.

Na madrugada no segundo dia de festividades, passava-se para o Festival de Behdet<sup>120</sup>, sendo que os noivos e a sua comitiva (sacerdotes, altos dignatários da cidade, população, entre outras pessoas) eram levados numa procissão pelo deserto até ao cemitério de Behdet, onde eram cantados hinos e feitas oferendas em nome de Hórus e Hathor. Em seguida, a procissão reformava-se rumo à Casa da Vida<sup>121</sup> para novos rituais, tais como o sacrifício de um boi e de uma cabra vermelha, cor da má sorte associada a Set, ritual seguido pelo libertar de quatro gansos que iriam espalhar a notícia de que Hórus havia tomado posse da Coroa Branca do Alto Egipto e da Coroa Vermelha do Baixo Egipto e pelo lançamento de setas para os quatro cantos do mundo por um sacerdote denominado “o Filho Amado”. Os ritos subsequentes tinham uma natureza profiláctica e eram relacionados com a protecção do rei, do Egipto e do seu povo: hipopótamos e peixes, que representavam os inimigos do faraó, eram simbolicamente destruídos e o faraó (e através dele o seu povo) magicamente protegido. A partir do 5º dia de festividades as fontes começam a rarear, podendo basear-se a sua explicação no facto destas festividades serem diminutas a partir desta altura relativamente aos primeiros dias. Finalmente, no 14º dia do Festival de Bedhet, Hathor regressa a Dendera, sua casa;

- Os “**Festivais Osiríacos**” que, de acordo com os textos presentes no templo ptolemaico de Dendera, eram celebrados no mês de Khoiak;
- O “**Festival de Min**”, o deus de Koptos, celebrado em Medinet Habu;
- O “**Festival da Vitória**”, celebrado entre o 21º e o 25º dia do segundo mês do Inverno, ou seja, o 6º mês do ano egípcio. Segundo os três textos que formam o denominado *Mito de Hórus*, gravado nas paredes ocidentais do muro de vedação do templo de Edfu<sup>122</sup>, este festival consistia, hipoteticamente, em dois momentos distintos, sendo o primeiro aquele onde se celebrava o triunfo de Hórus sobre Seth e a

120 *Behdet* que em egípcio quer dizer “assento” ou “trono”, cf. *ibidem*, p. 45.

121 Apenas no primeiro dia, pois nos seguintes as cerimónias (idênticas) eram celebradas em outros cenários, cf. *ibidem*, p. 108.

122 O intitulado *Triunfo de Hórus sobre os seus Inimigos*, *A Lenda do Disco Alado* e, por fim, um texto mais pequeno que serviria de uma espécie de *Apendix* do segundo, cf. *ibidem*, p. 113.

sua coroação como Rei do Alto e do Baixo Egípto e um segundo momento constituído por um ritual de protecção, cujo objectivo seria enfatizar a capacidade suprema deste deus como protector do Faraó. Segundo Barbara Watterson<sup>123</sup> não se conhecem as cerimónias e os rituais associados a este festival, mas presume-se a existência de, pelo menos, estes dois momentos que serviriam para “ensure the protection of the King and his triumph over his enemies, to secure for him, and therefore for Egypt, a prosperous reign, and to provide him with a written spell powerful enough to overcome all threats and dangers”<sup>124</sup>;

- Os **festivais realizados em honra dos mortos**, que eram, muitas vezes, associados às festividades dos deuses, como o Festival de Sokaris. Os rituais associados ao culto funerário e realizados perante os mortos, ou suas estátuas, tinham uma ampla conotação mágica, na medida em que todo o cerimonial a eles associado estava intrinsecamente relacionado ao sobrenatural, destacando-se, neste contexto, a “palavra”<sup>125</sup> que acompanhava estes cerimoniais, como um veículo propiciador de efeito mágico e de encantamento<sup>126</sup>.

### 1.2.2.3 O espaço físico

Tal como vimos aquando da enumeração das festas públicas acima efectuada, a maior parte destas festividades realizava-se em recintos ou espaços públicos, abertos à maioria da população, para que esta pudesse ser um elemento interveniente nestes acontecimentos tão importantes na vida religiosa e política do estado. Existiam, contudo, rituais ou cerimónias específicas que eram vedadas à maioria da população, sendo estas, na sua maioria, reservadas, como já referimos, ao Faraó e à sua família, a certos altos funcionários do Estado e aos sacerdotes. Todas estas festas se realizavam num espaço físico particular que variava consoante o tipo de festa em causa, o público-alvo e os intervenientes.

#### 1.2.2.3.1 As praças centrais e a rua

No Império Novo, as cidades (*niwt*) ditas reais<sup>127</sup> eram, de uma forma geral, discretas organizações urbanas perfeitamente inseridas no contexto físico e toponímico da

<sup>123</sup> Cf. *ibidem*, p. 113.

<sup>124</sup> *Ibidem*, p. 121.

<sup>125</sup> A designada “palavra criadora”, cf. C. J. Bleeker, *ob. cit.*, p. 44.

<sup>126</sup> Cf. *ibidem*, p. 44.

<sup>127</sup> As cidades reais eram, segundo Lacovara, comunidades artificiais de curta duração (geralmente eram abandonadas algum tempo após a morte do soberano fundador), em contraste com as denominadas cidades “orgânicas”, cf. P. Lacovara, *The New Kingdom Royal City*, London and New York, Kegan Paul International, 1997, p. 74.

região, jogando a sua planificação com os declives, as zonas planas e todos os recursos naturais do local em questão. As cidades obedeciam a funções utilitárias e simbólicas que combinavam a existência de residências reais, oficiais e religiosas, com os aglomerados habitacionais da restante população<sup>128</sup>, conforme podemos verificar nos exemplos arqueológicos de Malkata, Gurob, Deir el-Ballas e, principalmente, Tell el-Amarna (*vide* Fig. 33).

Segundo Lacovara<sup>129</sup>, embora a sua configuração possa variar espacialmente, as cidades obedeciam a um plano organizacional linear, havendo estruturas *standard* que as caracterizavam<sup>130</sup>, entre as quais destacamos o palácio real e os seus espaços adjacentes (de que falaremos em seguida); os templos; as oficinas e as residências particulares, cujo tamanho podia variar entre pequenas estruturas e grandes e elaboradas *villas*, mais ou menos afastadas do centro político representado pelo palácio. De acordo com uma interessante teoria de Lynch<sup>131</sup>, a cidade egípcia do Império Novo conjugava três modelos normativos urbanos que englobavam uma cidade cósmica ou divina, representada pelo palácio real e pelos templos; uma cidade “prática”, onde se inseriam as habitações / vilas operárias, padarias, celeiros, armazéns e edifícios oficiais e, por fim, a cidade orgânica, ou seja, a malha suburbana, “a living organism, growing in a natural “unplanned” way”<sup>132</sup>. Por seu turno, Hornung considera que “while they eschewed complete symmetry, the Egyptians also avoided the opposite extreme of sheer randomness and the dissolution of all order. Their ideal was to follow a middle course of lively yet carefull deviation from a set pattern – and that ideal was closely related to their notion of ongoing regeneration”<sup>133</sup>.

Partindo do exemplo de Tell el-Amarna (*vide* Fig. 33), considerada pelos especialistas como a única cidade disponível para estudo uma vez que, ao ser abandonada, não foi sujeita a novas construções por cima dos seus alicerces originais<sup>134</sup>, podemos afirmar que existiam grandes praças centrais e largas ruas no centro das cidades onde, possivelmente, se juntava a população e se celebravam as grandes festividades públicas nacionais.

### 1.2.2.3.2 Os pátios exteriores do Palácio

128 Cf. *ibidem*, p. 68.

129 Cf. *ibidem*, pp. 68 - 75.

130 Cf. *ibidem*, pp. 68 – 70.

131 Cf. K. Lynch, *A Theory of Good City Form*, Cambridge, Massachusetts, M.I.T. Press, 1989 in P. Lacovara, *ob. cit.*, p. 74.

132 *Ibidem*, p. 74.

133 E. Hornung, *ob. cit.*, p. 82.

134 Cf. W. S. Smith, “The New Kingdom” in *The Art and Architecture of Ancient Egypt*, New Haven and London, Yale University Press, 1998, p. 182.

O palácio real egípcio, denominado de *d3dw1*<sup>135</sup> que, segundo Rainer Stadelmann, estava intrinsecamente associado ao conceito de divina natureza do rei e ao aspecto cosmológico do domínio real<sup>136</sup>, é uma estrutura arquitectónica do qual raros exemplos nos chegaram<sup>137</sup>. A causa para este fenómeno deve-se não só ao facto de muitas destas estruturas terem ficado submersas sob terras cultivadas ou até sido destruídas devido à realização de construções posteriores, mas também, e principalmente, graças ao tipo de materiais perecíveis utilizados aquando da sua construção, nomeadamente a madeira e os tijolos de argila<sup>138</sup>. O termo “palácio” era utilizado no Antigo Egipto para designar diferentes tipos de estruturas arquitectónicas: qualquer edifício de dimensões consideráveis onde o rei ou os membros da família real residissem, nem que fosse por curtos períodos de tempo<sup>139</sup>; era também aplicado a edifícios de carácter meramente simbólico ou ritual, associados aos templos funerários do Império Novo<sup>140</sup> (como o Ramesseum em Medinet Habu) e, por fim, era utilizado para designar os edifícios onde se realizavam recepções e cerimónias oficiais<sup>141</sup>. Sendo considerado o edifício mais importante da cidade real, o palácio, para além de residência real, era não só o centro da comunidade, mas também a base da sua existência, devido à sua importância funcional e simbólica<sup>142</sup>.

Do Império Novo<sup>143</sup> destacam-se os vestígios arqueológicos dos palácios de Akhenaton (1352 – 1336 a. C.), em Amarna, de Ramsés III em Medinet Habu (*vide* Fig. 34), de Merenptah (1213 – 1203 a. C.), em Mênfis, e de Amenhotep III (1390 – 1352 a. C.), em Malkata<sup>144</sup>, este último permitindo-nos ter uma ideia mais rigorosa de como seriam as habitações reais de grandes dimensões. Assim, sabemos que no interior da área deste palácio delimitada por um muro, com cerca de 350 000 m<sup>2</sup><sup>145</sup>, existiam, para além de uma praça central, diferentes edifícios administrativos e residenciais<sup>146</sup>; um edifício para

---

135 Cujá tradução é, segundo Stadelmann, “columned hall of appearance” ou “casa da aparição com colunas”, cf. R. Stadelmann, “Palaces” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 3, p. 15.

136 Cf. *ibidem*, p. 13.

137 No contexto arqueológico é de salientar não só as estruturas arquitectónicas descobertas e escavadas, mas, também, os fragmentos de estuque e de ladrilhos de faiança recuperados e provenientes do chão, das paredes e dos tectos destes palácios, que comprovam a existência de pinturas e baixos-relevos com elementos iconográficos variados, cf. I. Shaw; P. Nicholson, “Palace” in *BMDAE*, Egypt, The American University in Cairo Press, 2002, p. 217.

138 Cf. *ibidem*, p. 216.

139 Cf. *ibidem*, p. 216.

140 Aquilo que Stadelmann denomina de “temple palaces”, ou palácios do templo, que seriam, provavelmente, palácios reais de dimensões mais pequenas localizados nas imediações dos templos, para uso do Faraó no Além e habitados por estátuas do Faraó deificado, não sendo residências reais temporárias para utilização da família real aquando dos festivais Tebanos, como se pensou durante algum tempo, cf. R. Stadelmann, *ob. cit.*, pp. 16 - 17.

141 Como o “Grande Palácio” de Amarna / Akhenaton e o palácio de Seti I em Qantir, cf. I. Shaw; P. Nicholson, *ob. cit.*, p. 216.

142 Cf. P. Lacovara, *ob. cit.*, p. 24.

143 Cf. I. Shaw; P. Nicholson, *ob. cit.*, p. 216 – 217.

144 Cf. R. Stadelmann, *ob. cit.*, p. 13.

145 Cf. *ibidem*, p. 15.

audiências; templos em honra dos deuses e do monarca; um extenso largo artificial que serviria como porto para a frota real; um local de lazer e entretenimento para a rainha Tiye; uma sala do trono; estruturas de apoio, nomeadamente cozinhas, armazéns, adegas e oficinas; a “janela das aparições”, localizada na fachada do edifício principal<sup>147</sup> e, por fim, um pátio que, presume-se, serviria de palco para as celebrações do jubileu real.

Para além das já referidas praças centrais e ruas da cidade, as festas reais seriam realizadas nestes pátios exteriores, no “festival hall”<sup>148</sup> perto do templo e sob a “janela das aparições”<sup>149</sup>, utilizada por parte do soberano e de sua família como forma de aproximação do Faraó aos seus súbditos, nomeadamente aquando dos já referidos banquetes públicos realizados nas celebrações do Jubileu Real ou *hb sd*.

### 1.2.2.3.3 Os Templos

É quase impossível traçar uma breve caracterização aquitectónica dos templos egípcios, pois estamos perante estruturas de uma complexidade imensa, não só a nível concepcional e religioso, mas também a nível espacial, dado a sua dimensão e a sua distribuição física. Assim, não pretendemos fazer uma abordagem extensiva no que concerne à organização espacial destes locais sagrados, propondo-nos, apenas, salientar as zonas onde, por norma, seriam realizados os festivais religiosos. Antes de mais, convém realçar que o templo egípcio não era um local de oração ou de reunião para crentes que pretendiam alcançar conforto, paz espiritual ou o perdão divino pelos pecados cometidos, como muitas vezes caracterizamos, actualmente, as igrejas dos diferentes credos religiosos, estando nesta altura a maioria dos seus espaços vedados à população do país que só acedia visualmente à estátua divina em certas ocasiões festivas<sup>150</sup>. O templo era, sobretudo, um local de celebração cultural periódica reservada apenas aos sacerdotes e ao Faraó<sup>151</sup>.

Segundo a descrição de Malheiro, o templo era constituído por uma série de vias processionais (sendo a via exterior ao templo ladeada por esfinges) que, percorridas na sua totalidade, iam permitindo uma aproximação gradual à imagem da divindade presente no recôndido e fechado santuário<sup>152</sup>, privilégio interdito ao comum dos mortais. Da mesma forma, estas vias serviriam de “(...) enquadramento para as festividades religiosas, que

146 Não só para a família real e harém do faraó, que se presume residirem numa espécie de terraços construídos na colina acima do lado artificial, mas também para os altos funcionários do Estado, cf. *ibidem*, p. 15.

147 “Window of appearances”, cf. I. Shaw; P. Nicholson, *ob. cit.*, p. 216; R. Stadelmann, *ob. cit.*, pp. 16 - 17.

148 Cf. W. S. SMITH, *ob. cit.*, p. 161.

149 Também utilizada pelo Faraó para recepções oficiais, condução de diversas cerimónias e distribuição de recompensas pelos seus mais fiéis funcionários, cf. I. Shaw; P. Nicholson, *ob. cit.*, p. 217.

150 Cf. P. Malheiro, “Templo” in L. Araújo (Dir.), *ob. cit.*, p. 811.

151 Cf. *ibidem*, p. 811.

152 Cf. *ibidem*, p. 810.

habitualmente se traduziam no transporte da estátua do deus ou da deusa, carregada numa barca, de um templo para o outro, no âmbito de cortejos festivos”<sup>153</sup>. Após a passagem pelos enormes *pilones*, estas vias a céu aberto conduziam, de uma forma ascensional, aos pátios exteriores do templo e às salas hipóstilas, que culminavam no *kbem-sekbem* ou “o lugar que não se deve conhecer”<sup>154</sup>. De salientar, porém, que para além dos pátios exteriores e das já referidas vias processionais, acessíveis à população em geral, a comemoração popular das grandes festividades religiosas do país tinha lugar nas ruas das cidades e, principalmente, nas bairros ou aglomerados populacionais das comunidades trabalhadoras e mais pobres da população.

### 1.2.3 A “festa privada”

#### 1.2.3.1 Conceito de “festa privada”

Os antigos egípcios encontram-se entre os primeiros a, segundo Lionel Casson<sup>155</sup>, “(...) develop the art of gracious living, the first to relish the joys of a comfortable and well-appointed home and of the activities that could be carried on in it”. É neste contexto que se inserem as designadas “festas privadas” realizadas, pontualmente, no quotidiano egípcio dentro do espaço familiar ou comunitário, destinadas a um público restrito. É este o tipo de festas sobre o qual a nossa investigação vai incidir maioritariamente, principalmente no que diz respeito aos “banquetes privados” da alta sociedade.

De uma forma geral, estamos a referir-nos a momentos de lazer que marcavam importantes acontecimentos da vida social egípcia, servindo não só para celebrar a vida (neste contexto falamos de acontecimentos como os nascimentos, os casamentos e os aniversários), mas também a morte, variando o espaço e o tipo da comemoração consoante a classe social em causa.

#### 1.2.3.2 Tipologia de “festa privada”

De acordo com a nossa investigação, podemos identificar três tipos distintos de “festas privadas”:

- As festas populares;
- Os funerais;
- Os banquetes privados.

---

<sup>153</sup> *Ibidem*, p. 810.

<sup>154</sup> Cf. *ibidem*, p. 811.

<sup>155</sup> L. Casson, *Everyday Life in Ancient Egypt*, Baltimore and London, The Johns Hopkins University Press, 2001, p. 42.

### 1.2.3.2.1 As festas populares nos bairros operários

As festas realizadas no seio das comunidades mais pobres, nomeadamente nos bairros operários. Tomando como exemplo o caso de Deir el Medinah<sup>156</sup>, podemos verificar que as principais festas deste estrato social eram as já referidas “festas públicas”, grandes acontecimentos religiosos, políticos e económicos que podiam durar vários dias e que eram constituídos por rituais diversificados. Estes acontecimentos espalhavam a euforia e a alegria pelo país, havendo, no entanto, e segundo Della Monica, registo de certas festividades e celebrações populares que eram vivenciadas entre a classe trabalhadora, junto das suas respectivas famílias, e que se caracterizavam pela sua longa duração (por vezes quatro dias) e pelos excessos, nomeadamente a indulgência no consumo de bebidas. Destacam-se as seguintes celebrações populares<sup>157</sup>:

- a celebração de uma determinada tarefa profissional considerada difícil, como o transporte de um colosso;
- a festa celebrada aquando da subida ao trono de um novo soberano, durante a qual eram distribuídos alimentos e vestuário pela população;
- as festas relacionadas com os cultos privados e pessoais das populações, como dos mortos, muitas vezes precedidas de procissões.

Nos bairros operários existiam capelas votivas construídas fora do perímetro dos muros, geralmente a sudeste do bairro que, para além da sua função arquitectónica e religiosa de capelas funerárias, eram, geralmente, constituídas por estruturas domésticas, nomeadamente cozinhas e bancos, sendo possivelmente aqui que as comunidades se reuniam nos dias festivos<sup>158</sup>. À semelhança do que acontecia nos banquetes privados, também a música, o canto e a dança faziam parte da festa destas populações<sup>159</sup>. Nestes acontecimentos festivos, à parte da bebida, a dança era uma fonte de prazer, de descontração e a distracção principal destas gentes, que chegavam a estar nove dias fora de casa a trabalhar nas grandes construções do Faraó<sup>160</sup>.

---

<sup>156</sup> Como exemplos do Império Novo salientemos, para além de Deir el-Medinah, os seguintes bairros operários: cidade de Ahmose em Abydos; a “Cidade do Norte” em Malkata; Deir el-Ballas e Tell el-Amarna. De salientar que a denominação de “bairro operário” designa um conjunto de pequenas habitações muradas contíguas, cujo perímetro era delimitado por um muro, sendo, na maior parte das vezes, organizados segundo um plano ortogonal. Diferiam ligeiramente umas das outras, tendo, contudo, no essencial o mesmo tipo de distribuição espacial, servindo, na maior parte dos casos, para albergar os trabalhadores das grandes construções do Faraó. Aquando da finalização das mesmas, estes bairros eram abandonados e, posteriormente, reocupados por outro tipo de comunidades, cf. P. Lacovara, *ob. cit.*, pp. 47 – 51.

<sup>157</sup> Cf. D. Monica, *La Classe Ouvrière sous les Pharaons. Étude du Village de Deir el Medineh*, Paris, Librairie d’Amérique et d’Orient, 1980, p. 159.

<sup>158</sup> Cf. P. Lacovara, *ob. cit.*, p. 51.

<sup>159</sup> Cf. D. Monica, *ob. cit.*, p. 55.

<sup>160</sup> Cf. *ibidem*, p. 157.

Evidentemente, nestas festas não se verificavam as preocupações relacionadas com o requinte que veremos nos “banquetes privados” dos nobres, nem preocupações excessivas com a indumentária utilizada pelas senhoras, predominando aqui um ambiente desprezioso e natural. A festa era, para este estrato da população, simplesmente uma forma de convívio e de celebração dos bons momentos da vida junto daqueles que faziam parte dela.

#### 1.2.3.2.2 Os funerais

Outro tipo de festa particular era aquela em que era celebrada a viagem do defunto para o Além. Este acontecimento, que encerra em si uma complexidade extrema pois é a base de sustentação da mentalidade cultural egípcia, era considerada a etapa mais marcante na existência de um indivíduo, sendo preparada com muita antecedência e com todo o rigor. No Antigo Egito a morte era encarada, apenas, como “uma mudança de estado”<sup>161</sup>, continuando a existência do morto agora numa outra realidade, melhor do que a terrena<sup>162</sup>. De uma forma genérica podemos afirmar que esta crença na eternidade e na sobrevivência da alma no Além revela o amor pela vida terrena<sup>163</sup>.

O túmulo seria o local em que o mundo dos mortos e o mundo dos vivos se tocavam, sendo aí que “(...) rodeado pelas recordações e pelos seus objectos, o defunto levava uma existência análoga à que vivera sobre a terra, sofrendo as mesmas necessidades e gozando dos mesmos prazeres”<sup>164</sup>. Para o homem egípcio “(...) morrer é atingir a imobilidade, a invariabilidade, é estabelecer-se num mundo regido por três dimensões, onde o tempo foi excluído”<sup>165</sup>.

O funeral pode ser, então, considerado uma festa privada, pois celebra a passagem do *ka* do defunto para a Duat, sendo um ritual de passagem da maior importância. Não se sabe ao certo a verdadeira ordem dos elementos realizados durante a celebração do funeral, sabendo-se, somente, o tipo de rituais realizados em, pelo menos, seis fases distintas do cerimonial<sup>166</sup>. A fase inicial do funeral consistiria, provavelmente, no “(...) luto na casa do defunto, à volta do leito fúnebre, numa cena de dor que era dominada pelo aflitivo choro das carpideiras profissionais”<sup>167</sup>. Seguia-se a saída do sarcófago de casa do defunto,

---

161 R. Ferreira de Sousa, “Morte” in L. Araújo (Dir.), *ob. cit.*, p. 584.

162 Cf. *ibidem*, p. 584.

163 Cf. *ibidem*, p. 585.

164 *Ibidem*, p. 584.

165 *Ibidem*, p. 584.

166 Ao contrário das quatro fases defendidas por Luís Araújo, cf. L. M. Araújo, “Funerais” in L. Araújo (Dir.), *ob. cit.*, p. 384.

167 *Ibidem*, p. 384.

acontecimento acompanhado por uma procissão dentro da qual se destaca a presença de um grupo de sacerdotes que incluíam um sacerdote *stm* e um *jmj-ḥnt*, elementos masculinos que “escoltavam” os vasos canopos, carpideiras e elementos do sexo masculino que transportavam o mobiliário e alguns bens do defunto a serem colocados no interior da sua última morada<sup>168</sup>. Dava-se, depois, início à sua viagem pelo Nilo até ao local de mumificação do corpo, em egípcio *sh ntr Jnpw* ou a “tenda divina de Anúbis”<sup>169</sup>, para um processo que demorava cerca de 70 dias. Durante a travessia duas mulheres desempenhavam os papéis de Ísis e Néftis<sup>170</sup>, seguindo à volta da barca principal “(...) outras embarcações com a família do defunto, os amigos, as carpideiras”<sup>171</sup> e os pertences do morto.

Findo o período da mumificação os familiares do defunto recolhem o corpo e dedicam-se a uma série de actos e rituais que correspondem à noção moderna de “funeral”<sup>172</sup>. Começa-se o cerimonial com uma procissão por barco até à *j’bt wsht*, a grande casa da purificação<sup>173</sup>, passando o cortejo fúnebre, com o sarcófago ou a estátua do defunto, por inúmeros locais até chegar ao seu túmulo, nomeadamente por Sais, Buto, Heliópolis e Abidos<sup>174</sup>. Chegados à margem ocidental dá-se a fase final do funeral, que começava com o reinício do cortejo fúnebre sendo o sarcófago colocado num trenó de madeira que era puxado por vacas pelas areias do deserto até à necrópole tebana<sup>175</sup>. Quando o cortejo chegava ao túmulo iniciavam-se as cerimónias finais. Segundo Rogério Ferreira de Sousa, grande parte do culto funerário destinava-se a “(...) garantir o acesso ao uso dos bens essenciais à vida, a água, o ar e o alimento, necessário ao *ka* (força vital e sexual)”<sup>176</sup>. Desta forma, primeiro realizavam-se os rituais praticados pelos sacerdotes, nomeadamente a queima de incensos<sup>177</sup>, libações<sup>178</sup> e alguns episódios da denominada cerimónia da Abertura da Boca, seguindo-se a despedida da esposa do defunto (*vide* Fig. 32) e o ritual de puxar do sarcófago vazio<sup>179</sup> para trás e para a frente por um sacerdote *ka* (*hemu-ka*), que o colocava a norte, e pelo embalsamador, que o colocava a sul<sup>180</sup>. Por último, a múmia, o sarcófago, o *tekenu* e a arca canópica (que continha os quatro vasos

168 Cf. A. M. Roth, “Funerary Ritual” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 1, p. 578.

169 Cf. *ibidem*, p. 578.

170 Cf. L. M. Araújo, *ob. cit.*, p. 384.

171 Cf. *ibidem*, p. 385.

172 Cf. J. Taylor, *Death & the Afterlife in Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 2001, p. 187.

173 Cf. A. M. Roth, *ob. cit.*, p. 578.

174 Cf. *ibidem*, pp. 578 - 579.

175 Cf. L. M. Araújo, *ob. cit.*, p. 385.

176 R. Ferreira de Sousa, *ob. cit.*, p. 584.

177 Cf. A. M. Roth, *ob. cit.*, p. 579.

178 Cf. *ibidem*, p. 579.

179 E o denominado *tekenu*, cf. *ibidem*, p. 579.

180 Cf. *ibidem*, p. 579.

canopos) eram alvo de oferendas, que incluíam animais sacrificados, que asseguravam a segurança do defunto<sup>181</sup>. O sarcófago era, posteriormente, enterrado juntamente com os seus pertences numa espécie de poço ou, caso se tratasse de um nobre, colocado no interior do túmulo<sup>182</sup>.

O funeral terminava com o denominado banquete fúnebre, durante o qual os participantes nas cerimónias fúnebres se reuniam, entrando “(...) em comunhão espiritual com o morto”<sup>183</sup>.

Apesar da evidentes existência e difusão do fenómeno que Ann Macy Roth denomina de “democratização do Além”<sup>184</sup>, e salvaguardando-se o estatuto social do defunto<sup>185</sup>, todo o cerimonial da morte obedecia a rituais “(...) performed by the living for the dead”<sup>186</sup>, que asseguravam a imortalidade da alma no Além. Segundo Ann Macy Roth<sup>187</sup>, existiam dois tipos distintos de rituais: os “rituais funerários” propriamente ditos, que eram realizados apenas uma vez aquando do funeral do defunto e que incluíam os seguintes cerimoniais: todas as cerimónias associadas à mumificação e à inumação do mesmo; todos os rituais de acesso às partes seladas do túmulo; as viagens processionais realizadas pela múmia (ou pela sua estátua substituta) e, igualmente, “(...) various farewell gestures by the family of the deceased”<sup>188</sup>. O segundo tipo de rituais eram realizados após o funeral, por funcionários do culto ou por familiares do defunto e “(...) others visiting the deceased at the tomb-chapel”<sup>189</sup>, podendo consistir, eventualmente, em repetições de alguns rituais realizados aquando do funeral, embora seja impossível, até à data, determinar quais seriam esses rituais<sup>190</sup> devido à escassez de fontes de que dispomos<sup>191</sup>, facto que, porventura, terá a sua explicação no secretismo ou no carácter sagrado de alguns destes momentos que, por estes motivos, não seriam representados iconograficamente<sup>192</sup>.

---

181 Cf. *ibidem*, p. 579.

182 Cf. L. M. Araújo, *ob. cit.*, p. 385.

183 *Ibidem*, p. 385.

184 Os rituais funerários surgiram, numa primeira instância, para assegurar a imortalidade da alma do Faraó, sendo adoptados, numa segunda fase, pela aristocracia egípcia, passando, por fim, a culto generalizado, cf. A. M. Roth, *ob. cit.*, p. 576.

185 De uma forma geral, existiria uma grande diferença entre os rituais funerários executados ao Faraó e aqueles que eram realizados à restante população, cf. *ibidem*, p. 576.

186 *Ibidem*, p. 575.

187 Cf. *ibidem*, pp. 575 - 576.

188 *Ibidem*, p. 575.

189 *Ibidem*, p. 575.

190 Cf. *ibidem*, p. 575.

191 Para o Império Novo salientamos como fontes não só a iconografia presente nas paredes dos túmulos tebanos e menfitas, mas, também, as representações funerárias existentes nos sarcófagos, nomeadamente imagens da *Cerimónia da Abertura da Boca*, cf. *ibidem*, p. 578.

192 Cf. *ibidem*, p. 576.

De uma forma geral, os diversos cultos e rituais funerários, realizados por sacerdotes ou pelos familiares do morto, existiam com a função primordial de “garante” de continuidade da existência do morto no Além, pois asseguravam a perpetuação dos elementos fundamentais à sobrevivência do defunto<sup>193</sup>. Embora idealmente estes cultos devessem ser realizados diariamente<sup>194</sup>, existiam alguns que seriam realizados apenas em ocasiões especiais, tais como os festivais<sup>195</sup>, tornando-se, facilmente, em acontecimentos festivos que celebravam ocasionalmente a passagem do defunto para uma outra vida e que, por isso mesmo, eram episódios que deviam ser devidamente comemorados e realizados com alguma frequência por forma a renovarem a força vital da alma do defunto.

### 1.2.3.2.3 A festa dos nobres: os “Banquetes Privados”

Chegámos, finalmente, aos denominados “banquetes privados”, a peça principal deste grande puzzle e que podemos designar, à semelhança dos dias de hoje, como *rendez vous* realizados em ambientes selectos e fechados, em casas de membros das classes mais elevadas da sociedade, nomeadamente dos Altos Funcionários do Estado e, até mesmo, no Palácio real aquando de alguma recepção oficial na corte. Nestas festas, os anfitriões não poupavam meios para entreter generosamente os seus convidados, não só através do requintado e diversificado repasto que era servido, mas também através do ambiente cuidadosamente criado em torno dos elementos presentes, o que lhes permitia o cometer de excessos e a libertação dos sentidos, como abordaremos mais à frente.

Segundo Salima Ikram<sup>196</sup>, não existe uma palavra em egípcio que designe o termo “banquete”, sendo *hby*, ou seja, “ser festivo” ou “fazer um festival”, o mais semelhante, traduzindo-se aqui o termo *hb* como “festa” ou “banquete”. A autora salienta, igualmente, que a injunção *ir hrw nfr*, “fazer festa!”, implicava muitas vezes a referência a um banquete ou uma festa<sup>197</sup>.

Na iconografia tumular, encontramos, desde o Império Antigo, inúmeros exemplos de cenas de banquetes onde o defunto, acompanhado de seus convidados, se encontra inserido num cenário de requinte, abundância e, como veremos, luxúria. No entanto, a XVIII<sup>a</sup> Dinastia sobressai em relação aos restantes períodos da história do Egipto, pois são datadas desta altura a maior parte das fontes iconográficas com cenas de banquetes que, nos períodos seguintes, deixam de existir com tanta frequência.

---

193 Cf. J. Taylor, *ob. cit.*, p. 174.

194 Em âmbito real estes rituais começariam ainda antes da morte do Faraó, sendo realizados perante as suas estátuas cultuais, cf. A. M. Roth, *ob. cit.*, p. 575.

195 Cf. *ibidem*, p. 575.

196 Cf. S. Ikram, *ob. cit.*, p. 162.

197 Cf. *ibidem*, p. 162.

Os autores diferem no que concerne ao significado primordial destas imagens e ao verdadeiro objectivo da sua presença em contextos tumulares. A grande maioria divide-se ao defender duas teorias distintas: a primeira considera que estas imagens simbolizam o eterno banquete funerário do defunto, defendendo a segunda que as mesmas representam acontecimentos sociais de tal forma apreciados e frequentemente realizados (ou frequentados) pelo mesmo em vida, que este os queria ver reproduzidos no Além, para os continuar a apreciar. Contudo, existe uma outra teoria, mais complexa, de Melinda Hartwig, que na sua obra *Tomb Painting and Identity in Ancient Thebes, 1419 – 1372 BCE* defende a ideia de que as cenas de banquetes misturavam os temas de sexualidade (que mencionaremos aprofundadamente no 3º Capítulo), cujo propósito primordial seria o renascimento do defunto no Além, com cenas do Festival do Vale, do banquete funerário e de outras refeições comemorativas realizadas no interior do túmulo<sup>198</sup>. Como teremos oportunidade de verificar com o decorrer da nossa apresentação, achamos que estas três teorias são complementares e indissociáveis.

Para além da sua evidente originalidade artística comparativamente à arte egípcia tradicional, pouco expressiva e dinâmica nas representações humanas, as imagens de banquetes apresentam uma enorme vitalidade e dinamismo, quebrando os cânones vigentes para representações de outros contextos, menos festivos. Além disso, estas imagens possuem elementos transversais e característicos entre si, embora nem todas os contemplem na sua totalidade. Assim, tal como aprofundaremos nos capítulos seguintes, podemos visualizar as componentes seguidamente apresentadas na maioria das cenas seleccionadas e incluídas neste trabalho:

- Damas da alta sociedade (e também homens) elegantemente vestidas e adornadas com jóias, perucas, flores e cones de gordura perfumada no topo da cabeça, sentadas no chão ou em bancos, ao lado de outros elementos do mesmo sexo ou, em alguns casos, do sexo oposto;
- Servas quase nuas que envergavam, igualmente, elementos de adorno característicos, e que são representadas a servir os convivas presentes não só de alimentos, bebidas, flores, espelhos, toalhas de linho, mas também de taças para lavar as mãos ou, até mesmo, para vomitar. Estas personagens poderiam ser, também, representadas, simplesmente, a ajudar os convidados a ajeitarem a sua indumentária e aparência;

---

198 Cf. M. K. Hartwig, *Tomb Painting and Identity in Ancient Thebes, 1419 – 1372 BCE*, Monumenta Aegyptiaca X, Belgium, Brepols Publishers, 2004, pp. 98 - 103.

- Verificamos, igualmente, pormenores referentes à gastronomia servida nestas ocasiões sociais, através das mesas e bandejas transportadas pelas serviçais, repletas de iguarias diversificadas que, através da “arte aspectiva” que, contrária ao uso da perspectiva, apresentava uma sobreposição propositada dos vários alimentos, nos permite visualizar perfeitamente tudo o que se encontrava aí colocado<sup>199</sup>;
- A presença de músicas (e músicos, como no caso do “harpista cego”, presença habitual destas representações) e dançarinas, imagens que nos permitem ter noção do tipo de instrumentos musicais utilizados no Egipto no Império Novo. A inventariação dos instrumentos musicais existentes naquele período, permite-nos estabelecer um leque de possibilidades musicais ou de composição, associadas, ou não, à voz. Da mesma forma, fornecem-nos informações relevantes acerca do tipo de danças realizadas e de quem as realizava;
- É possível, igualmente, traçar uma relação de todo o tipo de “material logístico” utilizado nestas ocasiões, desde os móveis, passando pela faiança, jarros, cestaria e ânforas que guardavam a cerveja e o vinho, entre outros materiais / utensílios indispensáveis neste contexto.

Segundo Dominique Valbelle, os banquetes, mesmo aqueles realizados apenas em contexto familiar, eram momentos sumptuosos e privilegiados na vida dos egípcios, que não se repetiam com muita frequência<sup>200</sup>, sendo preparados com todo o rigor, rigor esse que em tudo se assemelha ao seguido hoje em dia aquando de uma recepção: a preocupação com os arranjos florais, com a preparação dos alimentos e com os ambientes musicais<sup>201</sup>.

Os motivos para a realização de banquetes privados estão por esclarecer, embora se possa considerar como hipótese provável o assinalar de ritos de passagem (nascimentos, casamentos, iniciações, falecimentos) e de datas festivas do calendário religioso<sup>202</sup>, além de momentos de partida e retorno, por exemplo, para utilizar a tipologia estabelecida por Marcel Mauss<sup>203</sup>. São todas essas questões que iremos abordar em seguida.

199 L. Donovan; K. Mccorquodale (Ed.), *ob. cit.*, p. 30.

200 Também Franco Cimmino considera que os banquetes não eram frequentes, nem sequer entre as classes nobres, o que por si só deixa antever o cuidado que existiria na preparação destes importantes e únicos momentos da vida social egípcia, cf. F. Cimmino, *Vida Cotidiana de los Egípcios*, Espanha, EDAF – Historia Bolsillo, 2002, p. 318.

201 Cf. D. Valbelle, *A Vida no Antigo Egipto*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1990, p. 111.

202 Cf. S. Ikram, *ob. cit.*, pp. 163.

203 Cf. M. Mauss, *Manuel d'Ethnographie*, Payot, Paris, 1967, p. 236.



## 2º CAPÍTULO

*Elementos caracterizadores dos “Banquetes Privados”*

## 2. ELEMENTOS CARACTERIZADORES DOS “BANQUETES PRIVADOS”

### 2.1 O ritual de preparação do banquete

Propomo-nos abordar no presente tópico, para além do espaço físico onde se desenrolavam estes acontecimentos sociais, todo o percurso “ritual” efectuado pelos elementos da casa, funcionários ou não, na organização do banquete, em todos os seus aspectos característicos. Assim, a preparação e confecção do “cardápio”, o cuidado com a disposição do mobiliário, as faianças, as decorações florais..., tudo isso será apresentado neste sub-capítulo.

#### 2.1.1 O espaço físico: a casa dos nobres ou o palácio

Os “banquetes privados” da alta sociedade egípcia do Império Novo realizavam-se em espaços recatados e distantes dos olhares indiscretos da restante população, nomeadamente na casa dos nobres ou no palácio real. Tendo em conta o que já referimos no 1º capítulo no que concerne à perecibilidade das “habitações de vida” dos egípcios<sup>204</sup>, devido aos fracos materiais utilizados na sua construção, os melhores exemplos arqueológicos relativos à arquitectura doméstica, provenientes do Império Novo e pertencentes às classes mais elevadas da sociedade, são as denominadas *villas* de Amarna<sup>205</sup>. Estas casas eram estruturas arquitectónica elevadas (*vide* Fig. 37), quase quadradas (*vide* Fig. 38), que se assemelhavam exteriormente a uma fortaleza<sup>206</sup> devido à sua delimitação por um muro<sup>207</sup>. Dentro do seu complexo, existiam as mais variadas estruturas de apoio doméstico, nomeadamente celeiros, estábulos, os aposentos dos servos e um poço<sup>208</sup>.

De uma forma geral, a organização espacial da casa, em egípcio *pr*, implica a existência de três zonas espaciais diferentes, dispostas uma atrás da outra, com um “(...) progressively private character”<sup>209</sup>, entre as quais se destacam: uma zona semi-pública, uma zona central e uma zona privada (*vide* Fig. 39). De salientar que, ao contrário de Felix Arnold, Franco Cimmino distingue na sua obra *Vida Cotidiana de los Egípcios*, apenas duas partes independentes na casa: uma pública e outra privada. “La primera, con una sala de techumbre sostenida por columnitas y con divanes apoyados el la pared; la otra, dividida en ámbitos más pequeños, uno para dormir y otros para la cocina y los servicios higiénicos, que en las moradas más ricas comprendían baños y letrinas separadas”<sup>210</sup>. O ar e a luz

204 *Vide* 1.2.2.3.2..

205 Para além de Amarna, destacam-se Elefantina, Deir el-Medinah, Malqata, Medinet Habu, Sesebi, Tell ed-Dab’a e el-Lisht, cf. F. Arnold, “Houses” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 2, p. 124.

206 Cf. F. Arnold, “Houses” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 2, p. 122.

207 Cf. *ibidem*, p. 124.

208 Cf. *ibidem*, p. 124.

209 *Ibidem*, p. 124.

entravam nestas *villas* através de pequenas janelas quadradas cobertas com uma esteira e protegidas por uma grade de pedra<sup>211</sup> (*vide* Fig. 37).

Segundo o modelo de Felix Arnold<sup>212</sup>, a zona central da casa, em torno da qual se dispunham as diversas áreas da habitação, era o espaço principal de convívio da “família”, sendo constituída por uma única sala quadrada, *st hms*<sup>213</sup>, que ocupava a largura total do edifício e que possuía uma, duas ou quatro colunas. Outro elemento característico desta sala seria o assento do chefe da casa, um banco baixo, ou estrado, construído encostado a uma das paredes<sup>214</sup>. De acordo com a descrição desta área, podemos supor que seria neste espaço amplo que se realizariam os banquetes privados. Segundo Felix Arnold, esta sala dava acesso aos quartos e a salas mais reservadas, construídas na zona mais recuada da casa<sup>215</sup>. A partir da escada colocada numa das zonas laterais desta sala, os donos da casa tinham acesso ao telhado e às estruturas aí existentes (dispensas, cozinhas e mais quartos privados)<sup>216</sup>. Segundo Franco Cimmino, era no terraço que os habitantes da casa dormiam nas noites de maior calor<sup>217</sup> (*vide* Fig. 37).

A zona semi-pública da casa era constituída por um pátio ou por um amplo átrio, cuja função seria a de resguardar a zona privada da casa, como uma espécie de ante-câmara, sendo palco das mais diversificadas actividades domésticas, nomeadamente a moagem de cereais e a alimentação dos animais da casa<sup>218</sup>.

Para além da sala ampla existente na zona central da habitação, outra das áreas da casa que serviria de complemento ao cenário dos banquetes era o jardim (*vide* Fig. 35), onde existia um lago artificial decorado, frequentemente, com flores de lótus flutuantes<sup>219</sup> (*vide* Fig. 36) e um santuário privado<sup>220</sup>, que, para além de ser um espaço de lazer para a família nos seus momentos de ociosidade<sup>221</sup> era, igualmente, considerado um espaço utilitário, onde se produziam os frutos e vegetais para consumo da casa<sup>222</sup>. Seria neste “jardim dos prazeres” que os convidados eram recebidos aquando da sua chegada à habitação dos anfitriões<sup>223</sup>.

---

210 F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 305.

211 Cf. *ibidem*, pp. 305 – 306.

212 Cf. F. Arnold, *ob. cit.*, pp. 124 - 126.

213 “Place of sitting” ou “local para sentar”, cf. *ibidem*, p. 124.

214 Cf. *ibidem*, p. 124.

215 Cf. *ibidem*, p. 124.

216 Cf. *ibidem*, p. 124.

217 Cf. F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 306.

218 Cf. F. Arnold, *ob. cit.*, p. 124.

219 Cf. R. Germer, “Flowers” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 1, pp. 541.

220 “Private shrine”, cf. F. Arnold, *ob. cit.*, p. 124.

221 Era um local onde os habitantes da casa jogavam e conviviam entre si.

222 Cf. L. Casson, *ob. cit.*, p. 42.

Por seu turno, no que toca ao palácio, podemos distinguir duas áreas distintas nas quais se podiam realizar este tipo de eventos. Por um lado, salientamos a já referida zona oficial, a ala do palácio destinada aos banquetes, onde o Faraó recebia os mais altos dignatários e autoridades máximas das potências vizinhas com as quais o Estado mantinha uma boa relação institucional. Por outro lado, destacamos o denominado “harém”, em egípcio *ipt*<sup>224</sup>, que, tal como nos atestam alguns documentos administrativos do Império Novo, não designa apenas um conjunto de concubinas<sup>225</sup>, mas uma comunidade de mulheres e crianças que pertenciam à casa real, mas que viviam em edifícios separados do palácio<sup>226</sup>. Segundo Elfriede Haslauer, escavações arqueológicas em palácios reais datados do Império Novo, tais como os palácios de Amenhotep III e Akhenaton, atestam a existência de residências reais paralelas e independentes do palácio do rei, mais pequenas mas construídas à imagem do palácio do soberano, onde residiriam as mulheres pertencentes ao harém do rei<sup>227</sup>. Em Amarna, a “ala feminina” estava dividida em harém do sul e harém do norte, estruturas arquitectónicas que para além de possuírem paredes e pavimentos decorados com cores vivas, tinham, igualmente, jardins e pequenos lagos, flores, pequenos pomares, piscinas rodeadas de vegetação e animais<sup>228</sup>.

Estamos, assim, perante um conceito que remete não só para um determinado grupo social, só acessível a quem possuía um *status* elevado, mas, igualmente, um conceito claramente espacial, uma vez que designa uma estrutura habitacional privada específica, existente dentro do grande complexo arquitectónico que era o palácio real.

No Império Novo, a importância do harém aumentou consideravelmente, pois para além das mulheres que naturalmente faziam parte deste séquito, nomeadamente princesas, mulheres da alta sociedade e mulheres pertencentes à casa da rainha<sup>229</sup>, passam também a pertencer mulheres e crianças de alto estatuto, tomadas como despojos de guerra, o que dava, por sua vez, origem a casamentos diplomáticos que garantiam a paz entre o Egipto e algumas potências estrangeiras<sup>230</sup>. O harém real era considerado uma instituição

---

223 Para o estudo dos jardins como espaços utilitários e toda a sua simbologia, salientamos a obra de Alix Wilkinson, *The Garden in Ancient Egypt* e o artigo do mesmo autor “Symbolism and Design in Ancient Egyptian Gardens”.

224 Cf. E. Haslauer, “Harem” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 2, p. 77.

225 “A côté de ces épouses, des femmes de second rang ont, en quelque sorte, un statut de concubine”, cf. J. Pirenne, *La Religion et la Morale dans l’Égypte Antique*, Paris, Éditions Albin Michel, 1965, p. 121.

226 Cf. E. Haslauer, *ob. cit.*, p. 77.

227 Cf. *ibidem*, p. 79.

228 Cf. *ibidem*, p. 79.

229 Provenientes de classes mais baixas da sociedade, mas que ou pela sua beleza ou pelo seu talento, como o canto ou a dança, eram escolhidas para serem educadas “(...) for the king’s court”, podendo, posteriormente, casar com homens ligados ao rei ou da sua confiança, cf. *ibidem*, p. 77.

autónoma, detentora de uma administração própria, que recebia habitualmente dividendos de impostos da cidade onde estava situado, além de possuir terrenos agrícolas, gado e oficinas de manufacturas, tais como moíños e oficinas de tecelagem<sup>231</sup>.

Presumivelmente, nestes espaços realizar-se-iam banquetes e festas privadas, momentos de convívio entre o faraó, o seu “harém” e o pessoal da mais alta patente e de sua inteira confiança, uma pequena minoria da nobreza egípcia. Nestes acontecimentos sociais também seriam cometidos os excessos característicos dos banquetes privados, embora aqui tivessem, provavelmente, mais exuberância e fartura.

### 2.1.2 A “logística” utilizada

No que toca à denominada “logística” (considerados os recursos afectos à preparação do banquete), e com base na iconografia referente aos banquetes, iremos abordar todo o tipo de utensílios indispensáveis à concretização do banquete e ao conforto dos convidados, desde os recipientes para acondicionamento dos alimentos e das bebidas, até ao mobiliário onde se colocavam as iguarias e onde os homens e mulheres da alta sociedade se sentavam durante o banquete. Da mesma forma, iremos abordar os cuidados tidos com a decoração do espaço, nomeadamente a colocação de grinaldas de flores de lótus pela casa que eram destinados, não só à decoração, mas também para serem ofertados aos convivas aquando da sua chegada, e a iluminação dos espaços.

#### 2.1.2.1 O mobiliário

Tal como em outras temáticas, a iconografia tumular apresenta-se como um excelente complemento à arqueologia, ajudando-nos a recriar o interior de uma casa egípcia no que concerne à sua “decoração”, neste caso concreto no que respeita ao mobiliário aí existente. Não pretendemos traçar aqui uma relação exaustiva de todos os móveis utilizados nas diferentes divisões da casa egípcia, interessando-nos, somente, evidenciar aqueles utilizados nos espaços públicos das habitações dos nobres ou seja, nos locais onde se realizavam os banquetes.

Antes de mais, há duas questões pertinentes e indissociáveis a levar em consideração quando se estuda a temática do mobiliário egípcio. Primeiramente, há que ter em conta que os egípcios eram mestres na arte do fabrico de mobiliário, sendo famosos por isso em todo o mundo antigo<sup>232</sup>, apesar de existirem poucas espécies de árvores

---

230 Provenientes de classes mais baixas da sociedade, mas que ou pela sua beleza ou pelo seu talento, como o canto ou a dança, eram escolhidas para serem educadas “(...) for the king’s court”, podendo, posteriormente, casar com homens ligados ao rei ou da sua confiança, cf. *ibidem*, p. 78.

231 Cf. *ibidem*, p. 78.

naquele território, sendo importada, desde os tempos mais recuados, uma grande variedade de madeiras exóticas de regiões vizinhas<sup>233</sup>. Seguidamente, convém ter presente que, embora se tratem de produtos utilitários e necessários à população, a existência de peças de mobiliário numa habitação egípcia era sinal de *status* social<sup>234</sup>. Efectivamente, enquanto as casas dos elementos mais pobres da sociedade eram mobiladas apenas com esteiras, pedaços de tecido<sup>235</sup>, banquetas ou pequenas mesas construídas com madeiras nacionais (acácia, sicômoro (*vide* Fig. 40 e 41) ou tamargueira), os móveis mais ricos, existentes nas casas dos nobres ou nos seus túmulos, eram construídos com cedro, pinho, abeto, zimbro, acácia ou com ébano africano<sup>236</sup>, madeiras provenientes do Sudão, Síria, Líbano ou regiões circundantes ao Egipto. Para o enriquecimento das peças, o mobiliário para além de poder ser embutido ou incrustado com vidro, faiança, pedras preciosas ou materiais semi-preciosos, como é o caso da concha de tartaruga<sup>237</sup> e do marfim, podia ser, igualmente, pintado, policromado ou “granulado”<sup>238</sup>.

Pelos inúmeros exemplos que nos chegaram até hoje provenientes das escavações realizadas em túmulos do Império Novo, nomeadamente no famoso túmulo de Tutankhamon localizado no Vale dos Reis em Tebas que nos forneceu exemplos intactos do mobiliário real<sup>239</sup> (*vide* Figs. 42 a 45), as várias peças de mobiliário variavam no seu formato e altura, havendo, segundo Franco Cimmino, “asientos en forma de paralelepípedo, (...) altos respaldares, brazos perforados, patas de formas animales, (...) patas verticales o cruzadas en forma de equis (x)”<sup>240</sup>.

Observando atentamente as imagens de banquetes que constituem as fontes do nosso estudo, podemos reconhecer nelas alguns tipos distintos de peças de mobiliário, em egípcio *htwt*<sup>241</sup>, entre os quais destacamos:

232 Segundo Geoffrey Killen, eram muitas vezes oferecidas peças de mobiliário a governantes de países vizinhos, como forma de tributo, cf. G. Killen, “Furniture” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 1, p. 580.

233 Cf. R. E. Fredd, *Egypt’s Golden Age: The Art of Living in the New Kingdom. 1558 – 1085 B.C.*, Massachusetts, Museum of Fine Arts Boston, 1981, p. 18.

234 Cf. *ibidem*, p. 18.

235 “Trozos de tela”, cf. F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 307.

236 Cf. *ibidem*, p. 307.

237 Cf. *ibidem*, p. 308.

238 Neste último caso, para dar um efeito de “veios” característico das madeiras mais dispendiosas, como é o caso do ébano, cf. R. E. Fredd, *ob. cit.*, p. 18.

239 De salientar que, e de acordo com Geoffrey Killen, o mobiliário proveniente do espólio funerário de Tutankhamon seria idêntico, em estilo, ao utilizado pela “classe média alta” da altura, diferindo apenas na qualidade da madeira utilizada e na decoração, nomeadamente através da utilização de folha de ouro para revestimento das peças, a incrustação de faiança colorida e de materiais preciosos e, também, a pintura de requintadas imagens e símbolos reais. Até hoje não foi encontrado mais nenhum túmulo intacto em Tebas, cf. G. Killen, *Egyptian Woodworking and Furniture*, Buckinghamshire, Shire Publications Ltd, 1994, p. 53.

240 F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 308.

### ◆ Bancos:

Os bancos eram a peça de mobiliário mais utilizada na casa egípcia, existindo uma grande variedade de formas, embora a sua qualidade dependesse do estatuto social do seu proprietário<sup>242</sup>. Nas imagens de banquetes privados são claramente visíveis três tipos distintos de bancos que abordaremos em seguida. O “banco gradeado”<sup>243</sup> seria o banco mais utilizado por todas as classes sociais, consistindo, em traços gerais, por quatro pernas finas, às quais se unia uma grade cruzada que acabava, no topo, num assento redondo de ripas de madeira<sup>244</sup> (*vide* Fig. 43) ou com assento em palhinha. Este tipo de bancos é visível nas imagens de banquete presentes nos túmulos de Djoserkareseneb (*vide* Fig. 7 e 9), Nakht (*vide* Figs. 11 e 12) e de Nebamun (*vide* Fig. 27).

Os “bancos com pernas arredondadas”<sup>245</sup> possuíam pernas esculpidas à mão que eram finalizadas com a técnica de grés<sup>246</sup>. A sua decoração consistia em linhas incisivas, mais ou menos precisas, na parte inferior das quatro pernas, sendo que no topo de cada uma eram incrustadas pequenas peças de marfim com forma de pétalas de flores de lótus ou gotículas<sup>247</sup>. Tensores de ébano com pontas de marfim em forma de papiro eram fixas entre as pernas do banco, sendo que, imediatamente por cima destas peças, e por baixo do assento, propriamente dito, eram colocados pequenos braços de marfim, cujo propósito seria meramente decorativo<sup>248</sup>. O assento era em pele<sup>249</sup>, podendo também ser almofadado conforme nos atesta a iconografia, nomeadamente uma imagem presente no túmulo de Nebamun que revela a esposa do dono da casa sentada neste tipo de banco (*vide* Fig. 27).

Uma das peças de mobiliário egípcio mais espantosas, pela sua exacta semelhança ao que é utilizado nos dias de hoje, é o denominado “banco dobrável”<sup>250</sup>, concebido para facilitar o seu transporte, sendo leve e fácil de manusear quando fechado e bastante resistente quando aberto<sup>251</sup>. Os bancos dobráveis provenientes do Império Novo denotam já uma estandardização formal<sup>252</sup>, através da existência de hastes verticais com acabamento em forma de cabeça de ganso e incrustações em marfim, nomeadamente em representação das penas do pescoço e dos olhos desta ave<sup>253</sup>. O bico do ganso terminava

241 Cf. G. Killen, “Furniture” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, p. 580.

242 Cf. *idem*, *Egyptian Woodworking and Furniture*, p. 44.

243 “Lattice stool”, cf. *ibidem*, p. 44.

244 Cf. *ibidem*, p. 44.

245 “Round-legged stools”, cf. *ibidem*, p. 44.

246 Cf. *ibidem*, p. 44.

247 Cf. *ibidem*, p. 45.

248 Cf. *ibidem*, p. 45.

249 Cf. *ibidem*, p. 45.

250 “Folding stool”, cf. *ibidem*, p. 47.

251 Cf. *ibidem*, p. 47.

252 Cf. *idem*, *Ancient Egyptian Furniture, Vol. I: 4000 – 1300 BC*, Warminster, Aris & Phillips Ltd, 1980, p. 40.

numa haste de madeira paralela que servia de base do banco e de apoio ao chão (*vide* Fig. 43). Embora alguns destes bancos contrariassem a sua função original e tivessem um assento fixo de madeira que podia ser pintado por forma a imitar a pele de animais<sup>254</sup>, a maior parte possuía um assento de pele ou de corda por forma a ser possível dobrá-lo, assento este fixo apenas nas duas extremidades da estrutura de madeira com cola animal ou, no caso da corda, por intermédio da passagem das fibras por buracos existentes em ambas as extremidades<sup>255</sup>. Representações deste tipo de bancos nos banquetes privados existem no túmulo de Nebamun (*vide* Fig. 27), onde também podemos verificar que eram utilizadas peles de animais para tornar o assento deste tipo de banco mais confortável.

Embora não sejam visíveis nas imagens que estamos a estudar, salientamos brevemente a existência de outros tipos de bancos: os “bancos de três pernas” com assento em forma de prato, mais comuns nas habitações das classes mais baixas da sociedade<sup>256</sup>, embora também fossem utilizados pelas classes mais abastadas<sup>257</sup>; os “bancos com patas de leão”<sup>258</sup>; os bancos com pés trabalhados à mão e assentos em palhinha<sup>259</sup>; os bancos baixos com assento em palhinha e, por último, os bancos com assento côncavo.

#### ◆ Cadeiras:

As cadeiras eram, claramente, uma peça de mobiliário tipicamente utilizada apenas pelas classes sociais mais elevadas, ficando os mais pobres restringidos aos bancos de três pernas e às esteiras. Possuindo um encosto de costas<sup>260</sup> e sendo, na maior parte dos casos, baixas<sup>261</sup>, as cadeiras possuíam, por norma, pernas cujas extremidades terminavam em pés de leão (*vide* Fig. 44), podendo ser decoradas de diversas formas: com pinturas ou com incrustações de materiais preciosos<sup>262</sup> e semi-preciosos, tais como o marfim<sup>263</sup>. Existia

253 Cf. *idem*, *Egyptian Woodworking and Furniture*, p. 47.

254 Um dos três “bancos dobráveis” encontrados no túmulo de Tutankhamon tem precisamente estas características, com um assento fixo, de madeira, contendo camadas de marfim para imitar “(...) the markings normally found on an animal skin. A centre strip of red timber is placed on the seat to represent the spine of the animal. As an extension at one end a further piece of timber has been included, and cut out like a tail, and hangs from the spine”, cf. *idem*, *Ancient Egyptian Furniture, Vol. I: 4000 – 1300 BC*, pp. 42 - 43.

255 Cf. *idem*, *Egyptian Woodworking and Furniture*, p. 47.

256 Cf. *ibidem*, p. 46.

257 O túmulo de Tutankhamon fornece-nos um exemplo de banco com três pernas ricamente decorado e com patas em forma canina, cf. *idem*, *Ancient Egyptian Furniture, Vol. I: 4000 – 1300 BC*, p. 45.

258 Cf. *ibidem*, p. 38.

259 Cf. *ibidem*, p. 39.

260 E alguns de braços, conforme podemos ver no espólio funerário de Tutankhamon, onde existem tronos com apoio de braços (*vide* Figs.).

261 As denominadas “low straight back chairs”. Tal como a iconografia nos mostra, e segundo Geoffrey Killen, este tipo de cadeira não seria utilizada para um indivíduo se sentar de uma forma convencional, ficando a maioria das pessoas de pernas flectidas, cf. *ibidem*, p. 57.

262 Como os exemplos de cadeiras e tronos provenientes do túmulo de Tutankhamon que não só são forrados a folha de ouro, como também são incrustadas com pedras semi-preciosas e preciosas.

outro tipo de cadeira, de linhas mais direitas<sup>264</sup>, as denominadas “open back chairs”<sup>265</sup>, embora a cadeira que geralmente aparece representada nas cenas de banquete seja, efectivamente, a que referimos acima: baixa, com pés de leão e com assento em madeira ou palhinha (vide Figs. 2, 9, 11, 12 e 28). Salientamos, no entanto, a existência de uma variante deste tipo de cadeira, que, embora formalmente idêntica, seria mais alta, conforme podemos atestar pelas cadeiras dos donos da casa do túmulo de Nakht (vide Figs. 11) e pelas cadeiras utilizadas pelos convidados no túmulo de Nebamun (vide Figs. 19, 20, 25 e 27). As cadeiras dobráveis semelhantes, em estilo, aos bancos acima mencionados.

À semelhança do que acontecia com alguns tipos de bancos, as cadeiras também podiam ser acolhoadas com almofadas<sup>266</sup>, conforme nos demonstram as imagens do túmulo de Nebamun (vide Figs. 19, 20, 25 e 26).

#### ◆ Mesas:

Com base na iconografia, podemos afirmar que o designado “estar à mesa”<sup>267</sup> sofreu algumas alterações com o passar do tempo. Assim, no Império Antigo, os egípcios acocoravam-se sobre esteiras ou almofadas diante de uma mesa baixa, sobre a qual estavam depositados os alimentos, sendo os copos colocados no chão, ao seu lado<sup>268</sup>. Por seu turno, no Império Novo, período cronológico que estamos a estudar, verificou-se uma alteração de comportamentos, passando os elementos das classes mais abastadas da população a sentar-se em cadeiras, diante de mesas, podendo, no seio da elite, ser servidos por servos domésticos<sup>269</sup>, embora, tal como já afirmámos acima, alguns convidados dos banquetes privados desfrutassem da sua refeição acocorados em esteiras (vide Figs. 10, 11, 12, 13, 14, 16, 28 e 29).

Segundo Franco Cimmino, nos banquetes privados a maioria dos nobres acomodava-se perante pequenas mesas, onde todo o tipo de alimentos, e só os alimentos, eram colocados à sua disposição, uma vez que as bebidas eram servidas por jovens e servas nuas<sup>270</sup>. Efectivamente, nos túmulos de Rekhmire (vide Fig. 28) Nebamun (vide Figs. 20, 25 e 27) e Nakht (vide Fig. 11) verificamos a existência de mesas, aparentemente redondas, de pé alto ao centro do tampo com um tamanho razoável, que se encontravam providas de uma enorme variedade de alimentos<sup>271</sup>, não estando, no entanto, colocadas a uma curta

263 Cf. *idem*, *Egyptian Woodworking and Furniture*, p. 48.

264 Cf. *ibidem*, p. 48.

265 Cf. *idem*, *Ancient Egyptian Furniture, Vol. I: 4000 – 1300 BC*, p. 54.

266 Cf. R. E. Fredd, *ob. cit.*, p. 18.

267 Cf. E. Bresciani, “Alimentos e Bebidas do Egipto Antigo” in J. Flandrin; M. Montanari (Dir.), *História da Alimentação. Dos Primórdios à Idade Média, Vol. I*, Lisboa, Terramar, 1998, p. 60.

268 Cf. *ibidem*, p. 60.

269 Cf. *ibidem*, p. 60.

270 Cf. F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 317.

distância dos convidados, encontrando-se, em contrapartida, colocadas numa zona imediatamente à sua frente. Embora não exista qualquer indicação artística que contradiga a possibilidade dos convidados se levantarem e irem, eles próprios, servir-se, parece-nos mais plausível que quem o fizesse por si fossem os serviçais disponíveis.

Através da bibliografia disponível específica sobre a temática do mobiliário egípcio, podemos observar duas questões importantes. Em primeiro lugar, ficamos com a ideia de que existem poucos exemplares arqueológicos de mesas egípcias, situação que, provavelmente, se deve ao elevado preço da madeira na altura, uma vez que era um produto que existia em pouca quantidade no país, sendo esta peça de mobiliário, por isso mesmo, mais fabricada para âmbito funerário, embora nem aí encontremos exemplares em grande quantidade<sup>272</sup>. Seguidamente, verificamos que no Império Novo existiam vários tipos de estilos de mesas, nomeadamente as mesas de madeira maçica de tipo rectangular<sup>273</sup>; as mesas de três pernas, mais comuns no período greco-romano, embora também existam alguns exemplos datados da XVIII Dinastia<sup>274</sup>, existindo, por fim, algumas mesas com um estilo mais rústico, sendo, porventura, utilizadas em jardins como eventual suporte de arranjos florais<sup>275</sup>.

#### ◆ Suportes para faiança:

Conforme nos atestam as imagens festivas provenientes dos túmulos privados, nomeadamente do túmulo de Nakht (*vide* Figs. 11 e 12), vasos, potes e pratos utilizados para o acondicionamento de alimentos diversificados e flores, eram colocados em suportes de madeira cujo tamanho variava<sup>276</sup>. Da mesma forma, ânforas e restantes recipientes com fundo redondo, utilizados para o acondicionamento de bebidas (nomeadamente vinho e cerveja) e aquilo que nos parecem ser vasos com flores de lótus (*vide* Fig. 5), eram colocados no mesmo tipo de suportes, sendo a única diferença a existência de “(...) a hollow centre with a thick wooden collar which prevented the bottom of round or tapered vases from topping over”<sup>277</sup>, exemplos claramente visíveis nos túmulos de Djoserkareseneb (*vide* Figs. 2, 5 e 9), Nakht (*vide* Figs. 11 e 12) e Nebamun (*vide* Fig. 22).

271 Os alimentos são aqui representados sob o princípio da “arte aspectiva” já referida no primeiro capítulo, estando nestas imagens os alimentos prepositadamente representados em cima uns dos outros, para que o espectador pudesse ver o maior número de elementos possível.

272 Cf. G. Killen, *Ancient Egyptian Furniture, Vol. I: 4000 – 1300 BC*, p. 68.

273 Cf. *ibidem*, p. 66.

274 A sua grande vantagem em relação às mesas de quatro pernas, era o facto de conseguirem “(...) rest firmly on any type of floor”, cf. *ibidem*, p. 67.

275 Cf. *ibidem*, p. 66.

276 Embora geralmente fossem peças altas e esguias, também existiam num tamanho mais pequeno, para suporte de vasos pequenos, cf. *ibidem*, p. 71.

277 *Idem*, *Egyptian Woodworking and Furniture*, p. 48.

Devido ao facto de necessitarem de pouca madeira para a sua produção, este tipo de mobiliário tornou-se numa peça bastante popular no decorrer do Império Novo, verificando-se a sua representação iconográfica em inúmeros túmulos privados deste período<sup>278</sup>. Não nos parece que este tipo de peças de mobiliário gozasse de uma grande diversidade de formas à excepção das duas apontadas acima, sendo, acima de tudo, considerado um elemento funcional e indispensável como apoio às refeições. Quando acabada esta peça, levava apenas uma camada de gesso, não apresentando qualquer tipo de decoração<sup>279</sup>.

### 2.1.2.2 A faiança e peças de vidro

Chegamos agora a uma temática já amplamente investigada, em parte devido à diversidade de materiais encontrados em contextos arqueológicos distintos. São várias as obras existentes referentes ao estudo da faiança, do vidro e da cerâmica provenientes do Antigo Egipto, que nos revelam a evolução histórica destes utensílios em termos de métodos de fabrico, composição química, forma e decoração.

Desta forma, e tendo em conta a complexidade desta matéria, não temos por objectivo traçar aqui um retrato exaustivo sobre a faiança e os vários materiais em vidro existentes em contexto doméstico na sociedade egípcia do Império Novo, sendo nossa ambição, somente, fazer uma breve exposição do tipo de objectos utilizados “à mesa” e as suas diversas funcionalidades.

Segundo Rita Freed<sup>280</sup>, através da utilização de margas do deserto e da argila do Nilo<sup>281</sup> eram amplamente manufacturadas inúmeras e variadas peças utilitárias para uso na cozinha aquando das refeições e, igualmente, para acondicionamento de alimentos sólidos e líquidos. Taças, tigelas (*vide* Figs. 48 a 52), jarros (*vide* Figs. 56 a 66) ou ânforas e pratos (*vide* Figs. 53 a 55) de formas simples ou com asas, eram os utensílios mais utilizados no quotidiano egípcio (*vide* Fig. 46), embora também existissem peças mais elaboradas, tais como peças de fundos arredondados com ou sem saliências laterais (*vide* Fig. 51), pratos com formas humanas ou animais e cerâmica ricamente pintada com motivos florais (*vide* Figs. 53, 54, 65 e 66) ou geométricos (*vide* Fig. 56), principalmente em tons de azul (*vide* Fig. 160) 282.

---

278 Cf. *Idem*, *Ancient Egyptian Furniture, Vol. I: 4000 – 1300 BC*, p. 70.

279 Cf. *ibidem*, p. 70.

280 Cf. R. E. Freed, *ob. cit.*, p. 22.

281 Aquilo que os autores estrangeiros denominam frequentemente de “desert marls” e “Nile clay”, cf. *ibidem*, p. 22.

De salientar que, segundo Peter Lacovara, para este tipo de utilização doméstica eram, igualmente, usados peças fabricadas em madeira e outros materiais orgânicos, tais como couro, concha, corno, marfim e cascas de frutos resistentes<sup>283</sup>.

No entanto, aquando da realização de banquetes privados verificou-se a existência de um investimento na “louçaria” utilizada, através de utensílios fabricados em cobre ou bronze, alabastro transparente (embora também fosse se usasse a brecha, o basalto e a serpentina<sup>284</sup>), faiança colorida (a denominada “faiança egípcia”<sup>285</sup> era elaborada através da junção de carbonato de sódio, visco, sílica e adição de água e corantes, resultando esta mistura numa pasta moldável à mão ou colocada em moldes para ganhar forma, sendo, posteriormente, cozida a altas temperaturas fundindo-se, assim, as partículas que criavam o seu vidrado característico<sup>286</sup>) e vidro (elaborado com a mesma base de materiais que a faiança, embora com proporções diferentes - *vide* Fig. 47)<sup>287</sup>. Os utensílios em ouro e prata eram mais raros<sup>288</sup>, sendo, porventura, apenas utilizados pelo Faraó.

Para além das peças já referidas, é visível em inúmeras representações a presença, entre ou atrás das mesas, de pequenas bacias, que serviriam para os convivas lavarem as suas mãos no decorrer da refeição<sup>289</sup>, uma vez que, devido à não existência de talheres, comeriam com as mãos.

### 2.1.2.3 Materiais de fibra vegetal

No que concerne aos objectos produzidos com fibras vegetais, e observando o caso particular dos banquetes, salientamos a importância da cestaria e das esteiras que tinham um importante papel utilitário e prático no quotidiano doméstico egípcio. As fibras vegetais mais utilizadas na produção da cestaria eram, entre outras, para além da folha de palmeira (*Phoenix dactilifera*), a junça (*Cyperus papyrus* e *Cyperus schimporianus*), juncos (*Juncus acutus* e *Juncus arabicus*) e arbustos silvestres<sup>290</sup> (*Coruana prateensis*)<sup>291</sup>.

---

282 Cf. *ibidem*, p. 22.

283 Cf. P. Lacovara, “Vessels” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 3, p. 478.

284 Cf. R. E. Fredd, *ob. cit.*, p. 22.

285 Cf. P. T. Nicholson, “Faience” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 1, p. 491.

286 Cf. R. E. Fredd, *ob. cit.*, p. 22.

287 Cf. *ibidem*, p. 22.

288 Cf. *ibidem*, p. 22.

289 Cf. F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 317.

290 Cf. D. P. Ryan, “Basketry, Matting and Cordage” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 1, p. 164.

291 Cf. *ibidem*, p. 165.

Os cestos, em egípcio *mnqm*<sup>292</sup>, *nbt* e *dnit*, leves e inquebráveis<sup>293</sup> eram peças multiusos<sup>294</sup> que podiam ser categorizadas em três tipos distintos, conforme o seu fabrico e a forma que possuíam<sup>295</sup>: o tipo enrolado, o tipo entrelaçado e o tipo entrançado. No primeiro tipo, de longe o mais produzido no Antigo Egito, as fibras eram firmemente enroladas numa espiral continua de forma a produzir-se uma base e paredes circulares ou ovais (*vide* Fig. 67), sendo que, segundo Donald Ryan, posteriormente as cordas enroladas eram cozidas umas às outras para ficarem unidas<sup>296</sup>. No tipo entrelaçado, o cesto era produzido através do entrelaçar de fibras horizontais à volta de uma moldura vertical fixa, sendo que a união destes elementos era efectuada através de uma grande variedade de nós e pontos<sup>297</sup>. Por último, no tipo entrançado, as fibras eram passadas por baixo e por cima umas das outras com intervalos regulares, o que permitia uma união coesa, não sendo necessária uma cozedura adicional, a não ser para fortalecer as extremidades<sup>298</sup>.

A cestaria egípcia era diversificada em termos formais (*vide* Fig. 68) e de tamanho, sendo os modelos mais comuns os ovais ou os circulares, com ou sem tampa (*vide* Fig. 67), podendo possuir alças ou asas para facilitar o manuseamento e o transporte<sup>299</sup>. Para além disso, o padrão dos entrelaçados permitia uma grande variedade decorativa, o que tornava o cesto, para além de útil, numa peça harmoniosa e com beleza estética<sup>300</sup>. As decorações mais frequentes na cestaria eram feitas através de pontos coloridos, padrões geométricos ou desenhos de animais efectuados através de fibras e fios pintados ou tingidos com pigmentos pretos, vermelhos e brancos<sup>301</sup>.

É deveras difícil classificar o tipo de fabrico dos cestos presentes na iconografia referente aos banquetes, sendo apenas possível distinguir a sua forma. Por norma, e segundo os túmulos de Nakht (*vide* Fig. 11) e Nebamun (*vide* Figs. 20 e 25), os cestos mais utilizados nos banquetes correspondem aos cestos altos redondos (com asa?), colocados em cima de mesas, ou aqueles com “boca” mais larga, semelhantes a pratos grandes, colocados no chão ao lado dos convidados, onde estavam disponíveis frutas, aparentemente uvas, figos, tâmaras ou mandrágoras, para as delícias dos convidados.

---

292 Cf. *ibidem*, p. 166.

293 Cf. *ibidem*, p. 164.

294 Os cestos podiam ser utilizados como recipientes para armazenar e transportar alimentos e para transportar terra no decorrer das construções, cf. *ibidem*, p. 164.

295 Cf. *ibidem*, p. 165.

296 Cf. *ibidem*, p. 165.

297 Cf. *ibidem*, p. 165.

298 Cf. *ibidem*, p. 165.

299 Cf. *ibidem*, p. 165.

300 Cf. *ibidem*, p. 166.

301 Cf. *ibidem*, p. 166.

Pelo que nos é possível observar nas várias imagens de banquetes privados que temos por objecto de estudo, concluímos que nem todos os convidados eram acomodados em confortáveis assentos. Tal como já salientámos, e provavelmente por uma questão de *status* (presumimos que os convidados mais ilustres sentar-se-íam em cadeiras ou bancos), verificamos que nos túmulos de Djeserkareseneb, Dehuti, Nakht e Rekhmire, alguns convidados, geralmente mulheres, se encontram sentados sobre os joelhos em esteiras colocadas no chão (*vide* Figs. 10, 11, 12, 13, 14, 16, 28 e 29). Da mesma forma, no túmulo de Nebamun, observamos músicas a tocar sentadas, de pernas cruzadas, sobre esteiras colocadas no chão, ao lado de dançarinas nuas (*vide* Figs. 21 e 22). As esteiras também são visíveis nas imagens de banquetes por baixo das cadeiras, utilizadas como os nossos vulgares tapetes (*vide* Figs. 9, 11, 12, 27 e 28). Esta espécie de tapetes<sup>302</sup>, em egípcio *p*, *kn*<sup>303</sup>, *tm*<sup>3</sup> ou *pm*<sup>3yt</sup>, eram produzidas através da junção ou do entrançar de fibras vegetais com cordéis. Os materiais mais utilizados no seu fabrico eram folhas de palmeira, canas de *Phragmites communis*, juncos, erva<sup>304</sup> e *Typha australis*<sup>305</sup>.

#### 2.1.2.4 As flores

Através da observação da iconografia tumular, do análise de determinados achados arqueológicos (tijolos de lama, flores, grinaldas, frutos, vegetais, ervas, especiarias, óleos e unguentos, cestaria, mobiliário, enfim todo o tipo de materiais orgânicos encontrados em contexto tumular – e muitas vezes nas antigas lixeiras - que nos permitem observar o tipo de flora local existente no território e os materiais importados) e do complemento permitido por alguns textos<sup>306</sup>, o estudo das flores, em egípcio *stj-š3* ou, literalmente, “aroma do jardim”, utilizadas nos banquetes privados leva-nos a duas questões distintas: em primeiro lugar, torna-nos possível reconhecer o tipo de flora existente no Antigo Egipto do Império Novo. Em segundo lugar, permite-nos estabelecer uma previsão de qual a altura do dia preferencialmente escolhida para a realização dos banquetes, tal como veremos em seguida.

Embora a bibliografia existente a respeito deste assunto em particular nos permita explorar a fundo a questão da botânica egípcia e de todas as suas espécies, é-nos impossível

<sup>302</sup> Que também podiam ser utilizadas nos telhados, cf. *ibidem*, p. 164.

<sup>303</sup> Cf. *ibidem*, p. 166.

<sup>304</sup> “Halfa grass”, cf. *ibidem*, p. 166.

<sup>305</sup> Cf. *ibidem*, p. 166.

<sup>306</sup> Salientamos que alguns nomes egípcios para certas flores e plantas ainda não têm paralelo em termos linguísticos, pelo que não se sabe ainda o nome de algumas espécies. Da mesma forma, deparamo-nos com outra dificuldade relacionada com a identificação de algumas espécies na iconografia, pois a sua representação, por vezes, não foi efectuada com especial atenção ao detalhe botânico, cf. R. Germer, “Flora” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 1, p. 535.

fazer aqui uma abordagem aprofundada da flora. Iremos, assim, cingir-nos o mais possível ao contexto específico deste estudo, embora tenhamos perfeita noção de que é impossível ignorar a necessidade de efectuarmos uma breve introdução a esta problemática. Assim, podemos começar por afirmar que a flora egípcia era bastante diversificada, podendo ser, segundo Renate Germer<sup>307</sup>, dividida em duas categorias distintas: as plantas do Nilo e as plantas do Deserto, consoante as condições climáticas em que cresciam: o húmido Vale do Nilo ou o árido deserto<sup>308</sup>. Tal como ainda verificamos hoje, em contraste com o interior desértico do território egípcio, as margens do Nilo possuíam uma vegetação luxuriante (*vide* Fig. 81 e 82) composta por juncos (família *Juncaceae*), canaviais (*Phragmites australis* e *Saccharum spontaneum*), uma variedade de tabua (*Arundo donax*), a já referida *Typha domingensis*, junças (família *Cyperaceae*, destacando-se o papiro, *Cyperus papyrus*), esparto egípcio ou relva (*Desmostachya bipinnata*), *Ceruana pratensis* compósita<sup>309</sup>. Todas estas plantas forneciam matérias-primas a partir das quais o homem egípcio fabricava os mais variados materiais para uso quotidiano: nomeadamente cestaria, vassouras e escovas, esteiras, cordas<sup>310</sup> e mobiliário.

Concretamente no Império Novo e na temática da flora existente na iconografia em contextos festivos, temos de centrar a nossa atenção em duas espécies de flores, cuja simbologia é de extrema importância na civilização dos faraós: o lótus e o papiro.

Começemos por evidenciar os lírios aquáticos (*vide* Fig. 69), principalmente os azuis e brancos<sup>311</sup>, mais comumente designados de lótus (em egípcio *sšn*) azul (*vide* Fig. 71 e 72) e de lótus branco (*vide* Fig. 70), cientificamente denominados de *Nymphaea cerúlea*<sup>312</sup> ou *Nymphaea coerulea*<sup>313</sup> e *Nymphaea albicans*<sup>314</sup> ou *Nymphaea lotus*<sup>315</sup>, respectivamente, que no Antigo Egipto cobriam a superfície do Nilo<sup>316</sup>. Estas plantas cresciam abundantemente nas margens, maioritariamente nos seus ramais pouco profundos e canais<sup>317</sup>.

Baseando-nos no conhecimento que possuímos actualmente acerca do lótus azul, e de acordo com a ideia defendida por Salima Ikram<sup>318</sup>, podemos concluir que os banquetes

---

307 Cf. *ibidem*, pp. 535 – 541.

308 Cf. *ibidem*, p. 535.

309 Cf. *ibidem*, p. 535.

310 Cf. *ibidem*, p. 536.

311 Existiam outras variedades de lótus, nomeadamente o lótus vermelho (*vide* Fig. 73), rosa (*vide* Fig. 74) e amarelo (*vide* Fig. 75).

312 Cf. W. B. Harer Jr., "Lotus" in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 2, p. 304.

313 Cf. R. Germer, "Flowers" in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 1, p. 541.

314 Cf. W. B. Harer Jr., *ob. cit.*, p. 304.

315 Cf. R. Germer, *ob. cit.*, p. 541.

316 Cf. *idem*, "Flora" in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, p. 536.

317 Cf. *idem*, "Flowers" in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, p. 541.

318 Cf. S. Ikram, *ob. cit.*, p. 163.

se deveriam realizar, ou pelo menos começar, a meio da tarde, prolongando-se provavelmente pela noite dentro, uma vez que a planta acima referida se encontra retratada em toda a iconografia referente aos banquetes<sup>319</sup> com as pétalas entreabertas, havendo, no entanto, algumas representações da flor já fechada (como bem nos atestam as Figs. 10 e 26). Efectivamente, o lótus azul desabrocha ao raiar do dia, fechando as suas pétalas ao pôr do sol<sup>320</sup>, o que, de acordo com as imagens de que dispomos, indica que os banquetes começavam enquanto ainda havia luz solar<sup>321</sup>, podendo, com toda a certeza, prolongar-se pela noite dentro (daí encontrarmos representadas estas plantas já fechadas). Para além desta importante característica, destacamos que a sua cor azul é mais intensa nas extremidades das pétalas, como vemos na Fig. 72, sendo o seu cálix interior de um amarelo brilhante (*vide* Fig. 71), provindo daí um intenso aroma que complementa “(...) its attractive appearance”<sup>322</sup>. Destacamos ainda que as suas pétalas são pontiagudas e as suas folhas flutuantes com extremidades suaves<sup>323</sup>.

Esta flor, símbolo do Alto Egipto, era considerada “(...) a botanical reflection of the cosmic daily rebirth of the sun and of rebirth in the afterlife”<sup>324</sup>, provindo desta ideologia, naturalmente, a explicação para a sua frequente representação em contexto funerário, cenário ideal para a concretização do renascimento da alma. Existia, igualmente, uma associação evidente entre esta planta e o plano divino em diversas situações que destacamos em seguida. Em primeiro lugar, verificamos uma estreita relação com o deus sol Ré, uma vez que o sol da manhã, sob a forma do deus Nefertem, nascia numa flor de lótus<sup>325</sup>. Uma das formas de identificação da presença de um deus era, precisamente, o intenso perfume de flores, sendo, no seguimento desta ideia, o defunto frequentemente representado com uma flor de lótus nas suas mãos levando-a ao nariz, como que inalando o seu intenso aroma divino<sup>326</sup>, situação constantemente representada nas imagens dos banquetes privados (nomeadamente nas Figs. 10 e 26), juntamente com a representação da flor de lótus no topo das perucas das servas e dos convidados (conforme podemos ver claramente nos exemplos das Figs. 14 e 28).

Por seu turno, o lótus branco (*vide* Fig. 70) desabrocha de noite<sup>327</sup>, possuindo

---

319 As personagens presentes nos banquetes são frequentemente representadas com flores de lótus nas mãos e nas perucas, além de também se verificar a presença destas flores da decoração de jarros de vinho, cf. *ibidem*, p. 163.

320 Cf. W. B. Harer Jr., *ob. cit.*, p. 305.

321 Cf. S. Ikram, *ob. cit.*, p. 163.

322 W. B. Harer Jr., *ob. cit.*, p. 305.

323 Cf. R. Germer, *ob. cit.*, p. 541.

324 W. B. Harer Jr., *ob. cit.*, p. 305.

325 Cf. R. Germer, *ob. cit.*, p. 541.

326 Cf. *ibidem*, p. 541.

327 Cf. W. B. Harer Jr., *ob. cit.*, p. 305.

pétalas arredondadas e folhas com extremidades serradas<sup>328</sup>. Esta planta é representada, principalmente, em recipientes utilizados no quotidiano egípcio para acondicionamento de bebidas (*vide* Fig. 66), ao passo que os recipientes com representações do lótus azul eram utilizados para fins rituais<sup>329</sup>.

Para além da flor de lótus, outra planta deveras valorizada, utilizada quotidianamente e representada na iconografia, era a planta do papiro (*Cyperus papyrus*, em egípcio *mḥj.t*), símbolo do Baixo Egípto, que crescia em matagais nas margens do Nilo (*vide* Figs. 111), sendo considerada, por excelência, o símbolo da fertilidade e da vida<sup>330</sup> (*vide* Figs. 112). Para além da sua importância simbólica, estamos perante um dos motivos artísticos mais frequente e diversificadamente representado, não só na arquitectura, mas também na decoração de objectos de uso quotidiano (como as jóias, os amuletos e os espelhos, temáticas que abordaremos mais à frente)<sup>331</sup>. No contexto dos banquetes, verificamos a representação do papiro como elemento de oferenda aos donos da casa / defunto (*vide* Figs. 9 e 11), sendo esta planta, também associada aos colares ou grinaldas de flores que abordaremos em seguida.

Embora o uso de certas flores obedecesse a uma componente hierárquica<sup>332</sup>, a sua utilização na vida quotidiana egípcia era uma situação deveras vulgarizada, quer através da utilização de decorações florais nos mais diversos contextos, semelhantes às que encontramos representadas na iconografia referente aos banquetes, ou simplesmente como “(...) decorative elements represented in durable materials”<sup>333</sup>. Durante a XVIII Dinastia tornou-se comum não só a utilização de jóias com motivos florais e de frutos, mas também, e como bem nos atestam algumas imagens de banquetes, de colares elaborados a partir de flores frescas, oferecidas pelas servas aos convidados<sup>334</sup> (*vide* Figs. 2, 4, 5, 9 e 28). Alguns vestígios arqueológicos deste tipo de colares encontrados nas imediações do túmulo de Tutankhamon (e também em algumas múmias do Império Novo, cujas grinaldas possuíam diferentes tipos de flores e plantas) revelam-nos que tipo de plantas eram

---

328 Cf. R. Germer, *ob. cit.*, p. 541.

329 Cf. W. B. Harer Jr., *ob. cit.*, p. 305.

330 Cf. R. Germer, *ob. cit.*, p. 542.

331 Cf. *ibidem*, p. 542.

332 “There was clearly a hierarchical component of the Egyptian uses of flowers. It was the upper rather than the lower sectors of society that engaged in extravagant banquets, in elaborate funerals and in complex behaviours that could be seen as not directly concerned with the more immediate processes of sustaining life. Such situations breed conflict of a cognitive kind which becomes more acute with the growing of what to some will appear as “useless” flowers in preference to edible fruit, in private gardens rather than in public spaces”, cf. J. Goody, *The Culture of Flowers*, Great Britain, Cambridge University Press, 1993, p. 44.

333 R. Germer, *ob. cit.*, p. 541.

334 Cf. *ibidem*, p. 542.

utilizadas na sua elaboração: uma tira de papiro com a forma de colar serviria de base e era enfeitado nas extremidades com linho (por forma a poder ser preso ao pescoço). Depois, os vários pedaços de plantas eram “cozidos” em pequenos pedaços folha de palmeira e, posteriormente, colocados no colar de papiro: as folhas verdes de *persea* (*Mimusops laurifolia*), a oliveira (*Olea europaea*), o salgueiro egípcio (*Salix subserrata*), a romã (*Punica granatum*), o aipo selvagem (*Apium graveolens*), as coloridas pétalas da centáurea azul (*Centaurea depressa*), *Picris asplenoides*, o lótus azul (*Nymphaea coerulea*), as bagas vermelhas da *Withania somnifera* e contas azuis de faiança<sup>335</sup>. Este tipo de “grinaldas florais” eram não só utilizadas pelos vivos em contexto festivo e pelos mortos e suas estátuas, mas também serviriam de complemento decorativo aos objectos de uso quotidiano, tais como os recipientes que acondicionavam comida e bebida e os suportes para faiança, tal como já verificamos em algumas cenas de banquetes<sup>336</sup>. Da mesma forma, foi já anteriormente mencionado que muitas vezes a própria faiança apresentava este tipo de decoração, nomeadamente nos jarros (*vide* Fig. 66)<sup>337</sup>.

Embora as espécies florais mais utilizadas no Antigo Egipto do Império Novo fossem, como já vimos acima, o lótus e o papiro, verificamos, em algumas representações artísticas, a existência de flores importadas que teriam sido plantadas não só nos jardins particulares, mas também nos templos, tais como a centáurea azul (*Centaurea depressa*) e a papoila (*Papaver rhoeas*)<sup>338</sup>.

### 2.1.2.5 A iluminação

Como já vimos acima, a luz natural entrava dentro das casas egípcias por intermédio de pequenas janelas quadradas cobertas com uma esteira e protegidas por uma grade de pedra<sup>339</sup>. Contudo, no período nocturno a iluminação no interior das habitações era mais limitada, o que fazia com que, segundo Rita Freed, os egípcios se deitassem cedo<sup>340</sup>.

Embora não encontremos representações deste tipo de iluminação na iconografia referente aos banquetes do Império Novo, sabemos, pelos artefactos encontrados em escavações arqueológicas, que a iluminação nocturna das casas não era muito intensa, sendo, desde o Império Antigo, efectuada por meio de lamparinas, taças de pedra ou argila

---

335 Cf. *ibidem*, p. 542.

336 Cf. *ibidem*, p. 543.

337 Cf. *ibidem*, p. 543.

338 Cf. *ibidem*, p. 542.

339 Cf. F. Cimmino, *ob. cit.*, pp. 305 – 306.

340 “The Egyptian retired early”, cf. R. E. Fredd, *ob. cit.*, p. 18.

com azeite, cujo pavio terminava numa mecha pontiaguda<sup>341</sup>. Para evitar a existência de fumo, era adicionado sal ao azeite<sup>342</sup>. Para a iluminação de espaços mais amplos eram utilizadas uma espécie de tochas, constituídas por uma massa de gordura com forma ramboidal, fixada na ponta de um bastão<sup>343</sup>. Presumimos que este último tipo fosse o utilizado aquando da realização dos banquetes privados, uma vez que permitia uma maior iluminação dos espaços.

### 2.1.3 A preparação dos alimentos

Seja qual for o período histórico ou o contexto civilizacional em causa, uma das fases mais importantes na “organização” de um banquete é, sem dúvida, a preparação do repasto que será servido aos convidados. Assim, e não avançando já para uma abordagem pormenorizada sobre a temática do paladar, que iremos abordar sob uma vertente mais específica no 3º e último capítulo desta investigação, iremos agora fazer uma breve abordagem sobre as várias formas de preparação dos alimentos e bebidas, e de todos os cuidados que existiam em torno da preparação destes momentos festivos.

#### 2.1.3.1 A “cozinha” e a função social da refeição

Há 500 000, quando o homem dominou o fogo, deu-se a “passagem do cru ao cozinhado”, acabando, desta forma, com a “animalidade” dos seus antepassados<sup>344</sup>. Aquilo a que podemos designar de “cozinha” estava associado, numa fase inicial, à necessidade que o homem foi sentido ao longo da história de tornar os alimentos comestíveis (através de escaldadelas, secagens, macerações ou lavagens prolongadas) e conservar a sua comestibilidade (através da secagem<sup>345</sup> ou fumagem das carnes, a salga, e vários tipos de fermentação controlada), independentemente de questões sócio-culturais. Assim, “cozer, temperar, marinar, triturar, fatiar, filtrar, em resumo, cozinhar, tiveram como função tornar os alimentos digestos e não nocivos, tanto ou mais que melhorar o seu gosto (ao contrário das preocupações actuais), estando este, aliás, estreitamente dependente dos hábitos alimentares baseados na crença de cada cultura”<sup>346</sup>. A partir do momento em que o homem sentiu a necessidade de preparar condignamente os alimentos que viria a ingerir, deu-se aquilo que Jean-Louis Flandrin chama de “humanização dos

---

341 Cf. F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 307.

342 Cf. R. E. Fredd, *ob. cit.*, p. 18.

343 Cf. F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 307.

344 Cf. J. Flandrin, “A Humanização dos Comportamentos Alimentares” in J. Flandrin; M. Montanari (Dir.), *ob. cit.*, pp. 20 – 21.

345 Para além de Heródoto, o Papiro *Harris* descreve a conservação de aves aquáticas pela secagem ao sol, quando estas já estavam abertas e desprovidas das suas entranhas, cf. F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 318.

346 J. Flandrin, *ob. cit.*, pp. 21 – 22.

comportamentos alimentares”, factor este que pode ser bastante anterior à hominização<sup>347</sup>

No que concerne aos comportamentos alimentares, o que distingue os homens dos animais é não só a designada “cozinha”, mas também as funções sociais da refeição<sup>348</sup>. Presume-se que a função social da refeição e o desenvolvimento dos hábitos de convivência à mesa, apareceram muito antes da existência da agricultura e da criação de animais, nomeadamente cerca de 500 000 a.C., com a preparação dos alimentos em fogos colectivos e, também, no Paleolítico Superior com os festins que se realizavam após as grandes caçadas que reuniam as famílias pertencentes a um determinado grupo social, para que consumissem em conjunto a carne acabada de caçar<sup>349</sup>.

Como já vimos anteriormente, desde o Império Antigo que se realizavam banquetes no Antigo Egipto, banquetes esses que estavam sujeitos a uma etiqueta e a rituais rigorosos<sup>350</sup>. Já na Suméria, Síria e Mesopotâmia “comer e beber em conjunto eram funções que já serviam para fortalecer a amizade entre iguais, reforçar as relações entre o senhor e os seus vassallos, os seus tributários, os seus servos e mesmo os servos dos seus servos. Do mesmo modo, a um nível social inferior, os comerciantes selavam os seus acordos comerciais na taberna, diante de um “jarro””<sup>351</sup>. Avançando um “pouco” no tempo e no espaço e chegando ao Egipto do Império Novo, podemos observar os banquetes desta época não só como uma forma de socialização dos hábitos alimentares, mas também como uma componente subtil da vida social egípcia que nos mostra a relevância dada à alimentação na sociedade do Antigo Egipto.

Segundo Edda Bresciani, a importância dada à alimentação nesta sociedade está associada a duas vertentes distintas<sup>352</sup>. Em primeiro lugar, a garantia de quantidade suficiente de alimentos ao homem egípcio representava uma garantia de ordem social, que era uma das funções de todos os soberanos egípcios, cujo propósito primordial seria garantir a existência de *Maat*, o ideal de equilíbrio, em todas as suas vertentes, como se pode atestar no conselho dado pelo faraó Khéti ao seu filho Merikare sobre a maneira de reprimir as rebeliões<sup>353</sup>:

---

347 Cf. *ibidem*, p. 22.

348 Cf. *ibidem*, p. 22.

349 Cf. *ibidem*, p. 24.

350 Cf. *ibidem*, p. 23.

351 Cf. *ibidem*, pp. 22 - 23.

352 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 54.

353 Cf. *ibidem*, p. 54.

“Um pobre pode transformar-se num inimigo, um homem que vive na necessidade pode transformar-se num rebelde. Acalma-se uma multidão em revolta com comida; quando a multidão está em fúria, deve ser guiada até ao celeiro”<sup>354</sup>.

Em segundo lugar, a importância da alimentação é associada às crenças na vida depois da morte que insistiam na necessidade de não se poupar alimentos ao defunto, facto visível não só através dos vestígios alimentares encontrados nos túmulos, mas também nas orações funerárias, que pediam pão e cerveja, aves de criação e bovinos, e, por fim, nas representações iconográficas existentes nos túmulos que, além das cenas de banquetes já referidas, mostravam o defunto diante de uma mesa coberta com o designado “edital”, ou seja, com extensas listas de oferendas<sup>355</sup> (*vide* Fig. 90).

### 2.1.3.2 A preparação do banquete e os métodos de fabrico dos alimentos

Terminada esta breve, mas indispensável, introdução à história da alimentação e dos hábitos alimentares no Antigo Egipto, centremo-nos agora na questão do cerimonial de preparação do banquete e nos métodos de fabrico dos alimentos que seriam consumidos durante o mesmo. De acordo com as fontes iconográficas e tendo em conta as informações de que dispomos acerca da alimentação das classes mais baixas da população, verificamos que os alimentos servidos nos banquetes privados eram diferentes dos consumidos no dia a dia pela populações mais desfavorecidas, sendo mais ricos em termos de diversidade e de confecção, em comparação com “(...) los sencillos y frugalísimos de que podia disponer la gente del pueblo” <sup>356</sup>.

Segundo Franco Cimmino, “(...) los banquetes eran muy suntuosos y se preparaban con cuidado”<sup>357</sup>. Desde manhã que os serviçais se ocupavam com as mais diversas actividades: a matança dos animais e a sua preparação; o fabrico do pão e da cerveja; a abertura das ânforas de vinho e de frascos de mel e, por fim, a decoração das mesas com as flores e com cestas de frutos<sup>358</sup>.

Contudo, antes de nos debruçarmos sobre o fabrico dos alimentos propriamente dito, é importante fazermos uma breve apresentação de como seria a dieta alimentar egípcia nas suas várias vertentes, através do estudo dos alimentos produzidos nesta época. Através

---

354 Datado do Primeiro Período Intermédio – 2181 a 2055 a.C., IX a X Dinastias, cf., A. Erman, “The Instruction for King Merikere” in *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, New York, Dover Publications, Inc., 1995, pp. 75 – 84.

355 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 54.

356 F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 318.

357 *Ibidem*, p. 317.

358 Cf. *ibidem*, p. 317.

do *Papiro Anastasy IV*359 temos acesso a uma ementa preparada para um faraó da XIX Dinastia e para o seu numeroso séquito aquando de uma viagem oficial: 10 000 biscoitos (*ibiscet*), 1200 pães asiáticos, 100 cestos de carne seca, 300 peças de carne (*deghit*), 250 punhados de entranhas de boi, 10 gansos com penas, 40 patos cozidos, 70 carneiros, 12 espécies de peixe, codornizes gordas, pombos de Verão, 60 medidas de leite, 90 medidas de nata, 30 potes de sementes e de polpa de alfarroba, 100 pés de salada, 50 cachos de uvas correntes e 1000 cachos de uvas do oásis, 300 réstias de figos, 50 potes de mel de favos, 50 potes de pepino, 60 cestos de bolbos de alho-porro (120 punhados), óleo da região (óleo de sésamo e óleo doce de Moringa), óleo importado (óleo de Chipre, óleo do país dos Hititas, óleo-*nekefeter* da Babilónia, óleo da região de Amor, óleo da Síria, óleo de Naharina), bebida *paur* (para os servos), cerveja síria e vinho da Palestina<sup>360</sup>.

Esta listagem por si só permite-nos concluir, sem dúvida nenhuma, que os elementos pertencentes à nobreza tinham uma alimentação variada e suficientemente equilibrada em proteínas e vegetais<sup>361</sup>. Como vimos acima, os antigos egípcios consumiam cereais; frutas e legumes; carne de animais de pequeno, médio, grande porte; lacticínios; peixes e um variado número de especiarias, gorduras e óleos (*vide* Figs.87 a 89) que serviriam não só para cozinhar e temperar os alimentos, mas também para uso medicinal<sup>362</sup>.

Segundo Jean-louis Flandrin<sup>363</sup>, o primeiro **cereal** a ser cultivado na Mesopotâmia e no Egipto terá sido a cevada, seguido da espelta e do trigo (*vide* Figs. 86 e 91 a 93), embora a maioria dos autores coloque a espelta em último lugar. Assim, e seguindo a maioria dos autores, datamos os primeiros vestígios de cevada, trigo e espelta<sup>364</sup>, encontrados no delta do Nilo, em cerca de 4000 a.C.<sup>365</sup>. Partindo dos princípios da agricultura cerealífera, estes primeiros cereais a serem cultivados terão sido explorados em estado selvagem<sup>366</sup>. Devido à enorme fecundidade dos campos egípcios resultante das cheias sazonais do Nilo<sup>367</sup>, que irrigavam os campos e depositavam nas suas terras camadas de nutrientes necessários à fertilização das mesmas (*vide* Figs. 84 e 85), a base da

359 Cf. R. Caminos, *Late Egyptian Miscellaneas*, Oxford, 1954, pp. 198 – 199.

360 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 55.

361 Cf. *ibidem*, p. 55.

362 Para o estudo da alimentação, salientamos, novamente, a obra de síntese de D., P. Brothwell, *ob. cit.*

363 Cf. J. Flandrin, *ob. cit.*, p. 18.

364 Cf. W. J. Darby; P. Ghalioungui; L. Grivetti, *Food. The Gift of Osiris, I-II*, Academic Press, 1976, pp. 457 – 499.

365 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 55.

366 Cf. J. Flandrin, *ob. cit.*, p. 18.

367 De salientar, igualmente, a importância do sistema de irrigação dos campos existente no Antigo Egipto – *vide* Fig. 83.

dieta alimentar no Antigo Egipto assentava no sector agrícola, com o pão e a cerveja (a produção do trigo e da cevada, respectivamente) a encontrarem-se no top dos alimentos consumidos pelo homem deste tempo, qualquer que fosse a sua condição social, sendo a espelta utilizada para o fabrico de pão para as classes mais modestas da população<sup>368</sup>. As planícies fertilizadas produziam cereais em quantidades abundantes e suficientes para o consumo interno e para exportação<sup>369</sup>.

No Antigo Egipto cultivava-se uma grande variedade de **legumes, frutos e raízes**, senão vejamos:

◆ Legumes<sup>370</sup> - dentro deste campo destaca-se o consumo de cebolas; alhos-porros; alhos; beringelas; alfaces (de grandes dimensões que eram consagradas ao deus Min, protector da agricultura e da fecundidade - *vide* Figs. 97 e 98); pepinos; leguminosas que eram comidas diariamente<sup>371</sup> (como os tremoços, grão-de-bico, favas, lentilhas e ervilhas<sup>372</sup>); beldroega<sup>373</sup>; aipo e salsa brava (denominado de “aipo do deserto”).

◆ Frutos<sup>374</sup> - os egípcios apreciavam melancias; melões; o fruto de mandrágora (*vide* Figs. 100 e 101); o fruto da árvore de sicómoro<sup>375</sup> (*vide* Fig. 102); os figos; os frutos de perseia<sup>376</sup> (amarelos e com gosto a maçã que podiam ser comidos frescos ou secos e reduzidos a farinha); drupas da balanite (ou “tâmaras do deserto”); jujubas (que sabiam a cereja); as tâmaras (*vide* Fig.103 e 104); as nozes da palmeira *dum* e as alfarrobas<sup>377</sup>. Com as trocas comerciais com países asiáticos<sup>378</sup>, os egípcios começam a cultivar a macieira, a romãzeira (*vide* Fig. 105) e a oliveira (*vide* Fig. 99)<sup>379</sup>. Os citrinos só começaram a ser cultivados a partir do período greco-romano<sup>380</sup>. No que concerne à vinha<sup>381</sup>, sabemos que esta já existia desde o período Pré-Dinástico, sendo o seu cultivo efectuado no delta, no Fayum e nos oásis ocidentais (Khargyeh, Dakhla, Baharia, Farafra), em espaldeira<sup>382</sup> e principalmente em latada<sup>383</sup>, dando uvas pretas que eram utilizadas, essencialmente, para a

368 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 56.

369 Cf. *ibidem*, p. 56.

370 Cf. *ibidem*, p. 57.

371 Cf. M. Berriedale-Johnson, *Food Fit For Pharaohs. An Ancient Egyptian Cookbook*, London, The British Museum Press, 1999, p. 8.

372 Introduzidas durante o Império Novo.

373 Cf. W. J. Darby; P. Ghalioungui; L. Grivetti, *ob. cit.*, p. 681.

374 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, pp. 57 – 58.

375 Árvore consagrada à deusa Hathor.

376 *Mimusops laurifolia*.

377 Também utilizadas em medicina como vermífugo e digestivo, cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 58.

378 A partir da XVIII Dinastia.

379 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 58.

380 Cf. *ibidem*, p. 58.

381 Cf. *ibidem*, p. 58.

382 Renque de árvores cujos ramos cobrem parte de um muro ou parede.

383 Grade de ripas para segurar parreiras e plantas trepadeiras.

produção do vinho (*vide* Figs. 106 a 110);

◆ Raízes<sup>384</sup> - os egípcios também utilizavam raízes na alimentação, nomeadamente da junça e do lótus (a raiz adoçada do lótus era comida cozida ou grelhada, e a dela faziam, segundo Teofrasto<sup>385</sup>, uma iguaria denominada de *keorsion*), além do rizoma do papiro (que era consumido cru ou cozido<sup>386</sup> - *vide* Fig.111 e 112).

Segundo Dominique Valbelle<sup>387</sup>, o consumo de **carne** não entrava na gastronomia quotidiana egípcia. Contudo, criavam-se ovinos, caprinos e bovinos para abate (*vide* Figs. 114 a 116), nomeadamente a vaca, as ovelhas (em egípcio *wt hdt* ou *sr*<sup>388</sup>), as cabras (em egípcio *w ty* ou *r*<sup>389</sup>), os carneiros<sup>390</sup>. Os porcos, em egípcio *š3j*, *rr(t)* e *jph*<sup>391</sup>) mais baratos e abundantes nas aldeias<sup>392</sup>, também eram produzidos em grande número no Antigo Egipto<sup>393</sup>, presumindo-se que o seu consumo apenas fosse proibido nas oferendas rituais<sup>394</sup>. Segundo Edda Bresciani<sup>395</sup>, o sangue dos bovinos degolados nos sacrifícios religiosos era utilizado para a produção de uma espécie de morcela (*vide* Fig. 113). As entranhas dos animais também eram bastante apreciadas, nomeadamente o fígado e o baço.

No que toca às aves, a iconografia mostra-nos, sem sombra para qualquer dúvida, a importância que as aves detinham na dieta alimentar egípcia (*vide* Figs. 117 a 120). Os egípcios apreciavam, particularmente, gansos, patos, codornizes, pombos e pelicanos. Segundo Edda Bresciani, os gansos e pombos eram comidos assados, podendo os gansos e os patos, ainda com penas, ser conservados em gordura ou sal, dentro de grandes recipientes de barro<sup>396</sup>. O frango só começou a ser consumido e produzido no Antigo Egipto no fim do período romano<sup>397</sup>.

De acordo com os vestígios arqueológicos encontrados nos túmulos de Abydos, datados da I Dinastia a.C., podemos afirmar que os bovinos, ovinos e caprinos, criados pelos antigos egípcios, produziam **leite**, em egípcio *irtt hdt*<sup>398</sup>, a partir do qual era feita manteiga e queijo<sup>399</sup>, embora não fossem consumidos frequentemente<sup>400</sup>.

---

384 Cf. *ibidem*, p. 57.

385 Teofrasto, *História das Plantas*, IV, 8, 11.

386 Teofrasto, *História das Plantas*, IV, 2; Heródoto, *Histórias*, II, 92; Diodoro, *Biblioteca Histórica*, I, 80, 8.

387 Cf. D. Valbelle, *ob. cit.*, p.110.

388 Cf. D. J. Brewer, "Sheep and Goats" in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 3, p. 278.

389 Cf. *ibidem*, p. 278.

390 Cf. D. Valbelle, *ob. cit.*, p.110.

391 Cf. P. F. Houlihan, "Pigs" in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 3, p. 47.

392 Cf. *ibidem*, p.110.

393 Cf. W. J. Darby; P. Ghalioungui; L. Grivetti, *ob. cit.*, p. 80.

394 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 59.

395 Cf. *ibidem*, p. 58.

396 Cf. *ibidem*, p. 59.

397 Cf. *ibidem*, p. 59.

398 Cf. W. Guglielmi, "Milk" in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 2, p. 412.

A iconografia funerária, mais do que a arqueologia (talvez por questões olfactivas) revela-nos, desde o Império Antigo, a variedade de **peixes** existente no Nilo, Mar Mediterrâneo e Mar Vermelho, que serviam de base à alimentação do homem egípcio, desde as classes mais abastadas da sociedade, até à população mais modesta (*vide* Fig. 121 a 122). Destacam-se os sargos, tilápias, peixes-gato, carpas, barbos e enguias, que podiam ser consumidos cozinhados ou ser secos e salgados<sup>401</sup>. A pesca podia ser de arrasto (*vide* Fig. 123) ou com uma espécie de arpão (*vide* Fig. 122) e à linha nos lagos e tanques dos palacetes dos nobres<sup>402</sup>.

Os **condimentos** utilizados na preparação dos alimentos eram variados e consistiam em mel, escuro ou claro, produzido pelas abelhas nos extensos campos do delta e conservado em vasilhas, cujas rolhas eram seladas com cera<sup>403</sup>. Relativamente ao sal, sabemos que eram utilizados dois tipos: o “sal do Norte” e o “sal vermelho”<sup>404</sup>. No que toca às plantas aromáticas<sup>405</sup>, sabemos que eram utilizadas o zimbro, o anis, os coentros<sup>406</sup>, os cominhos<sup>407</sup>, o funcho, o *fenugreco*<sup>408</sup> com cheiro de açafão, semelhante ao actual caril, e as sementes de papoila dormideira. O uso da pimenta, por seu turno, foi mais tardio, só tendo começado a ser importada da Índia nos dois primeiros séculos d.C.<sup>409</sup>.

Para fritar e temperar os alimentos<sup>410</sup>, os antigos egípcios utilizavam a gordura de ganso, de porco ou de boi, recorrendo, também, aos vários tipos de óleos nacionais existentes, tais como o óleo *bak* (extraído da noz de moringa), o óleo de sésamo, de linho e de rícino, e aos óleos importados, tais como o óleo de Keftiu<sup>411</sup> e o óleo da região de Sciasu<sup>412</sup>. O azeite de oliveira não estava ainda divulgado...

---

399 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 58.

400 Cf. D. Valbelle, *ob. cit.*, p. 111.

401 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 59.

402 Cf. *ibidem*, p. 59.

403 Cf. *ibidem*, p. 59.

404 Cf. *ibidem*, p. 59.

405 Cf. *ibidem*, pp. 59 - 60.

406 De acordo com o gastrónomo Apicius, 3, 4, 3; 10, 1, 7, 8.

407 Plínio-o-Velho refere-se aos cominhos tebanos, diferentes dos cominhos etíopes, cf. *História Natural*, XIX, 47, 161.

408 Encontrado na estação arqueológica de Maâdi, cf. *ibidem*, p. 60.

409 Cf. *ibidem*, p. 60.

410 Cf. *ibidem*, p. 60.

411 Proveniente da Síria e das regiões da costa do Egeu, cf. *ibidem*, p. 60.

412 Síria-Palestina, cf. *ibidem*, p. 60.

Enunciados os principais produtos alimentares utilizados na gastronomia egípcia, passemos agora ao fabrico dos alimentos, propriamente dito, salientando os principais métodos utilizados na sua preparação, nomeadamente dos que constituíam a base da alimentação egípcia das classes mais abastadas da sociedade e que, por isso mesmo, não poderiam faltar nestas ocasiões de ostentação. Começemos pela farinha (*teret*), utilizada para a preparação dos vários tipos de pães consumidos nestas ocasiões, e pelas técnicas de moagem utilizadas. Todas as famílias egípcias, independentemente da sua posição social, a produziam em casa<sup>413</sup> através de uma técnica rudimentar: os grãos de trigo, cevada e espelta eram primeiro triturados num almofariz de pedra pelos homens, antes de serem moídos pelas mulheres numa placa de pedra inclinada<sup>414</sup>; este pó grosseiro era posteriormente peneirado (*vide* Fig. 126). Para o fabrico de farinha mais fina, os grãos de cereais eram levemente torrados ou secos ao sol antes de serem moídos<sup>415</sup>. Esta técnica de moagem fazia com que o pão fosse misturado com inúmeras impurezas minerais, o que provocava o desgaste dos dentes visível na dentição das múmias<sup>416</sup> (*vide* Fig. 127).

Na preparação do pão, os egípcios misturavam água e sal à farinha, amassando devidamente o preparado. Esta massa era, posteriormente, levedada com fermento obtido por processo natural<sup>417</sup>, sendo que a partir de 1500 a.C. também se começou a utilizar a levedura proveniente do fabrico da cerveja<sup>418</sup>. A cozedura era efectuada de várias formas: directamente sobre uma pedra lisa colocada sobre o lume; no plano horizontal do forno aberto; colada às paredes interiores do forno<sup>419</sup> ou colocando-se a massa em moldes cónicos (*vide* Fig. 128 e 129), previamente aquecidos, que depois iriam ao lume<sup>420</sup> (*vide* Fig. 125). Segundo Franco Cimmino, no Império Novo conheciam-se cerca de quarenta tipos distintos de pães: pequenos, ovais, triangulares (*vide* Fig. 95), redondos (tal como existem nos dias de hoje, *vide* Figs. 124 e 94), cónicos (*vide* Fig. 96), podendo variar os ingredientes que os constituíam, sendo uns confeccionados com mel, outros com leite, manteiga, ovos<sup>421</sup> e até figos (*vide* Fig. 96).

Quanto à cerveja<sup>422</sup>, em egípcio *hnkt*<sup>423</sup>, segundo Franco Cimmino esta era “(...)

413 Cf. F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 318.

414 “(...) Los granos eran majados por los hombres en morteros de piedra, con una maja y, otras veces, puestos sobre una piedra lisa, sobre la que las mujeres hacían pasar otra piedra redondeada, que primero trituraba y posteriormente reducía a harina el trigo; la operación se repetía varias veces y cada vez se pasaban los granos molidos por un cedazo”, cf. *ibidem*, p. 319.

415 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 56.

416 Cf. H. Wilson, *Egyptian Food and Drink*, Buckinghamshire, Shire Publications Ltd, 2001, p. 13.

417 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 56.

418 Cf. W. J. Darby; P. Ghalioungui; L. Grivetti, *ob. cit.*, pp. 509 - 512.

419 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 56.

420 Cf. F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 319.

421 Cf. *ibidem*, p. 319.

422 Muito semelhante à *buza* ainda hoje produzida no Sudão e no Egipto, cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 57.

muy fácil de fabricar y todas las amas de casa la preparaban cada día en cantidad suficiente para las necesidades diarias de la familia”<sup>424</sup>. Considerada a bebida nacional por excelência, por estar acessível a todas as classes sociais<sup>425</sup>, a cerveja tinha um elevado teor alcoólico e, de acordo com a iconografia e os “modelos” de fábricas de cerveja, esta seria fabricada da seguinte forma artesanal: punham-se a fermentar a quente, em água e trigo triturado, pedaços de pão de cevada ou de trigo, mal cozidos para preservar as enzimas da fermentação. Em seguida esse líquido fermentado, espesso, era filtrado e deixado a assentar em vasilhas de barro cozido<sup>426</sup> (*vide* Figs. 130 e 131).

No que concerne ao vinho, em egípcio *irp*<sup>427</sup>, depois da colheita (*vide* Figs. 107 e 108) e da pisa<sup>428</sup> da uva (*vide* Figs. 109 e 110), o vinho era guardado em ânforas de barro cozidas que eram devidamente seladas com argila, sendo feita uma inscrição, à semelhança dos nossos rótulos, com a colheita e o ano da vindima<sup>429</sup>. Para além de ser feito com uva, o vinho também era produzido à base de tâmaras (a bebida fermentada *seremet*<sup>430</sup>), figos (bastante alcoólico) e romãs (pensa-se que este seria designado de *sciadeh*)<sup>431</sup>. Os egípcios também consumiam em quantidades consideráveis o vinho importado da Síria<sup>432</sup>, mas convém salientar que o consumo de vinho era, essencialmente, efectuado em ocasiões festivas<sup>433</sup>, nomeadamente nos banquetes.

No que respeita à carne servida nos banquetes, esta seria proveniente de caça particular efectuada no próprio dia<sup>434</sup>, devido ao clima árido e quente deste país que não permitia a sua conservação por muito tempo<sup>435</sup>. Algumas imagens tumulares mostram-nos como seria efectuada a matança de animais de grande porte (*vide* Fig. 113). Segundo Franco Cimmino, “los controladores se cercioraban de que las bestias estuviesen sanas: después, cuatro o cinco servidores sostenían al animal sobre el suelo, lo trababan rápidamente y, mientras uno de ellos tiraba hacia atrás de la cabeza, el jefe del grupo degollaba el animal, cuya sangre se recogía en un barreño; después comenzaba el descuartizamiento de la bestia; se le cortaban las patas, después la cabeza, a continuación se le despellejaba, se le daba un

---

423 Cf. D. Samuel, “Beer” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 1, p. 171.

424 F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 296.

425 Ao contrário do vinho, muito caro.

426 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 57.

427 Cf. Mu-chu, Poo, “Wine” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 3, 2001, p. 502.

428 Efectuada com os pés, da mesma forma que a conhecemos.

429 Cf. *ibidem*, p. 58.

430 Cf. D. Valbelle, *ob. cit.*, pp.110.

431 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 58.

432 Cf. *ibidem*, p. 58.

433 Cf. D. Valbelle, *ob. cit.*, p.110.

434 Segundo Franco Cimmino, “(...) los responsables de las cocinas de los palacios y los templos disponían de sus propios cazadores y pescadores”, cf. F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 316.

435 Cf. *ibidem*, p. 316.

tajo y se le extraían el corazón y las vísceras”<sup>436</sup>. As partes da carne mais apreciadas no Antigo Egipto eram o filé e o lombo, que podiam ser cozinhadas no forno ou grelhadas, ao passo que a restante parte da carne era, geralmente, cozida. Por seu turno, enquanto as carnes, aves e peixes podiam ser grelhados, assados, cozinhados no espeto ou cozidos, a massa para bolos era, segundo Edda Bresciani, frita<sup>437</sup>.

### 2.1.3.3 Cozinhas egípcias e utensílios utilizados

Em Deir el-Medinah, para além das estruturas habitacionais e zonas destinadas à cozinha, foram encontrados modelos, pequena estatuária e faiança que nos permitem visualizar, não só algumas práticas de produção de alimentos, mas também os utensílios utilizados para a sua confecção e acondicionamento.

O espaço físico doméstico destinado à cozinha era muito simples, sendo constituído, basicamente, por um forno de barro cozido<sup>438</sup>, normalmente cilíndrico<sup>439</sup> com um metro de altura, aberto no topo e constituído por uma espécie de portinhola em baixo que permitia não só retirar as cinzas, mas também ventilar<sup>440</sup>. Existiam, porém, outras tipologias de fornos, conforme podemos ver na Fig. 134.

Segundo Edda Bresciani, todas as casas, mesmo as mais modestas<sup>441</sup>, possuíam esta estrutura no pátio interior ou de trás, debaixo das esteiras ou nos terraços<sup>442</sup> das habitações<sup>443</sup>. Normalmente os egípcios cozinhavam em espaços abertos<sup>444</sup>, podendo existir, nas habitações mais espaçosas, um espaço destinado somente à cozinha<sup>445</sup> (*vide* Fig. 132 e 133), como a designada “casa dos três fornos”<sup>446</sup>: este espaço seria constituído por um *canûn*, três fornos com um plano de suporte para as caçarolas, um lugar destinado à ânfora da água e uma cavidade escavada no solo de pedra com uma conduta de escoamento<sup>447</sup>.

Uma vez que não dispunham na época carvão mineral, os egípcios cozinhavam com carvão de madeira e lenha<sup>448</sup>.

---

436 Cf. *ibidem*, p. 320.

437 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 61.

438 Segundo Franco Cimmino poderia ser móvel (de terracota), cf. F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 318.

439 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 60.

440 Cf. F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 318.

441 No caso de se tratar de uma família muito pobre, a marmita era colocada directamente sobre três pedras dispostas em círculo, cf. *ibidem*, p. 318.

442 Como em El-Amarna, cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, pp. 60.

443 Cf. *ibidem*, p. 60.

444 Cf. M. Berriedale-Johnson, *ob. cit.*, p. 9.

445 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 60.

446 Remonta à época de Tutmósis IV e foi descoberta em Gurna pela missão de Pisa, cf. *ibidem*, p. 61.

447 Cf. *ibidem*, p. 61.

448 Cf. F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 318.

O **armazenamento** dos legumes, cereais<sup>449</sup>, especiarias e condimentos seria feita em recipientes de barro cozido que eram, por sua vez, enterrados no chão com o gargalo ao nível da terra<sup>450</sup>. Quanto aos **utensílios de cozinha**<sup>451</sup> mais utilizados pelos antigos egípcios eram as caçarolas e sertãs<sup>452</sup> resistentes ao fogo, de barro cozido ou de metal<sup>453</sup>; facas de cobre, bronze ou até mesmo de pedra; colheres e conchas, perfuradas ou não, de madeira ou de metal; passadores; almofarizes com pilão; pratos; escudelas; copos de barro cozido, faiança ou ouro e prata<sup>454</sup>; bandejas de madeira, metal ou de fibras vegetais entrançadas; taças e passadores de metal para servir o vinho e cerveja e, para não agitar o “pé” destas bebidas, era utilizado, igualmente, um sifão para as decantar.

## 2.2 As personagens sociais intervenientes

Embora inevitavelmente já tenhamos referido alguns destes elementos de uma forma sucinta, principalmente aquando da análise da preparação do banquete, cabe-nos agora traçar e aprofundar o papel de cada uma das personagens intervenientes neste contexto social e evidenciar a sua relevância na realização deste tipo de acontecimentos.

### 2.2.1 Homens e mulheres – o papel da mulher no contexto da casa

A diferenciação de papéis entre homens e mulheres é uma constante ao longo da História da Humanidade. Muito se escreveu sobre o papel quase insignificante das mulheres em muitas sociedades e contextos históricos longínquos (e, infelizmente nalguns casos, contemporâneos) sendo esta considerada, muitas vezes, um ser inferior cujo papel primordial, salvo honrosas exceções, seria o de providenciar e, depois, cuidar da descendência do marido, cuidar dos assuntos e afazeres domésticos e sujeitar-se a um lugar de sombra e de “bastidor” num contexto familiar dominado pelo sexo masculino. Contudo, e ao contrário do que seria de esperar numa cronologia entre 1550 – 1069 a. C., o Antigo Egito mostra-nos, também aqui, a sua supremacia civilizacional, apresentando-nos uma surpreendente realidade social caracterizada por uma igualdade de circunstâncias e por um equilíbrio de papéis sociais entre homens e mulheres.

Contudo, e fugindo à regra seguida pela maioria dos autores que estudam esta temática social, o que pretendemos expôr nas linhas que se seguem não é a valorização das

---

449 O armazenamento de grandes quantidades de cereais seria feito em silos semelhantes aos da Fig. 135.

450 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 61.

451 Cf. *ibidem*, p. 61.

452 Espécie de frigideira larga e de pouco fundo.

453 De cobre e mais tarde bronze, cf. *ibidem*, p. 61.

454 No caso de faraós ou elementos da corte, cf. *ibidem*, p. 61.

inúmeras capacidades e potencialidades desta mulher autónoma e “emancipada”, mas sim, concretamente, o estudo das funções que esta personagem poderia desempenhar no contexto da casa, funções estas mais familiares e, principalmente, de âmbito doméstico.

A partir do momento em que a mulher egípcia saía de casa para casar (co-habitar na casa do respectivo marido) e constituir família, tornava-se uma “Senhora da Casa” – *nbt pr* – assumindo as responsabilidades inerentes ao papel de esposa, seguindo a preceito os ensinamentos transmitidos pela mãe<sup>455</sup>. A designação de “Senhora da Casa” aparece com maior frequência a partir do Império Médio, verificando-se, aparentemente, desde então uma certa diminuição na maioria das actividades femininas desempenhadas no sector administrativo<sup>456</sup>. Regista-se, nesta altura, um certo retorno da mulher ao lar, ideia esta desenvolvida por William A. Ward<sup>457</sup> que defende que no Império Médio o papel principal da mulher na sociedade era, essencialmente, o de esposa e de mãe, papel visto com particular apreço, pois contribuía para a estabilidade e manutenção da vida familiar<sup>458</sup>.

A *nbt pr* tinha a seu cargo tarefas que implicavam a boa gestão e o governo do lar<sup>459</sup>, ou seja, “a life revolving around cooking, weaving, and child raising: that is, totally domestic, inhouse occupations”<sup>460</sup>. Para além da mais pobre, também a mulher da alta sociedade surge na iconografia geralmente associada a tarefas que tinham lugar dentro do complexo habitacional, e que incluíam não só o fabrico de pão e cerveja (*vide* Fig. 130), mas também a moagem do grão, a criação de animais para consumo caseiro, o fabrico de tecidos e, provavelmente, a produção artesanal<sup>461</sup>. Embora nos pareça bastante viável que estas imagens tenham, efectivamente, um grande fundo de verdade, é pertinente considerar, no entanto, a hipótese de que todo esse trabalho fosse, na prática, maioritariamente desempenhado por servas, cabendo à “Senhora da Casa” a função de organizar e de supervisionar as actividades daquelas, por forma a assegurar-se do bom funcionamento da casa<sup>462</sup> e, assim, garantir o equilíbrio e a estabilidade do lar, uma das variantes de *Maat*.

455 Cf. C. Pinto, *A Mulher e o Amor no Egípto Antigo. Senhora da Casa (nbt pr), Senhora do Amor (nbt mrwt)*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2003, p. 36.

456 Cf. *ibidem*, p. 37.

457 Cf. W. Ward, “Non-Royal women and their occupations in the Middle Kingdom” in B. S. Lesko (ed.), *Women’s Earliest Records from Ancient Egypt and Western Asia*, p. 43.

458 Cf. C. Pinto, *ob. cit.*, p. 37.

459 Este papel é bem visível no “Conto dos Dois Irmãos” datado do Império Novo, na medida em que relata a história de dois irmãos que iam trabalhar no campo, enquanto a esposa do irmão mais velho ficava em casa a cuidar do lar e a preparar um ambiente acolhedor para o regresso do marido, que chegava cansado da sua labuta diária, cf. *ibidem*, p. 38.

460 L. H. Lesko, *Pharaoh’s Workers. The Villagers of Deir el Medina*, p. 26.

461 Cf. C. Pinto, *ob. cit.*, p. 38.

462 Cf. *ibidem*, p. 38.

Segundo Clara Pinto, *nbt pr* podia, no entanto, estar implicada de uma forma mais directa na concretização dessas funções sempre que não houvessem serviçais suficientes<sup>463</sup>.

Analisado o papel da mulher no contexto doméstico, é possível traçar um paralelo entre a posição social da mulher no Antigo Egipto do Império Novo e o contexto festivo dos banquetes privados, pois a função da “Senhora da Casa” nestas alturas seria, precisamente, a de supervisionar o trabalho servil e, até mesmo, contribuir activamente nas várias tarefas domésticas por forma a garantir que todos os preparativos do banquete decorressem da melhor forma possível e que tudo estivesse perfeito para receber os convidados.

No Antigo Egipto o termo “família” designava uma célula social que não possuía uma hierarquia rígida, gozando a mulher, dentro dela, de uma liberdade e independência moral e financeira bastante evidente<sup>464</sup>, conforme vimos acima. Contudo, no que toca à casa, essa liberdade e independência femininas estavam condicionadas devido a uma aptidão e a um direito genuíno que lhe assistiam para desempenhar as várias funções domésticas. Assim, para além de ter como obrigação familiar primordial criar um ambiente acolhedor no lar e proporcionar aos seus filhos bem estar e educação<sup>465</sup>, a mulher era, também, a única responsável pela boa gestão das actividades relacionadas com o lar<sup>466</sup>, existindo, neste caso concreto, uma natural distinção de papéis entre o homem e a mulher. Neste sentido, o escriba Ani aconselha, entre outras coisas, “(...) o homem a não interferir, nem sequer a controlar ou criticar o trabalho doméstico que competia à sua esposa”<sup>467</sup>.

### 2.2.2 Servos e servas

Quando observamos as imagens de banquetes do Império Novo verificamos sempre a presença de elementos de ambos os sexos que, naquele contexto, nada mais faziam do que servir e cuidar dos convidados, permitindo-lhes, assim, desfrutar ao máximo da abundância e elegância dos donos da casa. Para além de alimentos e bebida (*vide* Figs. 9, 10, 13, 16, 20, 25, 27, 28 e 29), os servos da casa também disponibilizavam aos convivas flores de lótus e colares de flores (*vide* Figs. 2, 9 e 28), espelhos, bacias para lavarem as suas mãos<sup>468</sup>, ou vomitarem (*vide* Fig. 7), e cones de gordura perfumados, de forma a que os ilustres convidados se sentissem bem recebidos. Segundo Salima Ikram, geralmente os

---

<sup>463</sup> Cf. *ibidem*, p. 38.

<sup>464</sup> Cf. F. Cimmino, *ob. cit.*, pp. 309 - 310.

<sup>465</sup> Cf. C. Pinto, *ob. cit.*, p. 40.

<sup>466</sup> Cf. *ibidem*, p. 41.

<sup>467</sup> Cf. *ibidem*, p. 41.

<sup>468</sup> Ou talvez para vomitarem, quando excedido o álcool.

servos do sexo masculino serviam os convidados do sexo masculino (*vide* Figs. 9 e 20), ao passo que as servas (*vide* Fig. 76) serviam as damas, embora ocasionalmente também apareçam na iconografia a servir os homens<sup>469</sup>, conforme podemos atestar no túmulo de Nebamun (*vide* Fig. 20, concretamente a primeira serva do lado esquerdo da fila superior).

A percepção de que estamos perante indivíduos de uma classe servil, inferior aos demais, leva-nos a questionar se estes indivíduos seriam escravos, no actual sentido da palavra, ou, somente, meros serviçais, contrados pelos nobres para prestação de serviços de âmbito doméstico? De acordo com José das Candeias Sales<sup>470</sup> a questão da escravatura no Antigo Egipto é deveras polémica e abrange conceitos que em muito diferem daquilo que, actualmente, entendemos por “condição servil”. Ao observarmos e avaliarmos, por um lado, a ausência de uma codificação jurídica do estatuto de “escravo”, e, por outro, a inúmera terminologia existente para descrever os grupos sociais egípcios sujeitos a uma qualquer restrição da sua liberdade individual, nomeadamente nos decretos reais ou nos textos administrativos, podemos concluir que, efectivamente, existia na sociedade do Antigo Egipto uma “personagem” cuja liberdade efectiva e total estava deveras condicionada, embora os dois factores acima referidos dificultem a percepção da sua verdadeira função social<sup>471</sup> e quais os limites, ou grau de restrição, dos seus “movimentos”.

No Império Novo, concretamente, houve uma desvalorização jurídica da mão-de-obra livre local devido à política externa da segunda metade da XVIII Dinastia, que fez com que entrassem no país inúmeros reféns de guerra<sup>472</sup> ou meros estrangeiros<sup>473</sup> comprados no mercado de escravos<sup>474</sup> que, juridicamente, estavam sob a alçada do Faraó. Este, por sua vez, seguia uma política de “recompensa por serviços prestados”<sup>475</sup> a diversas patentes da pirâmide social, doando esta mão-de-obra escrava a particulares ou escoando-a para o trabalho militar, religioso e restante serviço estatal, tornando-a, neste período, a força de trabalho do país por excelência (embora não a maior<sup>476</sup>) e a maior fatia servil do reino.

---

469 Cf. S. Ikram, *ob. cit.*, p. 164.

470 Cf. J. C. Sales, *A Estratificação Social do Egipto Antigo. Uma Sociedade Escravagista? (Contributos para uma Reflexão)*, Cadernos Pedagógico-Didácticos A.P.H, Lisboa, Associação de Professores de História, 1995, p. 10. Para o estudo da temática da escravatura e a ambiguidade deste termo nas civilizações do Médio Oriente, salientamos, igualmente, a importância da obra de António Augusto Tavares, *Estudos da Alta Antiguidade*, Lisboa, Editorial Presença, 1983, pp. 201 – 206.

471 Cf. J. C. Sales, *ob. cit.*, p. 10.

472 “Prisioneiros de guerra imperiais” ou *skr.w-’nh*, cf. *ibidem*, pp. 27 e 34.

473 Maioritariamente do mundo asiático, *’3m.w*, ou asiáticos, cf. *ibidem*, p. 22.

474 Cf. *ibidem*, p. 22. Segundo este autor, a compra de escravos era oficializada por juramento diante de testemunhas e por um registo perante um funcionário, cf. *ibidem*, p. 23.

475 *Ibidem*, p. 23.

476 A grande fatia de mão-de-obra egípcia era constituída por camponeses, cf. *ibidem*, p. 30.

Neste período, o termo *mrt.w*, ou seja, o considerado “dependente”, por estar na dependência de algo ou alguém<sup>477</sup>, perde o seu significado habitual, passando a caracterizar funções muito semelhantes às do “servo real” (*hm.w-nsw*<sup>478</sup>) do Império Médio, designação atribuída à vasta categoria de funcionários que pertenciam nominalmente ao estado, ou seja, e de uma forma geral, todos os servidores do reino<sup>479</sup>. O termo *hm.w / hm.wt*<sup>480</sup> é, geralmente, traduzido por “escravo(a)” ou “servo(a) de”, sendo os *hm.w-nsw*<sup>481</sup> utilizados, maioritariamente, nos serviços domésticos do palácio, podendo ser “(...) doados, transmitidos por herança ou vendidos pelo faraó a particulares, aos funcionários à frente da administração local, aos templos”<sup>482</sup>, sendo, portanto, o seu recrutamento processado sem o seu consentimento<sup>483</sup>, sem direito a contestação ou recusa, sob pena de punição<sup>484</sup>. Segundo José das Candeias Sales, para além do escravo estrangeiro, inserido na definição de *hm.w*<sup>485</sup>, existia igualmente o *b3k.w / b3k.wt*<sup>486</sup>, indivíduos movidos por dificuldades económicas ou obrigados pela administração da justiça a cederem os direitos da sua pessoa ao Estado, passando a ser considerados “servos”<sup>487</sup> ou trabalhadores “ao serviço de”<sup>488</sup>, sendo a sua grande diferença, comparativamente aos escravos estrangeiros, o facto de não poderem ser objecto de transacção comercial<sup>489</sup>.

No que respeita ao caso dos banquetes e aos servos ao serviço dos nobres, a terminologia não é muito clara, havendo duas designações distintas que encaixam neste tipo de funções. Assim, em primeiro lugar destacamos a designação do Império Médio *dt.w*<sup>490</sup>, ou “pessoal de serviço”, que poderiam ter começado por ser *hm.w-nsw*<sup>491</sup> entregues pelo Faraó a um particular como eventual forma de gratidão e de agradecimento por um qualquer serviço prestado<sup>492</sup>. Em segundo lugar, existiam os já referidos *b3k.w / b3k.wt*<sup>493</sup>

---

477 Cf. *ibidem*, p. 34.

478 Cf. *ibidem*, p. 34.

479 Cf. *ibidem*, pp. 19 - 20.

480 Este termo na sua vertente composta designa funções específicas: *hm.w-ntr* ou “servo do deus”; *hm.w-k3* ou “encarregado do culto funerário (do Ka)” e o *hm.w-nsw* ou “servo do rei”, cf. *ibidem*, p. 34.

481 Cf. *ibidem*, p. 34.

482 *Ibidem*, p. 20.

483 Cf. *ibidem*, p. 20.

484 Cf. *ibidem*, p. 20.

485 Cf. *ibidem*, p. 34.

486 Cf. *ibidem*, p. 34.

487 Cf. *ibidem*, p. 24.

488 Cf. *ibidem*, p. 13.

489 Cf. *ibidem*, p. 24.

490 Cf. *ibidem*, p. 34.

491 Cf. *ibidem*, p. 34.

492 Cf. *ibidem*, p. 20.

493 Cf. *ibidem*, p. 34.

, considerados como uma espécie de subproletariado<sup>494</sup>. De uma forma geral, os escravos considerados “domésticos” viviam num ambiente muito sereno, executando um serviço que “(...) no comportaba excessivas responsabilidades”<sup>495</sup>, tendo uma condição de vida menos difícil que outros designados para tarefas mais duras ou perigosas<sup>496</sup>, sendo mesmo alguns, segundo José das Candeias Sales, “(...) melhor tratados do que os nativos camponeses egípcios, tendo os filhos de alguns, com excepcionais habilidades, alcançado grandes posições na burocracia, tal a imprescindibilidade de que se revestiam para os seus senhores ou para o próprio Faraó”<sup>497</sup>. Franco Cimmino vai mais longe e defende a ideia de que os servos das casas dos nobres egípcios eram homens e mulheres livres, que podiam trocar de patrão para melhorar a sua posição, ou até para exercer outro ofício<sup>498</sup>, podendo, igualmente, “(...) llegar a ser propietarios de bienes y tener a su vez servidumbre”<sup>499</sup>.

De facto, através de textos administrativos ficamos a saber que, em finais do Império Novo, os escravos ganharam uma protecção e personalidade jurídicas<sup>500</sup>. Assim, para além de poderem possuir e adquirir bens, incluindo propriedades e servos que transmitiriam hereditariamente, tinham direito a um tratamento judiciário justo, podendo prestar testemunho em tribunal, mesmo contra os seus senhores; podiam casar com indivíduos livres, ou até podiam ser adoptados por parte de um particular a quem prestassem serviço; podiam ser purificados pelo rei, passando a ser considerados homens livres ao serviço de um templo. No fundo, no Antigo Egipto o escravo era um “homem”<sup>501</sup>, ou “indivíduo”, com dignidade que possuía um conjunto de direitos legais fundamentais que lhe permitiam libertar-se do seu estatuto<sup>502</sup> em duas ou três gerações<sup>503</sup>, sendo esta condição “(...) uma situação temporária, conjuntural, passageira”<sup>504</sup> que indicia, segundo José das Candeias Sales, uma verdadeira “(...) evolução da estrutura social no sentido «democrático»”<sup>505</sup>.

De uma forma geral e sintética, e ao contrário do que acontecia nas Civilizações Clássicas, a divisão da sociedade egípcia não se fazia através da distinção entre livres e

---

494 Cf. *ibidem*, p. 24.

495 Cf. F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 316.

496 Como aqueles que trabalhavam nas minas e pedreiras das zonas desérticas, os que eram obrigados a alistarem-se em perigosas missões do Estado ou os que eram exilados para os oásis do deserto ocidental, cf. J. C. Sales, *ob. cit.*, pp. 24 – 25.

497 *Ibidem*, p. 24.

498 Cf. F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 315.

499 Cf. *ibidem*, pp. 315 - 316.

500 Cf. J. C. Sales, *ob. cit.*, p. 25.

501 *Rmt*, cf. *ibidem*, p. 30.

502 Cf. *ibidem*, pp. 25 - 26.

503 Cf. *ibidem*, p. 30.

504 *Ibidem*, p. 31.

505 *Ibidem*, p. 27.

escravos pois, no fundo, toda a mão-de-obra do país estava ao serviço do Faraó, sendo considerada, em termos conceptuais, escrava<sup>506</sup>. Estamos, sim, perante uma sociedade estratificada onde predominava uma escala de privilégios derivados de razões ideológicas ou económicas<sup>507</sup>, em que a pequena classe dominante exercia sobre a restante população um sistema de corveias e impostos relativamente ao seu trabalho e excedentes<sup>508</sup>.

### 2.2.3 Os artistas

Em todas as culturas do mundo, seja qual for o tempo e o espaço, existem denominadores comuns quando se trata de uma noite de festa. Para além da gastronomia e da bebida, a música e a dança são indispensáveis em qualquer acontecimento festivo para tornar o ambiente propício à celebração em causa. Os banquetes privados realizados no Antigo Egipto não são excepção à regra, sendo ímpares, dentro deste género, no que toca a representações de entretenimento.

Como teremos oportunidade de aprofundar no 3º e último capítulo desta Dissertação, nesta civilização a dança, a música e o canto eram uma forma de entretenimento e de expressão de alegria e contentamento. Assim, não é de estranhar que, para além do já referido harpista cego (*vide* Figs. 15 e 17), mulheres músicas equipadas com instrumentos de cordas, sopro e percussão, apareçam representadas nas paredes dos túmulos acompanhadas por cantoras que nos fazem adivinhar uma melodia rítmica e animada. Existem várias imagens em que mulheres quase nuas se encontram a tocar instrumentos musicais de sopro e cordas, e a marcar o ritmo com as mãos<sup>509</sup>, nomeadamente as conhecidas imagens dos túmulos tebanos de Nebamun, Rekhmire, Nakht e Djoserkareseneb (*vide* Figs. 3, 5, 18, 21, 22, 23, 24, 28 e 31).

A acompanhar a música, jovens e elegantes bailarinas dançavam coreografias delicadas, mais ou menos estereotipadas, que implicavam um grande virtuosismo físico<sup>510</sup>, como verificamos em algumas imagens de dança, nomeadamente no óstraco da bailarina onde uma mulher se dobra em arco de círculo (*vide* Fig. 169). Algumas imagens representam estas mulheres a agitarem os cabelos e as mãos, batendo palmas (*vide* Figs. 8 e 21) e estalando os dedos, enquanto outras nos mostram grupos de mulheres em que parte tocava instrumentos musicais e outra parte dançava ao som da melodia deles proveniente<sup>511</sup> (*vide* Fig. 22).

---

506 Cf. *ibidem*, p. 28.

507 Cf. *ibidem*, p. 31.

508 Cf. *ibidem*, p. 29.

509 Cf. L. M. Araújo, *Estudos Sobre Erotismo no Antigo Egipto*, p. 134.

510 Cf., M. H. T. Lopes, “Expressões da Vida Intelectual e Artística” in *O Egipto Faraónico. Guia de Estudo*, Lisboa, Associação Portuguesa de Egiptologia, s.d., p. 91.

De notar que os homens e as mulheres raramente eram representados a dançar juntos, aparecendo frequentemente nas imagens elementos do mesmo sexo a dançarem aos pares, especialmente as mulheres<sup>512</sup>, segurando as mãos umas das outras e olhando fixamente para a respectiva parceira.

#### 2.2.4 Os convidados

Por fim destacamos os convidados, as personagens mais importantes destes acontecimentos sociais. Tal como manda a etiqueta, e de acordo com as formalidades ainda hoje seguidas, o banquete começava na entrada da habitação com a recepção aos convidados por parte dos anfitriões<sup>513</sup>. Embora geralmente encontremos imagens onde os donos da casa aparecem a receber os convidados nos portões das habitações encaminhando-os, em seguida, pelo jardim para o interior da casa, segundo Lionel Casson existiriam, contudo, alguns que preferiam receber os seus convidados “(...) against the impressive background of the reception hall, leaving it to the children or the servants to do the honors at the gate”<sup>514</sup>.

A acomodação dos convidados nos seus respectivos lugares seguia, segundo Lionel Casson, “(...) a regular pattern”<sup>515</sup>, defendendo a maioria dos autores a ideia de que existiria uma hierarquia na organização dos lugares sentados dos convidados, encontrando-se os mais importantes perto dos donos da casa e os restantes no seguimento daqueles<sup>516</sup>. A distinção hierárquica nota-se, igualmente, no já referido tipo de assento fornecido aos convidados, sendo atribuídas “(...) chairs for the most favored guests, stools for the less favored, with mats, and even the bare floor for the lowest ranks”<sup>517</sup>. Para além disso, existia uma separação de géneros uma vez que, segundo as imagens provenientes dos túmulos do Império Novo, os homens e as mulheres são representados, na maior parte dos casos, a desfrutar do banquete em grupos do mesmo sexo (*vide* Figs. 9, 11, 12, 27 e 28). Não sabemos se estariam acomodados em áreas diferentes da mesma sala ou se estariam em salas distintas, contudo, e segundo Salima Ikram, os convivas apenas seriam representados como par ou “casal”, “mainly when they were related to one another”<sup>518</sup>

511 Cf. I. Lexová, *Ancient Egyptian Dances*, New York, Dover Publications, Inc., 2000, p. 44.

512 Cf. I. Shaw; P. Nicholson, “Dance” in *The British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, Egypt, The American University in Cairo Press, 2002, p. 79.

513 Ou anfitrião, em contexto fúnebre, se encararmos o festim como o eterno banquete funerário do defunto, cf., S. Ikram, *ob. cit.*, p. 164.

514 L. Casson, *ob. cit.*, p. 44.

515 *Ibidem*, p. 44.

516 Cf., S. Ikram, *ob. cit.*, p. 164.

517 *Ibidem*, p. 164.

518 *Ibidem*, p. 164.

(*vide* Figs. 19 e 20).

Quer encaremos estas representações como um acontecimento de tal forma apreciado pelo defunto que este o queria ver reproduzido no Além, ou, por outro lado, como o seu eterno banquete funerário, ao estudarmos esta temática uma pergunta torna-se inevitável: quem eram as pessoas ali representadas? Quem poderia fazer parte ou ser convidado para uma ocasião festiva como esta? É evidente que não estamos perante uma questão cuja resposta se encontre facilmente em vestígios arqueológicos ou em textos literários. Os diversos autores defendem, pelo menos, duas teorias muito semelhantes, sendo que uma delas nos diz que, num contexto de banquete funerário, os elementos representados serão familiares e amigos do defunto já falecidos, enquanto a outra considera tratar-se, também, de elementos ainda vivos.

Melinda Hartwig afirma que os participantes dos banquetes são uma combinação de “(...) both living and dead relatives, friends, and colleagues, whom the dead knew, and who would continue to exist with them in the afterlife”<sup>519</sup>, ou seja, as imagens dos banquetes representam o vasto leque de relações que o defunto (ou o casal anfitrião da festa) possuía em vida, incluindo os elementos que já haviam partido aquando da sua morte. Seja como for e, segundo Franco Cimmino, de acordo com os cânones mágicos da arte egípcia, as imagens de grupos familiares, formalmente semelhantes às que observamos nos túmulos privados, concretamente nas cenas de banquetes, “(...) unen para la eternidad a los que formaron parte de ella”<sup>520</sup>. Seguindo esta ideia, podemos concluir que todos os presentes, independentemente da sua posição social ou cargo, teriam um elevado grau de ligação com o o defunto / anfitrião.

Em termos de categorização dos possíveis elementos presentes neste tipo de acontecimentos, podemos destacar os escribas e altos funcionários do estado. Contudo, independentemente da posição social dos convidados, todos os frequentadores destas importantes festas da “nata da nata” da sociedade egípcia, tinham de respeitar um rigoroso protocolo, conforme nos atesta uma breve passagem das denominadas *Instruções de Ptahhotep* que revelam os comportamentos correctos a seguir perante uma mesa cheia, na casa de um qualquer anfitrião:

“If you are one among guests

---

519 M. K. Hartwig, *ob. cit.*, p. 99.

520 F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 311.

At the table of one greater than you,  
Take what he gives as it is set before you;  
Look at what is before you,  
Don't shoot many glances at him,  
Molesting him offends the ka.  
Don't speak to him until he summons,  
One does not know what may displease;  
Speak when he has addressed you,  
Then your words will please the heart” (*vide* Texto B).

Feitas as honras da casa e com os convidados e anfitriões devidamente sentados e acomodados, inicia-se o banquete. Os serviçais da casa começam, então, a desempenhar as suas funções de propiciadores de prazer, seguindo um ritual devidamente protocolado, olvidando esforços para tornar a noite perfeita, satisfazendo todos os desejos e caprichos dos presentes. Assim, começam por lavar as mãos dos ilustres convivas, oferecendo-lhes, depois, perfumes e flores de lótus, simples ou em forma de colar, para que desfrutassem dos aromas delicados e enebriantes, passando, em seguida, a servir-lhes as mais finas iguarias e bebida com abundância.

Se fecharmos os olhos e nos deixarmos levar pela imaginação, ouvimos a música a começar a tocar, sentimos o cheiro do perfume que emanava dos corpos e vestes dos convidados, saboreamos a essência das flores presentes na sala misturada com o delicado aroma das especiarias, vemos cor, dança, exotismo, rimos e deixamo-nos transportar no tempo e no espaço. A viagem pelos cinco sentidos começa assim...

# 3º CAPÍTULO

*Os cinco sentidos e o erotismo nos Banquetes do Império Novo*

### 3. OS CINCO SENTIDOS E O EROTISMO NOS BANQUETES DO IMPÉRIO NOVO

#### 3.1 A “erótica egípcia”: contextualização da sexualidade e do erotismo na sociedade do Antigo Egipto

Chegámos, por fim, à última, e principal, parte deste trabalho. Propomo-nos traçar agora, um percurso que nos levará, concretamente, à temática do erotismo, do libidinoso e do íntimo, associados a um contexto muito peculiar: os banquetes privados do Império Novo. Torna-se, por conseguinte, indispensável uma contextualização desta temática, para que possamos compreender o grau de ligação entre as cenas mundanas dos banquetes, existentes num contexto funerário, e a sua vertente erótica, por forma a estabelecer-se um paralelo entre estas três componentes: o terreno, o mundano e o eterno, e, em última instância, entender como é que o erotismo era encarado e vivido nesta sociedade do Império Novo.

Começemos, antes de mais nada, por fazer uma breve referência às fontes associadas à temática do erotismo e da sexualidade no Antigo Egipto. Assim, para além das fontes iconográficas disponíveis (figuras de barro, faiança ou pedra; pinturas existentes em papiros, couro e paredes e, igualmente, alguns óstracos<sup>521</sup> provenientes de Deir el-Medinah, onde frequentemente aparecem representadas cenas de actos sexuais diversos, mulheres nuas ou, simplesmente, o homem com um falo de exageradas dimensões<sup>522</sup>) o investigador tem à sua disposição algumas fontes literárias, tais como poemas de amor (*Papiro Chester Beatty I*, *Papiro Harris 500* e alguns óstracos<sup>523</sup>), algumas fórmulas mágicas, contos e tratados de medicina, Livros de Sonhos<sup>524</sup>, costumes locais e calendários<sup>525</sup>. Para além destas, destacamos, também, uma das fontes mais importantes para o estudo do erotismo no Antigo Egipto, o denominado *Papiro de Turim*<sup>526</sup> datado do Império Novo

521 Cf. L. Manniche, “Erotica”, *ob. cit.*, p. 479.

522 Cf. *ibidem*, p. 480.

523 Cf. L. M. Araújo, *op. cit.*, p. 114.

524 Os denominados “Livros de Sonhos” descrevem os sonhos tanto do homem como da mulher. Dos dois exemplares que nos chegaram, conseguimos distinguir, entre os sonhos dos homens o possuir de um falo erecto com o qual tinha relações sexuais com a sua mãe, irmã ou com animais, ao passo que os sonhos femininos, nos remetem não só para contactos sexuais com animais, mas também com camponeses, estrangeiros e outras mulheres, cf. L. Manniche, *ob. cit.*, p. 481.

525 Cf. *ibidem*, pp. 479 - 480. Segundo esta autora, salientam-se os textos produzidos, essencialmente, no Período Greco-Romano e textos de alguns autores clássicos que escreveram sobre o Egipto, sendo que o Império Novo é o período por excelência de elaboração da poesia lírica que, acompanhada dos mais variados instrumentos musicais, nomeadamente as harpas e os alaúdes, se transformava em música que, actualmente, se pode considerar “romântica”.

(cerca de 1200 a. C.), que nos revela uma orgia sob a forma de um “cartoon” com doze ilustrações<sup>527</sup> (vide Fig. 77 a 80), sendo que os textos em Hierático aí presentes não deixam qualquer dúvida acerca da natureza erótica desta ilustração, “(...) since it renders scraps of the conversation by the participants, concerning their activities”<sup>528</sup>. Estes eram homens e mulheres, havendo, igualmente, aquilo que Lise Manniche denomina de “helpers”<sup>529</sup>, sendo que cada cena nos revela “(...) a variation on the theme of sexual intercourse”<sup>530</sup>.

Heródoto, o historiador grego que visitou o Egipto no século V a. C., também nos fornece valiosas informações acerca deste assunto, pelo menos no que respeita à forma como a sexualidade era vivida na sociedade egípcia<sup>531</sup>.

526 Segundo Lynn Meskell este papiro revela uma série de encontros sexuais entre homens de uma certa idade, fisicamente pouco atraentes, e mulheres que aparentam estar no seu auge físico e sexual, cf., L. Meskell, *Private Life in New Kingdom Egypt*, Oxfordshire, Princeton University Press, 2005, p. 136.

527 Cf. L. Manniche, *ob. cit.*, p. 480.

528 *Ibidem*, p. 480.

529 Cf. *ibidem*, p. 480.

530 *Ibidem*, p. 480.

531 Heródoto visitou o Egipto entre 449-450 AC, segundo Alan Loyd (na introdução a “*Erodoto. Le Storie. Libro II. Egittó*”, Mondadori, Milan, 1989, pág. 1), ou 445 AC, de acordo com Truesdell Brown (“*Herodotus Speculates about Egypt*”, in *The American Journal of Philology*, Vol. 86, N° 1 (January 1965), pág. 61). A descrição do *Inquérito* apresenta o Egipto como uma “dádiva do rio” (5,1), terra profundamente religiosa (37,1), de tradições imutáveis (79,1), local de origem da maior parte dos nomes dos deuses gregos (50,2) e das suas cerimónias religiosas (58,2), incluindo alguns cultos, como o de Dionísio, não conformes aos *nomoi* helénicos (49,2). Para Heródoto «plus encore que les différences de langue, c’est à dire le fait de ne pas parler grec, Barbare désigne celui que ignore la *polis* et vit soumis à un roi. La «barberie» est avant tout politique» (François Hartog, *Les Grecs égyptologues*, Annales. Économies, Sociétés, Civilisations, Vol. 41, N° 5, 1986, pág. 956). Esta concepção só mudará nos séculos IV e III AC, tornando-se «de moins en moins politique, il est de plus en plus culturel (la grécité devient affaire de *paidensis* avant tout, de formation, d’éducation)» A figura do rei, por sua vez, «n’apparaît plus comme le négateur des valeurs de la *polis*, mais peut-être la condition de sa survie, celui qui, par son extériorité même est capable de mettre fin à la *stasis* excessive que la désagrège.» (id. pág. 959). O relato de Heródoto enumera interditos como, por exemplo, o consumo de carne de vaca (18,2) e de peixe por sacerdotes (37,4) ou de contacto físico com gregos e seus instrumentos culinários poluídos (41,3). Na listagem de proibições, contam-se, também, a presença de porquinhos nos templos (47,1) ou de práticas sexuais nos locais de culto, além da obrigatoriedade de limpeza ritual após contacto sexual para aceder a actos públicos religiosos (46,1). Na descrição das técnicas de mumificação surge uma referência a um caso de necrofilia (89,2). O estatuto das mulheres é alvo de várias referências, designadamente (35,2) e (35,4). Para o tema da nossa investigação será relevante mencionar algumas passagens que poderão revelar-se, eventualmente, importantes para o estudo dos banquetes privados no período anterior à dominação persa. Destacamos os seguintes aspectos:

a) A utilização de marionetas nas celebrações em honra de Dionísio (48,2);

b) Na listagem de festas religiosas as referências ao uso de flautas, ao canto e à dança (60,1) e os lamentos rituais (61,1);

c) A descrição de que em banquetes privados de gentes abastadas ocorria a exibição de um sarcófago como advertência para a impermanência da vida terrena. Um aparente *carpe diem*, na imagem transmitida por Heródoto;

d) O canto a Lino, como lamento fúnebre ligado a Adónis presente também «Em Chipre, na Fenícia e noutros lugares» (79,2) que remete para Homero;

e) Os «mistérios» e festividades religiosas referidas nas *Histórias* (59,1; 60,1; 63,2, por exemplo) poderão, igualmente, fornecer elementos para uma apreciação da componente cénica de algumas cerimónias públicas em que chegavam a participar “actores” não pertencentes aos círculos sacerdotais e da sua eventual presença em actos privados. (Cf. as referências de Étienne Drioton, em «*Le théâtre égyptien*», Éditions de La Revue du Caire, Cairo, 1942, apesar das reticências de Herbert Fairman quanto a uma arte teatral autonomizada no seu estudo sobre o drama ptolomeico do século II AC, *The Triumph of Horus. The Oldest Play in the World*, University of California Press, Berkeley, 1974).

Nesta temática particular, salientamos Lise Manniche como autora, por excelência, de obras ou estudos que, se por um lado nos apresentam o erotismo como uma temática de extrema complexidade, por outro, revelam-no como sendo uma componente naturalmente inserida na mentalidade e vivência do homem da época. Em traços gerais, o erotismo está associado à sexualidade e à fertilidade, componentes indissociáveis da vida humana que ultrapassavam “(...) the boundaries of life on earth”<sup>532</sup>, estando não só ligado aos prazeres da carne, mas igualmente à procriação do homem, ou, numa vertente mais espiritual, ao renascimento do defunto no Além<sup>533</sup>. Vemos, então, o erotismo inserido em duas grandes esferas da vida egípcia: a vida no Aquém e a continuação desta no Além, sendo que nesta última vertente o erotismo e a sexualidade só fazem sentido no âmbito das crenças funerárias associadas à continuação da existência do indivíduo depois da morte<sup>534</sup>, e os rituais a ela associados, tal como vimos no 1º capítulo desta investigação.

Numa sociedade em que a morte era a fase mais importante da vida, acreditava-se que a existência do indivíduo no Além só era possível se as actividades essenciais à vida terrena continuassem a existir, nomeadamente “(...) breathing, eating, drinking and copulating”<sup>535</sup>. Assim, num contexto claramente funerário, como é o caso dos túmulos onde se inserem as imagens dos banquetes, o renascimento da alma, visto como um “(...) reenactment of birth”<sup>536</sup>, era atestado pela presença de determinados objectos, como camas e repousos para a cabeça, e de uma decoração específica referente a certo tipo de cenas do quotidiano que permitiam a concretização dos denominados “preliminares”, antecedentes do milagre da concepção<sup>537</sup>. Neste contexto, podemos inserir os banquetes privados, cujo simbolismo é, como veremos, vincadamente erótico.

A vida terrena no Aquém está associada àquilo que Luís Araújo denomina de “erotismo profilático”<sup>538</sup>, que condensava em si uma linguagem metafórica e subtil, sendo neste caso os banquetes privados um excelente exemplo disso. Neste contexto erótico terreno insere-se outra questão deveras importante: o papel da mulher que, para além da sua função de *nbt pr* anteriormente abordada, se apresenta em contexto festivo como um evidente objecto de desejo e um meio de obtenção de prazer pelo homem.

---

532 L. Manniche, *ob. cit.*, p. 480.

533 Cf. *ibidem*, p. 480.

534 *Idem*, “Sexuality” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 3, p. 276.

535 *Ibidem*, p. 276.

536 *Ibidem*, p. 276.

537 Cf. *ibidem*, p. 276.

538 Cf. L. M., Araújo, *op. cit.*, pp. 69 - 98.

Para além de, evidentemente, estar associada imediatamente aos prazeres da carne, ao afecto, à atracção física e, em última instância, à fertilidade humana, a naturalidade com que a “erótica egípcia” era representada e, por conseguinte, vivenciada na sociedade egípcia, legitima-se, fundamentalmente, em duas questões que nos remetem para uma ideologia mais ampla e transcendental. Por um lado, a sexualidade associa-se à própria criação divina do universo, aquilo que Luís Araújo denomina de “erotismo demiúrgico”<sup>539</sup>, e, daí, esta ser uma faceta da vida humana tão prezada e vivenciada. Segundo a cosmogonia heliopolitana<sup>540</sup>, o deus Atum-Re “(...) created the world by masturbating and impregnating himself”<sup>541</sup>, dando origem ao primeiro casal divino: Shu, o ar luminoso, e Tefnut, a humidade, que gerarão, por sua vez, Geb, a terra, e Nut, o céu<sup>542</sup>.

Segundo Maria Helena Trindade Lopes, “(...) a autocriação deste deus é, à partida, uma maneira de traduzir a sua eternidade e a sua independência”<sup>543</sup>, uma vez que não havia uma única mulher no mundo, mas também não era necessária<sup>544</sup>. Num outro registo divino, Amon-Ré, “(...) the mighty god governing the acts and destiny of the rulers of the New Kingdom”<sup>545</sup>, aparece como o pai legítimo da descendência real, uma vez que assumindo o corpo do rei mas mantendo o seu característico “scent of god”<sup>546</sup>, seduz a rainha e engravida-a<sup>547</sup>, concebendo, desta forma, um herdeiro ao trono com parentesco divino<sup>548</sup>. Esta “teogamia”, ou divino casamento, surgiu para legitimar “(...) the divine institution of royal marriage and succession”<sup>549</sup>. Assim, a sexualidade apresenta-se, nestes dois casos, com uma componente sagrada que, para além de permitir a existência do mundo e do homem conforme o egípcio o conhecia, legitimava a existência deste acto no plano terreno.

Contudo, não nos devemos esquecer que, para além da sexualidade divina justificar determinadas componentes da vida humana e da ordem do Universo, podia, igualmente, ser uma componente evidente no próprio mundo dos deuses, onde “(...) it is seen not only as a natural characteristic distinguishing the two sexes, but also as a power, a weapon to be exploited for the benefit of some and the disadvantage of others”<sup>550</sup>. O erotismo pode ser

---

539 Cf. *ibidem*, pp. 31 – 68.

540 Cf. M. H. T. Lopes, *O Homem Egípcio e a sua Integração no Cosmos*, Lisboa, Teorema, 1989, pp. 28 - 38

541 L. Manniche, “Erotica”, *ob. cit.*, pp. 481.

542 Cf. M. H. T. Lopes, *ob. cit.*, p. 30.

543 *Ibidem*, p. 29.

544 Cf. L. Manniche, *ob. cit.*, p. 481.

545 *Ibidem*, p. 481.

546 *Idem*, “Sexuality”, *ob. cit.*, p. 275.

547 Cf. *idem*, “Erotica”, *ob. cit.*, p. 481.

548 Cf. *idem*, “Sexuality”, *ob. cit.*, p. 275.

549 *Ibidem*, p. 275.

550 *Ibidem*, p. 275.

considerado, então, como um elemento social com uma componente primeiramente divina, passando, depois, para um plano terreno e estando, assim, perfeitamente legitimado no mundo dos homens. Por outro lado, o erotismo legitimava-se social, mental e culturalmente em Maat, uma vez que através da sexualidade e da fertilidade, havia uma continuação do Homem na Terra e, num plano espiritual, a sua continuidade no Além. Desta forma, a ordem no Cosmos estava assegurada.

Nestas últimas páginas muito se escreveu sobre os banquetes e o erotismo. Contudo, finda a contextualização de ambas as temáticas, podemos partir agora para uma análise minuciosa dos cinco sentidos humanos e descobrir, neste cenário perfeito para o deleite e satisfação dos prazeres da carne, inúmeros sinais ténues e discretos que se encontram impregnados de erotismo. Como muito bem nos descreve um dos grupos de estrofes pertencentes às *Canções do Jardim* (vide Texto M), o banquete era visto como um dos momentos de maior felicidade e prazer na vida do homem egípcio. Este era um acontecimento de tal forma importante que o observamos retratado, não só nas paredes da última morada do egípcio do Império Novo, mas igualmente na lírica amorosa daquele período, associado sempre, claro está, ao acto do amor, do prazer e da sedução:

*“Manda os teus escravos que tragam os instrumentos musicais,  
Prepara-te para a festa.*

*Ir a correr ao teu encontro já é água fresca  
Para um homem que está com sede.*

*Os teus servos estão a chegar com cerveja de todas as qualidades,  
Bolos, pastéis, flores frescas a extravasar  
Dos cestos, e fruta fresca acabada de colher.*

*Fica um dia, um dia de felicidade,  
E amanhã, e depois de amanhã,  
Três dias inteiros à minha sombra.*

*O que foi escolhido senta-se à tua direita,  
Enche-a de licores  
Até estar pronta para o que ele lhe disser.*

*Com toda a gente ébria, aos tombos,  
Ninguém suspeitando do que se está a passar,  
Ele prossegue com zelo o caminho que traçou.”*

### 3.2 O paladar

Tendo já sido referenciada no 2º capítulo deste trabalho a questão da gastronomia e da preparação dos alimentos no Antigo Egito, iremos abordar agora, de uma forma mais específica, a questão do erotismo associado ao paladar. Seja o banquete aqui estudado uma mera representação da realidade social das elites, uma referência ao repasto funerário do defunto ou de outras refeições comemorativas realizadas no interior do túmulo, como no caso da realização anual da denominada “Festa do Vale”, uma celebração em honra do deus Amon de Karnak, aquando da sua visita à deusa Hathor em Tebas<sup>551</sup> (nestas ocasiões, cujo objectivo primordial seria o de permitir aos participantes comunicarem “(...) both with the divine and with their deceased relatives”<sup>552</sup>, realizavam-se verdadeiros repastos em honra do deus e cometiam-se os excessos habituais característicos das grandes comemorações), a questão do paladar remete-nos, nesta investigação, para o “saborear” de determinados elementos concretos que permitem ao ser humano experienciar certos comportamentos de sedução ou de “rendição” à sedução de outros. É assente em muitas culturas que o paladar é um dos veículos utilizados pelo ser humano para atrair um parceiro. A expressão tão vulgarmente verbalizada “conquistar pela boca” ganha, neste contexto cultural e temporal específico, uma faceta muito concreta, em que quem conquista é quem saboreia. Assim, pretendemos nas próximas linhas fazer uma análise dos elementos presentes nos banquetes que nos remetem para este sentido em particular, nomeadamente através da existência daquilo que, actualmente, denominamos de elementos afrodisíacos.

#### 3.2.1 Principais elementos afrodisíacos ou inebriantes utilizados na gastronomia

Para além de condimentos afrodisíacos ou de meros alimentos detentores dessa característica, como é o caso de algumas frutas e flores que possuíam agentes psicotrópicos, iremos destacar, também, a questão do excesso de álcool, deveras comum em cenários festivos que, ao facilitar o acesso a um estado alterado de consciência, potenciava a libertação do espírito, podendo criar momentos de “erótica” evidente.

##### 3.2.1.1 As frutas e plantas utilizadas na confecção dos alimentos

---

551 Cf. *ibidem*, p. 276.

552 *Ibidem*, p. 276.

A tipologia variada de plantas presente na iconografia tumular, desde as flores de lótus aos de frutos de mandrágoras<sup>553</sup>, está intimamente associada a uma explícita mensagem erotizante que enfatizava uma atmosfera sensual e sexual.

Começemos pelo **fruto de mandrágora**, *Mandragora officinarum* (*vide* Figs. 14, 100 e 101), fruto amarelo com sépalas verdes e sabor a pera, que possuía qualidades afrodisíacas e uma forte conotação erótica, devido ao seu efeito narcótico e alucinogénio produzido pelas toxinas existentes na sua casca. Tal como o lótus azul, que abordaremos de seguida, este fruto possuía substâncias químicas complexas chamadas de *nupharine* ou *nymphaealine* e *nuciferine*. No caso do lótus, estas moléculas, quando inaladas, rapidamente induzem a um estado de transe e, até, de intoxicação<sup>554</sup>. Nas representações dos banquetes, a associação da desta flor e fruto (*vide* Fig. 14), poderá estar associada, simbolicamente, ao renascimento do defunto e à reanimação das suas forças regenerativas<sup>555</sup>.

Para além de símbolo do amor, da sexualidade<sup>556</sup>, do renascimento e sinal de afecto entre os apaixonados<sup>557</sup>, a **flor de lótus**, nomeadamente o lótus azul (*vide* Fig. 71 e 72), tinha uma componente narcótica que facilitava a leveza do espírito. Esta razão justifica o facto de ser frequentemente representada em cenas de banquetes, não só como um mero elemento decorativo do espaço físico circundante, mas, principalmente, como um elemento de adorno utilizado pelos convivas, ou ofertado pelas servas. É possível observarmos a presença da flor de lótus em diversas situações, nomeadamente nas mãos das damas que inspiravam o seu aroma directamente (como verificamos nas Figs. 9, 10, 12 e 15) ou que proporcionavam esse prazer à companheira do lado (*vide* Fig. 26); no seus pescoços, em forma de colares ou grinaldas de lótus (*vide* Fig. 28) e, tal como já referimos anteriormente, no topo das suas perucas como elemento de adorno. Da mesma forma, para além de elemento decorativo e libertador de aroma inebriante, esta planta também podia ser utilizada na gastronomia, nomeadamente no denominado pão de lótus, potenciando, ainda mais, a alteração dos sentidos.

No campo dos produtos alucinogéneos saliente-se, ainda, o *silphium*, provavelmente utilizado durante o *hbsd*, e a planta *menhep*. Da mesma forma, a *Lettuce sativa* (*vide* Fig. 97), consagrada ao deus Min, tinha propriedades sedativas.

---

553 Cf. L. Manniche, “Sexuality”, *ob. cit.*, 276.

554 Cf. R. S. Antelme; S. Rossini, *Sacred Sexuality in Ancient Egypt. The Erotic Secrets of the Forbidden Papyrus*, Vermont, Inner Traditions International, 2001, p. 119.

555 Cf. *ibidem*, p. 121.

556 Cf. L. Manniche, “Erotica”, *ob. cit.*, p. 480.

557 Cf. *idem*, “Sexuality”, *ob. cit.*, p. 276.

### 3.2.1.2 A bebida – o excesso de álcool

A embriaguez era um estado associado aos mitos arcaicos das dinastias divinas: para evitar que a Humanidade fosse destruída pela deusa Hathor enfurecida e ávida de sangue, o deus Ré ofereceu-lhe cerveja à qual misturou um corante que dava a entender que na realidade a deusa estava a beber o líquido em causa. Assim, Hathor bebeu até cair num sono profundo sendo a Humanidade salva graças a uma bebedeira, passando a estar a festa, a dança, a música, a alegria e a embriaguez sob a protecção desta deusa.

O excesso de álcool está associado ao erotismo através de duas vertentes distintas. Por um lado, permitia uma intoxicação dos sentidos e uma maior liberdade e disponibilidade do indivíduo para actos de prazer físico. Nas cenas de banquetes, não só verificamos frequentemente inúmeras representações em que servas servem os convivas (*vide* Figs. 10 e 28), mas também, verificamos, por vezes, alguns deles a vomitarem para bacias (*vide* Figs. 6, 7 e 9), sendo uma das causas associadas a este facto os excessos cometidos na alimentação e na bebida no decorrer do banquete.

Por outro lado, a embriaguez associava-se, também, a uma lírica amorosa repleta de simbolismo erótico, onde o consumo de bebidas alcoólicas se associa a actos de sedução. Nesta vertente, verificamos, por exemplo, os seguintes dizeres:

*“E quando ela entreabre os lábios para beijar*

*Fico com a cabeça leve, fico ébrio sem cerveja”*

ou

*“ela deixa-o embebedar-se e faz tudo o que ele lhe pede”*<sup>558</sup>.

Tal como vimos de uma forma sucinta no 2º capítulo, mais concretamente no que concerne aos seus métodos de produção, eram consumidas diversas bebidas alcoólicas no Antigo Egipto. Assim, e de acordo com alguns textos, podemos salientar três tipos distintos de **cerveja**: caracterizada por possuir um elevado teor alcoólico<sup>559</sup>, a mais comum denominada (como actualmente) de cerveja loira, a cerveja preta (provavelmente mais alcoólica) e a cerveja síria<sup>560</sup>. No que concerne ao **vinho** servido nos banquetes, e tal como já foi referido anteriormente, para além daquele que era importado da Síria<sup>561</sup>, os

558 Cf. L. *idem*, “Erotica”, *ob. cit.*, pp. 481.

559 Cf. P.; D. Brothwell, *ob. cit.*, p. 175.

560 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 57.

egípcios consumiam outro produzido à base de uva, de tâmaras (a bebida fermentada *seremet*<sup>562</sup>), de figos (bastante alcoólico) e de romãs (pensa-se que este seria designado de *sciadeh*)<sup>563</sup>.

Como já fora afirmado acima, através do *Papiro Ebers* tomamos consciência de que no Antigo Egipto a flor de lótus era considerada uma planta venenosa, facto este actualmente comprovado por análises químicas, que atestaram, efectivamente, a presença de quatro potentes narcóticos alcalóides nas suas flores e raízes: *nymphaeine*, *nuciferine*, *nupharidine* e *alpha-nupharidine*<sup>564</sup>. O facto de frequentemente encontrarmos a representação da flor de lótus, maioritariamente azul, nas imagens de banquetes associada, em alguns casos, a cenas específicas em que mulheres extraem a sua essência com “(...) twisted cloth press”<sup>565</sup>, poderá, eventualmente, estar associada ao enriquecimento das propriedades inebriantes do vinho<sup>566</sup>. Esta teoria é atestada pela existência de imagens em que jovens servas vertem, de pequenos frascos, um líquido não identificado para dentro de recipientes maiores (*vide* Fig. 29)<sup>567</sup>.

### 3.3 A audição

Este sentido, predispõe naturalmente os indivíduos para o relaxamento e para a alegria, através do ritmo e das melodias que facilitam o “soltar do espírito”. Este factor, adicionado a outras componentes, pode provocar, ou facilitar, comportamentos sensuais e provocadores.

#### 3.3.1 A música e o canto

Na sociedade do Antigo Egipto, a música, o canto e a dança eram indissociáveis<sup>568</sup>, inserindo-se em contextos diversos da vida sócio-cultural egípcia. Em primeiro lugar, eram elementos que possuíam uma forte conotação religiosa. Por outro lado, a dança e a música eram uma forma de entretenimento e de expressão de alegria e contentamento, sendo elementos presentes nas festas privadas que incluíam os banquetes e, também, os funerais, onde se celebrava o facto do defunto ter alcançado o Além, o que lhe permitia continuar a desfrutar dos prazeres da vida terrena. Por sua vez, o canto servia para exortar

---

561 Cf. *ibidem*, p. 58.

562 Cf. D. Valbelle, *ob. cit.*, p.110.

563 Cf. E. Bresciani, *ob. cit.*, p. 58.

564 Cf. W. B. Harer Jr, "Lotus", *ob. cit.*, p. 305.

565 *Ibidem*, p. 305.

566 Cf. *ibidem*, p. 305.

567 Cf. *ibidem*, p. 305.

568 Cf. I. Shaw; P. Nicholson, "Dance", *ob. cit.*, p. 79.

músicas de amor e os poemas dos harpistas<sup>569</sup> que consistiam em invocações à mulher amada e ao convite aos convidados a aproveitarem a vida<sup>570</sup>. O canto era, assim, um complemento essencial à música e à dança, honrando os deuses, chorando os defuntos e alegrando os homens<sup>571</sup>.

Como referimos no início deste trabalho, para o estudo da lírica amorosa, iremos utilizar como fontes o vaso fragmentário do Museu do Cairo 1266 + 25218 (contém treze unidades de texto com pausa que constituiriam, presume-se, dois ciclos de sete estrofes cada um - *vide* Texto L); alguns papiros de cariz erótico, nomeadamente o Papiro *Harris 500* (*vide* Textos I, J e K), um fragmento do *Papiro de Turim* (de onde provém o poema “Canções do Jardim” - *vide* Texto M) e o papiro *Chester Beatty I* (o mais recente, extenso e bem conservado, contendo as seguintes colecções: “Grande Entretenimento do Coração” (*vide* Texto F), “Três Desejos” (*vide* Texto G) e “Cantigas de Nakht Dobek” (*vide* Texto H), além de alguns excertos encontrados nas paredes dos túmulos da nobreza egípcia<sup>572</sup>.

Tal como nos lembra a lírica trovadoresca medieval, com as suas cantigas de amigo e de amor, a lírica amorosa egípcia seria utilizada como complemento às melodias tocadas pelas músicas e dançadas pelas bailarinas presentes nos banquetes. Uma vez ligada à paixão e ao desejo entre um homem e uma mulher, transmitia uma mensagem claramente amorosa e muitas vezes explicitamente erótica, onde os actos de desejo e prazer eram descritos sob uma forma metafórica e eufemística, subtilmente discreta, mas ao mesmo tempo insinuante.

As cantigas de amor egípcias eram compostas em Neo-egípcio<sup>573</sup>, uma língua nova e popular, e eram resultado de “(...) um tempo em que a sociedade atingia o grau máximo de requinte”<sup>574</sup>. Para além das condicionantes culturais consequentes do período pós-amarna e ramessésida, e de condicionantes políticos como o a abertura do país ao estrangeiro, e ao que daí advinha culturalmente, começa nesta altura a sobressair no Egipto do Império Novo um sentimento de individualismo e de alegria de viver, que vêm questionar o papel preponderante da religião na vida do homem da época. Embora esta não perdesse o seu lugar de destaque e a sua extrema importância, verifica-se, contudo, que

569 Salienta-se a pintura do harpista cego presente no túmulo de Nakht, Tebas, 1422-1411 a.C..

570 Cf. F. Cimmino, *ob. cit.*, p. 326.

571 Cf. *ibidem*, p. 326.

572 Embora nos tenhamos baseado na versão de Miriam Lichtheim, para qualquer citação da lírica amorosa será utilizada a tradução correspondente, inserida na antologia portuguesa *Poemas de Amor do Antigo Egipto* da editora Assírio e Alvim.

573 Língua que obteve estatuto literário com Amarna, cf. J. N. Carreira, *Literatura no Egipto Antigo*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2005, p. 203.

574 *Ibidem*, p. 203.

“(…) cada vez mais o indivíduo emergia da massa amorfa que enxameava os templos, senhor de si mesmo em relação aos deuses”<sup>575</sup>, tornando-se, neste contexto, o amor uma força deveras poderosa, equiparada à religião ou à magia<sup>576</sup>. Transposta para a lírica amorosa, esta nova mentalidade dá aos deuses o papel exclusivo de “abençoar”, proteger e facilitar a relação amorosa e os amantes<sup>577</sup>, tornando-se as cantigas de amor numa forma de transmissão de mensagens com um carácter estritamente profano cuja finalidade “(…) não é servir os deuses, mas divertir os homens”<sup>578</sup>.

Estas composições artísticas “(…) não eram improvisos espontâneos de amantes iletrados”<sup>579</sup>, sendo produzidas por verdadeiros artistas anónimos que se esconderam sob as personagens por si criadas<sup>580</sup>, retratando os mais diversos assuntos do coração, em egípcio *ib* ou *hati*<sup>581</sup>, considerado a “(…) sede da vida emocional”<sup>582</sup>. Assim, através desta “literatura cor-de-rosa” verificamos que “doentes a quem nenhum médico nem mezinha valem melhoram só com a vista da pessoa amada; um beijo dá vida; um abraço excita; servir a amada é um prazer; as horas do amor são momento fugaz que devia durar eternamente”<sup>583</sup>. Estas são as aventuras e desventuras universais dos apaixonados, o tema mais falado e chorado pelo comum dos mortais, tão comumente transposto para a literatura em tantas Civilizações e épocas históricas distintas.

Da mesma forma que transmitiam sentimentos tão humanos como a saudade e a angústia da espera, a inquietação característica da paixão, a desorientação e apatia ou desordem mental (bem visíveis particularmente no Texto F), estados de espírito tão familiares aos enamorados, a lírica amorosa egípcia metaforizava o amor, transpondo-o para o universo do mundano, elevando aquilo que é humano “(…) a uma forma que purificou o banal”<sup>584</sup>. Encontramos muitas vezes nestes escritos, e em jeito do estilo rococó, “(…) uma paisagem de fantasia”<sup>585</sup>, onde o rio Nílo, os peixes, as árvores, os pássaros, os frutos<sup>586</sup> e todos os elementos presentes no cenário idílico, falam, expondo a sua visão sobre um qualquer enredo amoroso. As personagens principais destas complexas

---

575 *Ibidem*, p. 203.

576 Cf. *ibidem*, p. 204.

577 Cf. *ibidem*, p. 203.

578 *Ibidem*, p. 204.

579 *Ibidem*, p. 205.

580 Cf. *ibidem*, p. 207.

581 Cf. R. Ferreira de Sousa, “O Coração e a Vida Afectiva” in *O Coração e o Homem no Antigo Egipto. Contributos para a Compreensão de Uma “Psicologia” Antiga*, Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1998, p. 82.

582 *Ibidem*, pp. 82.

583 J. N. Carreira, *ob. cit.*, p. 208.

584 *Ibidem*, p. 208.

585 *Ibidem*, p. 208.

586 Cf. *ibidem*, p. 208.

teias amorosas deixam de ser apenas os “amigos” enamorados, passando a existir cúmplices e testemunhas desta relação, secreta (ou não), que facilitavam, ou dificultavam, a concretização dos desejos mais íntimos do casal.

Na sequência desta ideia, verificamos na poesia amorosa elementos do mundo da natureza que, claramente, para além da sua evidente associação ao amor, possuem um cariz erótico que, directa ou indirectamente, nos remetem para o acto sexual, “(...) sem pudor afectado nem realismo grosseiro”<sup>587</sup>. Neste contexto, a lírica amorosa cantada nos banquetes privados apresenta-se como mais um elemento de sedução e de elevada conotação carnal. Vejamos alguns breves exemplos das denominadas *Canções do Jardim*<sup>588</sup> provenientes do *Papiro de Turim* (vide Texto M):

- A árvore do sicômoro oferece o refúgio da sua copa aos “amigos”, para que estes se entreguem ao acto do amor:

*“Os ramos dobram-se pesados de frutos  
Mais vermelhos do que o jaspe de vermelho-sangue,  
De folhas como a malaquite.*

*Trazem-tos de muito longe  
Para ti que não estás ainda em tua fresca sombra.  
Recebes a sedutora carta de amor  
Das mãos daquela jovem rapariga,  
Filha do chefe dos jardineiros,  
Vai a correr ter com o amado, diz-lhe  
«Vamos para um sítio mais sossegado».  
O jardim está em pleno esplendor,  
Com os seus pavilhões de tendas;  
E tudo para ti.”*

- Fazem-se comparações entre características humanas e a natureza: dentes como grãos de romã e seios como romãs:

*“Fala a romãzeira:*

---

<sup>587</sup> *Ibidem*, p. 209.

<sup>588</sup> Cf. H. M. Pereira (Trad.), *Poemas de Amor do Antigo Egipto*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1998, pp. 51 - 55.

*As minhas folhas são como os teus dentes  
Os meus frutos como os teus seios”*

Da mesma forma, no *Papiro de Turim*, verificamos mais algumas comparações dos atributos da amada, nomeadamente os cabelos de lápis-lazúli autêntico e dedos como pétalas de lótus:

*“O seu cabelo lápis-lazúli a brilhar,  
os seus braços de mais esplendor que o ouro.  
Os seus dedos fazem-me ver pétalas,  
as do lótus são assim”<sup>589</sup>*

Nestas curtas passagens, é visível um elevado cariz erótico-simbólico na poesia amorosa. Sendo este tipo de literatura, possivelmente, utilizada nos banquetes como complemento à música aí tocada, podemos considerar que desempenharia, em plenitude, um importante papel canalizador de mensagens profundamente eróticas. Nestes acontecimentos festivos, para além das belas mulheres músicas amplamente representadas na iconografia, possivelmente também “trovadores profissionais e belfurinhos ambulantes”<sup>590</sup> declamavam e espalhavam esta poesia de amores e de desilusões amorosas, sob o acompanhamento melódico e rítmico dos vários instrumentos musicais disponíveis.

Embora não possuindo o mesmo teor picante e satírico das canções de escárnio e maldizer medievais, destacamos, igualmente as já referidas “canções dos harpistas” (conforme 1.1.3), tocadas pelo “harpista cego” (*vide* Textos C, D e E), uma personagem característica deste contexto e deste período cronológico. Com a nova consciência de valor individual deste período cultural, o homem egípcio passa a questionar o mundo absoluto dos deuses<sup>591</sup>, podendo ser considerada este tipo de lírica como uma escrita de intervenção social, pois ao incitar o indivíduo a aproveitar a vida e tudo o que esta tinha de bom, acaba por desvalorizar e, por vezes, satirizar, a importância extrema que se dava, em períodos precedentes, à vida depois da morte. Assim, entoavam-se mensagens de incentivo ao usufruto dos bons momentos da vida terrena, que, esses sim, eram certos e, de certa forma, palpáveis, estando nas mãos de quem os usufruía, o prolongamento dos mesmos.

---

<sup>589</sup> Cf. *ibidem*, pp. 15 – 21.

<sup>590</sup> J. N. Carreira, *ob. cit.*, p. 207.

<sup>591</sup> Cf. *ibidem*, p. 203.

As músicas e cantoras, em egípcio *šm'yt*<sup>592</sup>, eram, para além dos “harpistas cegos”, elementos constantes nos banquetes, tendo uma evidente função de entretenimento que passava, não só pelo tocar de vários instrumentos musicais, mas também pelo canto associado à lírica acima referida.

A voz era, portanto, um elemento claramente sexualizado, pois ao ser associado ao canto e à exortação do amor através dos vários tipos e estilos de canções utilizadas para “criar” um ambiente melódico nos banquetes, era, também ela, e sob uma perspectiva de sedução e uma componente mais específica, associada à voz do amado, criando uma perturbação natural na “amiga” apaixonada, tal como vemos num pequeno excerto proveniente da segunda estrofe da colecção “Grande Entretenimento do Coração” do *Papiro Chester Beatty I* (*vide* Texto F):

*“A sua voz perturba o meu coração,  
Por sua culpa é que eu sofro.  
O vizinho de minha mãe!”*<sup>593</sup>

### 3.3.2 Os instrumentos musicais

Os mais variados espólios arqueológicos encontrados em túmulos e espaços adjacentes, fornecem-nos informações preciosas relativamente à música (*vide* Quadros 1 e 2), tendo chegado até nós alguns instrumentos musicais que nos permitem entender que tipo de sonoridade era produzida e ouvida no Antigo Egipto, embora não se conheça qualquer sistema de notação musical<sup>594</sup>.

Estes instrumentos musicais são perfeitamente visíveis nas cenas de banquetes por nós estudadas (como vemos na Fig. 3, 15, 18, 21, 23, 24, 28 e 31), podendo dividir-se em três categorias distintas:

- ◆ **Instrumentos de cordas** - tais como as harpas (*vide* Figs. 137, 138, 142, 143, 146), as liras (*vide* Fig. 3 – figura do lado direito) e os alaúdes<sup>595</sup> (*vide* Fig. 136, 138, 139, 140, 141);
- ◆ **Instrumentos de sopro** - como a flauta (*vide* Figs. 148 e 149), o oboé duplo (*vide* Figs. 3 e 21 ) e a trompeta<sup>596</sup> (*vide* Fig. 147);

592 Cf. S. L. Onstine, *The Role of the Chantress (šm'yt) in Ancient Egypt*, s. l., BAR International Series 1401, 2005.

593 Cf. H. M. Pereira (Trad.), *ob. cit.*, pp. 15 - 21.

594 Cf. B. Lawergren, “Music” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 2, p. 452.

595 Cf. M. H. T. Lopes, “Expressões da Vida Intelectual e Artística”, *ob. cit.*, pp. 90-91.

596 Cf. *ibidem*, pp. 90-91.

◆ **Instrumentos de percussão** – para além do mais antigo sistema de percussão, o bater das mãos, em egípcio *m3h*<sup>597</sup>, distinguem-no no Antigo Egipto as matracas (*vide* Figs. 153 e 154), as castanholas ou crótalos (*vide* Figs. 156, 158 e 159), os sistros (*vide* Figs. 150 e 151), os címbalos (*vide* Figs. 152 e 157) e os tambores<sup>598</sup> (*vide* Fig. 155), embora o colar *menat* também tivesse esta funcionalidade musical<sup>599</sup> (*vide* Fig. 196). Este tipo de instrumentos era importante para a produção de estruturas rítmicas complexas, especialmente se utilizados em conjunto<sup>600</sup>;

No Império Novo os instrumentos musicais multiplicam-se e aperfeiçoam-se<sup>601</sup>, tornando-se, neste período, a música “(...) mais viva, mais forte, com função ritual, religiosa e mesmo militar”<sup>602</sup>. Os principais instrumentos do Antigo Egipto são os seguintes:

- **Harpa ou *bnt***<sup>603</sup>– instrumento de cordas autóctone, que se torna maior no Império Novo<sup>604</sup> (*vide* Figs. 3, 18, 23 e 31). Existiam, essencialmente, dois grupos distintos de harpas, as harpas angulares (*vide* Figs. 17, 137 e 138) e as harpas arqueadas (*vide* Figs. 142, 145 e 146 ) <sup>605</sup>, que variavam nos seus tamanhos podendo, igualmente, existir uma tipologia de harpa de ombros (*vide* Fig. 143 e 144);
- **Cítara ou lira** – importada da Síria pelos Semitas durante a XII Dinastia, podia variar no seu número de cordas<sup>606</sup> (*vide* Fig. 3);
- **Alaúde ou pandora** – igualmente de origem semita, era o único instrumento de braço utilizado no Egipto, sendo equipado com três ou quatro cordas<sup>607</sup> (*vide* Fig. 3, 18, 23, 2431, 136, 139 a 141);
- **Flauta** – feitas inicialmente em cana reed, diferiam umas das outras devido à construção da extremidade bocal<sup>608</sup>. Existiam dois tipos distintos de flauta, a flauta propriamente dita, ou *m3t*<sup>609</sup>, tubo aberto nas duas extremidades (*vide* Figs. 148 e 149), e um instrumento de palheta dupla<sup>610</sup>, ou tubos paralelos duplos, em egípcio *mmt*;

597 Cf. B. Lawergren, *ob. cit.*, p. 452.

598 Cf. M. H. T. Lopes, *ob. cit.*, pp. 90-91.

599 Cf. B. Lawergren, *ob. cit.*, p. 450.

600 Cf. *ibidem*, p. 450.

601 Cf. R. De Candé, *História Universal da Música*, Vol. I, Porto, Edições Afrontamento, 2003, p. 58.

602 *Ibidem*, p. 58.

603 Cf. B. Lawergren, *ob. cit.*, p. 450.

604 Cf. R. De Candé, *ob. cit.*, p. 58.

605 Cf. B. Lawergren, *ob. cit.*, p. 450.

606 Cf. R. De Candé, *ob. cit.*, p. 58.

607 Cf. *ibidem*, p. 58.

608 Cf. B. Lawergren, *ob. cit.*, p. 450.

609 Cf. *ibidem*, p. 450.

610 Cf. R. De Candé, *ob. cit.*, p. 58.

- **Trompete** – curta e de furo cónico<sup>611</sup> (*vide* Fig. 147);
- **Oboé** – outro tipo de instrumento de sopro que só apareceu no início do Império Novo<sup>612</sup>, sendo muito comum a utilização do oboé duplo (*vide* Figs. 3 e 21);
- **Sistro** – segundo Roland de Candé, existiriam dois tipos de sistro. O primeiro era denominado de *shm*, e seria constituído por uma armação de madeira com um braço, no interior do qual uns anéis metálicos colocados em hastes paralelas se entrecrocavam quando o instrumento era sacudido (*vide* Figs. 150 e 151). O segundo era denominado de *šššt*, ou *sššt*, e não possuía anéis, sendo o seu som produzido pelo movimento longitudinal das hastes que, com a sua extremidade encurvada, batiam na armação quando o sistro era sacudido<sup>613</sup>. De salientar que este instrumento musical tinha um elevado cariz simbólico, pois, para além da sua função de percussão, era associado ao culto da deusa Hathor e frequentemente decorado com a cabeça desta deusa<sup>614</sup>;
- **Crótalos** – instrumento denominado em egípcio de *'wy* <sup>615</sup>, utilizado aos pares tal como as actuais castanholas, para substituir ou reforçar o bater das mãos (*vide* Fig. 156, 158 e 159). Podendo ser decorados com mãos ou a face de Hathor<sup>616</sup>, inicialmente eram elaborados em madeira, passando depois para o marfim e, por último, para o metal<sup>617</sup>. Existiam, igualmente, crótalos mais pequenos, ligados por uma correia (ou por uma pega de madeira) e com pequenos címbalos metálicos, virados uns para os outros nas extremidades (*vide* Fig. 152 e 157)<sup>618</sup>;
- **Tambores** – podiam ser em madeira, terracota e em pele<sup>619</sup>, sendo muito utilizados na música dita militar (*vide* Fig. 147).

No que concerne ao erotismo associado à música, Lise Manniche, na sua obra *Music and Musicians in Ancient Egypt*<sup>620</sup>, traça um paralelo bastante interessante ao associar os instrumentos musicais utilizados pelas dançarinas e músicas presentes nos banquetes, a uma linguagem erótico-simbólica. Embora nem sempre nos seja possível identificar estas peculiares características instrumentais nas imagens de banquetes, o facto é que chegaram até aos nossos dias inúmeros exemplos de instrumentos musicais, nomeadamente liras,

<sup>611</sup> Cf. *ibidem*, p. 58.

<sup>612</sup> Cf. B. Lawergren, *ob. cit.*, p. 450.

<sup>613</sup> Cf. R. De Candé, *ob. cit.*, p. 58.

<sup>614</sup> Cf. L. Manniche, “Sistrum” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 3, p. 293.

<sup>615</sup> Cf. B. Lawergren, *ob. cit.*, p. 450.

<sup>616</sup> Cf. *ibidem*, p. 450.

<sup>617</sup> Cf. R. De Candé, *ob. cit.*, p. 58.

<sup>618</sup> Cf. B. Lawergren, *ob. cit.*, p. 450.

<sup>619</sup> Cf. R. De Candé, *ob. cit.*, p. 58.

<sup>620</sup> Para este assunto destacamos o capítulo designado de “Music and Sexuality” in L. Manniche, *Music and Musicians in Ancient Egypt*, pp. 108-120.

sistros, flautas, associados a formas fálicas, como o caso de uma harpa angular<sup>621</sup>, ou com uma decoração claramente com conotação erótica, através da presença de animais associados à sexualidade feminina, como o caso de uma lira com cabeça de pato<sup>622</sup>. A presença de outros animais na decoração dos referidos instrumentos, tais como o cavalo, o falcão, o leão, o crocodilo, a hiena, a cabra, entre muitos outros, pode estar associada à expressão das características (provavelmente melódicas) desse instrumento<sup>623</sup>, e não a uma componente sexual.

Para além da associação dos instrumentos musicais ao erotismo devido às suas características formais, destacamos, igualmente, as frequentes representações artísticas com um evidente cariz sexual, onde vislumbramos personagens, nomeadamente mulheres, a tocar os mais variados instrumentos musicais e em clara actividade sexual ou de cariz erótico (*vide* Figs. 164 a 168). Numa dessas representações, numa peça de pele proveniente de Deir el-Bahari, uma mulher encontra-se ajoelhada debaixo de uma videira a tocar harpa, enquanto um homem dança à sua volta como que excitado com a melodia (*vide* Fig. 165)<sup>624</sup>. Da mesma forma, uma outra imagem, proveniente da parede de uma casa do bairro operário de Deir el-Medinah, mostra uma mulher a tocar o oboé duplo à sombra de uma planta / árvore de convólculos, “(...) clad in flimsy garments and with tatoos of the god Bes on her upper thighs”<sup>625</sup> (*vide* Fig. 164).

Estas duas vertentes são deveras importantes para realçar a importante componente erótica associada não só aos instrumentos musicais, mas também à música, ao canto e à dança (que abordaremos um pouco mais à frente), quatro componentes verdadeiramente indissociáveis que encetavam em si mesmos uma verdadeira via de comunicação de uma linguagem, não exclusivamente mas sobretudo, erótica.

### 3.4 A visão

Sem qualquer sombra de dúvida, podemos afirmar que a visão<sup>626</sup> era um dos canais condutores por excelência da sensualidade e do erotismo nas suas diversas vertentes, pois é através dela que se transmitem, a um qualquer receptor, todos os sinais eróticos, consciente ou inconscientemente, emanados de um emissor que, no caso dos banquetes privados, podem ser as sensuais dançarinas<sup>627</sup>, as músicas, as servas e as damas da alta

621 Cf. *idem*, “Erotica”, *ob. cit.*, p. 480.

622 Cf. *ibidem*, p. 480.

623 Cf. *idem*, *Music and Musicians in Ancient Egypt*, p. 112.

624 Cf. *idem*, “Erotica”, *ob. cit.*, p. 480.

625 *Ibidem*, p. 480.

626 Cf. R. S. Antelme; S. Rossini, *ob. cit.*, p. 102.

sociedade. Contudo, embora a “mulher” tenha sempre o papel principal no campo da sensualidade e da “insinuação”, se analisarmos friamente o papel de cada uma das personagens femininas presentes e intervenientes nos banquetes egípcios e medirmos o seu grau de destaque como provocadoras do desejo masculino, verificamos que, apesar de belas e ricamente ornamentadas, as ilustres convidadas acabam por ter um destaque secundário, havendo outras com uma maior relevância nesta função, nomeadamente as dançarinas e servas.

A primeira questão que temos de abordar quando pensamos na visão como meio propiciador de provocação de desejo, é, precisamente, a beleza feminina, conceito deveras complexo e maioritariamente associado à juventude, traduzido pelos adjectivos *'n* e *nfr* 628. A mulher, e o seu corpo, apresentavam-se, em todo este contexto, como um instrumento de sedução alvo do *focus* sexual do homem. À parte de toda a parafernália de adornos que iremos estudar em seguida, e baseando-nos na iconografia existente, principalmente as dançarinas que executavam as danças nos banquetes e as servas que serviam os convidados estariam no auge da juventude, sendo portadoras de belas formas físicas que, por si só, suscitariam aos homens presentes um forte sentimento de desejo. Tudo o resto é um complemento que só o aumentaria.

Concretamente no que toca aos banquetes, à parte da dança, tudo o que saltava à vista do espectador, começando pela indumentária voluptuosa, ou ausência dela, passando pelos adornos (perucas e jóias) e acabando na utilização de maquilhagem, pode ser considerado um instrumento de sedução que tornava o contacto visual apazível<sup>629</sup>.

### 3.4.1 A dança

A dança, ou mais concretamente as bailarinas que a executavam, é o elemento mais transversal deste estudo, uma vez que, para além da associação já efectuada acima à música e ao canto (sem eles não havia melodia para acompanhar as variadas coreografias efectuadas durante os banquetes), podemos associá-la, igualmente, à maioria das componentes que irão ser abordadas de seguida, entre as quais destacamos o vestuário, a nudez, as perucas, as jóias, os cosméticos, o perfume e, de uma forma mais activa ou meramente intemediária, ao sentido do tacto. Para além disso, e como forma de evidenciar a sua tremenda importância em universos paralelos da cultura egípcia, convém salientarmos

627 Cf. *ibidem*, p. 102.

628 Cf. L. Green, "Beauty" in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 1, pp. 167 - 168.

629 Cf. R. S. Antelme; S. Rossini, *ob. cit.*, p. 102.

que a dança era, também ela, considerada uma importante componente na celebração dos rituais das cerimónias sagradas e fúnebres<sup>630</sup> realizadas dentro e fora dos templos. Sendo a dança, então, uma manifestação ritual do profano/mundano, torna-se importante referir, primeiramente, o que era entendido por dança, em egípcio frequentemente designada por *ib3631*, e que variantes possuía.

Segundo Irena Lexová<sup>632</sup>, as imagens de dança que chegaram até nós provenientes de túmulos e óstracos fornecem-nos informações suficientes que nos permitem classificar esta actividade em 11 tipos distintos:

1. a dança de movimento puro<sup>633</sup> – uma sequência de movimentos com ritmo e alegria que, com o passar do tempo, se transformaram em movimentos conscientes e disciplinados, muitas vezes acompanhados com bater de mãos e gritos rítmicos;
2. a dança “acrobática”<sup>634</sup> – que consistia em coreografias mais elaboradas com movimentos mais difíceis e vigorosos que exigiam uma maior elasticidade corporal e treino a quem as executava<sup>635</sup>;
3. a dança de imitação<sup>636</sup> – danças que recriavam movimentos de animais e fenómenos da Natureza, cujo significado primitivo seria atrair animais e evocar certos fenómenos naturais como a chuva ou o vento;
4. a dança de pares<sup>637</sup> – não se trata de uma dança de pares com o sentido actual, uma vez que não dispomos de imagens de um homem a dançar com uma mulher, mas sim de pares constituídos por dois homens ou por duas mulheres que executavam movimentos simétricos;
5. a dança de grupos<sup>638</sup> – que consiste num tipo de dança em que há a presença de mais que um par do mesmo sexo, sendo que, muitas vezes, o grupo é dividido em elementos que executam movimentos de dança e outros elementos que marcam o ritmo batendo palmas. De salientar que, muitas vezes, a coreografia não era sincronizada, executando os dançarinos movimentos diferentes uns dos outros<sup>639</sup>;

630 Cf. I Shaw; P. Nicholson, “Dance”, *ob. cit.*, pp. 78 - 79.

631 Cf. D. Meeks, “Dance” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 1, p. 356.

632 Cf. I. Lexová, *ob. cit.*, pp. 21 - 42.

633 Cf. *ibidem*, p. 21.

634 Cf. *ibidem*, pp. 22-25.

635 Este tipo de danças é visível em algumas imagens iconográficas, nomeadamente o óstraco da bailarina, entre muitas outras representações.

636 Cf. *ibidem*, pp. 25-26.

637 Cf. *ibidem*, pp. 26-28.

638 Cf. *ibidem*, pp. 28-29.

639 Salienta-se, neste caso particular, uma pintura do túmulo de Antefoker, Tebas, cerca de 1950 A.C..

6. a dança de guerra<sup>640</sup> – que existia desde o Pré-Dinástico e que consistia em movimentos indisciplinados e gritos ensurdecadores que recriavam as lutas das tropas egípcias e, conseqüentemente, as vitórias sobre os inimigos do Egíto, sendo que, neste tipo de dança, também eram utilizados instrumentos curvos de madeira que serviriam de armas para atacar o “adversário”;
7. a dança dramática<sup>641</sup> – que servia para reproduzir episódios históricos importantes da vida social e política do país, nomeadamente situações de vitórias e de subjugação dos inimigos do Faraó;
8. a dança lírica<sup>642</sup> – geralmente o tipo de dança executada nos banquetes privados, muitas vezes com seqüências de bailarinas e bailarinos (neste caso, bailarinas vestidas de homens) que, acompanhados por música ambiente, iam executando movimentos enérgicos e harmoniosos de graça e elegância, muito semelhantes aos que se vêem no *ballet* clássico actual em que o “homem” busca e “persegue” a sua companheira, mostrando expressões de desejo. Outras vezes, seriam apresentadas só coreografias femininas, onde as bailarinas executavam movimentos expressivos e com algum dramatismo à mistura;
9. a dança grotesca<sup>643</sup> – podemos incluir nesta categoria as danças executadas por anões, associadas ao culto do deus Bes, que consistiriam em mímicas cómicas através dos seus movimentos a-rítmicos. Saliente-se que, embora não existam imagens significativas deste tipo de dança, existem, em contrapartida, estátuas, imagens e baixos-relevos deste deus, cuja dança serviria para afugentar os maus espíritos;
10. a dança funerária<sup>644</sup> – era, evidentemente, executada em funerais por homens e mulheres, distinguindo-se três fases distintas do cerimonial: primeiro as danças rituais; seguidamente seqüências de expressões de dor demonstradas não só pelos dançarinos, mas também pelas pessoas presentes e ligadas afectivamente ao defunto<sup>645</sup>, finalizando-se o cerimonial com as danças seculares que serviriam para entreter o espírito do defunto no Além. Sabe-se que, a partir do Império Médio, as danças grotescas executadas por anões também passaram a fazer parte das danças rituais funerárias;

---

640 Cf. *ibidem*, p. 30.

641 Cf. *ibidem*, pp. 30-32.

642 Cf. *ibidem*, pp. 32-33.

643 Cf. *ibidem*, pp. 33-36.

644 Cf. *ibidem*, pp. 36-39.

645 Salientam-se algumas imagens dos TT de Haremhab e Ramose, em que grupos de mulheres se apresentam em poses de lamento, elevando os braços e levando as mãos à cara numa apresentação evidente de sofrimento.

11. a dança religiosa<sup>646</sup> – como já foi referido anteriormente, a dança no Antigo Egipto era um componente importantíssimo do cerimonial religioso, embora não existam muitos registos iconográficos de como seriam estas danças. Pode afirmar-se, porém, que dentro dos templos e durante os festivais religiosos, as procissões e as festas em honra das divindades eram acompanhadas por incenso, danças e canto, evocando as arcaicas origens africanas dos povos pastores.

É possível afirmar, nesta primeira análise, que o erotismo e a sensualidade por excelência estão mais associadas às danças executadas em ambientes privados (nomeadamente a dança lírica e de pares), nomeadamente nos banquetes do Império Novo, do que propriamente a outro tipo de danças, embora todas elas tenham um cariz sensual subjacente, associado à exposição natural do corpo e das suas formas.

Depois de sucintamente identificados os tipos de dança existentes no Antigo Egipto e feita a sua contextualização cultural, passemos agora a uma abordagem mais minuciosa à dança como forma de exteriorizar o erótico e o sensual. Podemos começar por referir que, tanto esta actividade física como a própria música e o canto a ela associadas, estão intimamente ligados a um “Código do Amor”<sup>647</sup>. Associada à visão, e através dela, a dança estabelecia uma comunicação não verbal entre os intervenientes, que assentava na simbologia do gesto, particularmente importante na Civilização Egípcia, que incluía a pose do corpo, a colocação dos dedos, das mãos e dos braços<sup>648</sup>, sendo perceptível através de gestos sequenciais e complexos, utilizados não só na dança mas também em rituais religiosos<sup>649</sup> executados na época e legados à posteridade pelos artistas da altura nas fontes iconográficas que chegaram aos nossos dias.

Da mesma forma, podemos observar que no Antigo Egipto, a sexualidade e a fertilidade são elementos importantes dos cultos divinos<sup>650</sup>, embora, muitas vezes, as entidades divinas estejam associadas às actividades sociais terrenas. Salientemos, neste contexto, a associação não casual da dança à deusa Hathor, senhora da alegria, da maternidade, da fertilidade, da beleza e do amor mas, igualmente, da música, da dança e da embriaguez, estando, intrinsecamente, associada aos cuidados de beleza e aos preparativos da arte do amor<sup>651</sup>. Esta deusa, representada iconograficamente como uma vaca, tinha a si

---

646 Cf. *ibidem*, pp. 40-42.

647 Cf. R. S. Antelme; S. Rossini, *ob. cit.*, pp. 102-107.

648 Cf. R. H. Wilkinson, “Gesture” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 2, p. 20.

649 Cf. *ibidem*, p. 22

650 Cf. I Shaw; P. Nicholson, “Erotica”, *The British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, The American University in Cairo Press, 2002, p. 93.

associados determinados objectos com conotações eróticas, nomeadamente o sistro hathórico (*vide* Figs. 150 e 151), os espelhos (*vide* Fig. 231) que mantinham a aparência sensual das mulheres durante os banquetes e festividades privadas e o colar *menat* (*vide* Fig. 196) ligado não só à propiciação de alegria e saúde, mas também à sexualidade<sup>652</sup>.

Associado, neste contexto cultural, a Hathor, o deus Bes é apresentado não só como dançarino, mas também como cantor e harpista<sup>653</sup> (*vide* Figs. 161 a 163), embora seja, igualmente, o deus protector da família, associado à sexualidade e ao nascimento<sup>654</sup>. Este deus anão, com a sua imagem desproporcional de um corpo pequeno e um falo longo, estabelece uma imagem de protector do mundo feminino, desde o momento da concepção até ao nascimento<sup>655</sup>. Para além disto, é amplamente associado ao erotismo. A utilização, por parte de músicas e bailarinas, de tatuagens com o deus Bes (*vide* Figs. 164 e 160), associa esta entidade divina aos prazeres mundanos e aos rituais de alcova, inserindo-se neste contexto as “câmaras de Bes” ou as “câmaras de incubação”<sup>656</sup> de Bes, em Sakara, datadas do Período Ptolemaico, salas onde este deus era sumptuosamente representado em companhia de numerosas mulheres<sup>657</sup>. Estes espaços, mais do que meros bordéis, teriam, provavelmente, uma função ritual<sup>658</sup>, sendo lugares onde, possivelmente, os viajantes esperavam experienciar sonhos eróticos que levariam à renovação das suas capacidades sexuais e a uma maior fertilidade<sup>659</sup>.

### 3.4.2 A indumentária

#### 3.4.2.1 O vestuário feminino e masculino

Os egípcios cultivavam o gosto pela moda e pela boa apresentação, ainda mais em ambientes de requinte e de festa. No que toca ao vestuário, Dominique Valbelle<sup>660</sup> realça que as túnicas, na maior parte dos casos, consistiam em tecidos de linho, lisos ou plissados (*vide* Figs. 21, 24 e 26), cortados com dimensões variadas que eram usadas, quer por homens quer por mulheres, de acordo com as diversas situações e as modas da época (*vide* Figs. 172 a 175). Contudo, a autora salienta a distinção do vestuário entre o homem e a mulher, dizendo-nos que o homem, além de usar túnicas, se apresentava, muitas vezes, de

651 Cf. L. M. Araújo, *ob. cit.*, p. 72.

652 Cf. *ibidem*, p. 83.

653 Cf. R. S. Antelme; S. Rossini, *ob. cit.*, p. 112.

654 Cf. I Shaw; P. Nicholson, “Bes”, *The British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, The American University in Cairo Press, 2002, p. 54.

655 Cf. L. Manniche, “Sexuality”, *ob. cit.*, p. 275.

656 Cf. I Shaw; P. Nicholson, “Erotica”, *ob. cit.*, p. 93.

657 Cf. L. Manniche, “Erotica”, *ob. cit.*, p. 480.

658 Cf. *ibidem*, p. 480.

659 Cf. I Shaw; P. Nicholson, *ob. cit.*, p. 93.

660 Cf. D. Valbelle, *ob. cit.*, pp. 114 - 117.

tronco nu, vestido com uma tanga curta ou mais comprida consoante a situação<sup>661</sup>. Por sua vez, a mulher usava, muitas vezes, uma saia vaporosa de alças largas que deixavam antever o peito (*vide* Figs. 4 e 13), apresentando, frequentemente, o seu corpo coberto com véus transparentes que deixavam transparecer as suas formas (*vide* Figs. 3, 14, 23, 29 e 30), o que não era condenável, visto a nudez ser bem aceite na sociedade da época, como veremos. No que respeita às serviçais (e a algumas músicas) presentes nos banquetes, estas, embora também usassem túnicas, muitas vezes limitavam-se a ocultar o sexo (*vide* Figs. 2, 3, 9, 10, 13, 18, 19, 20, 22 e 25).

As túnicas unissexo podiam ter vários modelos, sendo curtas ou compridas, amplas ou justas, dividindo-se em dois grupos<sup>662</sup>:

1. As peças de um só corte, cujo decote foi aberto e os lados cosidos, deixando uma abertura para os braços (*vide* Fig. 172);
2. Peças de vestuário semelhantes aos actuais vestidos, constituídos por um encaixe feito de um pequeno rectângulo de tecido em que foi recortado o decote; de duas mangas e de uma saia, formando uma peça única. Além desta peça, juntava-se, ainda, um casaco com mangas (*vide* Figs. 173 e 174).

O que distinguia o vestuário mais rico, utilizado em ocasiões solenes ou de festa, do mais pobre era o uso de ornamentos como as pregas ou presilhas e fragmentos arrendados confeccionados segundo a técnica do macramé<sup>663</sup>.

Nos banquetes privados observamos uma elevada conotação erótica do vestuário, devido à transparência dos tecidos utilizados e o corte dos vestidos que, muitas vezes, deixavam à mostra os seios das mulheres, damas e servas.

### 3.4.2.2 Tipologia de tecidos utilizados

O linho era a matéria-prima, por excelência, utilizado no Antigo Egipto, entre muitas outras coisas, para o fabrico do vestuário (*vide* Figs. 170 e 171). Os tecidos mais ricos, encontrados nos túmulos reais e dos nobres, possuíam enfeites tais como as pinturas, os bordados e as orlas embainhadas, franjadas ou enfeitadas com galões multicores, usando-se, também, imitações de peles feitas de linho<sup>664</sup>. Verifica-se, igualmente, o uso de tecidos que testemunham uma “fantasia inventiva”<sup>665</sup>, devido ao emprego de diferentes tramas, variações de plissados e, a partir do Império Médio, tecidos coloridos vindos do

<sup>661</sup> Cf. *ibidem*, p. 115.

<sup>662</sup> Cf. *ibidem*, p. 115.

<sup>663</sup> Cf. *ibidem*, p. 115.

<sup>664</sup> Cf. *ibidem*, p. 115.

<sup>665</sup> *Ibidem*, p. 115.

estrangeiro. Segundo Maria João Machado<sup>666</sup>, o linho era conhecido desde o Neolítico, tendo desde cedo representado “(...) um papel fundamental na economia do Antigo Egipto, sendo a base do fabrico de todo o vestuário, variando a forma como era trabalhado ou tecido” <sup>667</sup>.

### 3.4.2.3 A nudez

Principalmente associada às dançarinas e servas presentes nos banquetes privados do Império Novo, mais do que às damas da alta sociedade, a nudez é um elemento naturalmente presente nas celebrações que estamos a estudar, podendo assumir um certo teor erótico. De facto, não só com o objectivo evidente de exhibir o corpo, mas também para uma completa liberdade de movimentos<sup>668</sup>, o vestuário utilizado pelas mulheres durante as actuações de dança era quase inexistente (*vide* Fig. 22). Da mesma forma, e à semelhança das damas da alta sociedade, por vezes também vestiam longas túnicas de linho vaporosas, deixando transparecer as suas formas e os seus movimentos de ancas e pernas. Não obstante a utilização destas peças de vestuário, apareciam maioritariamente nuas, representadas envergando simplesmente um cinto, uma peruca e algumas jóias, elementos cuja conotação erótica iremos abordar em seguida. As damas da alta sociedade envergavam túnicas plissadas de fino linho branco que evidenciavam, claramente, o seu corpo, nomeadamente os seios (*vide* Fig. 13).

Principalmente associada à mulher, uma vez que são raras este tipo de imagens numa vertente masculina, a nudez era, no Antigo Egipto, considerada como algo de perfeitamente normal e aceitável socialmente, podendo, no entanto, revestir-se de um forte pendor erótico consoante o contexto em causa, como nos atestam alguns versos da lírica amorosa<sup>669</sup>. No contexto festivo dos banquetes privados, a nudez, ou escassez de vestuário, associada aos elementos de cariz erótico que já abordámos e que ainda iremos abordar, pode, eventualmente, potencializar ainda mais o significado erótico destas representações artísticas.

### 3.4.3 Os adornos profiláticos

---

666 Cf. M. J. Machado, “Linho” in L. Araújo (Dir.), *ob. cit.*, pp. 498 – 499.

667 *Ibidem*, p. 498.

668 Cf. I. Lexová, *ob. cit.*, p. 15.

669 Cf. M. J. Machado, “Nudez” in L. Araújo (Dir.), *ob. cit.*, p. 632

A utilização de determinados acessórios, denominados por Luís Araújo de adornos profiláticos (conforme foi mencionado anteriormente), por parte dos elementos presentes nos banquetes tinha, igualmente, uma conotação de afirmação sensual e do erotismo.

### 3.4.3.1 As perucas

Segundo Dominique Valbelle, podemos afirmar que o cabelo era considerado um dos elementos fundamentais de adorno, dedicando-lhe, tanto os homens como as mulheres, uma atenção especial<sup>670</sup>. As perucas podiam ser utilizadas não só como “suplemento” de cabeleiras humanas, finas e parcas em quantidade de cabelo, através da colocação de madeixas de caracóis artificiais que aumentavam o volume da cabeleira<sup>671</sup>, mas também, e na maior parte das vezes, como perucas inteiras, mais comuns e consideradas “(...) a routine item of dress for the elite”<sup>672</sup>. Embora não se saiba o verdadeiro motivo para a utilização de perucas na Civilização do Antigo Egipto, é frequentemente defendida a ideia de que, para além de aprimoramento da aparência pessoal, a sua utilização era considerada um símbolo de poder, riqueza e estatuto<sup>673</sup>. As perucas pertencentes à elite<sup>674</sup> eram feitas, na maior parte dos casos, a partir de cabelos humanos (provenientes, possivelmente, de camponeses da Núbia<sup>675</sup>) entrelaçados com componentes animais (como os fios de lã<sup>676</sup>) ou, no caso dos estratos mais baixos, de fibras vegetais<sup>677</sup> (*vide* Figs. 179 e 207), mantendo-se colocadas no sítio certo através de uma “(...) setting lotion”<sup>678</sup> constituída por resina ou por cera de abelhas<sup>679</sup>.

Os vestígios arqueológicos encontrados nos túmulos mais abastados revelam-nos instrumentos que ilustram bem a importância que os egípcios “(...) placed on their appearance and the consequent need to maintain that appearance in the afterlife”<sup>680</sup>, nomeadamente exemplares de pentes / escovas de madeira e marfim, ferros de frisar, longos e finos alfinetes para o cabelo em marfim, osso e metal<sup>681</sup> que terminavam em pequenas esculturas de animais<sup>682</sup> (*vide* Fig. 178) e espelhos<sup>683</sup>, encontrados em estojos de

670 Cf. D. Valbelle, *ob. cit.*, p. 118.

671 Cf. L. Green, "Hairstyles" in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 2, p. 73.

672 L. Donovan; K. Mccorquodale (Ed.), *ob. cit.*, p. 181.

673 Cf. *ibidem*, p. 181.

674 Cf. L. Green, *ob. cit.*, p. 73.

675 Cf. L. Donovan; K. Mccorquodale (Ed.), *ob. cit.*, p. 181.

676 Cf. D. Valbelle, *ob. cit.*, p. 118.

677 Cf. L. Donovan; K. Mccorquodale (Ed.), *ob. cit.*, p. 181.

678 L. Green, *ob. cit.*, p. 73.

679 Cf. R. E. Freed, *ob. cit.*, p. 34.

680 L. Donovan; K. Mccorquodale (Ed.), *ob. cit.*, p. 182.

681 Cf. L. Green, *ob. cit.*, p. 73.

682 Cf. *ibidem*, p. 74.

acessórios para o cabelo provenientes a partir do Período Pré-Dinástico. Da mesma forma, muitos ornamentos para o cabelo foram encontrados em escavações arqueológicas, sendo, igualmente, retratados nas imagens tumulares. Produzidos para serem presos ou apertados directamente no cabelo, para além dos cones de gordura perfumada, que abordaremos em seguida, existiam rosetas de ouro, pendentes, cuja forma de aplicação ainda se desconhece (pressupõe-se que podiam ser aplicados de lado ficando suspensos)<sup>684</sup>, “(...) large silver disks”<sup>685</sup> e amuletos em forma de peixe que teriam a função de proteger que os usasse contra afogamentos<sup>686</sup>. Provenientes do Império Médio existiam, igualmente, pequenos tubos de ouro “(...) that fit over plaits of hair, and small cornflowers of gold foil that were also apparently attached to the hair”<sup>687</sup>. Tal como veremos mais à frente no sub-capítulo referente às jóias e elementos de adorno, um dos elementos decorativos mais amplamente divulgado e utilizado nas perucas pelos elementos da sociedade do Antigo Egipto em contextos festivos (e não só), eram as grinaldas de flores “(...) woven from leaves and flower petals”<sup>688</sup>, podendo também possuir outro tipo de elementos decorativos vegetais, podendo estas grinaldas ser, igualmente, produzidas em metais preciosos<sup>689</sup>.

Para os antigos egípcios, a existência abundante de cabelo ou de pêlos era considerado um sinal de impureza, pelo que a maior parte do corpo era depilado ou rapado com regularidade, daí os inúmeros exemplares de tesouras de metal (que podiam ser utilizadas não só para cortar, mas também para frisar a frio pequenas madeixas de cabelo<sup>690</sup>), facas e pinças provenientes dos mais variados contextos arqueológicos e períodos cronológicos recuados<sup>691</sup> (*vide* Fig. 177), além de inúmeros textos com receitas que, supostamente, serviriam para remover os pêlos indesejados<sup>692</sup>. Muitos homens, sobretudo os Sacerdotes, rapavam o cabelo e o corpo como ritual de purificação para “(...) ensure their cleanliness in service to the deities”<sup>693</sup>, embora outros o usassem muito curto (servindo esta característica, não só para os refrescar do calor e permitir a utilização de perucas<sup>694</sup>, mas, igualmente, para os distinguir dos estrangeiros, normalmente

---

683 Cf. L. Donovan; K. Mccorquodale (Ed.), *ob. cit.*, p. 182.

684 Cf. *ibidem*, p. 187.

685 Cf. L. Green, *ob. cit.*, p. 74.

686 Cf. *ibidem*, p. 73.

687 *Ibidem*, p. 73.

688 *Ibidem*, p. 74.

689 Cf. *ibidem*, p. 74.

690 Cf. *ibidem*, p. 73.

691 Cf. A. K. Capel; G. E. Markoe (Ed.), *Mistress of the House, Mistress of Heaven. Women in Ancient Egypt*, New York, Hudson Hills Press, 1996, p. 75.

692 Cf. L. Green, *ob. cit.*, p. 73.

693 L. Donovan; K. Mccorquodale (Ed.), *ob. cit.*, p. 181.

694 Cf. L. Green, *ob. cit.*, p. 73.

caracterizados com longos cabelos e barba<sup>695</sup> - *vide* Fig. 176), ao contrário das mulheres que o usavam longo ou, no caso de algumas dançarinas, uma comprida trança que terminava “(...) in a ball-shaped element”<sup>696</sup>.

A existência de ovos de piolhos no cabelo das múmias egípcias pode, eventualmente, justificar a necessidade dos antigos egípcios utilizarem o cabelo curto<sup>697</sup>. Esta situação pode muito bem justificar que a maior parte das crianças e adolescentes<sup>698</sup> egípcios serem iconograficamente representados nos túmulos, e na restante arte egípcia, com a cabeça rapada, ou ostentando apenas a denominada “trança lateral da juventude”, associada, simbolicamente, a deuses jovens (como Khonsu) e ao Faraó renascido e rejuvenescido<sup>699</sup>. Da mesma forma, às questões de higiene já mencionadas, podemos juntar, igualmente, as elevadas temperaturas do território, apresentando-se, neste caso, as perucas como uma verdadeira protecção solar para a cabeça<sup>700</sup>.

Em diversas ocasiões verificamos, através da iconografia, que ambos os sexos (divinos ou mortais) ostentavam perucas<sup>701</sup>, sendo estas, por vezes, bastante elaboradas e diversificadas em termos estilísticos, podendo ser mais curtas ou mais compridas consoante os gostos<sup>702</sup>, o sexo e a idade<sup>703</sup>. No seio da elite do Império Novo sobressaem, pelo menos, dois tipos distintos de perucas masculinas: uma mais curta, que cobria o pescoço, e uma mais longa, com caracóis sobrepostos que moldavam a cara<sup>704</sup>, dividida em duas camadas distintas, sendo que a que se encontrava por baixo era “(...) arranged in overlapping ringlets or in loose, flowing hair”<sup>705</sup>. No que toca às mulheres, e embora ainda se usassem tanto a peruca Hathórica como a tradicional peruca tripartida simples, a grande novidade deste período é a denominada peruca “enveloping”, muito elaborada e compacta, que não apresentava divisões nos ombros, e cujas extremidades das madeixas acabavam em tranças ou cachos de cabelo verticais que variavam em espessura e comprimento<sup>706</sup>. Esta peruca massiça era feita com cabelo humano e “(...) generally cover the wearer as far as her shoulders blades”, tapando as suas orelhas<sup>707</sup>. Na última metade da XVIII Dinastia,

---

695 Cf. L. Donovan; K. Mccorquodale (Ed.), *ob. cit.*, p. 181.

696 L. Green, *ob. cit.*, p. 74.

697 Cf. L. Donovan; K. Mccorquodale (Ed.), *ob. cit.*, p. 181.

698 Cf. L. Green, *ob. cit.*, p. 74.

699 Cf. *ibidem*, p. 73.

700 Cf. L. Donovan; K. Mccorquodale (Ed.), *ob. cit.*, p. 181.

701 De salientar que se podiam acrescentar caracóis às perucas (*vide* Fig. 180).

702 Cf. L. M. Araújo, *op. cit.*, p. 73.

703 Cf. L. Green, *ob. cit.*, p. 73.

704 Cf. L. Donovan; K. Mccorquodale (Ed.), *ob. cit.*, p. 183.

705 L. Green, *ob. cit.*, p. 75.

706 Cf. L. Donovan; K. Mccorquodale (Ed.), *ob. cit.*, p. 183.

707 Cf. L. Green, *ob. cit.*, p. 75.

porém, verificou-se a utilização de perucas entrançadas unissexo, sendo uma delas a denominada peruca Núbia que consistia em “(...) tapering rows of tightly rolled ringlets in successive layers”<sup>708</sup>. Existia, igualmente, a denominada peruca arredondada que “(...) reached to the nape of the neck and was often set in ringlets”<sup>709</sup>. Apareceu, no entanto, no fim desta dinastia uma peruca masculina, com comprimento até aos ombros.

No caso dos banquetes, verificamos a existência de uma grande diversidade de perucas, principalmente entre as classes mais baixas que, em alguns casos apresentam aquilo que presumimos ser o seu cabelo dividido em pequenas fileiras de tranças, conforme nos atestam as imagens provenientes dos TT de Djoserkareseneb (*vide* Figs. 2, 3 e 4), TT de Dehuti (*vide* Fig.10), TT de Nebamun (*vide* Fig. 27), e TT de Rekhmire (*vide* Figs. 28 e 30). Um outro tipo de peruca deveras peculiar é aquele utilizado pelas músicas representadas nas imagens do TT de Nebamun (*vide* Fig. 21). Da mesma forma, verificamos a utilização de, pelo menos, dois estilos distintos de perucas entre as mulheres das classes nobres. Assim, enquanto o TT de Rekhmire nos demonstra uma maior predominância das tradicionais perucas tripartidas (*vide* Fig. 29), nos restantes túmulos estudados verificamos a utilização das compactas perucas “enveloping” (*vide* Figs. 5, 7, 8, 10, 15, 20, 26 e 27), embora em algumas cenas estas mesmas perucas se encontrem colocadas por detrás das orelhas ou dos ombros das damas (*vide* Fig. 14), ou com um acabamento nas pontas peculiar, verificando-se, porventura, ou uma menor densidade de cabelo ou um entrançar das extremidades da peruca (*vide* Figs. 24 e 26). No que toca aos homens, o TT de Nebamun apresenta-nos exemplos de homens com perucas pelos ombros, com um tipo de peruca que presumimos ser a Núbia (*vide* Fig. 19, 20 e 27), e, no caso dos túmulos alvo de estudo nesta investigação, uma maior predominância de homens de cabeça rapada (*vide* Figs. 5, 9, 11, 12, 19 e 27).

No que toca ao significado erótico da utilização das perucas, e segundo Luís Araújo<sup>710</sup>, tanto as esposas e princesas reais como as concubinas se apresentavam em diversas circunstâncias com vistosas e requintadas perucas decoradas com diademas de temáticas animalistas (figuras de gazelas e antílopes<sup>711</sup>), o que representava um forte componente atractivo para as actividades de alcova. A nudez aliada ao uso de perucas

---

<sup>708</sup> *Ibidem*, p. 75.

<sup>709</sup> *Ibidem*, p. 75.

<sup>710</sup> Cf. L. M. Araújo, *ob. cit.*, pp. 72-76.

<sup>711</sup> Cf. *ibidem*, p. 72.

vistasas era, sem dúvida, um símbolo erótico evidente, tal como nos atestam alguns poemas de amor, nomeadamente aquele que diz:

“Vem, vamos deitar-nos. Põe a tua peruca”<sup>712</sup>.

Por outro lado, a denominada *História dos Dois Irmãos*, datada dos finais da XVIII Dinastia, retrata, precisamente, o papel erótico do cabelo e das perucas no Antigo Egipto e o seu papel nos meandros da atracção sexual<sup>713</sup>. Neste conto, uma mecha de cabelo feminino fica presa no vestuário do Faraó, sendo que o seu perfume lhe provoca um desejo tal que este está disposto a matar o marido dessa mulher, só para poder possuí-la<sup>714</sup>.

### 3.4.3.2 As jóias e elementos de adorno

Embora existam bastantes exemplos de ourivesaria egípcia recolhidos do interior dos túmulos<sup>715</sup> a verdade é que, devido às inúmeras pilhagens que ocorrem desde o período faraónico e que resultam, provavelmente, na “reciclagem” dos metais preciosos e venda das pedras ou, simplesmente, no contrabando das peças pelo mercado negro, só chegou até nós uma ínfima parte deste tesouro, tornando-se necessário conjugar estes achados com as imagens presentes na iconografia tumular e na própria estatuária, exemplos fiéis das jóias usadas tanto por homens como por mulheres de todas as idades e estratos sociais, para além dos próprios deuses.

Ao preparar a sua aparência para as festas e banquetes, o egípcio vestia-se a rigor e realçava a sua imagem e beleza<sup>716</sup>, além de evidenciar o seu estatuto social, poder, riqueza e prestígio através do uso de amuletos, jóias florais, de fantasia ou preciosas<sup>717</sup>. Contudo, para além desta função decorativa, os diversos tipos e feitios de jóias existentes podiam ter uma função mágica e religiosa, como um amuleto<sup>718</sup>, protegendo os vivos e os mortos<sup>719</sup> “(...) contra forças hostis e nocivas que podiam manifestar-se de maneiras diversas: animais,

<sup>712</sup> Cf. *ibidem*, p. 75.

<sup>713</sup> Cf. L. Green, *ob. cit.*, p. 75.

<sup>714</sup> Cf. *ibidem*, p. 75.

<sup>715</sup> Para além das jóias encontradas do interior do famoso túmulo de Tutankhamon, datadas do Império Novo salientamos, ainda, as jóias encontradas no interior do túmulo da rainha Ah-hotep II; das três esposas de Tutmés III, Menui, Merti e Menehet e de Khaemuaset (um dos filhos de Ramsés II), cf. P. Malheiro, “Jóias” in L. Araújo (Dir.), *ob. cit.*, pp. 460 – 461.

<sup>716</sup> Pois “uma aparência desalinhada atrai o desprezo dos outros”, cf. D. Valbelle, *ob. cit.*, p. 117.

<sup>717</sup> Cf. *Ibidem*, p. 118.

<sup>718</sup> Em egípcio, a palavra “amuleto” era designada como *cheseptu*, *tit*, *udjan*, *meket* e *sa*, cf. L. M. Araújo, “Amuletos” in L. Araújo (Dir.), *ob. cit.*, p. 66.

<sup>719</sup> Os amuletos não só eram representados na iconografia funerária, onde figurava o defunto no Além, mas também eram colocados “(...) no próprio corpo ou entre as faixas de linho que o envolviam”. *Ibidem*, p. 66. Chegavam a existir jóias fabricadas exclusivamente para o enterro, acompanhando a viagem do defunto até ao Além e protegendo-o durante o percurso. Estas jóias eram mais finas e com uma decoração elaborada, cf. Y. J. Markowitz, “Jewelry” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 2, p. 207.

doenças ou calamidades”<sup>720</sup> (*vide* Fig. 181). A eficácia e função mágico-religiosa do amuleto dependia não só do contexto ambiental, dos materiais empregues na sua elaboração, na cor e na simbologia da sua forma<sup>721</sup>, mas também dos textos que tinham inscritos, nomeadamente passagens do *Livro dos Mortos*<sup>722</sup>.

Enquanto a utilização de jóias preenche “(...) a basic human urge to decorate the body”<sup>723</sup>, ela tem, ao mesmo tempo, uma vertente de cariz claramente religiosa<sup>724</sup>. No que toca à forma, sabemos que ao longo dos Impérios Médio e Novo algumas peças tinham um enorme cariz simbólico<sup>725</sup>, estando associadas a uma componente talismânica muito elevada. Neste âmbito, salientamos as peças com forma de ceptro de papiro *uadj*, olho de Hórus *wꜣ3t* (o amuleto mais popular que representa o “olho sagrado”), *šn* (simboliza a protecção), signo da vida *nḥ, tit*, pilar *ꜥd* (símbolo de estabilidade), o escaravelho *ḥpr* (símbolo de renascimento e de existência - *vide* Fig. 191), o peixe (que simbolizava a fertilidade, podendo a sua utilização também estar associada à protecção contra afogamentos<sup>726</sup>), a rã, o sapo, a mosca, a garra de felino, o dente, o contrapeso de colar *menat*, o encosto de cabeça, o signo *pesechkaf* da abertura da boca, as coroas, as serpentes sagradas *uraeus*, o colar *usekh*, os selos, as estatuetas funerárias (*chauabti* e *uchebti*), o *tjet* ou nó de Isis, o escaravelho, os peitoral, alguns animais, as conchas, as cordas com nó, a cabeça humana, as cabeças de animal, os animais divinizados, o falo, o coração, algumas figuras de deuses (destacando-se Bés, Tot, Khnum, Anúbis, Sekhmet e Taueret) entre outras figuras. Ao serem utilizadas, estas peças conferiam um círculo de protecção mágica a quem as utilizava, nomeadamente em determinadas partes do corpo que eram consideradas áreas sensíveis e que necessitavam de protecção, nomeadamente a cabeça, o pescoço, os braços, os pulsos, os dedos, a cintura e os tornozelos<sup>727</sup>. Da mesma forma, a inclusão de textos nas jóias, nomeadamente a escrita de nomes divinos ou reais, “(...) was particularly important in that the act of setting one’s name in a lasting, magical material insured the wearer against decay and destruction”<sup>728</sup>.

É-nos impossível, no entanto, distinguir iconograficamente a tipologia de materiais, preciosos ou semi-preciosos, utilizados na joalheria egípcia. Desta forma, temos de nos

---

<sup>720</sup> P. Malheiro, *ob. cit.*, p. 459.

<sup>721</sup> Cf. *Ibidem*, p. 459.

<sup>722</sup> Cf. L. M. Araújo, *ob. cit.*, p. 66.

<sup>723</sup> Y. J. Markowitz, *ob. cit.*, p. 205.

<sup>724</sup> Cf. *Ibidem*, p. 205.

<sup>725</sup> Cf. P. Malheiro, *ob. cit.*, p. 461 e L. M. Araújo, *ob. cit.*, p. 66.

<sup>726</sup> Cf. L. Donovan; K. Mccorquodale (Ed.), *ob. cit.*, p. 187.

<sup>727</sup> Cf. Y. J. Markowitz, *ob. cit.*, p. 205.

<sup>728</sup> *Ibidem*, p. 205.

remeter a vestígios arqueológicos que nos chegaram até hoje e, a partir daí, fazer uma relação destes materiais e associá-los ao seu simbolismo. “A wide range of materials (...) were chosen for aesthetic, practical, and symbolic reasons”<sup>729</sup>, sendo que dentro dos mais refinadamente trabalhados<sup>730</sup> e amplamente divulgados nos mais distintos contextos artísticos, destacamos os seguintes:

◆ **Ouro** – em egípcio *nbw*, era um material abundante no território egípcio<sup>731</sup> e na Núbia, sendo amplamente utilizado em trocas comerciais com o Próximo Oriente para a obtenção de materiais brutos, tais como cobre, estanho e prata<sup>732</sup>. Era simbolicamente associado à “carne dos deuses” e considerado um garante de eternidade<sup>733</sup> e imortalidade, porventura devido à sua imutabilidade material<sup>734</sup>. Para os egípcios o ouro tinha uma enorme implicação na vida do Além<sup>735</sup>, uma vez que depois de mumificado, o defunto era idealmente envolto em ouro através de “masks, caps for vulnerable fingers and toes, and occasionally entire coffins were crafted from gold sheet”<sup>736</sup>. Para além das características simbólicas já mencionadas, o ouro era, igualmente, amplamente valorizado pelo seu brilho solar, maleabilidade e resistência à corrosão<sup>737</sup> (*vide* Fig. 192);

◆ **Prata** – designada por *ḥḏ*<sup>738</sup>, era quase inexistente no território egípcio sendo importada do Próximo Oriente e do mundo egeu, nomeadamente do Levante, Turquia e Grécia, facto que levou este material a ser considerado mais valioso que o ouro até metade do segundo milénio a. C.<sup>739</sup>. Ligada à lua, estava filiada ao deus Tot, sendo utilizada, frequentemente, para a criação de amuletos e de toucados que incorporavam o disco lunar<sup>740</sup>. Simbolicamente representava “os ossos dos deuses”<sup>741</sup> estando, igualmente,

---

<sup>729</sup> *Ibidem*, p. 201.

<sup>730</sup> De salientar os utensílios e as técnicas rudimentares com que eram extraídas e trabalhadas estas pedras preciosas. Através de técnicas como o trabalho em folha de ouro, a utilização de vários tipos de soldadura, a estampagem, o repuxado (relevo trabalhado a martelo), a cinzelagem, a douradura, a gravação ornada com esmalte e, até, o fabrico de finas correntes, os egípcios fabricaram jóias ímpares que, ainda hoje, são alvo de espanto e de encantamento, cf. P. Malheiro, *ob. cit.*, pp. 459 - 460.

<sup>731</sup> A pureza do ouro do Vale do Nilo variava consideravelmente. Os depósitos de ouro situavam-se no sul, no decorrer de um planalto de quartzo situado no Deserto Oriental, adjacente ao Mar Vermelho. Da Baixa Núbia provinha o “ouro de Wawat”, do Egipto provinha o “ouro de Coptos” e a da região sul da Segunda Catarata provinha o “ouro de Kush” (*vide* Mapa 2.), cf. P. Lacovara; Y. J. Markowitz, “Gold” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 2, p. 34.

<sup>732</sup> Cf. *ibidem*, p. 34.

<sup>733</sup> Cf. P. Malheiro, *ob. cit.*, p. 459.

<sup>734</sup> Cf. P. Lacovara; Y. J. Markowitz, *ob. cit.*, p. 34.

<sup>735</sup> Cf. *ibidem*, p. 34.

<sup>736</sup> *Ibidem*, p. 34.

<sup>737</sup> Cf. Y. J. Markowitz, *ob. cit.*, p. 201.

<sup>738</sup> Até à V Dinastia (2510 a. C.), a palavra “prata” era designada por *nbw ḥḏ*, contendo o hieróglifo de “ouro” e “branco”, cf. P. Lacovara; Y. J. Markowitz, *ob. cit.*, p. 286.

<sup>739</sup> Cf. *ibidem*, p. 287.

<sup>740</sup> Cf. *ibidem*, p. 287.

<sup>741</sup> Neste caso concreto convém ressaltar aquilo que Lacovara e Markowitz designam de “gilt silver” ou “gold-coated silver”, uma espécie de capa de ouro que cobria uma imagem do deus, uma vez que o ouro era a “carne dos deuses” que cobriam os seus ossos (prata), cf. *ibidem*, p. 287. De ressaltar, igualmente, que em

associada à flor de lótus, uma flor que “(...) defeats darkness and death as it opens under the warming rays of the morning sun”<sup>742</sup>.

◆ **Marfim** – proveniente das enormes presas dos elefantes e hipopótamos, era valorizado pela sua raridade, simbolismo e aparência<sup>743</sup>. Era um produto relativamente maleável e fácil de trabalhar, sendo utilizado não só como material de revestimento, mas também na decoração dos mais variados adornos, nomeadamente alfinetes para o cabelo, anéis, brincos, braceletes, botões, amuletos e contas<sup>744</sup>;

◆ **Madre-pérola** – uma vez que as pérolas só foram introduzidas no Egito no período Ptolemaico, a madre-pérola, proveniente da ostra do Mar Vermelho, era, nesta altura, um material amplamente utilizado na decoração e produção de jóias<sup>745</sup>;

◆ **Pedras semipreciosas** – escolhidas devido à sua “(...) hardness, rarity, and color”<sup>746</sup>, sendo que a sua dureza, mais do que uma questão prática, estava associada à longevidade<sup>747</sup>. Salientaremos, de seguida, as pedras mais utilizadas durante Império Novo em contas, amuletos e como material de revestimento ou mero elemento decorativo cravado nas diferentes tipologias de jóias:

✱ **Calcedónia** – utilizada nas suas variantes de sardónica (*hrst dšrt* – “*hrst* vermelho”) e de cornalina, em egípcio *hrst*, pedra que representava o sangue. Esta última foi uma das primeiras pedras semipreciosas a ser utilizada pelos egípcios, ao início na sua variante vermelha e castanha e, a partir dos Impérios Médio e Novo, numa cor amarelada<sup>748</sup>. No Império Novo, a cornalina ainda era uma das pedras semipreciosas mais utilizadas, não só em jóias (anéis, escaravelhos e amuletos), mas também em mobiliário e equipamento funerário, nomeadamente sarcófagos<sup>749</sup>;

✱ **Turquesa** – denominada de *mfk3t*, era proveniente do Sinai e simbolizava a vegetação luxuriante do Egito. Estava miticamente associada à deusa Hathor<sup>750</sup>, e daí se tenha tornado sinónimo metafórico de alegria, fertilidade<sup>751</sup> e de renascimento, uma vez que a sua cor verde se assemelhava ao sol do amanhecer, ou seja, ao “(...) rebirth of the sun”<sup>752</sup>;

---

imagens divinas, para além da prata e do ouro também era utilizado o lápis-lazúli, associado ao cabelo dos deuses. Estes três elementos em conjunto simbolizavam a solidificação da luz celestial, cf. G. Robins, “Color Symbolism” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 1, p. 292.

<sup>742</sup> Y. J. Markowitz, *ob. cit.*, p. 201.

<sup>743</sup> Cf. *ibidem*, p. 203.

<sup>744</sup> Cf. *ibidem*, p. 203.

<sup>745</sup> Cf. *ibidem*, p. 203.

<sup>746</sup> *Ibidem*, p. 202.

<sup>747</sup> Cf. *ibidem*, p. 202.

<sup>748</sup> Cf. I. Shaw, “Gems” in D. B. Redford (Dir.), *ob. cit.*, Vol. 2, p. 10.

<sup>749</sup> Cf. *ibidem*, p. 11.

<sup>750</sup> A deusa Hathor também era denominada de “Lady of Turquoise”, cf. G. Robins, *ob. cit.*, p. 291.

<sup>751</sup> Cf. I. Shaw, *ob. cit.*, p. 10.

\* **Lápis-lazúli** – conhecido como *ḥsbḏ* (*m3'*) ou *tfrr*, provinha do Afeganistão (minas de Badakhshan) e, sendo uma pedra com uma cor azul intensa, associava-se à água ou ao céu da noite<sup>753</sup>;

\* **Granada** – em egípcio *hm3gt*, existia em grandes quantidades no Egipto (incluindo a região de Assuão, o Deserto Oriental e a Península do Sinai) em inúmeras cores, sendo a mais utilizada o vermelho escuro ou o vermelho acastanhado<sup>754</sup>. Contudo, embora existissem em grande quantidade no território, aparentemente os egípcios preferiam utilizar outras pedras nos trabalhos de joalheria, “(...) presumably because the stones tend to be fairly small, with poor color, compared to other gems”<sup>755</sup>;

\* **Jaspe** – existia nas cores verde, amarela, castanha e vermelha opaca, sendo esta última a mais utilizada no Império Novo, nomeadamente em contas, amuletos, brincos e argolas para o cabelo, além de ser um valorizado material de revestimento<sup>756</sup>. A jaspe amarela e vermelha eram designadas de *ḥnmt* (ou *mḥnmt*), enquanto a verde era conhecida por *nemehef*. A jaspe vermelha, variante mais utilizada, era proveniente do Sinai;

\* **Ametista** – uma forma de quartzo translúcida e violeta designada de *ḥsmn* que provinha da Núbia. A sua utilização em jóias remete para amuletos, colares e braceletes que a conjugavam com ouro, alternando-se estes dois materiais<sup>757</sup>;

\* **Amazonite azul esverdeada** – encontrada no Deserto Oriental, era designada de *nšmt* (*m3'*) constando da lista das seis pedras preciosas egípcias<sup>758</sup>;

\* **Pedra de sabão (esteatite)** – utilizada em jóias destinadas aos que tinham menor poder económico<sup>759</sup>. Era uma pedra macia, fácil de trabalhar e que podia ser endurecida através do calor<sup>760</sup>, sendo associada à turquesa e ao lápis-lazúli<sup>761</sup>.

Variantes como a ágata e a ónix (uma pedra multicolor e preta, respectivamente, ambas designadas pelos termos *k3 ḥḏ* e *k3 km*, eram utilizadas como “(...) unworked pebbles, beads, and drop pendants”<sup>762</sup>), a crisoprásio (*prḏn*), a serpentina, a malaquite, a calcite, a porfírio, a olivina (em egípcio *prḏn*, de cor amarelo esverdeada, proveniente do Mar

752 G. Robins, *ob. cit.*, p. 291.

753 Cf. I. Shaw, *ob. cit.*, p. 10.

754 Cf. *ibidem*, p. 11.

755 *Ibidem*, p. 11.

756 Cf. *ibidem*, p. 11.

757 Cf. *ibidem*, p. 10.

758 Cf. *ibidem*, p. 11.

759 Cf. Y. J. Markowitz, *ob. cit.*, p. 202.

760 Cf. *ibidem*, p. 202.

761 Cf. I. Shaw, *ob. cit.*, p. 12.

762 *Ibidem*, p. 11.

Vermelho, mais concretamente da Ilha de Zabargad), o fluospar, o cristal de rocha dos desertos (*mnw ḥd* ou “quartzo branco”, nas suas variantes de quartzo leitoso – uma pedra branca – e de cristal de rocha – uma pedra translúcida muito utilizada como elemento decorativo em bens de prestígio, tais como as armas ou equipamento funerário<sup>763</sup>), a obsidiana, a hematite (de cor preta, possuía a mesma designação que o ferro, *bi3*, sendo não só utilizada em peças de joalheria, como também no *khol*, tal como veremos em seguida) e o já referido jaspe castanho escuro/amarelo, eram pedras semipreciosas utilizadas com menor frequência<sup>764</sup>. De salientar que, uma vez que algumas destas pedras eram provenientes de zonas geograficamente distantes do Egipto, muitas vezes acabavam por ser substituídas por materiais que, além de visualmente se assemelharem às suas características formais, se tornavam, igualmente, mais acessíveis à restante população como é o caso da esteatite esmaltada, do betume, de incrustações de cristais de rocha sobre cimento pintado, do vidro<sup>765</sup> e, por último, da faiança<sup>766</sup>. A faiança, *thnt*, era uma variante de cerâmica considerado um material bastante versátil pois, além de poder ser moldado à mão ou em molde possuía uma enorme variedade de cores, estando, igualmente, associada a uma simbologia mágica, devido à transformação pelo qual o material passava durante o aquecimento, “(...) from dull, white paste to a glimmering substance”<sup>767</sup>. No Império Novo, a utilização destes materiais ditos “alternativos” torna-se muito corrente, criando-se, por um lado, uma joalheria mais vistosa mas, por outro, menos requintada, em comparação com as obras provenientes do Império Médio e do início do Império Novo<sup>768</sup>. Nesta altura passou a ser comum a adição da palavra *m3*, “verdadeiro”, depois do termo correspondente à pedra, presumivelmente para atestar a sua autenticidade<sup>769</sup> e distingui-la dos materiais utilizados na sua imitação.

◆ **Materiais orgânicos** – dentro do tipo de materiais utilizados como elementos de adorno, destacam-se as flores, as sementes, conchas<sup>770</sup>, resina e fibras vegetais, que eram “(...) easily manipulated and accessible to all members of society”<sup>771</sup>.

---

763 Cf. *ibidem*, p. 10.

764 Cf. Y. J. Markowitz, *ob. cit.*, p. 202.

765 Tal como a faiança, podia ser moldado ou ser utilizado como material de revestimento. O que distinguiu a faiança do vidro era, precisamente, o facto deste último material possuir menos impurezas e necessitar de temperaturas mais elevadas para ser moldado, cf. *ibidem*, p. 203.

766 Cf. P. Malheiro, *ob. cit.*, p. 459.

767 Y. J. Markowitz, *ob. cit.*, p. 203.

768 Cf. P. Malheiro, *ob. cit.*, p. 461.

769 Cf. I. Shaw, *ob. cit.*, p. 9.

770 As conchas provinham do Mediterrâneo e do Mar Vermelho, acreditando-se que os cauris possuíam poderes de protecção. Usadas furadas, eram utilizadas por mulheres jovens para que protecção das suas capacidades reprodutivas, cf. Y. J. Markowitz, *ob. cit.*, p. 203.

771 *Ibidem*, pp. 202 - 203.

Embora nem sempre tivesse uma conotação erótica evidente, a cor era outra componente associada a um simbolismo formal<sup>772</sup> e, por vezes, a uma contradição e dualidade deveras complexa que obedecia a uma codificação e a um contexto, sem o qual não era possível entender o seu significado. De uma forma sintética, a cor simbolizava, acima de tudo, a essência<sup>773</sup>. Destacamos agora a paleta de cores utilizadas na joelheria egípcia:

◆ **Preto** – em egípcio *km*, considerada a cor do solo fértil de *kmt*, a “terra negra”<sup>774</sup>, tendo, por conseguinte, associações à fertilidade, à regeneração<sup>775</sup> e a poderes de transformação<sup>776</sup>. Da mesma forma, era uma cor associada ao mundo dos mortos, “(...) where the sun was regenerated each night”<sup>777</sup>. De acordo com estas conotações simbólicas, justifica-se que esta cor fosse utilizada na representação iconográfica dos deuses Osíris<sup>778</sup>, Wepwawet e Anubis, como associação à renovação e ao mundo funerário dos mortos, a Min e Amon-Re, devido à sua associação à fertilidade e, por último, ao próprio Faraó, como significado de transformação e de renovação real<sup>779</sup>. Sendo uma cor predominantemente associada a uma simbologia positiva, é curiosa a sua associação à representação de estrangeiros ou inimigos do Egito, considerados representantes do caos<sup>780</sup>;

◆ **Branco** – em egípcio *ḥd*, termo que também pode ser traduzido por “prata”, associado à pureza sendo, por isso mesmo, a cor das vestes utilizadas pelos sacerdotes e oficiais de culto<sup>781</sup>. Da mesma maneira, está associado à noção de luz pois, de acordo com convenções da altura, o sol terá “branqueado” a terra ao amanhecer<sup>782</sup>;

◆ **Azul** – o pigmento azul só começou a ser utilizado Antigo Egito a partir de 2550 a. C., através da trituração do lapis-lazúli, tornando-a numa das cores mais prestigiadas, devido à raridade deste material<sup>783</sup>. O azul, em egípcio *ḥsbḳ* à semelhança da pedra que lhe deu cor, estava associada ao céu da noite, ao Nilo, propiciador de vida<sup>784</sup>, e às águas primordiais de onde nascia um novo sol todas as manhãs, por vezes denominado de “filho do lapis-

772 No caso da simbologia da cor e da sua extrema complexidade, destacamos a importância e significado da cor aplicada à tonalidade da pele dos deuses, dos homens e mulheres e, dentro deste campo, a distinção existente entre homens egípcios e não egípcios, os denominados estrangeiros (representados com a mesma tonalidade que as mulheres), cf. G. Robins, *ob. cit.*, pp. 292 – 293.

773 Cf. Y. J. Markowitz, *ob. cit.*, p. 202.

774 Uma das designações para “Egito”, cf. G. Robins, *ob. cit.*, p. 291.

775 Cf. *ibidem*, p. 291.

776 Cf. *ibidem*, p. 293.

777 *Ibidem*, p. 291.

778 Osíris era, geralmente, representado com a cor verde, cf. *ibidem*, p. 291.

779 Cf. *ibidem*, pp. 292-293.

780 Cf. *ibidem*, p. 293.

781 Cf. *ibidem*, p. 291.

782 Cf. *ibidem*, p. 291.

783 Cf. *ibidem*, pp. 291 - 292.

784 Cf. Y. J. Markowitz, *ob. cit.*, p. 202.

lazúli”<sup>785</sup>. A partir da XVIII Dinastia era a cor utilizada para representar a pele de Amon-Re<sup>786</sup>;

◆ **Verde** – em egípcio *w3d*, era uma cor com um simbolismo benéfico<sup>787</sup>, estando associada à vegetação e à regeneração<sup>788</sup>, ou ao denominado “crescimento regenerativo”<sup>789</sup>. Pela associação à turquesa, é uma cor que tem uma conotação e simbologia eróticas;

◆ **dšr** – termo que designava uma cor quente que englobava tanto o vermelho como o amarelo<sup>790</sup>. O **vermelho** era considerado uma cor bastante poderosa que, embora quente e perigosa, dava vida e protegia, tal como o sol<sup>791</sup>. Trata-se, assim, de uma cor que possuía uma simbologia dualista e contraditória, uma vez que tanto era considerada a cor do sangue, substância associada à vida (e naturalmente ao coração<sup>792</sup>) e à morte, como ao fogo, benéfico ou destrutivo<sup>793</sup>. É frequentemente conotada com a cor do sol no horizonte aquando do amanhecer e do anoitecer, e com o deserto, “a terra vermelha”, um lugar árido que impossibilita a vida e a existência humanas, e onde reinava o deus Seth “(...) who represented chaos, who both threatened the order of the world and helped maintain it by protecting the sun god in his nightly passage through the underworld”<sup>794</sup>. Esta cor tinha, como foi referido acima, uma conotação negativa e perigosa visível não só através da associação a noções de raiva e fúria mas, igualmente, à utilização na escrita dos dias de azar<sup>795</sup>, de nomes de inimigos e de entidades ou criaturas divinas perigosas<sup>796</sup>, como Seth e Apopis<sup>797</sup>. Era, igualmente sinónimo de poder e dinamismo<sup>798</sup>. Uma variante desta cor, uma espécie de vermelho-acastanhado<sup>799</sup>, era utilizada na iconografia para representar imagens masculinas, divinas ou não, numa clara referência ao trabalho diário dos homens nos campos, distinguindo-se, desta forma, da cor das mulheres que teriam um papel preponderante em casa, não estando tão expostas à luz solar. O **amarelo**, tal como o vermelho, era utilizado como a cor do disco solar, estando, da mesma forma, associado à

785 Cf. G. Robins, *ob. cit.*, p. 292.

786 Cf. *ibidem*, p. 293.

787 Cf. *ibidem*, p. 291.

788 Cf. L. M. Araújo, *ob. cit.*, p. 66.

789 Y. J. Markowitz, *ob. cit.*, p. 202.

790 Cf. G. Robins, *ob. cit.*, p. 292.

791 Cf. *ibidem*, p. 292.

792 Cf. *ibidem*, *ob. cit.*, p. 66.

793 Cf. G. Robins, *ob. cit.*, p. 292.

794 *Ibidem*, p. 292.

795 Nos calendários que mencionavam os dias da sorte e do azar, sendo os dias da sorte escritos a preto, cf. *ibidem*, p. 292.

796 Ao contrário das consideradas benéficas, como Ré, escrito a preto, cf. *ibidem*, p. 292.

797 Cf. *ibidem*, p. 292.

798 Cf. Y. J. Markowitz, *ob. cit.*, p. 202.

799 Cf. G. Robins, *ob. cit.*, p. 292.

cor do ouro<sup>800</sup>. Esta tonalidade era, também, utilizada na iconografia para representar a pele das mulheres, mortais e divinas<sup>801</sup>.

Assim, no contexto festivo, não só como adorno, mas também como forma de dar cor à brancura das finas roupas de linho<sup>802</sup> envergadas pela nobreza em ocasiões festivas ou solenes, todos os homens e mulheres, incluindo os elementos da classe servil e artistas, utilizavam jóias de diferentes tamanhos carregadas, muitas vezes, de mensagens erotizantes que potenciavam o desejo através da visão graças à profilaxia das suas formas e das cores<sup>803</sup> nelas utilizadas. De acordo com as imagens iconográficas referentes ao contexto dos banquetes privados, verificamos os seguintes tipos de jóias utilizadas:

◆ **Brincos** – Conforme podemos ver na iconografia, este tipo de jóia unissexo, embora mais vulgarmente utilizado pelas mulheres, tornou-se relativamente comum no Império Novo, sendo inúmeros exemplares produzidos, para além dos metais preciosos, em pedra e vidro<sup>804</sup>. Os tipos mais difundidos eram as argolas, mais ou menos grossas, tais como o anel “pennanular” (*vide* Fig. 182), o botão e o brinco estilo cunha<sup>805</sup> (*vide* Figs. 183 e 184);

◆ **Colares** – para além das grinaldas de flores constituídas por folhas, flores, frutos e bagas, presas a um fio de papiro seco<sup>806</sup> - o denominado *usekh*<sup>807</sup> (*vide* Figs. 28), nas imagens iconográficas verificamos, igualmente, colares de contas feitas em faiança policromada, estilo gargantilhas (*vide* Figs. 187 a 190), que podiam ter maior ou menor tamanho, sendo que as maiores ocupavam grande parte do busto das mulheres. Da mesma forma, outros colares eram compostos por fiadas simples de contas e pendentas com as mais variadas formas, significados<sup>808</sup> e materiais, “(...) often fulfilled a variety of functions – as necklace, girdle, armllet, bracelet, and even diadem”<sup>809</sup>. Aparecendo como uma componente das peças de vestuário, este tipo de colares destacam-se pelos padrões utilizados, podendo apresentar variadas cores e conter uma disposição alternada na direcção das peças que podiam variar em termos de tamanho (*vide* Figs. 4, 10, 13, 14, 18, 22, 24 e 26). Um outro tipo de colar era o torque, utilizado desde os inícios do Império Médio<sup>810</sup>. Em termos simbólicos, salientamos, ainda, o colar *Menat*, associado à Deusa

---

800 Cf. *ibidem*, p. 292.

801 Cf. *ibidem*, p. 292.

802 Cf. R. E. Freed, *ob. cit.*, p. 44.

803 Cf. L. M. Araújo, *Estudos Sobre Erotismo no Antigo Egipto*, p. 78.

804 Cf. P. Malheiro, *ob. cit.*, p. 461.

805 Cf. Y. J. Markowitz, *ob. cit.*, p. 205.

806 Cf. R. E. Freed, *ob. cit.*, p. 44.

807 Cf. A. K. Capel; G. E. Markoe (Ed.), *ob. cit.*, p. 87.

808 Cf. R. E. Freed, *ob. cit.*, p. 44.

809 A. K. Capel; G. E. Markoe (Ed.), *ob. cit.*, p. 88.

810 Cf. *ibidem*, p. 87.

Hathor (*vide* Fig. 196) e o colar *Wesekb* (*vide* Fig. 195);

◆ **Peitorais** - (*vide* Fig. 185, 186, 193 e 194). Tal como verificamos no espólio arqueológico de Tutankhamon, muitos colares eram utilizados com peitorais, um pendente trapezoidal de dimensões consideráveis suspenso num colar de contas<sup>811</sup>. Podiam ser fabricados em ouro e possuir camadas de pedras semi-preciosas, criando-se, assim, os mais variados tipos de decoração, desde hieróglifos às mais variadas figuras (*vide* Figs. 197 a 199);

◆ **Pulseiras** - (*vide* Figs. 200 a 205) As pulseiras, usadas nos pulso, antebraços e tornozelos de homens e mulheres, constituíam um elemento de adorno que se manteve popular em todos os períodos históricos, possuindo uma grande variedade de formas como braceletes (*vide* Figs. 203 a 205), punhos e pulseiras de contas<sup>812</sup> (*vide* Fig. 200 a 202). Da mesma forma, argolas sólidas que permitiam a passagem do pulso, eram produzidas em osso, concha e pedra<sup>813</sup>. Peças feitas em folha de metal e revestidas com pedras semi-preciosas, eram elementos que podiam ser adicionados às pulseiras e possuir formas variadas, tais como hieróglifos, símbolos e emblemas<sup>814</sup>. Da mesma forma, também podiam possuir elementos decorativos tridimensionais, tais como mini-esculturas<sup>815</sup>. No que toca às pulseiras utilizadas no antebraço, sabemos que eram menos usadas que as dos pulsos devido a questões que se prediam com o movimento do corpo e com a gravidade, uma vez que escorregavam do braço com facilidade. No que concerne às pulseiras utilizadas no tornozelo, estas tinham formas menos variadas, e serviam para proteger as mulheres de picadas de escorpiões<sup>816</sup>;

◆ **Anéis** – No Império Novo, os anéis das classes mais ricas possuíam uma estrutura elaborada, “(...) with bezels occasionally incorporating miniature sculptures of horses, divinities, and sacred animals”<sup>817</sup>. Mais acessível aos restantes estratos populacionais, por serem menos ornamentados, os anéis com selo possuíam uma base inscrita com signos e símbolos, sendo produzidos em faiança, ouro, prata e bronze<sup>818</sup> (*vide* Fig. 206). Embora raramente sejam representados na iconografia egípcia, a arqueologia atesta a utilização deste tipo de adorno, tanto por homens como por mulheres<sup>819</sup>;

◆ **Diademas** – nos banquetes privados, as personagens intervenientes utilizavam, maioritariamente, grinaldas de flores frescas no topo das suas perucas, podendo, ou não, possuir elementos decorativos, como pequenas contas, sementes e outros materiais

811 Cf. Y. J. Markowitz, *ob. cit.*, p. 205.

812 Cf. *ibidem*, p. 207.

813 Cf. A. K. Capel; G. E. Markoe (Ed.), *ob. cit.*, p. 87.

814 Cf. Y. J. Markowitz, *ob. cit.*, p. 207.

815 Cf. *ibidem*, p. 207.

816 Cf. *ibidem*, p. 207.

817 *Ibidem*, p. 207.

818 Cf. *ibidem*, p. 207.

819 Cf. A. K. Capel; G. E. Markoe (Ed.), *ob. cit.*, p. 90.

orgânicos<sup>820</sup>. Contudo, para além destes adornos verificámos, através da arqueologia, a existência de diademas, forma de decoração de cabelo mais antiga, proveniente desde a I Dinastia<sup>821</sup>, e pequenas tiaras. Entre as jóias para a cabeça, destaca-se, igualmente, a utilização de toucados para as perucas, ricamente elaborados com uma mistura de materiais distintos, nomeadamente o ouro, as pedras semipreciosas, a pasta de vidro e a faiança (*vide* Fig. 207);

◆ **Cintos** - tal como já foi evidenciado em cima, verificámos em todos os túmulos seleccionados para este estudo que as bailarinas e servas apareciam, na maior parte da vezes, nuas, representadas envergando simplesmente um cinto, uma peruca e algumas jóias, tais como pulseiras de pulso e antebraço, colares e brincos (*vide* Figs. 2, 13 e 25). Segundo Luís Araújo<sup>822</sup>, o cinto podia variar na forma mas seria, sem dúvida, um adorno com uma conotação erótica bastante evidente, não só porque deixava antever o corpo feminino, mas também pelo simbolismo libidinoso a ele associado. Uns seriam constituídos por uma fiada de contas simples que serviriam de amuletos (como cauris em ouro) que serviriam para proteger o sexo feminino<sup>823</sup>; outros seriam constituídos por cabeças unidas de leopardo que sugerem a ligação íntima entre o homem e a mulher<sup>824</sup> e, por fim, os constituídos por cabeças de Hathor<sup>825</sup>, deusa do amor e da música por excelência.

Como verificámos acima, o erotismo associado à joalheria é deveras ténue, prendendo-se, essencialmente, com o seu simbolismo, concretamente no que respeita à sua forma, cor e materiais utilizados. As jóias que ressaltam à vista nas cenas de banquetes são ínfimas, comparativamente à diversidade de que dispunham na época. Contudo, e tal como refere Luís Araújo<sup>826</sup>, as jóias eram, em muitas situações, associadas a momentos de sedução e de erotismo pois, conjuntamente com outro tipo de adornos, tais como as perucas, potenciavam as qualidades e atributos físicos de quem as utilizava, aumentando, desta forma, o desejo do homem. Todos estes elementos de adorno tinham esta função de embelezamento e de evidenciação das qualidades físicas da mulher.

### 3.4.3.3 Os cosméticos

A utilização de cosméticos<sup>827</sup> por parte das mulheres (e também homens, *vide* Fig.

820 Cf. L. Donovan; K. McCorquodale (Ed.), *ob. cit.*, p. 185.

821 Cf. *ibidem*, p. 185.

822 Cf. L. M. Araújo, *ob. cit.*, pp. 76-79.

823 Cf. *ibidem*, p. 76.

824 Cf. *ibidem*, p. 76.

825 Cf. *ibidem*, p. 79.

826 Cf. *ibidem*, pp. 73 – 79.

827 Cf. D. Valbelle, *ob. cit.*, p. 118.

209), permitia-lhes realçar a sua beleza física, não só através da utilização de produtos que davam cor à tez, como o *baton* e o *rouge*, mas também através daqueles que destacavam os olhos, como o célebre risco negro (*khol*) à base de galena (a substância *mesdemet*) e uma segunda sombra de cor verde utilizada pelas mulheres na pálpebra inferior feita à base de malaquite esmagada (*vide* Figs. 208 e 210). Os materiais utilizados no fabrico dos cosméticos eram triturados em almofarizes próprios e, posteriormente, misturados com óleos, ou cremes, para serem, depois, guardados em boiões de pedra ou vidro (*vide* Figs. 208 a 218, 220 a 222) e, posteriormente, nas suas respectivas caixas de cosméticos (*vide* Fig. 219).

### 3.5 O olfacto

O olfacto<sup>828</sup>, neste caso associado ao perfume que emanava dos corpos das dançarinas, não só através dos bálsamos, óleos e unguentos utilizados por estas, mas, igualmente, através dos cones de gordura perfumada muito utilizados no topo da cabeça das mulheres em ambientes festivos, podem, por si só, ser considerados um elemento erotizante, uma vez que a fragrância era delicadamente derretida no ar, deixando uma atmosfera inebriante que facilitava a passagem de uma mensagem sensual.

#### 3.5.1 Os perfumes

A palavra “perfume” deriva do Latim *per fume*, que significa “através do fumo”, termo associado à queima de incensos e ervas aromáticas utilizadas nos serviços cultuais. O perfume foi utilizado pela primeira vez no Egipto como elemento integrante dos rituais religiosos, não só através da queima de incensos nos templos e durante os rituais funerários, mas também através da aplicação de unguentos e bálsamos nas estátuas divinas e, por fim, nas cerimónias de limpeza ritual, tendo-se vulgarizado a sua utilização como uma das componentes dos cosméticos unissexo, durante o Império Novo.

Para o estudo deste tema, temos de nos centrar, particularmente, em cinco tipos distintos de fontes:

1. Os **espólios arqueológicos**, a fonte por excelência, provenientes de túmulos e templos, nomeadamente as caixas de cosméticos (*vide* Fig. 219) e os vários tipos de recipientes utilizados para acondicionamento destes materiais (líquidos e consistentes). Sabemos que, para este efeito, os egípcios utilizavam vários tipos de frascos com as formas mais diversificadas (deus Bes, macacos ou recipientes redondos e, até, as colheres de cosméticos (*vide* Fig. 208 a 218, 220 a 222, 225 a

---

828 Cf. R. S. Antelme; S. Rossini, *ob. cit.*, pp. 105-106.

- 229), produzidos nos mais variados materiais, desde a pedra ao alabastro, passando pelo vidro (com base na técnica do sopro ainda hoje amplamente utilizada) e pela faiança. Da mesma forma, as substâncias remanescentes encontradas no interior destes receptáculos permitem-nos proceder a análises químicas que determinam a tipologia de ingredientes utilizados na confecção dos perfumes;
2. Os **“receituários” e fórmulas gravadas nas paredes dos laboratórios sagrados de alguns templos greco-romanos**, nomeadamente Edfu, Dendera e Philae, que nos indicam, passo a passo, a metodologia e os componentes utilizados na confecção dos perfumes pelos artesãos da altura;
  3. A **iconografia tumular** que nos fornece “imagens fotográficas” de como seriam utilizados estes produtos (salientamos um curioso apontamento artístico de uma gota de unguento que deslizou do dedo – *vide* Fig. 224), em que contextos e como seria a sua confecção;
  4. A **historiografia grega**, nomeadamente os textos legados à Humanidade por Dioscórides (*vide* Fig. 223), Galeno, Plínio, o Velho, Plutarco, entre muitos outros, que nos descrevem com precisão e, até, algum rigor científico, as mais diversas receitas para a obtenção de múltiplas essências e óleos perfumados. Destaca-se a minúcia apresentada por estes autores nas dosagens das várias substâncias utilizadas em cada preparação;
  5. A **literatura amorosa**, nomeadamente alguns *Poemas de Amor* (“Canções do Jardim”, “Frasas Delicadas”, “Canções Alegres”, entre outras) que exortam os aromas dos enamorados. Não é das fontes que mais elementos nos fornece para o estudo do perfume, mas, em todo o caso, mostra-nos a importância social destes produtos, nomeadamente nos rituais de “corte” e de sedução;

### 3.5.1.1 Importância e utilização do perfume na sociedade do Antigo Egipto

O perfume era um produto de grande importância na sociedade egípcia, sendo considerado um bem de primeira necessidade<sup>829</sup> utilizado tanto pelos elementos das classes mais elevadas como pelos operários. A sua importância era tão significativa que chegava a ser “transportado” com o defunto para a sua vida no Além, não só através da colocação de frascos de essências no interior dos túmulos, mas também através dos rituais funerários utilizados<sup>830</sup>. No contexto cultural e social desta civilização, o estudo da importância deste produto deve ser efectuada sob 5 vertentes distintas:

829 Cf. M. J. Machado, “Cosméticos” in in L. Araújo (Dir.), *ob. cit.*, p. 242.

830 Cf. L. Manniche, *Egyptian Luxuries. Fragrance, Aromatherapy and Cosmetics in Pharaonic Times*, Cairo, The American University in Cairo Press, 1999, pp. 91.

- O perfume visto como um cosmético associado aos rituais de higiene pessoal e de beleza do corpo;
- O perfume associado ao social e ao festivo;
- O perfume associado ao divino e à religião;
- O perfume associado à Medicina;
- O perfume associado ao código do amor e da sedução.

Para além dos cosméticos<sup>831</sup> comuns, o perfume também pode ser considerado um cosmético associado aos rituais de higiene pessoal e de beleza do corpo, fazendo parte dos rituais quotidianos da população egípcia, de ambos os sexos, para melhorar a sua saúde e aparência<sup>832</sup>. Os ideais de limpeza e higiene eram extremamente valorizados nesta sociedade, especialmente junto da casta sacerdotal que tinha de se apresentar ritualmente pura<sup>833</sup> beneficiando, para o efeito, de banhos diários, por vezes em mais do que uma ocasião, com utilização de “exfoliantes corporais” (em vez do sabão) constituídos por sais, natrão, mel e granulados de alabastro<sup>834</sup>. Depois de limpo o corpo, havia que hidratá-lo com unguentos, bálsamos e óleos perfumados, que evitavam que a pele secasse com o clima árido do Egito<sup>835</sup>.

Embora em termos económicos o perfume estivesse ao alcance de toda a sociedade egípcia, o uso de essências perfumadas em festividades e eventos sociais privados, tais como os banquetes da alta sociedade, era considerado um sinal de elegância e de prestígio. As mulheres que frequentavam os banquetes da alta sociedade eram representadas iconograficamente possuindo em suas mãos uma flor de lótus e em suas cabeças um cone de gordura aromático que ia derretendo, lentamente, com o calor do ambiente, inundando um aroma delicado sobre a peruca e a pele.

A tão característica dualidade egípcia evidencia-se, também, nesta temática do quotidiano onde o sagrado e o profano se misturam. Associado ao divino e à religião, o perfume, através da utilização de óleos perfumados e unguentos, servia, igualmente, para rituais religiosos no templo, nomeadamente nos rituais de unção das imagens divinas. Da mesma forma, os rituais funerários eram constituídos pela utilização dos “sete óleos sagrados”, além da utilização de fumigações de incensos de sândalo, olíbano e mirra. O perfume era de tal forma importante nesta sociedade que foi colocado sob a protecção de

---

831 Cf. D. Valbelle, *ob. cit.*, p. 118.

832 Cf. L. Manniche, *ob. cit.*, p. 130

833 Cf. *ibidem*, p. 130

834 Cf. *ibidem*, p. 134

835 Cf. *ibidem*, p. 134

um deus, Nefertum, cuja representação iconográfica o apresenta sentado sobre uma flor de lótus gigante. Segundo os textos sagrados inscritos nos templos, os deuses e deusas emanavam um perfume irresistível, sendo este um dos seus dons sobrenaturais<sup>836</sup>.

Tendo em conta o conhecimento aprofundado dos egípcios na área da botânica, especialmente no que respeita às propriedades medicinais de cada planta ou flor, o perfume associado à Medicina consiste na utilização de ingredientes como as plantas, árvores e os seus frutos transformados em unguentos e bálsamos para aplicação externa nas mais variadas maleitas, destacando-se, a título exemplificativo, a sua utilização em caso de queda de cabelo e aparecimento de cabelos brancos, em problemas fisiológicos femininos, entre outras enfermidades. Com a mesma utilidade terapêutica eram, também, efectuadas inalações de essências que deram origem à actual Aromoterapia. Naquele tempo utilizavam-se potes duplos para as inalações, num dos quais se colocava uma pedra aquecida sobre a qual se aplicava a substância medicinal à base de ervas, sendo que o segundo era colocado por cima do primeiro, saindo, por este, a fragrância através de um furo inserido no fundo, no qual era colocada uma espécie de palhinha através da qual o paciente inalava<sup>837</sup>.

### 3.5.1.2 O perfume associado ao código do amor e da sedução

Se recuarmos um pouco à temática da lírica amorosa, verificamos inúmeros exemplos de mensagens eróticas associadas, neste caso específico, às flores e aos perfumes, elementos fundamentais nos rituais universais de “corte” desde o início dos tempos em qualquer Civilização. No caso egípcio, destacamos alguns elementos que funcionam como actores principais neste complexo enredo da sedução:

*“Com os lótus em flor  
E os lótus em botão,  
E óleos e doce mirra de toda a espécie,  
Estarás entre os mais contentes (...)”<sup>838</sup>*

No contexto desta investigação, analisamos o perfume como um dos muitos elementos associados ao código do amor e da sedução, pois através dos aromas emanados do corpo e das vestes dos convidados presentes nos banquetes, potenciava-se o desejo através de um acto de sedução inconsciente, mas deveras eficaz. Efectivamente, toda a componente aromática dos banquetes, podia, propositadamente, ou não, provocar

<sup>836</sup> Cf. F. Cimmino, *op. cit.*, p. 323.

<sup>837</sup> Cf. L. Manniche, *An Ancient Egyptian Herbal*, London, British Museum Press, 1999, p. 58

<sup>838</sup> H. M. Pereira (Trad.), *ob. cit.*, pp. 51 - 55.

comportamentos erotizantes e estimular os sentidos dos participantes. Todo o contexto circundante, não só o aroma proveniente dos alimentos como a sua mistura com o cheiro das flores de lótus e dos perfumes utilizados pelos homens e mulheres, podia criar, efectivamente, o ambiente propício à sedução.

Nestes acontecimentos sociais a flor de lótus, como uma forma de adorno, era muito utilizada nas vestes e nas perucas dos convivas, sendo, igualmente, visível nas mãos dos convidados que, muitas vezes, a levavam ao nariz para inspirarem o seu aroma afrodisíaco. Da mesma forma, esta flor, tal como já referimos acima, tinha uma importante conotação erótica, pois era símbolo de renascimento, uma vez que “(...) the flower closed at night and retreated beneath the water, to emerge again in the light of the day”<sup>839</sup>.

### 3.5.1.3 Tipologia de perfumes utilizados

Os perfumes utilizados no tempo dos faraós eram, essencialmente, óleos e gorduras impregnadas com diversas essências florais<sup>840</sup> que, além de perfumarem o corpo eram, igualmente, utilizadas para hidratação corporal e nos cuidados básicos de beleza e tratamento de algumas adversidades do tempo e da idade.

Assim, e para uma maior compreensão desta diversificada realidade olfactiva, apresnetamos em seguida alguns exemplos de bálsamos, unguentos, óleos perfumados e essências.

#### 3.5.1.3.1 Bálsamos, unguentos, essências e óleos perfumados – os perfumes egípcios

Os historiadores gregos destacam alguns perfumes e óleos como sendo os mais utilizados e apreciados não só na sociedade egípcia, mas lendários em todo o Mundo Antigo, destacando-se os seguintes:

- Um tipo de perfume produzido na cidade de Mendes, no Delta, constituído por óleo de bálsamo, mirra, resinas aromáticas e, segundo Dioscórides, cássia<sup>841</sup>;
- Unguento de “Metopion”, planta da qual derivada o gálbano, fabricado com óleo de amêndoas amargas, azeitonas verdes (não maduras) aromatizadas com “cardamom”, junco doce, lírio-roxo doce, mel, vinho, mirra, sementes de “balsamum”, gálbano e resina de terebentina<sup>842</sup>;
- Óleo de lírios<sup>843</sup>;

<sup>839</sup> L. Donovan; K. Mccorquodale (Ed.), *ob. cit.*, p. 184.

<sup>840</sup> Cf. L. Manniche, *ob. cit.*, p. 48

<sup>841</sup> Cf. *ibidem*, p. 48.

<sup>842</sup> Cf. *ibidem*, p. 50.

- Unguento de manjerona doce denominado de *sampsuchum* / Amarakinon<sup>844</sup>;
- Óleo aromático *sampsuchinon*<sup>845</sup>;
- Unguento com aroma adocicado à base de sementes da árvore de *cyprus*, o denominado *cyprinum*<sup>846</sup>;
- A essência *kypros*, preparada à base de flores, e não de sementes, e de vinho doce<sup>847</sup>;
- A substância *khyphi*, um óleo / gordura à base de vinho, uvas secas (passas), ervas aromáticas e resinas, utilizada para fumigações nos templos e não para perfumar o corpo<sup>848</sup>;

As essências<sup>849</sup> utilizadas na confecção destes produtos eram provenientes, maioritariamente, da Líbia, Ceilão, Pérsia, Fenícia, Palestina, terras do Mar Vermelho e do país de Punt.

### 3.5.1.3.2 Cones de gordura perfumada

O cone perfumado, é um dos elementos mais invulgares que aparece na iconografia do Império Novo. Em primeiro lugar, é difícil afirmar com toda a certeza se este ornamento de cabeça era utilizado com tanta frequência como é representado na iconografia, ou se a sua representação “(...) has a symbolic meaning not yet fully understood”<sup>850</sup>. Em segundo lugar, temos a questão da sua verdadeira função e consistência, defendendo a maior parte dos autores que se trata, presumivelmente, de uma massa sólida de gordura com forma cônica, que, ao ser colocada no topo das perucas das mulheres e homens<sup>851</sup>, se apresentava como uma outra forma de perfumar o corpo, especialmente por ocasião dos banquetes privados ou de outras festividades durante o Império Novo. Assumindo-o como um elemento de cosmética que proporcionava a libertação de perfume, seria, supostamente, elaborado com base em vários tipos de ceras ou gorduras perfumadas, provavelmente sebo de boi impregnado com mirra<sup>852</sup> e outras flores, ervas e especiarias, o que lhe permitia derreter suavemente sobre as perucas ou cabeleiras, espalhando o seu odor perfumado nas roupas e no corpo de quem os usava<sup>853</sup>,

843 Cf. *ibidem*, pp. 50 - 51.

844 Cf. *ibidem*, p. 53.

845 Cf. *ibidem*, p. 54.

846 Cf. *ibidem*, p. 54.

847 Cf. *ibidem*, pp. 54 – 56.

848 Cf. *ibidem*, p. 57

849 Cf. M. J. Machado, *ob. cit.*, p. 675.

850 L. Donovan; K. Mccorquodale (Ed.), *ob. cit.*, p. 188.

851 Cf. L. Manniche, *ob. cit.*, p. 51

852 Cf. *ibidem*, p. 51.

refrescando-o<sup>854</sup>. A ajudar a fundamentar esta teoria, denotou-se que ainda existem, hoje em dia, algumas tribos beduínas que usam este tipo de perfume sólido<sup>855</sup>. Contudo, Lyn Green apresenta-nos uma teoria distinta, defendendo que em vez que cera seria utilizada sebo, ou outro tipo de gordura, no fabrico destes cones, que teriam exclusivamente a função de “amaciar” as perucas ou o cabelo natural “(...) which no doubt suffered from dryness caused by the arid climate and the sun”<sup>856</sup>.

Nos banquetes do Império Novo, este tipo de acessório é unanimemente utilizado pelos convidados, sendo visível em todos os túmulos estudados, passando de um tamanho pequeno e discreto, como é visível nos túmulos de Rekhmire, Dehuti e, na maior parte das vezes, Nakht (*vide* Figs. 10, 18, 28 e 29), para um tamanho extraordinário, como podemos verificar nos túmulos de Nebamun e Djoserkareseneb (*vide* Figs. 4, 20, 21, 24, 25 e 26).

Para além de potencializarem o desejo através do aroma, o cone de gordura utilizado no topo das cabeças por homens e mulheres, possuía um formato fálico, o que, por si só, pode, simbolicamente, ter uma conotação erótica e associar este elemento à sexualidade.

#### **3.5.1.4 Produtos utilizados no fabrico dos perfumes**

Depois de abordadas as possíveis aplicações práticas do perfume na sociedade do Antigo Egipto, passemos agora à apresentação sumária da confecção deste produto nas suas várias tipologias aromáticas, os ingredientes utilizados e alguns exemplos mais significativos do leque de aromas e essências utilizadas na altura.

Os óleos corporais, essências florais, unguentos e bálsamos eram fabricados à base dos mais diversos produtos de origem vegetal e animal, destacando-se os seguintes:

##### **3.5.1.4.1 Produtos de origem vegetal**

###### **3.5.1.4.1.1 Plantas e flores**

As plantas e flores aromatizavam aos óleos perfumados (chamo à atenção para a dificuldade que existe em encontrar correspondentes em português para algum vocabulário botânico, sendo, por vezes, necessário recorrer à terminologia estrangeira e latina), nomeadamente destacamos:

---

853 Cf. *idem*, *An Ancient Egyptian Herbal*, p. 51.

854 L. Donovan; K. Mccorquodale (Ed.), *ob. cit.*, p. 187.

855 Cf. L. Manniche, *Egyptian Luxuries. Fragrance, Aromatherapy and Cosmetics in Pharaonic Times*, p. 96.

856 L. Green, *ob. cit.*, p. 73.

- ◆ a flor de lótus (com as suas variantes *Nymphaea caerulea* e *Nymphaea lotus*);
- ◆ as flores da planta de henna (*Lawsonia inermis*);
- ◆ lírios (“Madonna lily” – *Lilium candidum*).

#### 3.5.1.4.1.2 Óleos e resinas

Os óleos vegetais mais utilizados eram<sup>857</sup>:

- ◆ óleo de bálsamo (“balanos”) – considerado o mais apropriado para a produção de perfumes;
- ◆ óleo de linhaça;
- ◆ óleo de azeitona – azeite;
- ◆ óleo de sésamo;
- ◆ óleo de amêndoas doces e amargas;
- ◆ “ben oil” (proveniente de rábano bravo, *Moringa oleifera*);
- ◆ açafroa;
- ◆ óleo de rícino.

Resinas<sup>858</sup>:

- ◆ mirra;
- ◆ olíbano (incenso);
- ◆ “ladanum” (deriva das folhas e ramos de arbustos da espécie *Cistus*);
- ◆ gálbano (deriva de uma erva denominada *Ferula*);
- ◆ resinas e goma (cola vegetal) – adicionadas na preparação de unguentos não só pelo seu aroma, mas também para fixar a fragrância dos restantes ingredientes<sup>859</sup>.

#### 3.5.1.4.1.3 Sementes e especiarias

Dentro do vasto leque de sementes e especiarias que estavam à disposição dos egípcios para o fabrico de perfumes, salientamos:

- ◆ Nozes e sementes;
- ◆ canela (utilizadas as folhas e a casca de árvore de vários tipos de árvore da canela *Cinnamomum zeylanicum*, *Cinnamomum camphora* ou *Cinnamomum cassia*);
- ◆ *malabathron*;
- ◆ ervas (como o tomilho);
- ◆ especiarias (como os coentros).

<sup>857</sup> Cf. L. Manniche, *ob. cit.*, p. 30 – 31.

<sup>858</sup> Cf. *ibidem*, pp. 25 – 30.

<sup>859</sup> Cf. *idem*, *An Ancient Egyptian Herbal*, p. 51.

#### 3.5.1.4.1.4 Madeiras

◆ era utilizada, essencialmente, a madeira de cedro.

#### 3.5.1.4.2 Produtos de origem animal

##### 3.5.1.4.2.1 Gorduras animais

As gorduras animais<sup>860</sup>, utilizadas para dar mais consistência aos unguentos, eram misturadas com outras substâncias, nomeadamente bálsamos e resinas (como a mirra), e serviam para adicionar fragrâncias ou para fixar o aroma já misturado.

### 3.6 O Tacto

Este é o sentido associado à carícia, à troca de gestos afectivos entre seres humanos apaixonados. São diversos e, todos eles, repletos de mensagens se não de amor e ternura, pelo menos de desejo carnal. O dar a mão (*vide* Fig. 230), o abraçar, o acariciar o rosto ou os cabelos de alguém, o acto de “sentir” o corpo de um outro ser é, acima de tudo, um acto humano de intensa magia e sensualidade.

Nos banquetes privados estudados não encontramos imagens significativas deste tipo de contacto físico que nos remetam para uma cena de enamoramento e de troca de carícias entre homens e mulheres. Podemos, no entanto, associar algumas vertentes do toque visível nas personagens presentes nestas festividades, a uma mensagem de simbologia erótica ou de cariz sensual.

#### 3.6.1 A simbologia do gesto

Tal como já foi referido anteriormente, através da visão era estabelecida uma comunicação não verbal entre os indivíduos que podia assentar na simbologia do gesto, incluindo a pose do corpo, a colocação dos dedos, das mãos e dos braços<sup>861</sup>, sendo perceptível através de actos sequenciais e complexos, utilizados não só na dança mas também em rituais religiosos<sup>862</sup>.

Segundo Richard Wilkinson<sup>863</sup>, o gesto era utilizado em diversas culturas, nomeadamente na egípcia, para acompanhar, suplementar ou substituir a comunicação verbal em contextos rituais ou não rituais, podendo estar o seu significado associado a palavras que expliquem o seu contexto. A convenção da representação artística egípcia

860 Cf. *idem*, *Egyptian Luxuries. Fragrance, Aromatherapy and Cosmetics in Pharaonic Times*, p. 31.

861 Cf. R. H. Wilkinson, “Gesture”, *ob. cit.*, p. 20.

862 Cf. *ibidem*, p. 22.

863 Cf. *ibidem*, p. 20.

pode dificultar, por vezes, a análise e interpretação dos gestos<sup>864</sup>, podendo esta ser ainda dificultada pelo facto de, por vezes, o mesmo gesto apresentar vários significados, decifráveis apenas graças aos textos que lhes estão associados<sup>865</sup>.

O sentido do tacto, um dos mais importantes mecanismos sensoriais que o ser humano possui para captar o mundo que o rodeia é, inúmeras vezes, associado ao toque entre dois seres apaixonados. Para além das informações sensitivas que advêm do “tocar” algo exterior ao próprio ser, o contacto físico entre dois corpos, principalmente se se tratar de um ente amado, encontra-se, claramente, entre as sensações mais profundas e gratificantes que o ser humano pode experienciar. No Antigo Egipto, claramente, esta sensação humana não era diferente, havendo referências na lírica amorosa da importância do simples toque entre um homem e uma mulher:

“(…) e nem ele sabe como desejo enlaçá-lo num abraço”<sup>866</sup>.

### 3.6.2 O tacto e a dança – o corpo como transporte de energia e de mensagens erotizantes

Uma das categorias da esfera humana com uma grande conotação simbólica a nível do gesto é, precisamente, a dança, principalmente aquela associada à música<sup>867</sup>, uma vez que, de uma forma geral, a dança se constitui por “(…) gestures or poses that exist in sequences of continuous action or as part of a dynamic behavioral pattern”<sup>868</sup>.

Assim, o tacto associado ao toque<sup>869</sup> na dança, prende-se com um repertório de gestos<sup>870</sup>, entre os quais se destacam o entrelaçar dos braços, o agarrar dos cotovelos, o apertar os pulsos e o tocar de mãos, pés ou pernas entrelaçadas, numa abordagem erótica em que as partes sensíveis do corpo funcionam como instrumentos transportadores de energia de um corpo para o outro, embora não nos remetendo, necessariamente, para uma união carnal entre os parceiros de dança<sup>871</sup>.

Nesta perspectiva, a dança pode ser considerada um meio de transmissão de mensagens profundamente eróticas, associadas ao movimento do corpo e a todo um conjunto de gestos líricos e sensuais.

---

864 Cf. *ibidem*, p. 20.

865 Cf. *ibidem*, p. 21.

866 Cf. H. M. Pereira (Trad.), *ob. cit.*, pp. 15 - 21.

867 Cf. R. H. Wilkinson, *ob. cit.*, p. 21.

868 *Ibidem*, p. 22.

869 Cf. R. S. Antelme; S. Rossini, *ob. cit.*, p. 105.

870 Cf. *ibidem*, p. 107.

871 Cf. *ibidem*, p. 107.

### 3.6.3 O tacto como propiciador de beleza – o contacto entre servas e damas

O contacto físico entre as damas e as servas é vastamente documentado na iconografia referente aos banquetes. Tal como referimos anteriormente, por inúmeras vezes observamos servas a darem colares de flores (*vide* Figs. 2, 4 e 28) ou apenas flores (*vide* Figs. 2 e 28) às ilustres convidadas, a dar-lhes bebida (*vide* Figs. 10 e 28) ou comida (*vide* Fig. 16, 25 e 28) às mãos ou boca, e, embora não presentes nas cenas iconográficas por nós seleccionadas, a oferecerem espelhos, muitas vezes durante a noite, às senhoras para que estas corrigissem a maquilhagem, arranjassem o penteado e endireitassem os diademas e as jóias que ostentavam.

De uma forma sucinta, estes espelhos, muito usados pelas damas da alta sociedade, tinham, segundo Luís Araújo, uma elevada componente erótica pois, para além de estarem amplamente associados à já abordada beleza feminina, relacionam-se, formalmente, à deusa Hathor (*vide* Fig.231) que, como sabemos, era, entre outras variantes, considerada a deusa do amor, da fertilidade e da sexualidade.

O contacto propiciado através do toque entre as servas e as damas presentes nestes banquetes, pode ser, assim, associado ao chamado “propiciar de beleza”, uma vez que permitia que as senhoras da alta sociedade se recompusessem e melhorassem a sua aparência exterior, por forma a realçarem ainda mais a sua beleza e atributos aos olhos dos presentes.

# CONCLUSÃO

## CONCLUSÃO

“ O Meu Primeiro Banquete: qualquer criança real deveria escrever uma tese retórica com este título. Isto porque os banquetes constituem parte incomensurável das nossas vidas; são o palco onde exercitamos a nossa realeza”

*in Margaret George, As Memórias de Cleópatra. Vol. I – A Filha de Isis, Parede, Edições Chá das Cinco, 2007, p. 15.*

Chegámos ao fim da nossa investigação. Partindo de meras conjunturas e ideias soltas, foi-nos possível aprofundar, ainda que de uma forma sucinta, a maioria das componentes que identificámos como específicas dos banquetes privados. Embora com a perfeita consciência de que muito mais poderia ter sido dito e aprofundado, achamos que, tendo em conta a limitação a que fomos sujeitos, o essencial foi focado.

Na conclusão que se segue, optámos por sintetizar drasticamente as nossas ideias a teses sucintas de tudo aquilo que foi aprofundado nas inúmeras páginas que estão para trás. Esta opção prende-se com objectivos futuros, com investigações que pretendemos levar a cabo e que se relacionam com o carácter multifuncional e simbólico de certos rituais quotidianos egípcios, sendo esta Dissertação o seu ponto de partida.

---

Podemos começar por dizer que, efectivamente, é muito difícil estipular apenas um significado efectivo e linear a estes grandes acontecimentos sociais. Segundo a nossa perspectiva, os denominados “banquetes”, vistos como eventos isolados, encerravam em si mesmos diversas componentes que, no seu conjunto, remetem para conceitos culturais, sociais, mentais e religiosos. Realizados em ambientes selectos e reservados, casas de membros das classes mais altas, nomeadamente Altos Funcionários do Estado e, até mesmo, no Palácio real aquando de alguma recepção oficial, estas festividades assumem no Império Novo um cunho que escapa à esfera do estritamente religioso. Os dados disponíveis e analisados nesta Dissertação, indiciam que a lógica de um banquete privado se enquadrava, sobretudo, na fruição do momento, fosse qual fosse a sua natureza inicial. Este sentimento de plenitude do momento, notório durante o Império Novo, é particularmente evidente na mobilização, com importante vertente de consumo ostentatório, de meios e recursos consideráveis para gáudio dos convivas.

No seguimento desta ideia, o breve excerto acima mencionado permite-nos retirar a essência da verdadeira função social dos banquetes privados, contextos espaciais e culturais

nos quais a elite exercitava o seu poder e prestígio, evidenciando aos demais a sua exuberância.

Para além disso, sendo, efectivamente, momentos de liberdade de espírito que culminariam com inevitáveis excessos, associámo-los a situações privilegiadas de cariz erótico e sexual. A documentação e indícios existentes sugerem uma forte componente erótica heterossexual que mobiliza todos os sentidos em poses ou actos de sedução propiciados pela envolvente material, independentemente da consumação ou não de actos sexuais durante o banquete.

Os momentos pontuais e privilegiados de fruição sensorial, tendo em conta a multifuncionalidade característica da mentalidade e cultura egípcias, consubstanciavam-se em representações artísticas que revelam um gozo terreno e mundano dos eventos festivos associados ao ciclo de vida, ao calendário religioso e a momentos marcantes privados, mas acabam, no entanto, por ser reproduzidos também no Além, como garante de continuidade de alegria, bem-estar e prazer do defunto, perpetuando-se, nesta perspectiva, *Maat*.

Ao questionarmo-nos sobre a relevância dos banquetes na alta sociedade do Antigo Egipto, é inevitável concluirmos que os mesmos assumiam um papel de revelo no ciclo vital, pois caso contrário não seriam reproduzidos em contexto tumular, na morada do defunto, onde cada elemento aí propositadamente colocado teria como função primordial ser “duplicado” na *Duat*, no Além.

Tal como em outras vertentes da vida egípcias, o Além é, assim um espelho do Aquém. O homem egípcio queria ver reproduzido no Além o que existia de melhor no Aquém e, conseqüentemente, podemos assumir que estes banquetes, na representação funerária, evocavam o defunto em momentos de ostentação e prazer que poderiam na sua fruição terrena ter incorporado significados não presentes em rituais religiosos. Os prazeres mundanos querem-se, por essa mesma razão, no Além, pois permitem ao defundo “gozar” de momentos de êxtase com conotações eróticas deveras implícitas, pois o espírito (*ka*) também precisa de prazer para usufruir de uma vida (morte) plena de satisfação.

Por outro lado, e como componente complementar e indissociável da anterior, estas celebrações deixam antever uma marcante mensagem conceptual e religiosa, em que o renascimento pleno da alma do defunto se associa, estritamente, à realização destas

festividades. As componentes de cariz erótico poderão, então, ser enquadradas num contexto mais geral em que surgem como rituais preliminares de um acto recriador e propiciador de vida, à alma, sustento mais importante do homem egípcio. A intensidade de um acto erótico terreno no âmbito de um banquete privado podia metamorfosear-se num momento de significado religioso, considerando a expectativa do Além.

Estamos, claramente, perante acontecimentos de carácter recreativo com uma vertente vincadamente cultural. A multifuncionalidade genérica do comportamento e mentalidade egípcias confere a ambientes, actos e práticas de teor erótico, alheias ao estrito ritual religioso, outros sentidos que se associam à procriação. As representações sexuais ou eróticas em contexto de arte funerária comportam um sentido fértil de significados ligados à concepção e, assim, cumprem o desígnio de renascimento do defunto para que este pudesse prosseguir a sua vida no Além.

Com base nas imagens provenientes dos túmulos tebanos da elite egípcia e através dos cinco sentidos humanos denotamos a existência, nestes acontecimentos festivos, de pequenos sinais implícitos ou, nalguns casos, mais discretos, que remetem para uma componente erótica e sensual que pode ser associada à simbologia do renascimento da alma através dos prazeres terrenos. Não querendo repetir exaustivamente aquilo que foi evidenciado rigorosamente nos três capítulos que compõem esta investigação, evidenciamos de seguida, somente as considerações mais relevantes que compõem estas cinco perspectivas neste contexto particular.

Começando pelo **paladar**, demos especial enfoque às substâncias afrodisíacas utilizadas na confecção da vasta e rica gastronomia e, igualmente, aos elementos enebriantes que a complementavam. Neste domínio salientámos, particularmente, os frutos de mandrágora, a planta de convólulos, o lótus, o vinho e a cerveja. Prosseguimos para a **audição**, sentido deveras importante em contexto festivo, tendo sido destacada a música, associada não só à lírica amorosa de elevado cariz sexual, mas também aos instrumentos musicais que, vimos, se associavam a componentes eróticas formais. A **visão**, um dos sentidos mais importantes no contexto sensual, proporcionou-nos o estudo de temáticas distintas, tais como a dança, a indumentária, os adornos profiláticos que afirmavam o ambiente erótico e potenciavam o desejo (perucas, jóias e cosméticos) e, igualmente, o gesto e a sua complexa simbologia. Através do **olfacto** salientámos a utilização dos perfumes, nomeadamente dos cones de gordura perfumada frequentemente representados

na iconografia e, por fim, o **tacto**, o sentido através do qual dois corpos se tocam e transmitem, se for essa a vontade dos intervenientes, mensagens erotizantes.

Ao nos debruçarmos concretamente sobre a temática do erotismo no Antigo Egipto, verificámos que a sociedade egípcia, pragmática, livre e desinibida de preconceitos, aceitava naturalmente a sexualidade e a sensualidade humanas, encarando-as como uma importante faceta da sua vida privada e pública. Embora a exposição do corpo e das suas formas fosse algo perfeitamente natural nesta cultura, a nudez podia transformar-se numa importante componente de desejo, não só através da dança, mas também através de todos os adornos que podiam realçar o belo, o harmonioso e, também, o simbólico.

Para além da iconografia funerária, outras imagens de cariz vincadamente erótico revelam a naturalidade e intensidade com que os egípcios viviam a sua sexualidade, mostrando-nos que este tipo de representações não são tão escassas como alguns autores defendem, sendo as existentes, até, deveras proeminentes e explícitas em alguns casos, nomeadamente no *Papiro de Turim*. A “erótica egípcia” era, então, encarada como acto indissociável da condição humana de prazer e procriação, também ela, transposta para o contexto religioso e fúnebre dos túmulos. Os conceitos de fertilidade e de eternidade, eram, assim, indissociáveis numa máquina conceptual muito bem oleada, na qual assentava a necessidade primordial do homem atingir a sua elevação espiritual através da garantia de uma existência eterna que consistia num renascimento da pessoa no Além.

Por tudo isto, consideramos que o erotismo não se escondia por detrás da privacidade do lar. Embora sujeitas a um código subtil e discreto, as mensagens eróticas provenientes dos mais diversos canais transmissores, eram tudo menos demonstrações ingénuas. No Antigo Egipto, a sexualidade era assumidamente vivida e isso era visível não só a nível festivo, mas também a nível ideológico e cultural. Se a religião e a criação do mundo adviam de actos sexuais, também a vida terrena se baseava neste pressuposto para manter a harmonia entre os homens e, assim, garantir Maat.

\*\*\*

Serviu-se o banquete!

# **BIBLIOGRAFIA**

## BIBLIOGRAFIA

### FONTES

### ICONOGRÁFICAS

MARTIN, G. T., *Corpus of Reliefs of the New Kingdom from the Memphite Necropolis and Lower Egypt*, Vol. I, London, Kegan Paul, 1987.

MEKHITARIAN, A., *Egyptian Painting*, London, Macmillan London Ltd, 1978.

SAKURAI, K.; YOSHIMURA, S.; KONDO, J. (Ed.), *Comparative Studies of Noble Tombs in Theban Necropolis (Tombs Nos. 8, 38, 39, 48, 50, 54, 57, 63, 64, 66, 74, 78, 89, 90, 91, 107, 120, 139, 147, 151, 181, 201, 253, 295)*, Tokio, Waseda University Egyptian Culture Center, 1988.

VANDIER, J., *Manuel D'Archéologie Égyptienne. Tome IV - Bas-Reliefs et Peintures. Scènes de La Vie Quotidienne*, Première Partie, Paris, Éditions A. Et J. Picard Et Cie, 1964.

VANDIER, J., *Manuel D'Archéologie Égyptienne. Tome IV - Bas-Reliefs et Peintures. Scènes de La Vie Quotidienne*, Seconde Partie, Paris, Éditions A. Et J. Picard, 1969.

### ESCRITAS

CARREIRA, J. N., *Literatura no Egípto Antigo*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2005.

ERMAN, A., *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, New York, Dover Publications, Inc., 1995.

FERREIRA DE SOUSA, R., *Os Doces Versos - Os Poemas de Amor no Antigo Egípto*, Fafe, Labirinto, 2001.

GIGUET, P. (Trad.), “Livres Deuxième” in *Histoires D'Hérodote*, Paris, Librairie de L. Hachette et Cie, 1860, pp. 85 – 155.

LICHTHEIM, M., *Ancient Egyptian Literature, Volume I: The Old and Middle Kingdoms*, Los Angeles, University of California Press, 1975.

LICHTHEIM, M., *Ancient Egyptian Literature. A Book of Readings. Volume II: The New Kingdom*, Los Angeles, University of California Press, 1976.

LOYD, Alan, *Erodoto. Le Storie. Libro II. Egitto*, Mondadori, Milan, 1989.

PEREIRA, H. M. (Trad.), *Poemas de Amor do Antigo Egípto*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1998.

VERNUS, P., *Chants d'Amour de L'Égypte Antique*, Paris, Imprimerie Nationale, 1992.

### **BIBLIOGRAFIA GERAL**

ALDRED, C., *Egyptian Art in the Days of the Pharaohs. 3100 – 320 B. C.*, London, Thames & Hudson, 2004.

ARAÚJO, L. M., “Hipogeu” in L. Araújo (Dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 425.

ARAÚJO, L. M., “Império Novo” in L. Araújo (Dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 443 - 445.

ARAÚJO, L. M., “Rekhmiré” in L. Araújo (Dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 743.

ARAÚJO, L. M., “Túmulos” in L. Araújo (Dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 839 - 840.

BONHÊME, M., *L'Art Égyptien, Que sais-je?*, Paris, Presses Universitaires de France, 1996.

BROWN, Truesdell “Herodotus Speculates about Egypt”, in *The American Journal of Philology*, Vol. 86, N° 1, January 1965.

CARREIRA, J. N., *A Filosofia Antes dos Gregos*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1994.

CIMMINO, F., “El Hombre en la Vida Privada y Social” in *Vida Cotidiana de los Egipcios*, Espanha, EDAF – Historia Bolsillo, 2002, pp. 291 – 329.

COIMBRA, S. H., (Dir.), *National Geographic. Vol. III – Tesouros do Egipto*, Lisboa, National Geographic Society, 2003

DASEN, V., “Egypt” in *Dwarfs in Ancient Egypt and Greece*, Oxford, Clarendon Press, 1993, pp. 55 – 83.

DAUMAS, F., *La Vie dans l’Égypte Ancienne*, Paris, Presses Universitaires de France, 1980.

DODSON, A., “Tombs: Private Tombs” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 3, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 433 – 442.

DONADONNI, S. (Dir.), *O Homem Egípcio*, Lisboa, Editorial Presença, 1994.

DONOVAN, L.; MCCORQUODALE, K. (Ed.), *Egyptian Art. Principles and Themes in Wall Scenes*, Prism Archaeological Series 6, Egypt, Prism Publications, 2000.

DRIOTON, Étienne, *Le Théâtre Égyptien*, Éditions de La Revue du Cairo, Cairo, 1942.

ELIADE, M., *Histoire des Croyances et des Idées Religieuses. Vol I – De l’Âge de la Pierre aux Mystères d’Eleusis*, Paris, Payot, 1983.

ELIADE, M., *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edição Cosmos, 1977.

ERMAN, A., *Life in Ancient Egypt*, New York, Dover Publications Inc., s.d..

FAIRMAN, Herbert, *The Triumph of Horus. The Oldest Play in the World*, University of California Press, Berkeley, 1974.

FERREIRA, J. R., *Hélade e Helenos. Vol. I - Génese e Evolução de um Conceito*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1992.

FERREIRA DE SOUSA, R., “O Coração e a Vida Afectiva” in *O Coração e o Homem no Antigo Egipto. Contributos para a Compreensão de Uma “Psicologia” Antiga*, Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1998, pp. 82 - 100.

FRANKFORT, H., *Reyes y Dioses. Estudio de la Religión del Oriente Próximo en la Antigüedad en Tanto que Integración de la Sociedad y la Naturaleza*, Madrid, Alianza Universidad, 1981.

FREDD, R. E., *Egypt's Golden Age: The Art of Living in the New Kingdom. 1558 – 1085 B.C.*, Massachusetts, Museum of Fine Arts Boston, 1981.

GARDINER, A., *Egyptian Grammar*, Oxford, Griffith Institute, 1927.

HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003 (?).

HARTOG, François, *Les Grecs égyptologues*, Annales. Économies, Sociétés, Civilisations, Vol. 41, N° 5, 1986.

HARTWIG, M. K., *Tomb Painting and Identity in Ancient Thebes, 1419 – 1372 BCE*, Monumenta Aegyptiaca X, Brussels, Brepols Publishers, 2004.

HORNUNG, E., *Akhenaton and the Religion of the Light*, Ithaca and London, Cornell University Press, 1999.

HORNUNG, E., *Idea into Image. Essays on Ancient Egyptian Thought*, New York, Timken Publishers, 1992.

HORNUNG, E., *Les Dieux de L'Égypte. Le Un et le Multiple*, Monaco, Éditions Du Rocher, 1986.

KAMPP-SEYFRIED, F., “Triunfo Sobre a Morte – Os Túmulos Privados de Tebas” in R. Schulz; M. Seidel, (Ed.), *Egipto, O Mundo dos Faraós*, Lisboa, Könemann, 2001, pp. 248 - 263.

LESKO, L.H., *Pharaoh's Workers. The Villagers of Deir el Medina*, New York, Cornell University Press, 1994.

LOPES, M. H. T., “Expressões da Vida Intelectual e Artística” in *O Egípto Faraónico. Guia de Estudo*, Lisboa, Associação Portuguesa de Egiptologia, s.d., pp. 85 - 97.

LOPES, M. H. T., “O Estado Faraónico” in *O Egípto Faraónico. Guia de Estudo*, Lisboa, Associação Portuguesa de Egiptologia, s.d., pp. 35 - 59.

LOPES, M. H. T., *O Homem Egípcio e a sua Integração no Cosmos*, Lisboa, Teorema, 1989.

LOPES, M. H. T., “Os Prazeres no Egípto antigo” in M. H. T., Lopes (Dir.), *Estudos Orientais. Os Prazeres no Médio Oriente Antigo*, Vol. IX, Lisboa, Instituto Oriental, 2006, pp. 13 – 29.

MALEK, J., *Egypt. 4000 Years of Art*, London, Phaidon, 2003.

MANNICHE, L., *City of the Dead. Thebes in Egypt*, London, British Museum Publications, 1987.

MAUSS, M., *Manuel d’Ethnographie*, Payot, Paris, 1967.

MESKELL, L., *Private Life in New Kingdom Egypt*, Oxfordshire, Princeton University Press, 2005.

MONICA, D., *La Classe Ouvrière sous les Pharaons. Étude du Village de Deir el Medineh*, Paris, Librairie d’Amérique et d’Orient, 1980.

PAZ, O., *Los Signos en Rotación y Otros Ensayos*, Madrid, Alianza Editorial, 1983.

PECCATORI, S.; ZUFFI, S. (Ed.), *Ancient Egypt. Art, Architecture and History*, London, The British Museum Press, 2002.

PEREIRA, F. S. (Trad.), *Vida e Sociedade nas Margens do Nilo. Egípto 3050 – 30 A.C.*, Lisboa, Editorial Verbo, 2001.

QUIRKE, S.; SPENCER, J. (Ed.), *The British Museum Book of Ancient Egypt*, London, The British Museum Press, 1992.

RAPOSO, L., “Arqueologia” in L. Araújo (Dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 90 - 94.

ROBINS, G., “A New Momentum. The New Kingdom (I)” in *The Art Of Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1997, pp. 122 - 147.

ROBINS, G., “Proportions in the New Kingdom” in *Proportion and Style in Ancient Egyptian Art*, London, Thames and Hudson, 1994, pp. 87 – 118.

RUIZ, A., *Daily Life in Ancient Egypt*, London, Souvenir Press Ltd, 2004.

SALEH, M.; SOUROUZIAN, H., *Official catalogue The Egyptian Museum Cairo*, Egypt, Organisation of Egyptian Antiquities, 1987.

SALES, J. C., *A Estratificação Social do Egípto Antigo. Uma Sociedade Escravagista? (Contributos para uma Reflexão)*, Cadernos Pedagógico-Didáticos A.P.H, Lisboa, Associação de Professores de História, 1995.

SALES, J. C., *As Divindades Egípcias. Uma Chave para a compreensão do Egípto Antigo*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999.

SALES, J. C., “Coroação” in L. Araújo (Dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 240 – 241.

SHAW, I; NICHOLSON, P., “New Kingdom” in *The British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, Cairo, The American University in Cairo Press, 2002, p. 202.

SILIOTTI, A., *Guía Ilustrada del Valle de los Reyes. Necrópolis y Templos Tebanos*, Italia, White Star Publishers, 2004.

SMITH, W. S., “The New Kingdom” in *The Art and Architecture of Ancient Egypt*, New Haven and London, Yale University Press, 1998, pp. 125 – 224.

TAVARES, A. A., *Estudos da Alta Antiguidade*, Lisboa, Editorial Presença, 1983.

TIRADRITTI, F., “1550 – 1075 BC. Midday” in, *Ancient Egypt. Art, Architecture and History*, London, British Museum Press, 2002, pp. 58 – 105.

VALBELLE, D., *A Vida no Antigo Egípto*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1990.

WILKINSON, R. H., *Symbol & Magic in Egyptian Art*, London, Thames and Hudson, 1994.

WILKINSON, R. H., *Reading Egyptian Art. A Hieroglyphic Guide to Ancient Egyptian Painting and Sculpture*, London, Thames and Hudson, 2003.

## **BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA**

### **OBRAS**

ALDRED, C., *Jewels of the Pharaohs*, London, British Museum Press, 1971.

ANDERSON, R. D., *Catalogue of Egyptian Antiquities in the British Museum. Vol. III: Musical Instruments*, London, British Museum Publications Limited, 1976.

ANDREWS, C., *Ancient Egyptian Jewellery*, London, The British Museum Press, 1990.

ANTELME, R. S.; ROSSINI, S., *Sacred Sexuality in Ancient Egypt. The Erotic Secrets of the Forbidden Papyrus*, Vermont, Inner Traditions International, 2001.

ARAÚJO, L. M., *Estudos Sobre Erotismo no Antigo Egípto*, Lisboa, Edições Colibri, 2000.

BERRIEDALE-JOHNSON, M., *Food Fit For Pharaohs. An Ancient Egyptian Cookbook*, London, The British Museum Press, 1999.

BLEEKER, C. J., *Egyptian Festivals. Enactments of Religious Renewal*, Leiden, E. J. Brill, 1967.

BOURRIAU, J. D.; SMITH, L. M. V.; NICHOLSON, P. T., *New Kingdom Pottery Fabrics. Nile Clay and Mixed Nile / Marl Clay Fabrics From Memphis and Amarna*, London, The Egypt Exploration Society, 2000.

BROTHWELL, P.; BROTHWELL, D., *A Alimentação na Antiguidade*, Lisboa, Editorial Verbo, 1971.

CAPEL, A. K.; MARKOE, G. E. (Ed.), *Mistress of the House, Mistress of Heaven. Women in Ancient Egypt*, New York, Hudson Hills Press, 1996.

CASSON, L., *Everyday Life in Ancient Egypt*, Baltimore and London, The Johns Hopkins University Press, 2001.

DARBY, W. J.; GHALIOUNGUI, P.; GRIVETTI, L., *Food. The Gift of Osiris, I-II*, Academic Press, 1976.

DAYAGI-MENDELS, M., *Perfumes and Cosmetics in the Ancient World*, Jerusalem, Graph Press Ltd., 1989.

DE CANDÉ, R., *História Universal da Música*, Vol. I, Porto, Edições Afrontamento, 2003.

DELLA MONICA, M., *La Classe Ouvrière sous les Pharaons. Étude du Village de Deir el Medineh*, Paris, Librairie d’Amérique et d’Orient, 1980.

EL – QHAMID; TOLEDANO, J., *Egyptian Erotica. The Essence of Ancient Egyptian Erotica in Art and Literature*, Israel, Astrolog Publishing House, 2004.

FLANDRIN, J., MONTANARI, M. (Dir.), *História da Alimentação. Dos Primórdios à Idade Média*, Vol. I, Lisboa, Terramar, 1998.

FORGEAU, A., *Pharaon. Les Secrets du Pouvoir*, Paris, Armand Colin, 1988.

GOODY, J., *The Culture of Flowers*, Great Britain, Cambridge University Press, 1993.

HALL, R., *Egyptian Textiles*, Buckinghamshire, Shire Publications Ltd, 2001.

HICKMANN, H., *Le Métier de Musicien au Temps des Pharaons*, Le Caire, Éditions des «Cahiers d'Histoire Égyptienne», 1954.

HICKMANN, H., *Musicologie Pharaonique. Études sur l'Évolution de l'Art Musical dans l'Égypte Ancienne*, Kehl, Heitz, 1956.

HOLTHOER, R., *New Kingdom Pharaonic Sites. The Pottery*, The Scandinavian Joint Expedition to Sudanese Nubia, Stockholm, Scandinavian University Books, 1977.

HOPE, C. A., *Egyptian Pottery*, Buckinghamshire, Shire Publications Ltd, 2001.

IKRAM, S., *Choice Cuts: Meat Production in Ancient Egypt*, Leuven, Peeters Publications, 1995.

KILLEN, G., *Ancient Egyptian Furniture, Vol II: Boxes, Chests and Footstools*, Warminster, Aris & Phillips Ltd, 1994.

KILLEN, G., *Ancient Egyptian Furniture, Vol. I: 4000 – 1300 BC*, Warminster, Aris & Phillips Ltd, 1980.

KILLEN, G., *Egyptian Woodworking and Furniture*, Buckinghamshire, Shire Publications Ltd, 1994.

LACOVARA, P., *The New Kingdom Royal City*, London and New York, Kegan Paul International, 1997.

LEXOVÁ, I., *Ancient Egyptian Dances*, New York, Dover Publications, Inc., 2000.

MANNICHE, L., *An Ancient Egyptian Herbal*, London, British Museum Press, 1989.

MANNICHE, L., *Ancient Egyptian Musical Instruments*, Munich, Deutscher Kunsterverlag, 1975.

MANNICHE, L., *Egyptian Luxuries. Fragrance, Aromatherapy and Cosmetics in Pharaonic Times*, Cairo, The American University in Cairo Press, 1999.

MANNICHE, L., *Music and Musicians in Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1991.

MANNICHE, L., *Sexual Life in Ancient Egypt*, London and New York, Kegan Paul International, 1997.

MESKELL, L., *Private Life in New Kingdom Egypt*, Oxfordshire, Princeton University Press, 2005.

NELSON, H. H.; HÖLSCHER, U., *Work in Western Thebes. 1931 - 33*, Chicago, The University of Chicago Press, 1934.

NICHOLSON, P. T., *Egyptian Faience and Glass*, Buckinghamshire, Shire Publications Ltd, 1993.

NICHOLSON, P. T.; SHAW, I. (Ed.), *Ancient Egyptian Materials and Technology*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000.

ONSTINE, S. L., *The Role of the Chantress (Šm'yt) in Ancient Egypt*, s. l., BAR International Series 1401, 2005.

PINTO, C., *A Mulher e o Amor no Egípto Antigo. Senhora da Casa (nbt pr), Senhora do Amor (nbt mrwt)*, Lisboa, 2003.

PIRENNE, J., *La Religion et la Morale dans l'Égypte Antique*, Paris, Éditions Albin Michel, 1965.

POO, Mu-chu, *Wine and Wine Offering in the Religion of Ancient Egypt*, London, Kegan Paul, 1995.

RAVEN, M. J. (Ed.), *Pharaonic and Early Medieval Egyptian Textiles*, Collections Of The National Museum Of Antiquities At Leiden, Vol. VIII, Leiden, Rijksmuseum Van Oudheden, 1994.

ROBINS, G., *Reflections of Women in the New Kingdom. Ancient Egyptian Art from the British Museum*, Atlanta, Michael C. Carlos Museum at Emory University, 1995.

UPHILL, E. P., *Egyptian Towns and Cities*, Buckinghamshire, Shire Egyptology, 2001.

VALBELLE, D., *A Vida no Antigo Egípto*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1990.

VOGELSANG-EASTWOOD, G., *Patterns of Ancient Egyptian Clothing*, Leiden, Stichting Textile Research Center, 1992.

VOGELSANG-EASTWOOD, G., *Pharaonic Egyptian Clothing*, Leiden, E. J. Brill, 1993.

WATTERSON, B., *The House of Horus at Edfu. Ritual in an Ancient Egyptian Temple*, Gloucestershire, Tempus Publishing Limited, 1998.

WILKINSON, A., *Ancient Egyptian Jewellery*, London, Methuen and Co, Ltd., 1971.

WILKINSON, A., *The Garden in Ancient Egypt*, London, The Rubicon Press, 1998.

WILKINSON, J. G., *The Manners and Customs of the Ancient Egyptians*, Vol. 2, London, 1854.

WILSON, H., *Egyptian Food and Drink*, Buckinghamshire, Shire Publications Ltd, 2001.

WINAND, J, et al., *L'Art du Parfum*, Paris, s.e, 1993.

## ARTIGOS

ACÚRCIO, M. K., “Festas” in L. Araújo (Dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 375 – 376.

ALDRED, C., “Hair and Wigs” in P. T. Nicholson; I. Shaw, (Ed.), *Ancient Egyptian Materials and Technology*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000.

ALLAM, S., “Slaves” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 3, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 293 – 296.

ANDERSON, R. D., “Music and Dance in Pharaonic Egypt” in J. M. Sasson, (Ed.), *Civilizations of the Ancient Near East*, Vol. 4, New York, Charles Scribner’s Son, 1995, pp. 2555 – 2568.

ANDREWS, C., “Amulets” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 75 – 82.

ARAÚJO, L. M., “Banquete” in L. Araújo (Dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 139 – 140.

ARAÚJO, L. M., “Amuletos” in L. Araújo (Dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 66 - 67.

ARAÚJO, L. M., “Dança” in L. Araújo (Dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 263 – 265.

ARAÚJO, L. M., “Funerais” in L. Araújo (Dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 384 – 385.

ARNOLD, D.; BOURRIAU, J. (Ed.), “Decoration” in *An Introduction to Ancient Egyptian Pottery, Fascicle 1: Techniques and Traditions of Manufacture in the Pottery of Ancient Egypt*, Mainz, Verlag Philipp Von Zabern, 1993, pp. 88 - 102.

ARNOLD, F., “Houses” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 2, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 122 – 127.

BRESCIANI, E., “Alimentos e Bebidas do Egípto Antigo” in J. Flandrin; M. Montanari (Dir.), *História da Alimentação. Dos Primórdios à Idade Média*, Vol. I, Lisboa, Terramar, 1998, pp. 53 - 62.

BREWER, D. J., “Cattle” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 242 – 244.

BREWER, D. J., “Fauna” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 508 – 512.

BREWER, D. J., “Fish” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 532 – 535.

BREWER, D. J., “Sheep and Goats” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 3, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 278 – 279.

CARREIRA, J. N., “Cantos de Harpista” in L. Araújo (Dir.), *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 176 – 177.

CHASSINAT, E., “Quelques parfums et onguents en usage dans les temples de l’Égypte ancienne” in *Revue d’Égypte ancienne* 3, Paris, s. e., 1931, pp. 117 – 167.

CHERPION, N., “Le cône d’onguent” in *Bulletin de l’Institut Français d’Archéologie Orientale* 94, Le Caire, I.F.A.O., 1994, pp. 79 – 106.

CIMMINO, F., “El hombre en la vida privada y social” in *Vida cotidiana de los egipcios*, Madrid, EDAF Historia Bolsillo, 2002, pp. 291 – 329.

DAUMAS, F., “Le Costume et la Parure” in *La Vie dans l’Égypte Ancienne*, Paris, Presses Universitaires de France, 1980, pp. 79 – 91.

ERMAN, A., “Dress” in *Life in Ancient Egypt*, New York, Dover Publications Inc., s.d.?, pp. 200 - 233.

ERMAN, A., “Recreation” in *Life in Ancient Egypt*, New York, Dover Publications Inc., s.d., pp. 234 - 258.

ERMAN, A., “The House” in *Life in Ancient Egypt*, London, Macmillan and Co, 1894, pp. 167 – 199.

FERREIRA DE SOUSA, R., “Morte” in L. Araújo (Dir.), *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 584 - 585.

FILLER, J. M., "Hygiene" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 2, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 133 – 136.

GARDINER, A. H., "A Didactic Passage Re-examined" in *JEA* 45, London, Egypt Exploration Society, 1959, pp. 12 – 15.

GERMER, R., "Fruits" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 564 - 565.

GERMER, R., "Vegetables" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 3, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 477 - 478.

GERMER, R., "Flora" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 535 – 541.

GERMER, R., "Flowers" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 541 – 544.

GRAJETZKI, W., "The Late New Kingdom: Reduction to Essentials" in *Burial Customs in Ancient Egypt: Life in Death for Rich and Poor*, London, Duckworth, 2003, pp. 66 – 83.

GRAJETZKI, W., "The New Kingdom: Death in an Affluent Society" in *Burial Customs in Ancient Egypt: Life in Death for Rich and Poor*, London, Duckworth, 2003, pp. 84 – 93.

GREEN, L., "Beauty" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 167 - 171.

GREEN, L., "Clothing and Personal Adornment" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 274 - 279.

GREEN, L., "Hairstyles" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 2, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 73 - 76.

GREEN, L., "Toiletries and Cosmetics" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 3, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 412 - 417.

GREEN, L., "Seeing Through Ancient Egyptian Clothes" in *KMT: a Modern Journal of Ancient Egypt* 6.4, Cairo, Winter 1995 – 1996, pp. 28 – 40 e 76 – 77.

GUGLIELMI, W., "Milk" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 2, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 412 - 413.

GUNDLACH, R., "Temples" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 3, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 363 – 379.

HARER JR., W. B., "Lotus" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 2, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 304 - 305.

HASLAUER, E., "Harem" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 2, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 76 – 80.

HODJASH, S., "New Kingdom and Third Intermediate Period. Dynasties XVIII – XXV" in *Ancient Egyptian Vessels in the State Pushkin Museum of Fine Art – Moscow*, Baltimore, Halgo, Inc., 2005, pp. 59 – 91.

HOULIHAN, P. F., "Birds" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 189 – 191.

HOULIHAN, P. F., "Pigs" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 3, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 47 – 48.

IKRAM, S., "Banquets" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 162 – 164.

IKRAM, S., "Diet" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 390 – 395.

JANSSEN, R., “Ancient Egyptian Erotic Fashion: Fishnet Dresses” in *KMT: a Modern Journal of Ancient Egypt* 6.4, Cairo, Winter 1995 – 1996, pp. 41 – 47.

KILLEN, G., “Boxes From the New Kingdom” in *Ancient Egyptian Furniture, Vol II: Boxes, Chests and Footstools*, Warminster, Aris & Phillips Lt, 1994, pp. 30 - 37.

KILLEN, G., “Furniture” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 580 – 586.

KILLEN, G., “Tables” in *Ancient Egyptian Furniture, Vol. I: 4000 – 1300 BC*, Warminster, Aris & Phillips Ltd, 1980, pp. 64 – 68.

KILLEN, G., “Vase Stands” in *Ancient Egyptian Furniture, Vol. I: 4000 – 1300 BC*, Warminster, Aris & Phillips Ltd, 1980, pp. 69 – 71.

LACOVARA, P., “Vessels” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 3, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 478 – 481.

LACOVARA, P.; MARKOWITZ, Y. J., “Silver” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 3, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 286 – 288.

LACOVARA, P.; MARKOWITZ, Y. J., “Gold” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 2, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 34 - 38.

LAWERGREN, B., “Music” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 2, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 450 – 454.

LUCAS, A. L., “Cosmetics, Perfumes and Incense in Ancient Egypt” in *JEA* 16, London, Egypt Exploration Fund, 1930, pp. 41 – 53.

MACHADO, M. J., “Cosméticos” in L. Araújo (Dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 242 – 243.

MACHADO, M. J., “Linho” in L. Araújo (Dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 498 – 499.

MACHADO, M. J., “Nudez” in L. Araújo (Dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 631 – 632.

MACHADO, M. J., “Perfumes” in L. Araújo (Dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 675 – 676.

MALHEIRO, P., “Jóias” in L. Araújo (Dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 459 – 461.

MALHEIRO, P., “Templo” in L. Araújo (Dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 809 - 812.

MANNICHE, L., “Erotica” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 479 – 482.

MANNICHE, L., “Sexuality” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 3, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 274 – 277.

MANNICHE, L., “Sistrum” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 3, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 292 – 293.

MARKOWITZ, Y. J., “Jewelry” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 2, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 201 – 207.

MEEKS, D., “Dance” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 356 – 360.

MESKELL, L., “Fonder une Maison” in *Vies Privées des Égyptiens. Nouvel Empire 1539 – 1075*, Collection Mémoires n° 80, Paris, Éditions Autrement, 2002, pp. ??.

MIKHAIL, L., “Ancient Egyptian Festivals” in *Dramatic Aspects of the Osirian Khoiak Festival*, Uppsala, s.e., 1983, 39 – 50.

NICHOLSON, P. T., “Faience” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 491 – 496.

O’CONNOR, D., “City and Palace in New Kingdom Egypt” in *Sociétés Urbaines en Égypte et au Soudan*, Cahier de Recherches de l’Institut de Papyrologie et d’Égyptologie de Lille, Lille, s.e., 1989, pp. 73 – 87.

OCKINGA, B., “Ethics and Morality” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 484 – 487.

POO, Mu-chu, “Wine” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 3, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 502 – 503.

REDMOUNT, C., “Ceramics” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 248 – 256.

ROBINS, G., "Gender Roles" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 2, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 12 - 16.

ROBINS, G., “Color Symbolism” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 291 – 294.

ROBINS, G., “The Family and the Household” in *Women in Ancient Egypt*, Massachusetts, Harvard University Press, 1993, pp. 92 – 110.

ROBINS, G., “Women” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 3, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 510 – 516.

ROEHRIG, C. H., “Woman’s Work: Some Occupations of Nonroyal Women as Depicted in Ancient Egyptian Art” in A. K. Capel; G. E. Markoe, (Ed.), *Mistress of the House, Mistress of Heaven. Women in Ancient Egypt*, New York, Hudson Hills Press, 1996, pp. 13 - 24.

ROMER, J., “Ambience” in *Ancient Lives. The Story of The Pharaohs’ Tombmakers*, London, Michael O’Mara Books Limited, 1994, pp. 3 - 54.

ROTH, A. M., “Funerary Ritual” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 575 – 580.

RYAN, D. P., “Basketry, Matting and Cordage” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 164 – 166.

SADIE, S. (Ed.), “Egypt: Ancient Music” in *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*, Vol. 8, New York, Grove’s Dictionaries Inc., 2001.

SAGRILLO, T. L., “Bees and Honey” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 172 – 174.

SAMUEL, D., “Beer” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 171 – 172.

SAMUEL, D., “Bread” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 196 – 198.

SAUNERON, S., “Chant du Harpiste” in G. Posener (Dir.), *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Fernand Hazan, 1959, pp. 126 - 127.

SAUNERON, S., “Fêtes” in G. Posener (Dir.), *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Fernand Hazan, 1959, pp. 116 – 117.

SCHLICK-NOLTE, B., "Glass" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 2, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 30 - 34.

SERPICO, M., “Cosmetics, Perfume and Incense” in P. T. Nicholson; I. Shaw (Ed.), *Ancient Egyptian Materials and Technology*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000.

SERPICO, M., “Oils and Fats” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 2, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 583 – 585.

SHAW, I., "Gems" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 2, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 9 - 12.

SHAW, I., "Minerals" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 2, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 415 – 419.

SHAW, I; NICHOLSON, P., "Bes", *The British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, Cairo, The American University in Cairo Press, Cairo, pp. 53-54.

SHAW, I; NICHOLSON, P., "Dance" in *The British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, Cairo, The American University in Cairo Press, 2002, pp. 78 - 79.

SHAW, I; NICHOLSON, P., "Erotica", *The British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, Cairo, The American University in Cairo Press, 2002, p. 93.

SHAW, I; NICHOLSON, P., "Hair" in *The British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, Egypt, Cairo, The American University in Cairo Press, 2002, pp. 117 - 118.

SHAW, I; NICHOLSON, P., "Music, Musical Instruments" in *The British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, Cairo, The American University in Cairo Press, 2002, pp. 192 - 193.

SHAW, I; NICHOLSON, P., "Palace" in *The British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, Cairo, The American University in Cairo Press, 2002, pp. 216 - 217.

SHAW, I; NICHOLSON, P., "Temple" in *The British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, Cairo, The American University in Cairo Press, 2002, pp. 285 - 286.

SIMPSON, W. K., "A Protocol of Dress: The Royal and Private Fold of the Kilt" in *JEA* 74, London, Egypt Exploration Society, 1988, pp. 203 – 204.

SPALINGER, A., "Feast Names. An Introduction" in *The Private Feast Lists of Ancient Egypt*, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 1996, pp. 1 – 31.

SPALINGER, A., "Festival Calendars" in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 519 – 520.

SPALINGER, A., “Festivals” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 521 – 525.

SPALINGER, A., “The New Kingdom” in *The Private Feast Lists of Ancient Egypt*, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 1996, pp. 58 – 72.

STADELMANN, R., “Palaces” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 3, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 13 – 17.

STOCKS, D. A., “Leather” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 2, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 282 – 284.

TAYLOR, J., “Magic and Ritual for the Dead” in *Death & the Afterlife in Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 2001, pp. 186 – 213.

TAYLOR, J., “The Threshold of Eternity: Tombs, Cemeteries and Mortuary Cults” in *Death & the Afterlife in Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 2001, pp. 136 – 185.

TEETER, E., “Female Musicians in Pharaonic Egypt” in K. Marshall (Ed.), *Rediscovering the Muses: Women’s Musical Traditions*, Boston, Northeastern University Press, 1993, pp. 68 – 91.

VERHOEVEN, U., “O Culto dos Mortos” in R. Schulz; M. Seidel (Ed.), *Egipto, O Mundo dos Faraós*, Lisboa, Könemann, 2001, pp. 480 – 489.

VOGELSANG-EASTWOOD, G., “Weaving, Looms and Textiles” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 3, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 488 – 492.

WAFFA EL SADDIK, “O Enterro” in R. Schulz; M. Seidel (Ed.), *Egipto, O Mundo dos Faraós*, Lisboa, Könemann, 2001, pp. 470 - 479.

WARD, W., “Non-Royal women and their occupations in the Middle Kingdom” in B. S. Lesko (ed.), *Women’s Earliest Records from Ancient Egypt and Western Asia*, Georgia, Scholars Press, 1989, pp. 33 – 43.

WENZEL, G., “Vida Quotidiana Doméstica – A Casa como Espaço Vital” in R. Schulz; M. Seidel (Ed.), *Egipto, O Mundo dos Faraós*, Lisboa, Könemann, 2001, pp. 398 - 409.

WILD, H. “Les Danses Sacrées de l’Égypte Ancienne” in *Les Danses Sacrées : Sources Orientales*, Vol. 6, Paris, s. e., 1963, pp. 33 – 117.

WILKINSON, A., “Symbolism and Design in Ancient Egyptian Gardens” in *Garden History*, Vol. 22, No. 1, s.l., The Garden History Society, 1994, pp. 1 – 17.

WILKINSON, R. H., “Gesture” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 2, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 20 – 24.

WILKINSON, R. H., “Symbols” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 3, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 329 – 335.

WILKINSON, T. A. H., “Social Stratification” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 3, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 301 – 305.

WILLEITNER, J., “Festas dos Reis e dos Deuses” in R. Schulz; M. Seidel (Ed.), *Egipto, O Mundo dos Faraós*, Lisboa, Könemann, 2001, pp. 450 - 457.

YOYOTTE, J., “Chant” in G. Posener (Dir.), *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Fernand Hazan, 1959, p. 47.

## **SITES**

### **Textos**

<http://www.jstor.org>

<http://www.perseus.tufts.edu/GreekScience/hdtbk2.html>

### **Imagens**

<http://biblical-studies.ca/blog/>

<http://bp0.blogger.com/>

<http://cleopatra.com/>

<http://i85.photobucket.com/>

[http://orbita.starmedia.com/~vismar\\_leonardo\\_vitor/papiro.jpg](http://orbita.starmedia.com/~vismar_leonardo_vitor/papiro.jpg)

<http://orchardfarming.com/>

[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/3/3a/Tomb\\_of\\_Nakht\\_\(5\).jpg/180px-Tomb\\_of\\_Nakht\\_\(5\).jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/3/3a/Tomb_of_Nakht_(5).jpg/180px-Tomb_of_Nakht_(5).jpg)

<http://web-owls.com/>

<http://www.costumia.co.uk/>

<http://www.digitalegypt.ucl.ac.uk/>

<http://www.henriettesherbal.com/>

<http://www.jardimenteogeno.com/>

<http://www.juliosavi.it/immagini/>

<http://www.naturezadivina.com.br/>

<http://www.thekeep.org/~kunoichi/kunoichi/egypt/brewrey.jpg>

<http://www.the-perfectshape.com/>

<http://www.touregypt.net/>

<http://www.vegetables.pe.kr/>

<http://www.wsu.edu/~dee/>

<http://www.zwoje-scrolls.com/zwoje39/text07p.htm>

<http://z.about.com/d/mideastfood/1/0/j/0/-/-/pomegranatedriapetersonblog.jpg>

# LISTA DE FIGURAS

## LISTA DE FIGURAS

| ANEXOS / FIGURA     | LEGENDA  | PROVENIÊNCIA   |
|---------------------|--|--|
| <b>Mapa 1</b>       | Mapa do Egipto de John Baines da Universidsade de Oxford.  | COIMBRA, S. H., (Dir.), <i>National Geographic. Vol. III – Tesouros do Egipto</i> , Lisboa, National Geographic Society, 2003, p. 21.  |
| <b>Mapa 2</b>       | Localização de depósitos de ouro no território egípcio.  | LACOVARA, P.; MARKOWITZ, Y. J., “Gold” in D. B. Redford (Dir.), <i>OEAE</i> , Vol. 2, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, p. 35.                            |
| <b>Cronologia 1</b> | Cronologia de Ian Shaw.  | SHAW, I; NICHOLSON, P., <i>The British Museum Dictionary of Ancient Egypt</i> , Egypt, The American University in Cairo Press, 2002, pp. 310 - 311.                          |
| <b>Cronologia 2</b> | Cronologia comparada.  | <a href="http://antigoegipto.com.sapo.pt/cronologias.htm">http://antigoegipto.com.sapo.pt/cronologias.htm</a>  |
| <b>Texto A</b>      | Capítulos 1 a 97 do Livro II das <i>Histórias</i> de Heródoto  | E-book retirado do site:<br><a href="http://www.perseus.tufts.edu/GreekScience/hdtbk2.html">http://www.perseus.tufts.edu/GreekScience/hdtbk2.html</a>                        |
| <b>Texto B</b>      | <i>Instruções de Ptabbotep</i>   | LICHTHEIM, M., <i>Ancient Egyptian Literature, Volume I: The Old and Middle Kingdoms</i> , Los Angeles, University of California Press, 1975, p. 65.                         |
| <b>Texto C</b>      | <i>Canção de Antef</i>   | FERREIRA DE SOUSA, R., <i>O Coração e o Homem no Antigo Egipto. Contributos para a Compreensão de Uma “Psicologia” Antiga</i> , Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1998. |
| <b>Texto D</b>      | <i>Canção do Harpista</i> do túmulo de Paser, Vizir no reinado de Ramsés II  | MANNICHE, L., <i>Music and Musicians in Ancient Egypt</i> , London, British Museum Press, 1991, pp. 105 - 106.   |
| <b>Texto E</b>      | Canções do Harpista provenientes do TT Neferhopet, reinado de Haremhab.  | LICHTHEIM, M., <i>Ancient Egyptian Literature. A Book of Readings. Volume II: The New Kingdom</i> , Los Angeles, University of California Press, 1976, pp. 115 – 116.        |
| <b>Texto F</b>      | Colecção “Grande Entretenimento do Coração” in <i>Papiro Chester Beatty I</i> .  | LICHTHEIM, M., <i>Ancient Egyptian Literature. A Book of Readings. Volume II: The New Kingdom</i> , Los Angeles, University of California Press, 1976, pp. 182 - 186.        |
| <b>Texto G</b>      | Colecção “Três Desejos” in <i>Papiro Chester Beatty I</i> .  | LICHTHEIM, M., <i>Ancient Egyptian Literature. A Book of Readings. Volume II: The New Kingdom</i> , Los Angeles, University of California Press, 1976, pp. 182 - 186.        |
| <b>Texto H</b>      | Colecção “Cantigas de Nakht Dobek” in <i>Papiro Chester Beatty I</i> .   | LICHTHEIM, M., <i>Ancient Egyptian Literature. A Book of Readings. Volume II: The New Kingdom</i> , Los Angeles, University of California Press, 1976, pp. 187 - 188.        |
| <b>Texto I</b>      | <i>Papiro Harris 500</i>   | LICHTHEIM, M., <i>Ancient Egyptian Literature. A Book of Readings. Volume II: The New Kingdom</i> , Los Angeles, University of California Press, 1976, pp. 189 - 190.        |
| <b>Texto J</b>      | <i>Papiro Harris 500</i>   | LICHTHEIM, M., <i>Ancient Egyptian Literature. A Book of Readings. Volume II: The New Kingdom</i> , Los Angeles, University of California Press, 1976, pp. 190 - 191.        |
| <b>Texto K</b>      | <i>Papiro Harris 500</i>   | LICHTHEIM, M., <i>Ancient Egyptian Literature. A Book of Readings. Volume II: The New Kingdom</i> , Los Angeles, University of California Press, 1976, p. 192.               |
| <b>Texto L</b>      | Excerto do vaso fragmentário do Museu do Cairo 1266 + 25218.   | LICHTHEIM, M., <i>Ancient Egyptian Literature. A Book of Readings. Volume II: The New Kingdom</i> , Los Angeles, University of California Press, 1976, p. 193.               |
| <b>Texto M</b>      | <i>Canções do Jardim</i>   | PEREIRA, H. M. (Trad.), <i>Poemas de Amor do Antigo Egipto</i> , Lisboa, Assírio & Alvim, 1998, pp. 51 - 55.   |
| <b>Quadro 1</b>     | Reprodução de quadro com terminologia e características musicais referentes ao Império Novo, conforme obra de Hans Hickmann. | HICKMANN, H., <i>Le Métier de Musicien au Temps des Pharaons</i> , Le Caire, Éditions des «Cahiers d’Histoire Égyptienne», 1954, pp 326 - 328.                               |
| <b>Quadro 2</b>     | Reprodução de quadro com terminologia referente aos instrumentos musicais, conforme obra de Hans Hickmann.                   | HICKMANN, H., <i>Musicologie Pharaonique. Études sur l’Évolution de l’Art Musical dans l’Égypte Ancienne</i> , Le Caire, Librairie Heitz, 1956, pp. 44 - 47.                 |
| 1                   | Disposição em T de um túmulo tebano.   | HARTWIG, M. K., <i>Tomb Painting and Identity in Ancient Thebes, 1419 – 1372 BCE</i> , Monumenta Aegyptiaca X, Belgium, Brepols Publishers, 2004, p. 207.                    |
| 2                   | TT 38 - Túmulo de Djoserkareseneb.   | MEKHITARIAN, A., <i>Egyptian Painting</i> , London, Macmillan  |

- 3 TT 38 - Túmulo de Djoserkareseneb. <http://www.zwoje-scrolls.com/zwoje39/text07p.htm>
- 4 TT 38 - Túmulo de Djoserkareseneb. <http://www.zwoje-scrolls.com/zwoje39/text07p.htm>
- 5 TT 38 - Túmulo de Djoserkareseneb. <http://www.zwoje-scrolls.com/zwoje39/text07p.htm>
- 6 TT 38 - Túmulo de Djoserkareseneb. <http://biblical-studies.ca/blog/wp-content/uploads/2006/11/egyptdrink.jpg>
- 7 Cena de vômito, Túmulo de Djoserkareseneb. ERMAN, A., *Life in Ancient Egypt*, New York, Dover Publications Inc., s.d., p. 256.
- 8 Pormenor de músicas, Túmulo de Djoserkareseneb. MANNICHE, L., *Music and Musicians in Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1991, p. 43.
- 9 TT 38 - Túmulo de Djoserkareseneb. HARTWIG, M. K., *Tomb Painting and Identity in Ancient Thebes, 1419 – 1372 BCE*, Monumenta Aegyptiaca X, Belgium, Brepols Publishers, 2004, p. 210.
- 10 TT 45 - Túmulo de Dehuti. MEKHITARIAN, A., *Egyptian Painting*, London, Macmillan London Ltd, 1978, p. 64.
- 11 TT 52 - Túmulo de Nakht. <http://www.zwoje-scrolls.com/zwoje39/text07p.htm>
- 12 TT 52 - Túmulo de Nakht. <http://www.zwoje-scrolls.com/zwoje39/text07p.htm>
- 13 TT 52 - Túmulo de Nakht. <http://www.wsu.edu/~dee/GRAPHICS/GALLERY/EGYPT/BANQUET.JPG>
- 14 TT 52 - Túmulo de Nakht. <http://www.zwoje-scrolls.com/zwoje39/text07p.htm>
- 15 TT 52 - Túmulo de Nakht. <http://www.zwoje-scrolls.com/zwoje39/text07p.htm>
- 16 TT 52 - Túmulo de Nakht. <http://www.zwoje-scrolls.com/zwoje39/text07p.htm>
- 17 TT 52 - Túmulo de Nakht. <http://www.zwoje-scrolls.com/zwoje39/text07p.htm>
- 18 TT 52 - Túmulo de Nakht. MEKHITARIAN, A., *Egyptian Painting*, London, Macmillan London Ltd, 1978, p. 33.
- 19 TT 90 - Túmulo de Nebamun. <http://www.zwoje-scrolls.com/zwoje39/text07p.htm>
- 20 TT 90 - Túmulo de Nebamun. <http://www.zwoje-scrolls.com/zwoje39/text07p.htm>
- 21 TT 90 - Túmulo de Nebamun. <http://www.zwoje-scrolls.com/zwoje39/text07p.htm>
- 22 TT 90 - Túmulo de Nebamun. <http://www.zwoje-scrolls.com/zwoje39/text07p.htm>
- 23 TT 90 - Túmulo de Nebamun. <http://www.zwoje-scrolls.com/zwoje39/text07p.htm>
- 24 TT 90 - Túmulo de Nebamun. <http://www.zwoje-scrolls.com/zwoje39/text07p.htm>
- 25 TT 90 - Túmulo de Nebamun. <http://library.thinkquest.org/C0116982/HTML.%20page%20fo%20der/pics/food/banquet.jpg>
- 26 TT 90 - Túmulo de Nebamun. <http://www.zwoje-scrolls.com/zwoje39/text07p.htm>
- 27 TT 90 - Túmulo de Nebamun. <http://www.zwoje-scrolls.com/zwoje39/text07p.htm>
- 28 TT 100 - Túmulo de Rekhmire. FREDD, R. E., *Egypt's Golden Age: The Art of Living in the New Kingdom. 1558 – 1085 B.C.*, Massachusetts, Museum of Fine Arts Boston, 1981, p. 18.
- 29 TT 100 - Túmulo de Rekhmire. R. Schulz; M. Seidel (Ed.), *Egipto, O Mundo dos Faraós*, Alemanha, Könnemann, 2001, p. 257.
- 30 TT 100 - Túmulo de Rekhmire. MALEK, J., *Egypt. 4000 Years of Art*, London, Phaidon, 2003, p. 149.
- 31 TT 100 - Túmulo de Rekhmire. MALEK, J., *Egypt. 4000 Years of Art*, London, Phaidon, 2003, p. 149.
- 32 Pormenor de uma das fases dos cerimoniais funerários. <http://www.zwoje-scrolls.com/zwoje39/text07p.htm>
- 33 Recriação da planta da cidade de Amarna. TAYLOR, J., “The Threshold of Eternity: Tombs, Cemeteries and Mortuary Cults” in *Death & the Afterlife in Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 2001, pp. 137.
- 34 Fundações do Palácio de Ramsés III em Medinet Habu. SMITH, W. S., “The New Kingdom” in *The Art and Architecture of Ancient Egypt*, New Haven and London, Yale University Press, 1998, p. 185.
- 35 Representação de um jardim, Túmulo de Nebamun. R. Schulz; M. Seidel (Ed.), *Egipto, O Mundo dos Faraós*, Alemanha, Könnemann, 2001, p. 395.
- 36 Imagem idealizada de um jardim particular. AAVV, *Vida e Sociedade nas Margens do Nilo. Egipto: 3050 – 30 A. C.*, Lisboa, Editorial Verbo, 2001, p. 78.
- 37 Representação da planta de casa do escriba real Tutnefer. <http://web-owls.com/wp-content/uploads/2006/05/homeyard.jpg>
- 38 Representação da fachada de uma casa. AAVV, *Vida e Sociedade nas Margens do Nilo. Egipto: 3050 – 30 A. C.*, Lisboa, Editorial Verbo, 2001, p. 76.
- 39 Modelo de uma *villa* amarniana. AAVV, *Vida e Sociedade nas Margens do Nilo. Egipto: 3050 – 30 A. C.*, Lisboa, Editorial Verbo, 2001, p. 76.
- SMITH, W. S., “The New Kingdom” in *The Art and Architecture of Ancient Egypt*, New Haven and London, Yale University Press, 1998, p. 182.

- 40 Árvore de sicômoro. <http://cleopatra.com/wp-content/uploads/2008/05/sicomoro.jpg>
- 41 Árvore de sicômoro. [http://www.juliosavi.it/immagini/Sicomoro\\_sito\\_04.jpg](http://www.juliosavi.it/immagini/Sicomoro_sito_04.jpg)
- 42 Imagem de algumas peças de mobiliário existentes no interior do túmulo de Tutankhamon. KILLEN, G., *Ancient Egyptian Furniture, Vol II: Boxes, Chests and Footstools*, Warminster, Aris & Phillips Ltd, 1994, s.p..
- 43 Imagem de algumas peças de mobiliário existentes no interior do túmulo de Tutankhamon. MALEK, J., *Egypt. 4000 Years of Art*, London, Phaidon, 2003, p. 198.
- 44 Cadeira de braços com pés de leão, ricamente decorada e geralmente denominada de “trono dourado”, devido à folha de ouro que o reveste. Pertencente ao Faraó Tutankhamon. MALEK, J., *Egypt. 4000 Years of Art*, London, Phaidon, 2003, p. 207.
- 45 Cadeira dobrável com pernas em X em forma de pato, pertencente ao Faraó Tutankhamon. MALEK, J., *Egypt. 4000 Years of Art*, London, Phaidon, 2003, p. 206.
- 46 Tipologia de faianças utilizadas no quotidiano doméstico, de acordo com distinção efectuada por Peter Lacovara. LACOVARA, P., “Vessels” in D. B. Redford (Dir.), *OEAE*, Vol. 3, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, p. 479.
- 47 Imagem de materiais utilitários em vidro. SCHLICK-NOLTE, B., “Glass” in D. B. Redford (Dir.), *OEAE*, Vol. 2, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, p. 32.
- 48 Tigela com corpo cilíndrico, pouca profundidade e rebordo saliente, Império Novo. HODJASH, S., “New Kingdom and Third Intermediate Period. Dynasties XVIII – XXV” in *Ancient Egyptian Vessels in the State Pushkin Museum of Fine Art – Moscow*, Baltimore, Halgo, Inc., 2005, s.p..
- 49 Tigela com corpo truncado cónico, Império Novo. HODJASH, S., “New Kingdom and Third Intermediate Period. Dynasties XVIII – XXV” in *Ancient Egyptian Vessels in the State Pushkin Museum of Fine Art – Moscow*, Baltimore, Halgo, Inc., 2005, s.p..
- 50 Tigela com corpo cónico, ligeiramente convexo e fundo direito, Império Novo. HODJASH, S., “New Kingdom and Third Intermediate Period. Dynasties XVIII – XXV” in *Ancient Egyptian Vessels in the State Pushkin Museum of Fine Art – Moscow*, Baltimore, Halgo, Inc., 2005, s.p..
- 51 Tigela com corpo cónico, fundo arredondado e com extremidade saliente que serviria de pega, Império Novo. HODJASH, S., “New Kingdom and Third Intermediate Period. Dynasties XVIII – XXV” in *Ancient Egyptian Vessels in the State Pushkin Museum of Fine Art – Moscow*, Baltimore, Halgo, Inc., 2005, s.p..
- 52 Pires com anel no bordo - XVIII Dinastia. HODJASH, S., “New Kingdom and Third Intermediate Period. Dynasties XVIII – XXV” in *Ancient Egyptian Vessels in the State Pushkin Museum of Fine Art – Moscow*, Baltimore, Halgo, Inc., 2005, s.p..
- 53 Prato com fundo redondo e decoração à superfície, Império Novo. HODJASH, S., “New Kingdom and Third Intermediate Period. Dynasties XVIII – XXV” in *Ancient Egyptian Vessels in the State Pushkin Museum of Fine Art – Moscow*, Baltimore, Halgo, Inc., 2005, s.p..
- 54 Prato com fundo redondo e decoração à superfície, Império Novo. HODJASH, S., “New Kingdom and Third Intermediate Period. Dynasties XVIII – XXV” in *Ancient Egyptian Vessels in the State Pushkin Museum of Fine Art – Moscow*, Baltimore, Halgo, Inc., 2005, s.p..
- 55 Prato com fundo redondo e decoração à superfície, Império Novo. HODJASH, S., “New Kingdom and Third Intermediate Period. Dynasties XVIII – XXV” in *Ancient Egyptian Vessels in the State Pushkin Museum of Fine Art – Moscow*, Baltimore, Halgo, Inc., 2005, s.p..
- 56 Jarro com formato cónico e fundo arredondado, Império Novo. HODJASH, S., “New Kingdom and Third Intermediate Period. Dynasties XVIII – XXV” in *Ancient Egyptian Vessels in the State Pushkin Museum of Fine Art – Moscow*, Baltimore, Halgo, Inc., 2005, s.p..
- 57 Jarro de corpo cilíndrico com duas asas (embora neste exemplar não já não estejam visíveis), período amarniano – XVIII Dinastia. HODJASH, S., “New Kingdom and Third Intermediate Period. Dynasties XVIII – XXV” in *Ancient Egyptian Vessels in the State Pushkin Museum of Fine Art – Moscow*, Baltimore, Halgo, Inc., 2005, s.p..

- 58 Jarro de corpo cilíndrico com duas asas, período amarniano – XVIII Dinastia. HODJASH, S., “New Kingdom and Third Intermediate Period. Dynasties XVIII – XXV” in *Ancient Egyptian Vessels in the State Pushkin Museum of Fine Art – Moscow*, Baltimore, Halgo, Inc., 2005, s.p..
- 59 Jarro com corpo profundo cilíndrico truncado e fundo arredondado, Império Novo. HODJASH, S., “New Kingdom and Third Intermediate Period. Dynasties XVIII – XXV” in *Ancient Egyptian Vessels in the State Pushkin Museum of Fine Art – Moscow*, Baltimore, Halgo, Inc., 2005, s.p..
- 60 Jarro decorado, datado de cerca de 1420 a. C.. MALEK, J., *Egypt. 4000 Years of Art*, London, Phaidon, 2003, p. 150.
- 61 Jarro com decoração associada ao Deus Bes, datado de cerca de 1375 a. C.. MALEK, J., *Egypt. 4000 Years of Art*, London, Phaidon, 2003, p. 165.
- 62 Jarro com corpo ovóide e “pescoço” alto cilíndrico, Império Novo. HODJASH, S., “New Kingdom and Third Intermediate Period. Dynasties XVIII – XXV” in *Ancient Egyptian Vessels in the State Pushkin Museum of Fine Art – Moscow*, Baltimore, Halgo, Inc., 2005, s.p..
- 63 Jarro com corpo globular de formato cónico, Império Novo. HODJASH, S., “New Kingdom and Third Intermediate Period. Dynasties XVIII – XXV” in *Ancient Egyptian Vessels in the State Pushkin Museum of Fine Art – Moscow*, Baltimore, Halgo, Inc., 2005, s.p..
- 64 Jarro com corpo globular de formato cónico, Império Novo. HODJASH, S., “New Kingdom and Third Intermediate Period. Dynasties XVIII – XXV” in *Ancient Egyptian Vessels in the State Pushkin Museum of Fine Art – Moscow*, Baltimore, Halgo, Inc., 2005, s.p..
- 65 Jarro decorado com tampa, túmulo de Kha. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 88.
- 66 Jarro decorada. MALEK, J., *Egypt. 4000 Years of Art*, London, Phaidon, 2003, p. 229.
- 67 Cesto com tampa - XVIII Dinastia. RYAN, D. P., “Basketry, Matting and Cordage” in D. B. Redford (Dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Vol. 1, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, p. 165.
- 68 Suporte para acondicionar líquidos, elaborado com o mesmo tipo de material utilizado na cestaria. WILSON, H., *Egyptian Food and Drink*, Buckinghamshire, Shire Publications Ltd, 2001, p. 29.
- 69 Lótus branco. <http://i85.photobucket.com/albums/k61/princecristal/Flower/LotusBranco01.jpg>
- 70 Lótus branco. <http://i85.photobucket.com/albums/k61/princecristal/Flower/LotusBranco01.jpg>
- 71 Lótus azul. [http://www.naturezadivina.com.br/loja/images/nymphaea\\_nouchali\\_caerulea1.gif](http://www.naturezadivina.com.br/loja/images/nymphaea_nouchali_caerulea1.gif)
- 72 Lótus azul. <http://www.jardimenteogeno.com/loja/images/Lily02.jpg>
- 73 Lótus vermelho. <http://www.naturezadivina.com.br/>
- 74 Lótus rosa. <http://www.naturezadivina.com.br/>
- 75 Lótus amarelo. <http://www.naturezadivina.com.br/>
- 76 Estátua de serva nua, Império Novo. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 104.
- 77 Uma das muitas cenas eróticas presentes no *Papiro de Turim*, encontrado nas proximidades de Deir el-Medinah – época Ramesséssida. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 89.
- 78 Cena erótica presente no *Papiro de Turim*, encontrado nas proximidades de Deir el-Medinah – época Ramesséssida. EL – QHAMID; TOLEDANO, J., *Egyptian Erotica. The Essence of Ancient Egyptian Erotica in Art and Literature*, Israel, Astrolog Publishing House, 2004, p. 42.
- 79 Cena erótica presente no *Papiro de Turim*, encontrado nas proximidades de Deir el-Medinah – época Ramesséssida. EL – QHAMID; TOLEDANO, J., *Egyptian Erotica. The Essence of Ancient Egyptian Erotica in Art and Literature*, Israel, Astrolog Publishing House, 2004, p. 43.
- 80 Cena erótica presente no *Papiro de Turim*, encontrado nas proximidades de Deir el-Medinah – época Ramesséssida. EL – QHAMID; TOLEDANO, J., *Egyptian Erotica. The Essence of Ancient Egyptian Erotica in Art and Literature*, Israel, Astrolog Publishing House, 2004, p. 42.
- 81 O Rio Nilo e as suas margens férteis contrastando com o árido deserto. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 14.
- 82 O Rio Nilo e as suas margens férteis contrastando com o árido deserto. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 10.

- 83 Sistema de irrigação dos campos após as cheias do Nilo. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 16.
- 84 Imagem do século XIX em que é visível a inundação dos campos aquando das cheias do Rio Nilo. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 16.
- 85 Cheias do Nilo. AAVV, *Vida e Sociedade nas Margens do Nilo. Egipto: 3050 – 30 A. C.*, Lisboa, Editorial Verbo, 2001, p. 17.
- 86 Pormenor de uma cena de cultivo e da diversidade de flora existente no Antigo Egipto. Imagem proveniente do túmulo de Sennedjem em Deir el- Medinah – XIX Dinastia. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 171.
- 87 Pormenor da diversidade de alimentos utilizados não só aquando da realização de banquetes, mas também nas oferendas funerárias, túmulo de Nebamun – XVIII Dinastia. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 128.
- 88 Pormenor da diversidade de alimentos utilizados não só aquando da realização de banquetes, mas também nas oferendas funerárias, túmulo de Menna. MEKHITARIAN, A., *Egyptian Painting*, London, Macmillan London Ltd, 1978, p. 88.
- 89 Alimentos preservados encontrados em contexto tumular, XVIII Dinastia. QUIRKE, S.; SPENCER, J. (Ed.), *The British Museum Book of Ancient Egypt*, London, The British Museum Press, 1992, p. 112.
- 90 Edital de oferendas, TT de Nakht. [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/3/3a/Tomb\\_of\\_Nakht\\_\(5\).jpg/180px-Tomb\\_of\\_Nakht\\_\(5\).jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/3/3a/Tomb_of_Nakht_(5).jpg/180px-Tomb_of_Nakht_(5).jpg)
- 91 Medição dos campos de cereais por parte de funcionários-escribas, TT de Menna - XVIII Dinastia. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 57.
- 92 Pormenor de cena de colheita, TT de Nakht. MEKHITARIAN, A., *Egyptian Painting*, London, Macmillan London Ltd, 1978, p. 73.
- 93 Pormenor de uma cena de colheita de centeiro wheat, TT de Menna. MEKHITARIAN, A., *Egyptian Painting*, London, Macmillan London Ltd, 1978, p. 76.
- 94 Pães descobertos no túmulo de Kha – XVIII Dinastia. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 136.
- 95 Exemplar original de um pão egípcio de forma triangular. <http://www.touregypt.net/featurestories/bread.htm>
- 96 Pão de figo com forma cónica. WILSON, H., *Egyptian Food and Drink*, Buckinghamshire, Shire Publications Ltd, 2001, p. 51.
- 97 *Lactuca sativa asparagina* ou *Lettuce Sativa*. [http://www.vegetables.pe.kr/vegetablesgallery/leaf\\_vegetables/images/lettuce\\_stem.jpg](http://www.vegetables.pe.kr/vegetablesgallery/leaf_vegetables/images/lettuce_stem.jpg)
- 98 *Lactuca sativa asparagina* ou *Lettuce Sativa*. <http://orchardfarming.com/crops/img/lettuce.jpg>
- 99 Representação de um ramo de oliveira, período amarniano – XVIII Dinastia. MANNICHE, L., *Sacred Luxuries. Fragrance, Aromatherapy & Cosmetics in Ancient Egypt*, Ithaca - New York, Cornell University Press, 1999, p. 31
- 100 Fruto de mandrágora. [http://bp0.blogger.com/\\_ECX9vFzYIPg/RncX-C0ryII/AAAAAAAAAIk/-p1XcyK5DCs/s320/mandragora.jpg](http://bp0.blogger.com/_ECX9vFzYIPg/RncX-C0ryII/AAAAAAAAAIk/-p1XcyK5DCs/s320/mandragora.jpg)
- 101 Fruto de mandrágora. [http://www.henriettesherbal.com/system/files/images/photos/m/ma/d05\\_7281\\_mandragora-officinalis.preview.jpg](http://www.henriettesherbal.com/system/files/images/photos/m/ma/d05_7281_mandragora-officinalis.preview.jpg)
- 102 Detalhe de uma árvore do sicômoro e de seus frutos, TT de Userhet. MEKHITARIAN, A., *Egyptian Painting*, London, Macmillan London Ltd, 1978, p. 137.
- 103 Ramo de tâmaras acabadas de colher. <http://www.ancient-egypt-online.com/ancient-egyptian-food.html&h>
- 104 Tâmaras. <http://www.the-perfectshape.com/wp-content/uploads/2007/05/fruit-dried-dates-deglett.thumbnail.jpg>
- 105 Romã. <http://z.about.com/d/mideastfood/1/0/j/0/-/-/pomegranatedriapetersonblog.jpg>
- 106 Pormenor de uma parreira, TT de Sennefer – XVIII Dinastia. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 128.
- 107 Pormenor de colheita de uvas, TT de Nebamun. MEKHITARIAN, A., *Egyptian Painting*, London, Macmillan London Ltd, 1978, p. 106.
- 108 Prensa de uvas para a produção de vinho, TT de Userhet. MEKHITARIAN, A., *Egyptian Painting*, London, Macmillan London Ltd, 1978, p. 61.

- 109 Pormenor de uma cena de cultivo da vinha e fabrico do vinho. Pintura proveniente de um túmulo desconhecido (TT de Kaemuaset - XVIII Dinastia). MEKHITARIAN, A., *Egyptian Painting*, London, Macmillan London Ltd, 1978, p. 19.
- 110 Pormenor de uma cena onde não só é visível a colheita da uva e a pisa da mesma para fabrico do vinho, mas também a matança e preparação de patos, TT de Nakht – XVIII Dinastia. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 97.
- 111 Papiro. [http://orbita.starmedia.com/~vismar\\_leonardo\\_vitor/papiro.jpg](http://orbita.starmedia.com/~vismar_leonardo_vitor/papiro.jpg)
- 112 Representação da flor de papiro em contexto tumular.
- 113 Pormenor de cena de açougue, TT de Djoserkareseneb. MEKHITARIAN, A., *Egyptian Painting*, London, Macmillan London Ltd, 1978, p. 66.
- 114 Gado a transpor um canal, Mastaba de Ti, Saqqara – Império Antigo. MEKHITARIAN, A., *Egyptian Painting*, London, Macmillan London Ltd, 1978, p. 11.
- 115 Homem a carregar um antilope, TT de Menna. MEKHITARIAN, A., *Egyptian Painting*, London, Macmillan London Ltd, 1978, p. 87.
- 116 Imagem de gado, TT de Thanuny. MEKHITARIAN, A., *Egyptian Painting*, London, Macmillan London Ltd, 1978, p. 96.
- 117 Pormenor de uma cena de trabalho nos campos e de caça de aves, Mastaba de Itef, Meidum. MEKHITARIAN, A., *Egyptian Painting*, London, Macmillan London Ltd, 1978, p. 23.
- 118 Pormenor da diversidade aviária no Egipto do Império Novo, TT de Nakht. MEKHITARIAN, A., *Egyptian Painting*, London, Macmillan London Ltd, 1978, p. 71.
- 119 Pormenor de patos – Túmulo de Ramsés III. MALEK, J., *Egypt. 4000 Years of Art*, London, Phaidon, 2003, p. 254.
- 120 Patos no Egipto do Império Novo, TT de Menna. MEKHITARIAN, A., *Egyptian Painting*, London, Macmillan London Ltd, 1978, p. 82.
- 121 Pormenor de uma cena de pesca, TT de Menna. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 137.
- 122 Imagem de dois jovens transportando lanças para pesca e peixes acabados de apanhar, TT de Kenamun. MEKHITARIAN, A., *Egyptian Painting*, London, Macmillan London Ltd, 1978, p. 54.
- 123 Modelo de pesca. ANDERSON, R. D., *Catalogue of Egyptian Antiquities in the British Museum. Vol. III: Musical Instruments*, London, British Museum Publications Limited, 1976, s. p..
- 124 Fabrico artesanal do pão pita. COIMBRA, S. H., (Dir.), *National Geographic. Vol. III – Tesouros do Egipto*, Lisboa, National Geographic Society, 2003, p. 28.
- 125 Estatuária que representa um padeiro a cozer o pão – Império Antigo. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 88.
- 126 Peneira para crivar o grão moído. WILSON, H., *Egyptian Food and Drink*, Buckinghamshire, Shire Publications Ltd, 2001, p. 12.
- 127 Dentição desgastada devido às impurezas da farinha com a qual se fazia o pão. AAVV, *Vida e Sociedade nas Margens do Nilo. Egipto: 3050 – 30 A. C.*, Lisboa, Editorial Verbo, 2001, p. 39.
- 128 Moldes de cerâmica para fazer o pão. AAVV, *Vida e Sociedade nas Margens do Nilo. Egipto: 3050 – 30 A. C.*, Lisboa, Editorial Verbo, 2001, p. 36.
- 129 A produção do pão. AAVV, *Vida e Sociedade nas Margens do Nilo. Egipto: 3050 – 30 A. C.*, Lisboa, Editorial Verbo, 2001, p. 37.
- 130 Modelo de mulher a fazer cerveja. <http://www.thekeep.org/~kunoichi/kunoichi/egypt/brewrey.jpg>
- 131 Modelo em calcário de um homem a fabricar cerveja – Império Antigo. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 82.
- 132 Estrutura arqueológica de uma cozinha em Amarna. WILSON, H., *Egyptian Food and Drink*, Buckinghamshire, Shire Publications Ltd, 2001, p. 57.
- 133 Modelo de cozinha. WILSON, H., *Egyptian Food and Drink*, Buckinghamshire, Shire Publications Ltd, 2001, p. 54.
- 134 Diferentes tipos de fornos. WILSON, H., *Egyptian Food and Drink*, Buckinghamshire, Shire Publications Ltd, 2001, p. 54.
- 135 Modelo de argila de silos para cereais – XI Dinastia. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 61.
- 136 Alaúde egípcio. HICKMANN, H., *Musicologie Pharaonique. Études sur l'Évolution de*

- 137 Recriações de diferentes tipos de alaúdes e harpas egípcias. *l'Art Musical dans l'Égypte Ancienne*, Le Caire, Librairie Heitz, 1956, p. 42.
- 138 Recriações de diferentes tipos de harpas egípcias. HICKMANN, H., *Musicologie Pharaonique. Études sur l'Évolution de l'Art Musical dans l'Égypte Ancienne*, Le Caire, Librairie Heitz, 1956, p. 42.
- 139 Alaúde datado do Império Novo. ANDERSON, R. D., *Catalogue of Egyptian Antiquities in the British Museum. Vol. III: Musical Instruments*, London, British Museum Publications Limited, 1976, p. 74.
- 140 Desenho de alaúde. ANDERSON, R. D., *Catalogue of Egyptian Antiquities in the British Museum. Vol. III: Musical Instruments*, London, British Museum Publications Limited, 1976, p. 76.
- 141 Desenho de alaúde. ANDERSON, R. D., *Catalogue of Egyptian Antiquities in the British Museum. Vol. III: Musical Instruments*, London, British Museum Publications Limited, 1976, p. 78.
- 142 Harpa datada do Império Novo. ANDERSON, R. D., *Catalogue of Egyptian Antiquities in the British Museum. Vol. III: Musical Instruments*, London, British Museum Publications Limited, 1976, p. 82.
- 143 Exemplar de uma harpa de ombros. FREDD, R. E., *Egypt's Golden Age: The Art of Living in the New Kingdom. 1558 – 1085 B.C.*, Massachusetts, Museum of Fine Arts Boston, 1981, p. 51.
- 144 Utilização da harpa de ombros. FREDD, R. E., *Egypt's Golden Age: The Art of Living in the New Kingdom. 1558 – 1085 B.C.*, Massachusetts, Museum of Fine Arts Boston, 1981, p. 51.
- 145 Música a tocar harpa TT de Rekhmire. MANNICHE, L., *Music and Musicians in Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1991, p. 44.
- 146 Possibilidades de colocação das cordas numa harpa. MANNICHE, L., *Music and Musicians in Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1991, p. 68.
- 147 Trompetes de Tutankhamon. MANNICHE, L., *Music and Musicians in Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1991, s. p..
- 148 Recriações de flautas do período Ptolemaico. ANDERSON, R. D., *Catalogue of Egyptian Antiquities in the British Museum. Vol. III: Musical Instruments*, London, British Museum Publications Limited, 1976, p. 65.
- 149 Flautas provenientes do período Ptolemaico. ANDERSON, R. D., *Catalogue of Egyptian Antiquities in the British Museum. Vol. III: Musical Instruments*, London, British Museum Publications Limited, 1976, p. 65.
- 150 Imagem de sistro. ANDERSON, R. D., *Catalogue of Egyptian Antiquities in the British Museum. Vol. III: Musical Instruments*, London, British Museum Publications Limited, 1976, s. p..
- 151 Sistro hathórico, período Greco-Romano. SALEH, M.; SOUROUZIAN, H., *Official catalogue The Egyptian Museum Cairo*, Egypt, Organisation of Egyptian Antiquities, 1987, S. P..
- 152 Címbalos. ANDERSON, R. D., *Catalogue of Egyptian Antiquities in the British Museum. Vol. III: Musical Instruments*, London, British Museum Publications Limited, 1976, s. p..
- 153 Matracas produzida com carapaça de tartaruga, Império Novo. ANDERSON, R. D., *Catalogue of Egyptian Antiquities in the British Museum. Vol. III: Musical Instruments*, London, British Museum Publications Limited, 1976, p. 70.
- 154 Matracas. ANDERSON, R. D., *Catalogue of Egyptian Antiquities in the British Museum. Vol. III: Musical Instruments*, London, British Museum Publications Limited, 1976, s. p..
- 155 Tambor. Este era um instrumento de percussão muito utilizado na música militar. MANNICHE, L., *Music and Musicians in Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1991, p. 79.
- 156 Utilização de castanholas ou crótalos. Imagem original proveniente de Tell el-Amarna, tendo sido reutilizada em Karnak. MANNICHE, L., *Music and Musicians in Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1991, p. 79.
- 157 Címbalos. ANDERSON, R. D., *Catalogue of Egyptian Antiquities in the British Museum. Vol. III: Musical Instruments*, London, British Museum Publications Limited, 1976, p. 27.
- 158 Castanholas ou crótalos datados, SALEH, M.; SOUROUZIAN, H., *Official catalogue The Egyptian*

- provavelmente, do Império Médio ou Novo.
- 159 Castanholas ou crótalos do Túmulo de Tutankhamon.
- 160 Faiança com uma decoração particularmente original: uma mulher a tocar alaúde com uma tatuagem de Bes na coxa, numa clara associação da música a este deus - XVIII Dinastia.
- 161 Estátua do deus Bes.
- 162 Estatueta do deus Bes.
- 163 Detalhe da imagem do deus Bes gravado no templo de Hathor.
- 164 Pormenor erótico de uma representação do interior de uma habitação, Deir el-Medinah.
- 165 Representação erótica associada à música, Deir el-Bahari.
- 166 Óstraco de Deir el-Medinah.
- 167 Erotismo associado à música e aos instrumentos musicais, desenho proveniente do Papiro de Turim.
- 168 Erotismo associado à música e aos instrumentos musicais, TT de Dsejerkaseseneb.
- 169 Óstraco da bailarina representando uma acrobática bailarina, proveniente de Deir el-Medinah – XIX Dinastia.
- 170 Fios de linho.
- 171 Exemplos de lençóis de linho, dos Túmulos de Ramose e Hatnofer.
- 172 Túnica de linho do Império Novo, XVIII Dinastia.
- 173 Exemplo de túnicas.
- 174 Desenho de túnica e suas funcionalidades.
- 175 Recriação de um vestido de linho de uma mulher da alta sociedade.
- 176 Pormenor de uma cena de “barbearia”, TT de Ouserhat – XVIII Dinastia.
- 177 Exemplos de acessórios para corte ou extração de pêlos, utilizados por várias civilizações do mundo antigo, incluindo a egípcia.
- 178 Exemplos de acessórios para cabelo, utilizados por várias civilizações do mundo antigo, incluindo a egípcia.
- 179 Peruca de mulher do Império Novo (XVIII – XIX Dinastias).
- 180 Pormenor de como seriam arranjados / acrescentados os caracóis das perucas.
- 181 Diversidade de amuletos.
- 182 Exemplo de argolas datadas do Império Novo.
- 183 Brincos de Seti I, Império Novo.
- Museum Cairo, Egypt, Organisation of Egyptian Antiquities, 1987, S. P..
- MANNICHE, L., *Music and Musicians in Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1991, s. p..
- MANNICHE, L., *Sacred Luxuries. Fragrance, Aromatherapy & Cosmetics in Ancient Egypt*, Ithaca - New York, Cornell University Press, 1999, p. 141.
- COIMBRA, S. H., (Dir.), *National Geographic. Vol. III – Tesouros do Egípto*, Lisboa, National Geographic Society, 2003, p. 94.
- MANNICHE, L., *Music and Musicians in Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1991, s. p..  
<http://www.zwoje-scrolls.com/zwoje39/text07p.htm>
- MANNICHE, L., *Sexual Life in Ancient Egypt*, London and New York, Kegan Paul International, 1997, p. 16.
- MANNICHE, L., *Sexual Life in Ancient Egypt*, London and New York, Kegan Paul International, 1997, p. 30.
- MANNICHE, L., *Sexual Life in Ancient Egypt*, London and New York, Kegan Paul International, 1997, p. 17.
- MANNICHE, L., *Music and Musicians in Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1991, p. 108.
- MANNICHE, L., *Music and Musicians in Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1991, p. 110.
- HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egípto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 141.
- <http://www.digitalegypt.ucl.ac.uk/deshasheh/archive/uc31182smaller.gif>
- CAPEL, A. K.; MARKOE, G. E. (Ed.), *Mistress of the House, Mistress of Heaven. Women in Ancient Egypt*, New York, Hudson Hills Press, 1996, p. 21.
- SCHULZ, R.; SEIDEL, M., *Egípto, O Mundo dos Faraós*, Alemanha, Könemann, 2001, pp. 407.
- HALL, R., *Egyptian Textiles*, Buckinghamshire, Shire Publications Ltd, 2001, p. 173
- <http://www.costumia.co.uk/Egyptian%20dress.jpg>
- HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egípto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 62.
- DAYAGI-MENDELS, M., *Perfumes and Cosmetics in the Ancient World*, Jerusalem, Graph Press Ltd., 1989, p. 75.
- DAYAGI-MENDELS, M., *Perfumes and Cosmetics in the Ancient World*, Jerusalem, Graph Press Ltd., 1989, p. 74.
- SCHULZ, R.; SEIDEL, M., *Egípto, O Mundo dos Faraós*, Alemanha, Könemann, 2001, pp. 407.
- DAYAGI-MENDELS, M., *Perfumes and Cosmetics in the Ancient World*, Jerusalem, Graph Press Ltd., 1989, p. 66.
- QUIRKE, S.; SPENCER, J. (Ed.), *The British Museum Book of Ancient Egypt*, London, The British Museum Press, 1992, p. 95.
- CAPEL, A. K.; MARKOE, G. E. (Ed.), *Mistress of the House, Mistress of Heaven. Women in Ancient Egypt*, New York, Hudson Hills Press, 1996, p. 89.
- SALEH, M.; SOUROUZIAN, H., *Official catalogue The Egyptian Museum Cairo*, Egypt, Organisation of Egyptian Antiquities,

- 184 Brincos de Tutankhamon. 1987, S. P..
- 185 Joalheria datada do Império Médio. COIMBRA, S. H., (Dir.), *National Geographic. Vol. III – Tesouros do Egipto*, Lisboa, National Geographic Society, 2003, p. 89.
- 186 Colares com peitorais, Império Médio. SALEH, M.; SOUROUZIAN, H., *Official catalogue The Egyptian Museum Cairo*, Egypt, Organisation of Egyptian Antiquities, 1987, S. P..
- 187 Variedade de joalheria com amuletos datada do Império Médio. SALEH, M.; SOUROUZIAN, H., *Official catalogue The Egyptian Museum Cairo*, Egypt, Organisation of Egyptian Antiquities, 1987, S. P..
- 188 Colar com motivos florais, período amarniano. QUIRKE, S.; SPENCER, J. (Ed.), *The British Museum Book of Ancient Egypt*, London, The British Museum Press, 1992, p. 180.
- 189 Colar elaborado com contas trabalhadas de ouro, Império Novo. CAPEL, A. K.; MARKOE, G. E. (Ed.), *Mistress of the House, Mistress of Heaven. Women in Ancient Egypt*, New York, Hudson Hills Press, 1996, p. 86.
- 190 Colares com contas decorativas diversificadas, podendo ter, algumas delas, uma função talismânica, Império Novo. QUIRKE, S.; SPENCER, J. (Ed.), *The British Museum Book of Ancient Egypt*, London, The British Museum Press, 1992, p. 174.
- 191 Fio de ouro com pendente talismânico em ouro e lápis-lazúli, Império Novo. SALEH, M.; SOUROUZIAN, H., *Official catalogue The Egyptian Museum Cairo*, Egypt, Organisation of Egyptian Antiquities, 1987, S. P..
- 192 Colar de ouro datado do Terceiro Período Intermédio. SALEH, M.; SOUROUZIAN, H., *Official catalogue The Egyptian Museum Cairo*, Egypt, Organisation of Egyptian Antiquities, 1987, S. P..
- 193 Corselete de Tutankhamon. SALEH, M.; SOUROUZIAN, H., *Official catalogue The Egyptian Museum Cairo*, Egypt, Organisation of Egyptian Antiquities, 1987, S. P..
- 194 Corselete de Tutankhamon. SALEH, M.; SOUROUZIAN, H., *Official catalogue The Egyptian Museum Cairo*, Egypt, Organisation of Egyptian Antiquities, 1987, S. P..
- 195 Colar *Wesekh*, Império Médio. SALEH, M.; SOUROUZIAN, H., *Official catalogue The Egyptian Museum Cairo*, Egypt, Organisation of Egyptian Antiquities, 1987, S. P..
- 196 Colar *Menat*, Império Novo. CAPEL, A. K.; MARKOE, G. E. (Ed.), *Mistress of the House, Mistress of Heaven. Women in Ancient Egypt*, New York, Hudson Hills Press, 1996, p. 100.
- 197 Peitoral de Tutankhamon. MALEK, J., *Egypt. 4000 Years of Art*, London, Phaidon, 2003, p. 213.
- 198 Fio de ouro com pendente, pertencente a Tutankhamon. COIMBRA, S. H., (Dir.), *National Geographic. Vol. III – Tesouros do Egipto*, Lisboa, National Geographic Society, 2003, p. 62.
- 199 Peitoral de Tutankhamon. SALEH, M.; SOUROUZIAN, H., *Official catalogue The Egyptian Museum Cairo*, Egypt, Organisation of Egyptian Antiquities, 1987, S. P..
- 200 Pulseiras de tornozelo com simbolismo profilático, Império Médio. SALEH, M.; SOUROUZIAN, H., *Official catalogue The Egyptian Museum Cairo*, Egypt, Organisation of Egyptian Antiquities, 1987, S. P..
- 201 Pulseiras em ouro e pedras semipreciosas. SALEH, M.; SOUROUZIAN, H., *Official catalogue The Egyptian Museum Cairo*, Egypt, Organisation of Egyptian Antiquities, 1987, S. P..
- 202 Pulseiras elaboradas com contas, Império Médio. SALEH, M.; SOUROUZIAN, H., *Official catalogue The Egyptian Museum Cairo*, Egypt, Organisation of Egyptian Antiquities, 1987, S. P..
- 203 Pulseiras de contas em ouro e pedras semipreciosas, Império Novo. SALEH, M.; SOUROUZIAN, H., *Official catalogue The Egyptian Museum Cairo*, Egypt, Organisation of Egyptian Antiquities, 1987, S. P..
- 204 Pulseiras de ouro e lápis-lazúli da rainha Ahhotep, Império Novo. SALEH, M.; SOUROUZIAN, H., *Official catalogue The Egyptian Museum Cairo*, Egypt, Organisation of Egyptian Antiquities, 1987, S. P..
- 205 Pulseiras de Ramsés II. SALEH, M.; SOUROUZIAN, H., *Official catalogue The Egyptian Museum Cairo*, Egypt, Organisation of Egyptian Antiquities, 1987, S. P..

- 206 Exemplo de anéis, Império Novo. QUIRKE, S.; SPENCER, J. (Ed.), *The British Museum Book of Ancient Egypt*, London, The British Museum Press, 1992, p. 174.
- 207 Toucado, ou cobertura para peruca, elaborada com rosetas de ouro, pedras semipreciosas, vidro e faiança, túmulo das três esposas do Faraó Tutmósis, cerca de 1460 a. C.. MALEK, J., *Egypt. 4000 Years of Art*, London, Phaidon, 2003, p. 140.
- 208 Imagem de Nefertari onde se evidencia a utilização de rouge nas maçãs do seu rosto - XIX Dinastia. MANNICHE, L., *Sacred Luxuries. Fragrance, Aromatherapy & Cosmetics in Ancient Egypt*, Ithaca - New York, Cornell University Press, 1999, p. 138.
- 209 Óstraco que mostra, em pormenor, um rosto masculino devidamente maquilhado: olhos, maçãs do rosto e boca – XX Dinastia. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 133.
- 210 Pormenor do *Papiro de Turim* onde é visível uma mulher a maquilhar-se em frente a um espelho. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 106.
- 211 Colher de cosméticos / unguentos com a forma de mulher que segura nas mãos um recipiente em forma de gazela - XVIII Dinastia. MANNICHE, L., *Sacred Luxuries. Fragrance, Aromatherapy & Cosmetics in Ancient Egypt*, Ithaca - New York, Cornell University Press, 1999, p. 64.
- 212 Colher de cosméticos / unguentos com a forma de mulher que segura nas mãos um recipiente em forma de pato - XIX Dinastia. MANNICHE, L., *Sacred Luxuries. Fragrance, Aromatherapy & Cosmetics in Ancient Egypt*, Ithaca - New York, Cornell University Press, 1999, p. 66.
- 213 Colher de cosméticos / unguentos com a forma de mulher que segura nas mãos um recipiente em forma de pato – XVIII / XIX Dinastia. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 130.
- 214 Colher de cosméticos / unguentos em forma de mulher - final da XVIII Dinastia ou XIX Dinastia. MANNICHE, L., *Sacred Luxuries. Fragrance, Aromatherapy & Cosmetics in Ancient Egypt*, Ithaca - New York, Cornell University Press, 1999, p. 48.
- 215 Colher de cosméticos / unguentos com imagem de dançarina - XVIII Dinastia. MANNICHE, L., *Sacred Luxuries. Fragrance, Aromatherapy & Cosmetics in Ancient Egypt*, Ithaca - New York, Cornell University Press, 1999, p. 49.
- 216 Colher de cosméticos / unguentos em forma de árvore de palma - XVIII Dinastia. MANNICHE, L., *Sacred Luxuries. Fragrance, Aromatherapy & Cosmetics in Ancient Egypt*, Ithaca - New York, Cornell University Press, 1999, p. 88.
- 217 Colher de cosméticos / unguentos em forma de mulher que se encontra a colher flores de lótus, datada de cerca de 1380 a. C.. MALEK, J., *Egypt. 4000 Years of Art*, London, Phaidon, 2003, p. 163.
- 218 Colher de cosméticos / unguentos com múltiplos recipientes em alabastro, com a forma de peixe e lótus - XVIII Dinastia. MANNICHE, L., *Sacred Luxuries. Fragrance, Aromatherapy & Cosmetics in Ancient Egypt*, Ithaca - New York, Cornell University Press, 1999, p. 143.
- 219 Caixa de cosméticos de Merit, esposa do arquitecto Kha, XVIII Dinastia. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 130.
- 220 Recipiente para armazenar pintura para os olhos proveniente de Deir el-Medinah, XIX Dinastia. MANNICHE, L., *Sacred Luxuries. Fragrance, Aromatherapy & Cosmetics in Ancient Egypt*, Ithaca - New York, Cornell University Press, 1999, p. 137.
- 221 Recipientes de madeira para acondicionar *kbol* - XVIII Dinastia. MANNICHE, L., *Sacred Luxuries. Fragrance, Aromatherapy & Cosmetics in Ancient Egypt*, Ithaca - New York, Cornell University Press, 1999, p. 124.
- 222 Recipiente para acondicionar *kbol* com a forma de um macaco, Império Novo. MANNICHE, L., *Sacred Luxuries. Fragrance, Aromatherapy & Cosmetics in Ancient Egypt*, Ithaca - New York, Cornell University Press, 1999, p. 130.
- 223 Representação de Dioscórides, o pai da farmacologia, na versão árabe da sua obra *De Materia Medica*. MANNICHE, L., *Sacred Luxuries. Fragrance, Aromatherapy & Cosmetics in Ancient Egypt*, Ithaca - New York, Cornell University Press, 1999, p. 13.
- 224 Gota de unguento que escorre da mão de Akhenaton, período amarniano – XVIII Dinastia. MANNICHE, L., *Sacred Luxuries. Fragrance, Aromatherapy & Cosmetics in Ancient Egypt*, Ithaca - New York, Cornell University Press, 1999, p. 33.
- 225 Jarros de alabastro para acondicionar MANNICHE, L., *Sacred Luxuries. Fragrance, Aromatherapy & Cosmetics in Ancient Egypt*, Ithaca - New York, Cornell University Press, 1999, p. 124.

- unguentos encontrados no interior do túmulo de Tutankhamon - XVIII Dinastia.
- 226** Jarro de alabastro para unguento em forma de anão - XVIII Dinastia. *Cosmetics in Ancient Egypt*, Ithaca - New York, Cornell University Press, 1999, p. 84.
- 227** Frasco de perfume decorado com camada de cornalina (carnelian), obsidiana e pasta de vidro colorido, período amarniano – XVIII Dinastia. MANNICHE, L., *Sacred Luxuries. Fragrance, Aromatherapy & Cosmetics in Ancient Egypt*, Ithaca - New York, Cornell University Press, 1999, p. 62.
- 228** Recipiente para armazenar unguento em forma de tilápia, período amarniano – XVIII Dinastia. MANNICHE, L., *Sacred Luxuries. Fragrance, Aromatherapy & Cosmetics in Ancient Egypt*, Ithaca - New York, Cornell University Press, 1999, p. 133.
- 229** Pequena ânfora para guardar perfume que se pressupõe ter sido utilizada como pendente, Império Novo. MANNICHE, L., *Sacred Luxuries. Fragrance, Aromatherapy & Cosmetics in Ancient Egypt*, Ithaca - New York, Cornell University Press, 1999, p. 97.
- 230** Fragmento de uma escultura em grés que demonstra grande afecto e união conjugal. Pertencem, provavelmente, a Akhenaton e Nefertiti, Império Novo – XVIII Dinastia. HAGEN, Rose-Marie & Rainer, *Egipto. Pessoas, Deuses e Faraós*, Köln, Taschen, 2003, p. 119.
- 231** Espelho da XII Dinastia, proveniente do túmulo da princesa Sithathoriunet. MALEK, Jaromir, *Egypt, 4000 Years of Art*, pp. 123.